

WANDA ROGÉRIA CAMPOS LIMA ASSIS

O CAMINHO INTERGERACIONAL DOS SENTIMENTOS:

ESTUDOS DOS PADRÕES AFETIVOS TRANSMITIDOS PELA FAMÍLIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica
Núcleo de Família e Comunidade

São Paulo - 2006

WANDA ROGÉRIA CAMPOS LIMA ASSIS

O CAMINHO INTERGERACIONAL DOS SENTIMENTOS:

ESTUDOS DOS PADRÕES AFETIVOS TRANSMITIDOS PELA FAMÍLIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica sob orientação da Prof^a Dr^a Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

Núcleo de Família e Comunidade

São Paulo - 2006

Assis, Wanda Rogéria Campos Lima.

O caminho intergeracional dos sentimentos:
estudos dos padrões afetivos transmitidos pela família.
232p.

Dissertação (mestrado) São Paulo. 2006. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo.

“The intergenerational path of feelings:
Studies of affective patterns transmitted through the family”

Valores familiares; transmissão; padrão afetivo;
intergeracionalidade.

Agradecimentos

A meus pais e avós pela vida e herança do querer viver, pelo amor e pela ajuda na conquista de espaços, modelos de papéis significativos, valores estimáveis como o do afeto. Aos demais parentes, que sempre vibraram com minhas conquistas, pois, além de contribuírem, inspiraram-me na difícil arte de amar, compartilhar e conviver.

Às minhas filhas, que sempre apoiaram, deram carinho, compreensão e acima de tudo ensinaram-me a difícil arte das mudanças, mostrando-me um novo jeito de amar e relacionar, ajudando nas dificuldades e na manutenção da afetividade no cotidiano.

Ao Getúlio, meus sinceros agradecimentos pelo que suportou na transição dos modelos de casamento e do ciclo vital, aprendendo a lidar com a questão diferenciada de gênero e do gênero feminino diferente de suas raízes. Pelo apoio, para que eu pudesse me tornar esta mulher mais íntegra e poder conviver e transitar nos vários papéis que a mulher necessita, pela paciência e sensibilidade na compreensão de minha expressividade do sentir, pensar e agir.

Aos queridos amigos Viviane, Marcos e Luciana, pelo carinho, paciência, compreensão e contribuição deste trabalho, que é o caminho da expressividade pela escrita.

A meus queridos pacientes, que consciente e inconscientemente contribuíram, despertando-me para novos desafios nesta caminhada de aprendizado recursivo clínico.

A todos aqueles, incluindo os autores que, de alguma forma, contribuíram para o despertar desta caminhada, acompanhando-me, incentivando, auxiliando para que pudesse concluí-la.

À orientadora

Minha escolha da orientação partiu da referência intrínseca que procura no outro o compartilhamento da realidade semelhante, ou seja, da aproximação de minhas idéias com a articulação do pensamento complexo da orientadora.

Na articulação fascinante, cativante e afetiva de seus pensamentos, encontrei a possibilidade de resgatar o monólogo solitário de minhas idéias que, por vezes, desviava-se do caminho de minha própria compreensão. Caminhos do conhecimento que se ampliaram e se fortaleceram na área da pesquisa, olhar intergeracional e clínico, estreitamento da comunicação, abordagem sistêmica, questões de gênero e valores afetivos.

Estes encontros caracterizavam-se pela relação pessoa a pessoa possibilitando a essência da compreensão.

Desta forma, a orientação foi e tem sido essencial para o entendimento de muitas questões pertinentes, proporcionando-me a revisão de múltiplos conteúdos teóricos e a reflexão constante a respeito dos conceitos empregados.

Ademais, a orientação contribuiu para facilitação de todas as exigências do mestrado e por meio do incentivo contínuo proporcionou-me alçar vôos com liberdade de expressão, sem que eu perdesse o caminho de volta, mesmo que, por muitas vezes, tenha ocorrido, porém retomado com generosidade e sabedoria.

Difícil achar palavras para expressar meu aprendizado e agradecimento a esta mestra orientadora, mas tentarei como ela mesma fala:

“Em uma só palavra ou frase expresse o que você sente!”

Ceneide, você possui afetos que me afetam !

A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em autocomplacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar.

(livro Raízes do Brasil: Sérgio Buarque de Holanda)

Resumo

O presente estudo discute a manifestação da afetividade interconectada com a comunicação na família à luz das relações vinculares entre gerações de filhos, pais e avós, fundamentando-se em afetividade e transmissão na abordagem sistêmica. Seu objetivo foi identificar e compreender os padrões afetivos transmitidos intergeracionalmente pelos discursos nas narrativas e memórias dos membros familiares. Foi feita uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso e entrevista semi-estruturada que analisou o discurso dos sujeitos (três famílias) pela comunicação verbal e não-verbal em suas trajetórias de vida. No estudo, foram abordados elementos vinculados à formação de valores afetivos dentro das questões familiares, gênero e cultura. Os conflitos que emergem do medo de separação das pessoas, vínculos relacionais e como isto pode ser vivenciado com menos angústia, desprazer, expressando sentimentos carregados de carga afetiva. Na prática, do cotidiano, existe a intenção de incorporar novos saberes, modificar atitudes comunicacionais, rever a construção da afetividade, buscando a compreensão de papéis e valores conflitantes pela construção de parcerias relacionais entre gerações. A pesquisa evidenciou os padrões afetivos formados e transmitidos intergeracionalmente e a falta de um diálogo mais igualitário sobre os sentimentos, espaço e tempo torna-se empecilho na construção de melhor qualidade nas relações familiares. Diante do prazer e desprazer, da proximidade e distanciamento das pessoas, de vínculos afetivos, os afetos sofrem um abalo, manifestando a dimensão do apego. Constatou-se também a importância dos sinais da comunicação ligados à afetividade na área relacional, mesmo no contexto de uma família considerada afetiva e expressiva. Portanto, o olhar intergeracional dos estudos afetivos transmitidos dentro de uma família revela valores estimáveis e inquestionáveis à sobrevivência do ser humano para relações familiares mais satisfatórias.

Palavras-chave: Valores familiares; padrão afetivo; transmissão; intergeracional.

Abstract

This study discusses the way behaviors of affection interact and are interconnected with the family communication, through intergenerational attachments of generations of grandparents, parents and their children, based upon affectivity and transmission. Its main objective was to identify and understand the affection patterns passed through family generations in its speeches, narratives and member's memories through systemic theory. A qualitative research was made with a case study and a semi-structured interview in which the speeches of the family members (three families) were analyzed through verbal and non-verbal communication during their life span. In the study with the families, it was considered the aspects related to the establishment of the affective values within the family, gender roles and culture. The conflicts that emerge from the fear of being separated from people, relational attachments and how it can be lived with less distress, unpleasant feelings and its expressions with an enormous emotional weight. In practice, during day-by-day routines, there is an intention to absorb new knowledge, change communication attitudes, and review the construction of affectivity, looking for the comprehension of places and conflicted values found in the partnership lived by different generations. This study demonstrated that patterns of affection are formed and transmitted through family generations, and the impossibility to express and talk about its feelings at the same time and importance is an obstacle in the construction of better family relations. To deal with pleasure and unpleasant situations, closeness to people, different kinds of attachments, the family members bonds can be shaken, showing the attachment's intensity. It was also clear the importance of the communication signs linked to the relational area, even with the families considered very affective and expressive of its feelings. Accordingly, the importance to have an intergenerational look in the study of the feelings of affection transmitted inside the same family reveals important values in the family relationships patterns that are priceless to the human being and better family relationships.

Key words: Family values; patterns of affection; transmission; between generations.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO 1 - FAMÍLIA E INTERGERACIONALIDADE 28

1 FAMÍLIA 29

1.1 SISTEMA FAMILIAR – CONCEITO E FORMAÇÃO 29

1.2 FAMÍLIA E CULTURA 32

1.3 RELAÇÕES FAMILIARES 34

1.4 FAMÍLIA SOB A ÓTICA INTERGERACIONAL 37

1.5 DESENVOLVIMENTO FAMILIAR SOB O PONTO DE VISTA CLÍNICO 49

CAPÍTULO 2 - COMUNICAÇÃO 56

2.1 A COMUNICAÇÃO 60

2.1.1 OS AXIOMAS 61

2.1.2 SEQÜÊNCIAS 64

2.2 DISCURSOS FAMILIARES 69

2.3 DIÁLOGO 74

2.4 TRANSMISSÃO: DA COMUNICAÇÃO À AFETIVIDADE 76

CAPÍTULO 3 - MANIFESTAÇÕES AFETIVAS NA FAMÍLIA 79

3.1 CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS 80

3.2 EMOÇÕES 85

3.3 SENTIMENTOS 89

3.4 AFETOS E AFETIVIDADE 101

3.5 VÍNCULOS AFETIVOS AO LONGO DA VIDA 108

3.5 TEORIA DO APEGO E TEORIA SISTÊMICA: UMA POSSÍVEL INTEGRAÇÃO 109

CAPÍTULO 4 - MÉTODO 115

4.1 REFLEXÕES SOBRE A METODOLOGIA, MÉTODO E O OLHAR DO PESQUISADOR 116

4.2 JUSTIFICATIVA DO MÉTODO 118

4.3 DELINEANDO O ESTUDO: REFLEXÕES A RESPEITO DO PERCURSO METODOLÓGICO 120

4.4	ESTUDO DE CASO	125
4.4.1	INSTRUMENTOS	127
4.4.1.1	ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	127
4.4.1.2	GENOGRAMA:	128
4.5	PARTICIPANTES: CONHECENDO A FAMÍLIA DO	131
4.6	LOCAL	135
4.7	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	135
4.8	PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DOS DADOS	136
4.9	PROCEDIMENTOS EFETUADOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	139
4.10	ANÁLISE DOS DADOS DBTIDOS	140
4.10.1	A DINÂMICA ESTRUTURAL DA FAMÍLIA INTERGERACIONAL	140
4.10.2	A DINÂMICA FUNCIONAL DA FAMÍLIA INTERGERACIONAL	141
4.10.3	ASPECTOS INSTRUMENTAL DO FUNCIONAMENTO DA FAMÍLIA ENTRE OS MEMBROS DA PRIMEIRA GERAÇÃO	142
4.10.4	COMUNICAÇÃO: VERBAL E NÃO-VERBAL ENTRE OS MEMBROS DA PRIMEIRA GERAÇÃO	145
4.10.5	COMUNICAÇÃO EMOCIONAL ENTRE OS MEMBROS DA PRIMEIRA GERAÇÃO	147
4.10.6	COMUNICAÇÃO: TRANSMISSÃO DOS VÍNCULOS ENTRE OS MEMBROS DA PRIMEIRA GERAÇÃO	151
4.10.7	MANIFESTAÇÕES SENTIMENTOS	151
4.10.8	TRANSMISSÃO: FALA E HISTÓRIAS CONTADAS SOBRE AFETOS RECEBIDOS E TRANSMITIDOS NA FAMÍLIA INTERGERACIONAL	152
4.11	ANÁLISE DE CONTEÚDO	154
4.12	CATEGORIZAÇÃO	158
4.12.1	MANIFESTAÇÕES DAS LINGUAGENS AFETIVAS VERBAIS	158
4.12.2	SENTIMENTOS	167
4.12.3	VÍNCULOS	171
4.12.4	TRANSMISSÃO DOS AFETOS: RECEBENDO E TRANSMITINDO VALORES AFETIVOS	173
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
	APÊNDICE	182
	REFERÊNCIAS	189
	ANEXOS	197
	ENTREVISTAS	204

INTRODUÇÃO

No sistema familiar, as mudanças são contínuas e, nas duas últimas décadas, percebemos o aumento significativo da carga de informações provenientes de várias fontes que, de alguma forma, influenciam a quantidade, qualidade e a disponibilidade da comunicação familiar.

Outra questão suposta é a construção de um crescente modelo voltado para o individualismo que gera a descrença e a banalização de valores éticos, morais e afetivos que, além do consumismo somado à diminuição de solidariedade, origina uma valorização do ter em relação ao ser.

Ao se transpor essas mudanças para as relações, de modo geral, notamos uma perda gradativa de espaço e tempo para assimilação, reflexão e convívio de maior comunicação, proximidade, intimidade, sobretudo, na família. Estes fatores são importantes para estabelecimento da afetividade em qualquer âmbito de relacionamento - o estar em constante relação - nas diversas esferas das organizações, sobretudo, na vida familiar.

Avaliar esse contexto dentro da realidade familiar torna-se relevante em nossos estudos, pois a co-construção afetiva inicia-se na família e sua transmissão favorece uma maior conexão entre seus membros. Esta conexão como parte da afetividade é um conceito complexo que envolve o ser humano e como ele constrói e expressa seus sentimentos por meio do “verbal e não-verbal”.

A família proporciona o ambiente, o modelo para que a afetividade seja desenvolvida por intermédio das relações. Na família, temos um ambiente que favorece essas interações e que, ao mesmo tempo, é sensível às mudanças, ela pode se tornar um “*locus*” importante de investigação dos aspectos mencionados.

Este é o contexto desta pesquisa que visa a identificação das manifestações de afeto na família e como os padrões afetivos podem ser transmitidos intergeracionalmente pelos discursos dentro das narrativas, memórias e expressões não-verbais de seus membros.

A observação de seqüências repetidas proposta pela abordagem sistêmica, ajuda a compreender os relacionamentos que estão em impasse ou paralisados e estes podem formar estilos

ou padrões de relacionamentos dentro do sistema familiar.

O sistema interno de um indivíduo é conectado aos outros entes e recebe influência de valores preestabelecidos, advindos de fatores externos, oriundos tanto da família de origem como de procriação, além dos fatores sociais, históricos e culturais que afetam direta ou indiretamente as famílias.

Aos padrões relacionais, ainda são acrescentadas as questões de cultura, gênero, contexto, e a comunicação que interfere nas relações. Estes fatores tão importantes contribuem para a transmissão de crenças, valores, regras, modelos para a formação de um significado relacional entre os familiares.

Dentro do pensamento clínico, vemos que, muitas vezes, as pessoas ou o sistema familiar quando procuram uma ajuda clínica, estão buscando solução para algum problema específico. Às vezes, também procuram o entendimento do desenvolvimento relacional de seus antepassados e como estes construíram essas interações e como elas podem afetar hoje as relações, ajudando a fazer novas escolhas.

Nesse momento, o terapeuta deve visitar com as pessoas as várias áreas em que a família se estrutura, como: os aspectos culturais, as gerações e suas heranças afetivas, relacionais e formas transmitidas de comunicação, entre outras, que dentro da abordagem sistêmica são pontos relevantes para compreender onde e em qual área o problema pode estar afetando os sistemas relacionais.

Em estudos emocionais, notamos que a afetividade é co-construída nas interações o tempo todo e de modo recursivo, mas também é algo que está dentro e pertence ao desenvolvimento do indivíduo, à formação de seu *self*. Observar as interações familiares possibilita compreender a formação e a manifestação dos padrões afetivos dentro de um sistema e em seus subsistemas.

Se pudéssemos observar sob a lente da intergeracionalidade, será que compreenderíamos melhor esses sistemas e subsistemas familiares?

Se observássemos as manifestações de afeto e suas seqüências, ou seja, como se repetem e formam padrões e suas conseqüências, por exemplo, a presença de angústia e dor - com ou sem maior consciência - e se isso é motivo de impasse ao paciente, teríamos maior compreensão?

No encontro de psicoterapia, ocorre um encontro entre sistemas (clientes e terapeutas) que se somam a uma ocorrência dentro dos campos da experiência, da descrição e da explicação.

Assim, Schwartz et al. citam que:

(...) experiência um impacto afetivo de um evento num ambiente de um indivíduo. Descrição é a maneira com que o indivíduo narra a experiência. Explicação é o significado atribuído à experiência, partindo de uma descrição particular. Experiência, descrição e explicação estão recursivamente relacionadas uma à outra. (Schwartz et al. 2000, p.66)

Compartilhamos com a idéia dos autores e dentro da perspectiva sistêmica é o que se estuda e percebe na prática.

Na área da família, o tema afetividade é pouco estudado, Cervený diz:

Nossa posição diante da afetividade na família é que ela é um padrão de interação, fundamentado na convicção de que nenhum membro do sistema família deixa de ser influenciado pelo modelo afetivo proposto pelo sistema familiar. Os padrões de afetividade estão embasados na relação(...) (Cervený, 2001, p.70)

Embora percebamos um interesse dos pesquisadores pelo tema, este acaba sendo discutido dentro da emoção, sentimentos, afetividade, ou com outro significado. Desse modo, o tema transmissão das manifestações afetivas em famílias intergeracionais é algo novo no campo da terapia familiar e merece um cuidado maior ao ser elaborado.

Para auxiliar o estudo das manifestações da afetividade, primeiro buscamos apoio de alguns teóricos da Psicologia do Desenvolvimento que discorrem sobre o conceito e o processo de construção da afetividade desde o nascimento da criança no sistema familiar até a fase adulta.

Apesar de desejarmos conhecê-lo com mais apropriação, nosso interesse dentro de uma perspectiva clínica sistêmica na área familiar é compreender como ocorre a manifestação afetiva nas transmissões relacionais familiares intergeracionais.

Pretendemos buscar essa compreensão por meio de pesquisas teóricas e com uma pequena amostra prática composta por uma família trigeracional, mas nosso objetivo é entender o processo do desenvolvimento humano como base biopsicossocial, sem a pretensão de discutir teorias, mas interconectá-las na busca de uma maior compreensão para perceber e diferenciar as queixas familiares ou individuais sobre a afetividade, ou seja, os relacionamentos afetivos dos sistemas internos estão correlacionados com as queixas do sistema familiar intergeracional.

Entre as teorias, Bowlby (2002) desenvolveu a Teoria do Apego, tema que foi estudado e citado por outros pesquisadores da área da psicologia em nosso contexto, tais como: Berthoud (1997), Macedo (2003), Caselato (2004), Silva (2005), Oliveira (2005), Abreu (2005) e Carvalho (2005).

Dentro da abordagem do desenvolvimento e referendando-se em Bowlby (1990, 1997, 2001, 2002), Shaffer (2005), o tema contribui com um levantamento sobre a construção dos vínculos que ajudarão em sua compreensão.

Canavarro (1999) e Moneta et al. (2003), trabalham com a mesma teoria de Bowlby e destacam seus conceitos dentro do tema das relações familiares. Estes estudos ajudaram a embasar o entendimento para uma formação afetiva nas relações familiares que nos possibilitaram iniciar os estudos sobre a afetividade para compreender a família como formadora e transmissora desses afetos.

Dentro da área familiar sistêmica, destacamos a relevância das teorias relacionais de Mac Kune-Karrer et al. que, dentro dos estudos de desenvolvimento relacionais falam:

Nosso próprio modelo de desenvolvimento relacional descreve seis processos, alguns dos quais se justapõem àqueles propostos por Wynne. São eles: atração, afeto, apoio emocional, coordenação do significado, estabelecimento de regras e criação de metarregras.

O afeto, embora, às vezes, seja uma função da atração, é também diferente, porque envolve uma apreciação e uma valorização dos atributos da outra pessoa. O afeto pode gerar atração e, em geral, resiste bem mais tempo do que a atração. O ideal é duas pessoas que formam um relacionamento contribuírem cada uma com atributos complementares que criem e que mantenham o afeto. Uma fonte comum de angústia relacional é atração sem afeto. (Mac Kune-Karrer et al. 2000, p.166-167).

A autora amplia o conceito do afeto quando refere que os seis processos relacionais podem ser descritos em seqüência, porém estão presentes o tempo todo recursivamente.

A nova maneira de entender o sistema familiar ajudou a compreender os sistemas e subsistemas; desse modo, veio ao encontro de nossa trajetória profissional na área da psicologia relacional que se iniciou com a abordagem psicodinâmica, enfocando as relações e seus padrões centrais de relacionamentos.

Dentre outras razões já citadas, durante o curso de especialização na área familiar sistêmica, estudar a intergeracionalidade provocou na pesquisadora um encantamento e a possibilidade de perceber como as famílias se movem diante de tantos outros temas.

Às vezes, o movimento que nos instiga, ocorre oculto sem uma percepção consciente, algo que mesmo sendo oculto está lá acontecendo recursivamente nas vivências relacionais e padrões que podem ter se formado, ou mesmo, sendo co-construído pelos membros familiares e repassado a outras gerações antes mesmo que se possa utilizar a linguagem. Em outras palavras, seria como conviver com o obscuro e o visível ao mesmo tempo sem dar conta dessa diversidade de acontecimentos, às vezes, ambivalente diante da complexidade que é tentar entendê-los.

Além do encanto pessoal, houve também a busca de conhecimentos para a área clínica psicológica, pois tal estudo amplia esse novo olhar e auxilia nos atendimentos familiares e individuais.

Repensando a complexidade, diversidade, flexibilidade que o terapeuta utiliza dentro da

visão sistêmica, a idéia da abordagem metaconceitos com base na sistêmica nos permite fazer conexões, dentro das questões clínicas e repensar os conceitos relevantes, como: gênero, cultura, seqüências, entre outros.

Na área clínica, as vivências com as histórias familiares dos pacientes sob a ótica dos mesmos somadas aos estudos da Psicologia remetem-nos a outras conexões, ampliando nossos objetivos.

Analisar o valor da afetividade entre os membros da família.

Nossa motivação interna advém de raízes familiares e individuais, além da estimulação do desenvolvimento do pensamento, da pesquisa como legitimadora das idéias que a constroem com suas conseqüências metodológicas, científicas, ideológicas e sociais.

Algo que renova nossa motivação, mas traz certa inquietude é tentar compreender esses sistemas emocionais no meio de uma turbulência de mudanças que se somam à aceleração dos fatos que acometem a humanidade. Além da percepção do comprometimento com o social e a ciência psicológica, existe uma forte motivação intrínseca com o conhecer e os temas relacionais, intergeracionais, comunicacionais e, especificamente, o afeto que é motivador.

Em nosso estudo, outro ponto relevante foi conhecer e identificar os caminhos que outros autores percorreram nesse campo.

O entendimento do movimento e da estrutura do sistema familiar e de seus subsistemas, a interação nas relações, o conhecimento de como ocorre o processo de afetividade no âmbito familiar em um contexto cultural advindo de um histórico social e estendendo ainda para como estas manifestações afetivas são transmitidas por meio de gerações em um processo relacional que nos instiga.

Para isto, destacamos outros autores dentro dos estudos de apego e relações, tais como: Canavarro (1999), Moneta et al. (2003) e Shaffer (2005), entre outros.

Canavarro fundamenta seus estudos nas relações afetivas na família, com abordagem sistêmica

e seu embasamento na Teoria do Apego.

Na família, o indivíduo divide as experiências em “boas e más” na vinculação com os pais, diminuindo a possibilidade de conscientizar sentimentos contraditórios que a família transmite, ajudando na integração e reflexão a respeito dela e de si mesmo (Canavarro, 1999).

A família compreenderá e aceitará a ambivalência que temos dos sentimentos opostos de amor e ódio, entre muitos outros que se inserem no meio deles, ensinando seus membros a perceber, aceitar os reveses dos sentimentos e a transitar entre eles.

Assim, na dinâmica das relações familiares, encontram-se a formação, a manifestação e a transmissão afetiva; portanto, aí se formam as raízes do afeto.

Para entender como as famílias co-constroem, manifestam e transmitem seus afetos, uma contribuição relevante seria compreender como acontecem esta comunicação e sua transmissão, pois, é impossível não se comunicar e porque o afeto e comunicação estão intimamente ligados.

Os conceitos da Teoria da Comunicação de Watzlawick et al. (1967), muito contribuem com o tema. No Brasil, Cerveny (2004), estudou-a dentro do contexto familiar sistêmico. Na Argentina, Gomel (1997), dedicou estudos às transmissões geracionais na área de família, utilizando outra abordagem que se interconecta com os estudos intergeracionais, dando relevância e contribuição às transmissões dos discursos familiares, provocando novas reflexões. Kaës et al. (2001), contribuíram com seus estudos na área da transmissão da vida psíquica entre as gerações. Este subsídio é importante não só quando repensamos no que se transmite consciente e inconscientemente, mas também à sua participação na construção do psiquismo do ser humano.

Discursar sobre o aspecto da transmissão das manifestações afetivas na família e esta relacionada à comunicação implica historiar, reviver sensações, relembrar fatos, frases, discursos familiares e como foram ou são expressos, significa relembrar sentimentos tidos como difíceis e/ou fáceis.

A ligação da memória está sempre conectada à carga afetiva que envolve o evento que se

deseja memorar e esta não é uma escolha que fazemos conscientemente. Cada expressão de afeto interconectada à linguagem e à comunicação é importante, assim como os fatores complexos que podem ampliar e promover mudanças psíquicas também o são.

Os afetos fornecem significados necessários para identificar mudanças motivacionais no comportamento humano, estão inseridos na linguagem não-simbólica e ampliam a percepção do “si mesmo” e, conseqüentemente, do outro, fator importante que ocorre nas interações e relações de parentalidade e outras relações futuras.

Para Bowlby (1997), a construção dos vínculos é estabelecida nos primeiros anos de vida e se repercutirá em sua forma de lidar com o outro na vida adulta, influenciando outros tipos de relacionamentos.

Este estudo também pretende diferenciar conceitos de vínculos afetivos, de ligações afetivas, de apego e afeto para poder perceber e identificar estas diferenças na dinâmica das relações familiares e na transmissão dos valores encontrados na formação, manifestação e transmissão, que é o entendimento das raízes do afeto.

Entretanto, negar, minimizar ou não perceber a importância dos afetos é um modo de permanecer vinculado a eles. O indivíduo está fadado a repetir de modo inconsciente os mesmos padrões iniciais que podem ser positivos ou negativos, transmitidos pelos seus cuidadores, sejam eles pais biológicos ou não, causando, às vezes, impasses no desenvolvimento individual e familiar.

Acreditamos que os valores afetivos podem gerar mudanças, além da compreensão do contexto histórico-familiar ou re-significação na melhoria das relações familiares. Nesse contexto, a família deva estar consciente de seu papel de agente co-construtor e transmissor de valores afetivos. O significado desses conceitos por meio de histórias de vida faz emergir a importância do ouvir, do falar, criando espaço e tempo para reflexão e elaboração dos sentidos, abrindo uma oportunidade para brotar a sensibilidade e os significados que norteiam as relações afetivas.

Refletir a respeito da problematização do crescente movimento para um olhar externo pode levar ao desinteresse pelo olhar interno, causando uma falta de percepção para o que se vê - ficando oculto - o que não quer dizer que não está atuando no sistema relacional familiar. Conseqüentemente, contribuirá para possíveis conflitos como, por exemplo, um impasse na transmissão de afetos e formação de padrões afetivos que interferem nas relações de modo geral.

Na área clínica, o fato é constatado pelo aumento gradativo de pessoas com problemas de ordem familiar geracional ou intergeracional, gerados por conflitos relacionais e problemas de comunicação na expressividade dos sentimentos e na afetividade. Embora seja um tema relevante e contemporâneo, poucos estudos são observados relacionados a manifestações afetivas e compreensão de como são transmitidos dentro de um sistema que se co-constrói na interação familiar.

A comunidade científica vem demonstrando um acentuado interesse em aprofundar o tema com pesquisas que contribuam para o desenvolvimento de um instrumento que possibilite identificar, aprofundar, compreender e despertar o sistema familiar intergeracional e o indivíduo que o compõe para ampliação da realidade relacional, usando narrativas e histórias, para identificação e percepção da formação dos padrões afetivos.

Ao compreender o conceito de intergeracionalidade e seus seguimentos estruturais dentro de um contexto relacional familiar com as manifestações e a expressividade da afetividade, estaríamos ajudando a família a se reorganizar sem negar sua ambivalência de afetos e poderíamos hipotetizar e sensibilizá-la, mostrando como isto ocorre e é transmitido.

Para Mac Kune-Karrer et al. (2000), este apoio emocional tão necessário no âmbito familiar, seria mais conectado, evitando, às vezes, o apoio emocional sem afeto ou sem atração que causa tantas angústias nas relações familiares atuais e, conseqüentemente, nas futuras: Assim, a ocorrência desses afetos não aconteceria tão obscuramente em suas ações e intenções como se verifica às vezes.

Estes aprendizados são naturais e inerentes ao processo de desenvolvimento do ser humano e

a recursividade faz parte do aprendizado relacional do homem, ou seja, quando os pais, avós, tios, entre outros parentes aprendem com os mais novos e estes transmitem vivências a uma nova geração.

Ao rever as experiências das dinâmicas relacionais sob um olhar intergeracional, ou seja, ao falar das histórias e ouvir narrativas, podemos co-construir uma relação da interação e conhecimento dos fatos de uma época, ampliando a percepção e a transmissão dos afetos e sentimentos, resultando em uma reorganização emocional com seus membros ou até mais pretensiosamente, ajudando a valorizar a história familiar, as raízes, na compreensão dos fatos, da época e das gerações dentro de um contexto. Contribuindo, para a formação de uma “consciência biográfica” de seus membros.

Mais do que o contar histórias há um significado de motivação, aprendizado, imaginação e sonhos. Além disso, pretendemos compreender como os membros de uma família vivenciam suas funções ou quais papéis exercem nas relações familiares, formando por meio de valores e regras a estrutura da família para que, enfim, possam perceber sua hereditariedade.

Outro ponto importante é saber como e quais valores podem ser transmitidos a seus membros pelos discursos das narrativas “do dito e não dito” e da intersubjetividade dentro de um estudo sistematizado.

Alguns autores da área de família fornecem reflexões relevantes. No Brasil, Cervený (2001), dedicou em sua obra um capítulo a respeito dos estudos dos padrões interacionais e sua repetição.

McGoldrick et al (1995), afirmam que as famílias repetem-se a si mesmas; desse modo, questões que aparecem em uma geração podem passar a outra.

Gomel¹(1997, p.27), estudou estas questões na área de família, mas sob outra abordagem e nos fala que: *“como sujeitos de discurso, somos elaboração de uma herança arcaica ligada a uma transmissão irreduzível, em relação ao núcleo das articulações desejantes de nossos pais e ao universo de sentido no qual fomos recebidos”*.

Dentro desta formação teórica sistêmica, alguns temas familiares são mais estudados como

¹

Como sujetos de discurso, como eslabón de una herencia arcaica ligada a una transmisión irreductible, en relación al núcleo de la articulación deseante de nuestros padres y al universo de sentido en el cual fuimos recibidos.

Lealdades (Boszomenyi-Nagy; Spark (1983), *Mitos* (Ferreira 1963), *Regras e Hierarquia* (Minuchin, 1982 – Haley, 1971 – Umbarger, 1983), *Seqüências* (Breunlin; Schwartz, 2000); *Segredos Familiares* (Imber-Black, 1994). Após levantamento bibliográfico, observamos que a transmissão de afetos e padrões afetivos, as manifestações afetivas são pouco estudados na área familiar, embora os pesquisadores mostrem interesse e preocupação com o tema.

Ao se fazer uma retrospectiva do passado, há possibilidade das narrativas levarem a reflexões sobre temas significativos na busca dos sonhos futuros, ou seja, nas projeções para um futuro.

Na interconexão entre passado e futuro, o sujeito pode ser narrador de sua própria história, ampliando a compreensão de seu mundo interno e externo, da co-construção de seus papéis com a parentalidade e também de como deve exercer tais papéis, podendo ter maior apropriação. Além disso, o espaço e o tempo junto à família são ganhos no aprendizado da convivência relacional e esta pode validar o processo de educar, o que justifica estudos relacionados ao tema.

No entendimento das transmissões de valores e identificação de padrões afetivos, tanto o diálogo como as narrativas proporcionam um vasto banco de dados para se analisar. No Brasil, dentro da área familiar os temas relacionados a diálogo e narrativa foram estudados por Grandesso (2000).

Na mesma linha de pesquisa, White (2005) e Andersen (1991 e 2005) valorizam um aspecto subjetivo das experiências vividas e das histórias narradas. Na prática interventiva de White, um exemplo observado é a busca da intenção do membro familiar durante a narrativa e, em Andersen, a valorização dos sentimentos e dos significados corporais.

Ao incorporar e ampliar o contexto familiar, repensar os papéis vivenciados por seus membros no cotidiano diante dos contextos históricos, culturais, sociais e familiares, podemos compreender as dificuldades que permeiam as famílias, mas também as resiliências que os membros ou o próprio sistema familiar co-constroem, muitas vezes, também de forma oculta.

Ainda dentro desse olhar, outros conceitos precisam ser mostrados, como servem para

interconectar os sistemas familiares, sabendo que existem outros não citados ou lembrados que podem ser absorvidos e repensados. Um deles é a questão de gênero, outro a cultura e, nesta hora, fazemos um recorte para falar do entendimento geral sobre o que é a cultura e um outro seria o olhar para a cultura brasileira.

Para isto, usamos os conhecimentos teóricos de cultura de Mac Kune-Karrer et al. (2000), e investindo em outra área, a sociologia, citamos DaMatta (2004), como um dos pioneiros dos estudos da cultura brasileira.

O tema desta pesquisa é amplo, complexo e para isso traçamos um delineamento com o objetivo de ter uma visão mais geral da compreensão do sistema familiar, sua estrutura e o contexto em que a família se encontra e de muitos recortes utilizados na área clínica para compreendê-la.

Um deles é a intergeracionalidade que se apresenta com o sistema familiar no **capítulo 1**, estendendo-se mais a uma proposta de interconexões com outras áreas, no caso Sociologia e Metaconceitos.

No **capítulo 2**, optamos por estudar e retomar o processo de transmissão dentro da comunicação como frases, discursos podem afetar as dinâmicas relacionais familiares intergeracionais, assim como a do próprio pesquisador.

No **capítulo 3**, cerne da presente pesquisa nas questões que gostaríamos de investigar, aprofundamos os estudos da construção da afetividade e de suas manifestações dentro de um sistema familiar, tentando compreender e diferenciar os conceitos mais específicos, como o da teoria dos vínculos sob várias óticas onde o ser humano co-constroi e manifesta sua afetividade.

Consideramos que estudos afetivos familiares intergeracionais podem oferecer uma contribuição relevante aos estudos na área de família, tanto para ampliar os estudos dos pesquisadores como para ajudar a harmonizar a compreensão da própria relação afetiva e recursivamente entre os membros familiares com o terapeuta.

O **capítulo 4** é dirigido ao método.

Em seguida, desenvolvemos a **análise** com a apresentação das famílias que colaboraram para a efetivação desta pesquisa, além do estudo dos dados coletados e a interpretação de seus resultados.

As considerações finais do caso estudado são apresentadas e logo após seguem as **referências apêndice e anexos**.

Esperamos sistematizar, detalhar características únicas com este estudo sobre o fenômeno estudado no caso de uma família trigeracional, entendendo como as pessoas vivenciam as manifestações e transmissões de padrões afetivos na relação familiar intergeracional, além de buscarmos contribuir não só com a generalização, mas, com um recorte, um olhar específico para a reflexão do significado da afetividade nas relações familiares e nas pesquisas clínicas dentro do tema. No Brasil, a família embora esteja diminuindo de tamanho, ainda é a maior transmissora de valores, sendo a afetividade um deles. Assim, poderemos repensar os valores que são relevantes dentro do sistema familiar.

PROBLEMA E OBJETIVOS

Problema

Na área de família, alguns pesquisadores salientam as mudanças ocorridas nas duas últimas décadas. Uma delas refere-se ao aumento significativo na carga de informações provenientes de várias fontes que, de alguma forma, influenciam a quantidade, qualidade e disponibilidade da comunicação na família. Atualmente, entre os membros da família existe uma convivência em que o individualismo, as descrenças, as desavenças e a banalização dos valores éticos e de consumismo têm afetado suas relações, sobretudo as de cunho afetivo.

De modo geral, estas mudanças quando são transpostas para as relações, têm uma perda gradativa de espaço e tempo para assimilação, reflexão, convívio de maior comunicação, proximidade, intimidade e afetividade. Estes fatores são importantes para o estabelecimento da afetividade em qualquer âmbito de relacionamento nas diversas esferas das organizações, sobretudo, na vida familiar.

Dentro da realidade familiar, avaliar esse contexto torna-se relevante, pois é na família que se inicia a co-construção afetiva e ocorre sua transmissão, favorecendo, uma maior conexão entre seus membros, assim, um conceito complexo parte da afetividade e envolve o ser humano e como ele constrói e expressa seus sentimentos pelo “verbal e não-verbal”.

No ambiente familiar, essas relações ocorrem em função de suas interações que podem ser influenciadas por condições internas e externas da família, na qual a afetividade passa a ser compartilhada pelos seus membros e baseada em suas vivências.

Objetivo geral

Identificar e compreender os padrões afetivos transmitidos intergeracionalmente por meio dos discursos nas narrativas e memórias vivenciadas pelos membros da família.

Objetivos específicos

- 1 Perceber a influência da afetividade entre os membros da família nas interações intergeracionais;
- 2 Identificar as relações afetivas transmitidas por meio de seus membros em função das vivências geracionais;
- 3 Compreender as manifestações dos sentimentos agradáveis ou desagradáveis nas interações familiares e se estes os repetem formando assim um padrão afetivo;
- 4 Verificar o processo comunicacional familiar no contexto da afetividade entre seus membros e investigar se a família banaliza, minimiza ou valoriza a verbalização dos sentimentos, através de diálogos;
- 5 Analisar os valores entre os membros da família em relação à afetividade.

Capítulo 1

FAMÍLIA E

INTERGERACIONALIDADE

1 Família

Não deixe que seu passado, decida quem você é, mas deixe-o fazer parte da pessoa que você se torna. (autor desconhecido)

1.1 Sistema familiar – Conceito e formação

Neste capítulo, são introduzidos tópicos referentes à família, justificando a preocupação para compreender esta instituição sob a ótica intergeracional e seu uso dentro da área clínica.

Para isto, são feitas interconexões de alguns autores que se interessaram pelo tema família dentro da abordagem sistêmica, destacando-se, porém, uma contribuição vinda da área social, mas tendo o mesmo interesse no objeto de estudo: a família.

Os tópicos abordados dentro do capítulo têm como primeira preocupação entender as estruturas familiares e o ciclo vital no entendimento evolutivo do ser humano dentro de uma cultura que remete às crenças e valores, além do processo comunicacional, porém reflete a respeito das relações dentro da cultura da família brasileira.

Quando pensamos em relações familiares, podemos descrevê-las como um conjunto, cujas particularidades de cada membro não são suficientes para explicar o comportamento dos outros.

Para Wynne (1980), a família define-se por uma ordem de relações contínuas e significativas emocionalmente entre seus elementos e pela repetição dos padrões interacionais que podem ser observados na família trigeracional.

Pautada na visão sistêmica, a família é concebida como um sistema aberto, organizacionalmente separado do exterior por suas fronteiras e estrutural, é composta por seus subsistemas (conjugal, parental e filial), demarcada por seus limites com diferentes graus

de permeabilidade que expressam as realidades de acesso e privacidade com diversas formas de hierarquia interna, entre elas. Na família, os subsistemas presentes são organizados por meio de diferentes fatores: idade, gênero, papéis e funções, entre outros.

A estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais seus membros se interagem. Uma família pode ser vista como um sistema que opera por meio de padrões transacionais.

As transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar que reforçam o sistema.

Nestes termos, operações repetidas constituem um padrão transacional que regula o comportamento dos membros da família, portanto, seus padrões podem ser modificados.

Padrões adquiridos de uma geração são modificados ou mantidos em outra geração, se os membros familiares perceberem e desejarem tais mudanças.

As rotinas, regras e rituais familiares protegem o indivíduo e asseguram-lhe a continuidade de uma geração em meio às transformações de cada época.

Como consequência, buscamos entender a família como um sistema e suas particularidades, tais como as citadas por Minuchin (1982). Assim, sob o aspecto do direito, a família é composta por: ascendentes, descendentes e colaterais de uma linhagem, incluindo-se os ascendentes, descendentes e colaterais do cônjuge (parentes por afinidade ou afins) e o cônjuge que não é considerado parente.

Minuchin desenvolveu uma teoria para entender o funcionamento do sistema familiar no que diz respeito às fronteiras. Estas são entendidas como limites que participam da estrutura familiar e como esta define quem e como participa, caracterizam, também, as expressões de afeto dentro dos membros da família, pois elas determinam o grau de proximidade e distância dos membros no sistema familiar e isso pode ser feito com mais ou menos autoritarismo e afeto.

As fronteiras podem ser rígidas, nítidas e difusas e ditam como cada membro vai diferenciar-se ou não no sistema familiar. Exemplo, os subsistemas dos pais precisam de um tipo de fronteira para permitir que eles também sejam um casal, sem que os filhos fiquem entrando e invadindo seu espaço o tempo todo.

Cada tipo de fronteira corresponde a um tipo de organização familiar.

A hierarquia de poder apresenta-se por meio da postura familiar frente à tomada de decisões, ao controle dos comportamentos de seus membros e passa por transformações ao longo do tempo. Ao se definir família como sistema, consideramos as inter-relações presentes, os sentimentos, os afetos, os vínculos recíprocos e os conflitos.

Acreditamos que as fronteiras determinam sentimentos que interferem nas relações familiares.

Cada família é única, ou seja, difere em tamanho, mas, os elementos que a compõem possuem valores próprios. Portanto, a família é um sistema altamente interativo e qualquer ocorrência com um de seus elementos afeta todo o grupo. Por exemplo, o desemprego do pai, a drogadição de um dos filhos, a promoção da genitora no emprego, o casamento de uma filha, ocorrências essas que vão formando uma circularidade.

Assim como o indivíduo, a família também se desenvolve no tempo e conforme passa por várias fases, precisa enfrentar as mudanças a fim de se ajustar às novas situações; exemplo, a entrada de cada filho na relação exige uma reorganização na dinâmica familiar, como também a entrada dos filhos na escola, na puberdade e no trabalho. Entender como ela reage às situações de crise, ou mesmo, como no cotidiano vai lidando com valores emocionais, para nós, pesquisadores terapeutas, é importante saber como estes valores podem ou não interligar as relações.

A família está inserida em uma unidade social maior, ou seja, em uma sociedade e qualquer ocorrência nesta pode repercutir na família como, por exemplo, uma recessão econômica, uma

guerra, catástrofes, entre outras. Devemos, porém, lembrar que a família vai sofrendo alterações em seus conceitos ao longo do tempo, pois a sociedade está em constante movimento, assim como as famílias que a constituem.

Outro conceito que vale a pena ser lembrado é o da parentalidade: produto do parentesco biológico e do processo de se tornar mãe e pai. Trata-se de uma reflexão sobre a descendência que implica um complexo processo psíquico-simbólico que articula diferentes perspectivas teóricas em um contexto psicossocial.

Parentalidade encerra as idéias das funções parentais e de parentesco e a história da origem do bebê e das gerações que precedem seu nascimento. Este conceito oferece uma compreensão às novas configurações familiares. Por exemplo, as famílias: homoparentais, reconstituídas, monoparentais e os novos processos de reprodução.

1.2 Família e cultura

Para nós, estudiosos da família, é importante repensar o sistema familiar dentro da cultura. No Brasil, existem vários estudos sobre a família em diversas áreas; assim, podemos citar DaMatta (1987), que contribuiu com o entendimento da cultura brasileira, ao ressaltar que a cultura familiarista que o Brasil tem e transmite, menciona que esta é percebida pelos discursos da sociedade, contendo uma ambigüidade discursiva proveniente de raízes culturais.

Em outras palavras, a família brasileira é oriunda de uma cultura patriarcal familiarista (que valoriza a família) e, em algumas narrativas de seus membros, aparecem discursos incongruentes, sobretudo se refletirem sobre os discursos ambíguos, políticos e sagrados que, muitas vezes, aparecem em escutas familiares.

Para DaMatta (1987), na família, o que se fala nem sempre condiz com o que se faz. Alguns

discursos políticos contradizem-se. Estes fatos devem ser analisados com o intuito de compreender a linguagem cultural e a comunicação em uma família, além de pensar que isto vem de uma herança recebida, primeiro da cultura, depois transformada dentro dos valores de cada família e atuando como crença e mito.

Entendemos que a família é influenciada por fatores externos (sociais, econômicos, religiosos e políticos) que interferem em suas interações e a cultura e a afetividade podem fornecer um caminho de interações sociais solidárias que facilitam a transmissão intergeracional.

Ao enfatizar a importância do aspecto cultural no ambiente familiar, gostaríamos de ressaltar que este não inclui apenas a cultura familiar, mas também os ancestrais e a cultura em que todos estão inseridos.

Há profissionais que trabalham diretamente com famílias, desempenhando o papel de ouvidor de discursos, que podem ser de vários tipos (ambíguos, sagrados, paradoxais, acusatórios, megalomaniacos, igualitários). Assim, é relevante pensar que um discurso pode refletir a cultura de um povo e, recursivamente, em sua menor célula, a família.

DaMatta (1987, p.125), considera que a “(...) *A família é um grupo social, bem como uma rede de relações. Funda-se na genealogia e nos elos jurídicos, mas também se faz na convivência social intensa e longa*”. Assim conclui: “*sem família não há sociedade*”.

Partindo do social e entrando na área da terapia familiar, Cerveny (2001), conceitua a família dentro dessa pluralidade, incluindo: laços sangüíneos, relações não formalizadas por parentesco, família conjugal e extensa, núcleo doméstico e família não legitimada juridicamente, entre outras.

A família é a primeira integradora de amor, compreensão, confiança, estímulo e comunicação que permeiam a relação, sendo formas de proteção utilizadas para facilitar o processo de integração e participação do indivíduo nos diferentes grupos sociais da comunidade/sociedade.

Assim, as redes familiares, culturais, sociais e históricas são formadas.

O sistema de relações possibilita o desenvolvimento de cada um dos membros da família. Não existe “escola” para treinamento da execução desses papéis e funções; desse modo, temos como modelo a geração anterior e os sentimentos que vão emergindo da interação.

Conhecer as fases pelas quais a família passa, poderá ajudar na compreensão das interações familiares e também como os membros desses sistemas lidam com a afetividade e a comunicação em momentos de transição, mudanças que permitem a renovação e uma nova maneira de se relacionar e trocar afetos.

1.3 Relações familiares

Os padrões afetivos estão embasados nas relações familiares e esta interação inicia-se na matriz familiar em que é transmitida. Consideramos relevante citar primeiro alguns autores que falam dessas relações e interações dentro da área afetiva familiar.

Na Teoria do Apego, Canavarro (1999), fala a respeito das relações afetivas que são consideradas pelas pessoas como a parte mais importante de suas vidas; muitas vezes, estas relações são marcadas como suporte, segurança, disponibilidade, carinho e o quanto isso contribui para aumentar a auto-estima e, conseqüentemente, proporcionar o desenvolvimento das capacidades de aprendizagem.

Algo com o que concordamos e acrescentamos: relações afetivas estruturam, são afetos que tocam; porém, são relações que podem ser amorosas (românticas), de amizade familiar e podem ocasionar sofrimento, dor emocional e perdas ao longo da vida.

Neste sentido, Canavarro (1999), salienta que as relações afetivas podem ser fatores que ora causam vulnerabilidade, ora proteções individuais ou grupais.

Se pensarmos nesta observação, poderemos citar que as relações afetivas familiares, entre

outras, estão em constante movimento de proteção ao membro e, ao mesmo tempo, causando-lhe dor emocional.

Será que existe um preparo, para que isto seja entendido como um modelo, um valor que está implícito nas relações afetivas mesmo que não seja nomeado, verbalizado?

Ao formular os conceitos sobre relações afetivas, Canavarro (1999), classifica os diversos tipos de relações interpessoais:

Tabela 1 - Classificação das relações (adaptação)

Relações próximas – Identificação do tipo de atividade (pensamentos, emoções, ações) de cada indivíduo que é afetado pelo outro, afetando-o também – especificação da natureza dos efeitos que a atividade de cada indivíduo tem no parceiro.

Relações de suporte social – Subdivididas em: relações amorosas, amigos com conhecidos, modelo comboio (desde o início da vida o indivíduo está envolvido em um conjunto de relações sociais que o acompanham ao longo do tempo).

Ligações afetivas e relações afetivas – Ligações afetivas são características apenas do indivíduo, pois, embora se desenvolvam no contexto da relação, passam a ser representada em sua organização interna. São apontados: o desejo de manter e restabelecer proximidade do parceiro. Sendo o conceito de ligação afetiva e emocional equivalentes.

Relações de vinculação - Primeiro caracterizaram a vinculação como o comportamento que promove a proximidade ou contacto com uma ou mais figura(s) específica (s) a que o indivíduo está vinculado. A maior parte das vinculações estão no processo de vinculação durante a infância e foram três os primeiros padrões detectados: no comportamento de interação; inseguro-evitante, seguro, inseguro-ansioso e mais recentemente estudou-se o quarto padrão - desorganizado. Padrões estes que se ampliaram com os estudos de outras populações mundiais e se ampliaram. Relevante para a teoria de vinculação seria a hipótese de que a adequação da resposta da mãe aos sinais da criança e a hipótese de que o estabelecimento de relações seguras encontra-se ligado positivamente a diversas facetas do desenvolvimento da criança.

Fonte: Canavarro (1999, p. 31-40), adaptação da pesquisadora.

O tema das relações afetivas exerce importância fundamental e causa impacto na vida das pessoas. Dentro do olhar intergeracional, é importante a compreensão da formação das relações afetivas familiares e como elas podem se tornar um padrão relacional apreendido, diferenciado e ser motivacional. Elas são inerentes ao desenvolvimento humano e tanto como se transformam em heranças subjetivas presentes nas relações familiares.

Consideramos fundamental avaliar as incompatibilidades entre nossas necessidades e as daqueles que são mais importantes.

A consciência de uma relação afetiva pode propiciar um guia natural e fornecer os significados que buscamos ao longo da vida.

Partindo do pressuposto que a afetividade é dinâmica, flexível e passa pelo sentir, compartilhar emoções, comportamentos de proximidade, satisfação e necessidade vital, organização e desenvolvimento humano podemos considerar padrão afetivo como:

– Seqüência de comportamentos de expressões afetivas, conjunto de carinho transmitidos pela fala, toques, atitudes, intenções, presentes no cotidiano das relações sobretudo das relações familiares, co-construídas num processo que se estende por toda a vida, enfim um sistema humano em busca de proximidade.

Nesta definição, baseamo-nos no pressuposto de que o modelo que o adulto constrói de si mesmo também reflete de várias formas a imagem recebida de seus pais do modo como o trataram e a forma com que cada um sabe a seu respeito.

Isto tende a regular, o que o adulto sente em relação a cada um dos pais, a ele mesmo e à forma como espera ser tratado por outros e poder planejar seus futuros relacionamentos, incluindo, os filhos e regulando os modelos de sentimentos por meio de seus medos, expectativas, sonhos, ocorrendo a transmissão dos valores afetivos.

Desse modo, os estudos familiares intergeracionais contribuem para ampliar esta compreensão.

1.4 Família sob a ótica intergeracional

Apoiando-se em um pressuposto mais amplo, pensamos que as pessoas constituem-se dentro de um processo de socialização, no qual ocorre a interação social que, diante dos costumes da sociedade, recebe e integra valores.

As pessoas transformam-se em um ser social com seus deveres, direitos e com capacidade de reconhecê-los; também, fazem escolhas de suas ações e respondem por elas. Numa dinâmica e em um processo recursivo, são tomadas como sua e exteriorizam o que apreenderam, mantendo a tradição dos valores e costumes produzindo mudanças.

Várias instituições sociais encarregam-se de socializar, como a igreja, grupos, escola e família que transmitem valores, normas, entre outras. Mas, na família encontramos o grupo primário e mais constante, as pessoas que fazem parte e dependem de sua organização nas interações com o meio social; além de se encontrarem vinculadas a uma corrente geracional como elo de transmissão, podem ser beneficiárias e herdeiras dessa transmissão e das heranças que os ajudam a se constituir dentro de um sistema familiar.

As formas de transmissão entre gerações podem ser utilizadas no termo intergeracional para melhor compreensão; quando este é situado dentro da família, consideramos as interações entre pais e filhos, pais e avós, experiências similares e complementares em gerações anteriores repassadas e confronto entre gerações.

Os mais velhos vão transmitindo tradições; os mais novos questionam esses valores, demandando uma reorganização de regras e valores. Assim, surge um movimento constante de desconstrução e reconstrução dos valores intergeracionais.

Na terapia familiar, a idéia da intergeracionalidade vem de estudos de autores oriundos das “*abordagens Psicodinâmicas*”, como: Ackerman, Boszormenyi-Nagy, Dicks, Framo,

Bowen, que se tornaram pioneiros dentro da abordagem sistêmica e serão citados mais à frente.

Outros autores que estudam heranças geracionais, são considerados importantes e suas pesquisas vêm da abordagem Psicanalítica que também reconhece a relevância de se estudar a transmissão intergeracional. Neste estudo, achamos interessante fazer uma conexão entre as duas abordagens que se preocupam com a família e tentam compreendê-la de forma mais ampla.

Os estudiosos da abordagem Psicanalítica que destacam conceitos sobre a transmissão são: Kaës, Gomel, Trachtenberg, Eiguer, Meyer, Ramos, entre outros.

Trachtenberg et al. (2005, p. 121), citam: “(...) *transmitir é fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história, afetos de uma pessoa para outra, de um grupo para outro, de uma geração para outra*”. Mais à frente referem que:

Os acontecimentos mais dolorosos não são, necessariamente, os mais alienantes; qualquer acontecimento poderá ser traumático e alienante para os descendentes se não puder ser elaborado, se for transmitido sem que os afetos que suscita possam ser tolerados, contidos ou representados. (Trachtenberg et al. 2005, p.121).

Concordamos com o pensamento das autora, após verificar em atendimentos clínicos dentro da área familiar, o quanto isso é transmitido e sem a percepção, às vezes, consciente para que possamos melhor entender e lidar com eles.

Para Trachtenberg et al. (2005, p.121), a compreensão desta transmissão na família, define o conceito intergeracional como: “(...) *intergeracional é o que acontece entre gerações, havendo uma distância, um espaço entre o “transmissor” e o “receptor”, preservando-se as bordas da subjetividade*”.

Os autores citados ainda diferenciam o modelo transgeracional: “(...) *por sua vez, é a segunda das modalidades, a que ocorre através dos sujeitos das gerações*”.

Para nós, estudiosos da área sistêmica familiar, a pessoa não só é herdeira de uma herança

que lhe é transmitida, mas ela também é construída dentro desse sistema em um movimento que vai envolvendo, tanto o grupo familiar como a pessoa dentro desse sistema recursivamente. Trata-se de um elo que vai formando tramas, redes e, às vezes, é mantido por gerações, até que possamos desvendar esse oculto para um entendimento maior dos sentimentos que levaram aquela ação dentro de um contexto maior.

Estes processos de informação, diálogo e compreensão podem desmistificar o fato de se ter ou não afeto, se ele pode ou não estar presente em todos os momentos, ou melhor, entender se ele pode ser regulado em seu constante movimento ou controlado se assim fosse ensinado pelo sistema familiar, entre outros, como um valor nas interações dos relacionamentos.

Para Boszormenyi-Nagy; Spark (1983, p.13), “(...) *durante gerações inteiras se repetem episódios*”, que se referem a respeito da repetição de episódios por três ou quatro gerações como: morte violenta de mulheres a mando dos homens; esposas supostas mártires vitimizadas por maridos; filhas expulsas de casa por pecado; seqüências de incesto, mas para que possamos estudar fatores multigeracionais familiares embasar-nos-emos em informações, também, retrospectivas, incluindo, a recordação que os vivos têm dos mortos.

Estudos horizontais e verticais da estrutura e da organização de um sistema familiar podem ajudar a entender melhor a relação desses sistemas.

Nesta pesquisa, optamos por observar o encontro de três gerações familiares concomitantemente e questionar como eles acontecem. Se ocorreram ou verificaram manifestações afetivas nas interações dentro dos sistemas, possibilitando a ampliação do tema, promovendo um diálogo aberto para perceber as diferenciações.

Boszormenyi-Nagy; Spark (1983, p.14), citam que: “(...) *muitas das regras que governam os sistemas de relações familiares se dão de forma implícita, e os membros da família não são consciente delas*”.

Concordamos com os autores e aqui é feita uma ressalva para várias situações que podem destruir ou afetar os papéis e as funções parentais, como: lutos não elaborados, histórias de violências, migrações, doenças, histórias de lacunas, segredos e a falta de questionamento de como ocorreram os fatos; gerando, às vezes, uma dificuldade na comunicação.

Estas situações vivenciadas pelas famílias podem afetar os vínculos se não forem elaboradas ou transmitidas dentro de um contexto e os sintomas paralisadores emocionalmente podem afetar a sequência do ciclo vital familiar e começar uma nova história pessoal de significados mal elaborados que são retransmitidos.

Nas famílias, as funções psíquicas de um membro são importantes, pois interferem nos demais elementos.

As regras familiares, rituais, mitos, lealdades e os cuidados que se prestam aos membros, também, referem-se às estruturas e podem estar inconscientemente interligados, regulando o sistema relacional.

Dentro de um sistema familiar, o simples e o complexo fato de compartilhamento entre os membros, referente a sonhos, sentimentos, trocas afetivas que aparecem nos rituais cotidianos, criam vínculos emocionais. São pequenos atos e deixas emocionais que ocorrem regularmente, como o ritual das refeições que se tornam momentos de compartilhar o alimento, a companhia e a troca de idéias e diferenças, entre outros. As semelhanças que aparecem nas rotinas, são previsíveis, esperadas e significativas.

Os significados tornam-se relevantes porque aparecem com uma ação de afeto que pode ser um beijo, tons de voz, cuidado, compreensão, apoio; por exemplo, um ritual de cumprimentos no cotidiano. Podemos afirmar que os rituais são importantes em todos os tipos de relacionamentos, sobretudo, os que vêm acompanhados de afeto e estes, se tornam os mais esperados.

Na família atual, a falta de tempo é uma das razões que impede a formação de vínculos mais

profundos e, neste sentido, o ritual contribui com elementos de previsibilidade e propósito para nossa vida.

Para nós, clínicos familiares, os rituais aprendidos no sistema familiar apóiam-se em uma vinculação genética e histórica.

Segundo Boszormenyi-Nagy; Spark:

Um importante aspecto sistêmico das famílias se baseia no eixo de que a consangüinidade, o vínculo genético dura toda a vida. Nas famílias, os laços próprios da relação genética tem primazia sobre a determinação social e na medida em que estas esferas podem separar-se conceitualmente.

Quando nos referimos aos estudos dos sistemas familiares e mais especificamente, à dinâmica destas interações dentro das relações, o que muito nos acrescenta é o entendimento dessas raízes.(Boszormenyi-Nagy;Spark ,1983, p.15)

Os referidos autores contribuem com esta clarificação, ao citarem:

O núcleo da dinâmica do sistema familiar e parte da ordem humano básico, que só secundariamente se reflete nos conhecimentos, ímpetos emocionais dos indivíduos. A ordem humano básicos depende das conseqüências históricas e dos eixos produzidos pelas interações entre os distintos membros da vida de qualquer grupo social. As motivações de cada membro estão enraizadas nos contextos de sua própria história e da de seu grupo. (Boszormenyi-Nagy; Spark, 1983, p.17)

Assim, compreendemos o quanto estudar a família tem a ver com sua história intergeracional e como cada membro, ao mesmo tempo, tem a sua que só tem significado para ele de acordo com o que recebe ou lhe é transmitido, formando as crenças.

Desse modo, estamos enquadrados dentro de um sistema de relações multigeracionais em que existem compromissos de devoção e lealdade que, às vezes, são determinantes de relações familiares e estas advêm de outras do universo humano; além de se conectarem com outros níveis de sistemas como o da comunicação que interfere nas relações familiares, entre outros.

Alguns aspectos relevantes são citados para ampliar esses entendimentos e dentro dos

estudos intergeracionais, é preciso estar atento ao recorte para se fazer uma análise de um estudo de caso familiar.

Este recorte denomina um olhar, um modo de observar o sistema familiar e poder perceber, o que está fazendo sentido para ele. Podemos ter um recorte nas questões de gênero cultural, intergeracional, social ou outros. O olhar intergeracional amplia a percepção para uma consciência existencial e a compreensão dos outros dentro de seus papéis e em suas relações.

O processo evolutivo e a construção afetiva são bastante complexos para se compreender e estudar e esta pesquisa tem a intenção de apreender os recortes sem perder a visão de todo um sistema familiar, mesmo porque acreditamos que este todo pode se conectar pelo afeto.

Para isto, foi escolhido um estudo de caso clínico familiar trigeracional para tentar se aprofundar nos recortes e estes serem os padrões afetivos manifestados pelos membros familiares por meio de seus discursos transmitidos pelas narrativas.

Atualmente, existe um crescente interesse pela nossa história por meio de documentários, filmes, livros, meios de comunicação, ou seja, um interesse em revisitar as histórias culturais.

Observamos que a família constantemente sofre mudanças, embora, às vezes, não possa parar para refletir a respeito delas; assim, todas as pessoas têm antepassados; pessoas que viveram, respiraram e tiveram emoções, sentimentos semelhantes aos nossos que passaram também por experiências que podem ser consideradas felizes e bem-sucedidas, provocando sentimentos de alegria e amor, em outros casos, de culpa, raiva, ressentimento, medo ou remorso.

Embora, às vezes, estes sentimentos mesmo não sendo explicitados, percebidos e transmitidos entre as gerações formam uma rede de relações afetivas que faz parte do indivíduo que somos hoje.

Para entender o que somos hoje, consideramos importante examinar a “*criação*” estudada também pelos cientistas como a hereditariedade.

Dentre as características herdadas do ser humano, podem ser vistas: na ciência biológica, estudos avançados sobre a hereditariedade que vem do DNA um código genético que era imutável após sua concepção, porém, hoje, foi revisto e a posição de não mudança não pode ser defendida com rigor, pois este código já pode ser modificado ou, pelo menos, pensado como mensagens que se alteram.

Alguns padrões antepassados podem ter vários aspectos, sendo um deles o material genético; outro poderia ser visto como a influência deles sobre a família que o reproduz e, outro ainda, seria sua consequência sobre o indivíduo.

As heranças dos antepassados podem ser vistas sob várias lentes, como: as sociais, culturais, psicológicas e biológicas.

Algumas dessas heranças podem ser:

- tipos de vida que eles levavam;
- se continuam a exercer influência depois que morrem;
- o próprio material genético registrado no DNA;
- forma de ligação familiar como: vínculos, laços, triangulações, entre outras;
- valores e crenças familiares por meio de rituais e mitos.

Os temas levantados são importantes ao terapeuta familiar que busca o entendimento das interações familiares, considerando o modelo relacional, às vezes, advindo de padrões dos antepassados, ou melhor, de outras gerações. Estas influências podem se repetir em outras gerações, constituindo padrões e, assim, dentro desta pesquisa, procuramos estudar como se formam os padrões afetivos, ou também, como os membros da família selecionam estes padrões afetivos familiares.

Muitas vezes, esses padrões são representados por lembranças que ficaram guardadas, trazendo sentimentos, sensações sem um maior questionamento porque a pessoa guardou este

sentimento que se mantém vivo e a memória sempre o traz como algo desagradável ou agradável (consciente e inconsciente).

Portanto, aos terapeutas familiares, um dos pontos que faz sentido nesta pesquisa, diante deste recorte, é identificar um padrão repetitivo e se o mesmo afeta o sistema familiar, paralisando-o, se este pode ser alterado quando a família ou os membros familiares, assim, o quiserem, após passarem pela percepção dos mesmos.

Diante disso, neste estudo questionamos a percepção da influência e a transmissão desses padrões que possibilitam aos membros familiares fazer escolhas na forma de agir e reagir a situações repetitivas.

Dentro da abordagem sistêmica, utilizamos um mapa instrumental, o genograma que permite colher informações das dinâmicas relacionais, assim como os dados históricos contextualizados, as investigações de rituais para se compreender as raízes familiares e como estas se formaram, construindo, um olhar intergeracional da família.

Podemos iniciar pelos pais, seguidos pelos avós, bisavós e estender-se para primos, tios e outros parentes que podem ter contribuído na formação de padrões de comportamento. O genograma permite uma investigação que pode seguir uma seqüência lógica ou não, mas sempre analisa os relatos dos dados sobre um antepassado do qual a família tem lembranças, dentro do contexto familiar.

As histórias contadas por parentes podem não ser factualmente corretas; no entanto, ajudam a ver as claras impressões dos membros da família com relação ao que aconteceu e explorar como eles pensavam e sentiam na época.

Isso nos faz pensar por que alguns membros da família manifestam-se com relação ao que aconteceu, reagem diferente e são afetados por esse acontecimento de outra maneira e, ao mesmo tempo, ter sua própria interpretação, existindo assim uma diversidade no perceber dentro do sistema

familiar.

Nas narrativas históricas, algo relevante de observar é a expressão não-verbal; esta que traz emoção, sentimentos, sensações, uma possibilidade de demonstração do que se conta e do jeito que se conta e o quanto isto os afeta, trazendo sentimentos à tona que ainda podem afetar o sistema familiar.

Dentro da abordagem sistêmica, alguns temas são relevantes na compreensão do sistema familiar, como:

- papéis familiares, hierarquia, fronteiras e funções;
- regras familiares;
- vínculos familiares, triângulos amorosos, lealdades, segredos, crenças e mitos que se formam por meio de rituais;
- ligações afetivas ao longo das gerações;
- proteção dos cuidadores;
- o membro diferenciado ou o “bode expiatório”;
- casamentos e separações;
- doença mental/ emocional;
- agressões, violência, física e emocional;
- sentimentos que se repetem como: medo, culpa, ansiedade, raiva, euforia, entre outros;
- padrões das dinâmicas relacionais;
- pré-conceitos - valores morais;
- nível educacional/socioeconômico/profissão, entre outros.

Na terapia familiar, alguns autores como: Framo (1981), Boszormenyi-Nagy; Spark (1983) e Bowen (1991), dão relevância aos aspectos intergeracionais na transmissão de modelos.

No Brasil, pretendemos nos apoiar em Cerveny (2001), que estudou o tema intergeracio-

nalidade e, dentro dele, a transmissão de modelos sob uma abordagem sistêmica, mesmo porque a autora sugeriu maior atenção aos estudos da transmissão dos modelos afetivos na família.

Ainda com respeito à revisão bibliográfica sobre afetividade e família, constatamos que a maioria dos estudos deriva-se de famílias com membros esquizofrênicos e outras patologias. Uma pesquisa abrangente sobre esse tema se faz necessário, inclusive, com comparações socioculturais.

Concordamos com Cerveny a respeito da importância dos estudos dos padrões repetitivos que se formam na intergeracionalidade e sua ampliação para o entendimento dentro da afetividade na família onde existe um padrão de interação e todos os membros do sistema afetivo são influenciados pelo modelo afetivo proposto pelo sistema familiar.

Dentro deste recorte e como atuantes da área clínica, precisamos refletir sobre a influência das repetições do próprio modelo, tanto no sistema familiar como no intergeracional, ocorrendo assim uma percepção da transmissão desses modelos afetivos entre as gerações.

Alguns autores citam os padrões afetivos embasados na relação, não sendo somente um fator interno, mas como um conjunto de fatores que se inicia na matriz familiar. Aqui também se acrescentariam os padrões afetivos interligados com os padrões expressivos dentro da área comunicacional, visto que ambos acontecem de modo concomitante e estão intimamente ligados.

Ao se expressar um sentimento na ação e linguagem, comunicamos um modelo afetivo que pode ser repetido ou não e, ao mesmo tempo, transmitir mensagens.

Descrever, observar, analisar as relações se faz cada vez mais necessário por se ter dado conta do quanto é preciso para entender o ser humano, sobretudo, nesta época de muitas mudanças.

Pensamos que rever a intergeracionalidade familiar seja algo significativo que ofereça parâmetros ou para seguir por um modelo, ou para escolher fazer diferente um distinto com a intenção de melhor qualidade, proteção.

Um exemplo metafórico seria: *“é o mesmo rio, mas nunca a mesma água”* ou são os

mesmos papéis de mãe, de pai, mas nunca do mesmo jeito.

Neste sentido, é prudente acatar as interconexões que as histórias vão proporcionando. Atualmente, percebemos nos meios de comunicação que existem vários temas referentes às histórias passadas ou filmes de época; algo que aguça questionamentos.

Será que revisitar o passado tem ajudado a viver mais perto de si, de reencontros consigo mesmo e com as raízes?

Esta busca pelo autoconhecimento relacional e individual sobre comportamentos se faz notar dentro de nossa prática clínica. Observamos um crescente aumento da procura por processos psicoterápicos e, às vezes, somos questionados:

Quero entender o que está acontecendo na relação!

Qual minha parcela de responsabilidade?

Quero entender a intenção do outro!

Parece que mudou o jeito de se relacionar!

Que tipo de sentimento é este? Estou confuso!

Ainda refletindo sobre a prática clínica:

Como fica a questão da transmissão dos padrões afetivos pela família?

Nos estudos de família, o que muito nos agrada e chama atenção dentro da área clínica, é compreender este olhar e a amplitude das informações transmitidas por gerações anteriores de mestres e autores dentro da área sistêmica familiar que ainda é considerada recente, pois teve seu início na década de 1950.

Desde então, um avanço tem acontecido entre elas: cuidado com as recentes pesquisas internacionais, reavaliação dos contextos social internacional e nacional; questões culturais que são bastante diversificadas no país, como as diferenciações por sermos de uma cultura familiarista, as questões de família nuclear extensas advindas de numerosas famílias com agregados e por ser

intrinsecamente um povo expressivo e comunicativo nas esferas organizacionais; a questão de ajuda bem evidenciada por ser um povo que colabora e é solidário.

Para falar de relacionamento familiar, procuramos ajuda das pesquisas e seus autores e nesta lista de contribuições, acrescentamos Canavarro (1999). A autora fala das relações familiares afetivas com muita precaução e um entre tantos cuidados que nos chamaram a atenção, foi o da memória; sendo este um estudo polêmico que serve de material retrospectivo e que avalia representações passadas.

Para abordar estas questões, a pesquisadora utilizou referências de Bower (1987), que estudou questionários baseados nas memórias do comportamento dos pais citados por diversos autores como: Gerlsma (1994), Gerlsma et al. (1991), tendo como objetivo explicar como as emoções e cognições nos afetam, Bower defendeu:

O processamento de informação é organizado de forma associativa. As cognições e emoções situam-se numa cadeia de associações (entre idéias, conceitos, temas, e memórias de acontecimentos) sob a formula de nódulos. Desta forma, se um acontecimento está associado a uma emoção particular, recordar o acontecimento pode reactivar a emoção em virtude da activação percorrer a cadeia associativa, até o nódulo. (Bower 1981, apud Canavarro, 1999, p.187)

(...) Assim quando uma emoção encontra-se activada por qualquer variável, ela tenderá a activar selectivamente as memórias, temas categorias perceptuais e pensamentos associados no passado com essa emoção. (Brower 1981, p. 444, cit. por Bower, 1987, cit. por Canavarro, 1999, P. 187)

No genograma, quando exploramos o tipo de trabalho intergeracional, podemos começar a avaliar a importância e profundidade do tema, mas, o que o torna mais relevante é quando ouvimos um sistema familiar, dizer: “*como ficou mais claro*”!

No olhar do pesquisador clínico, fica implícito compreender e utilizar isto, às vezes, como uma prevenção ou intervenção. Portanto, um estudo mais aprofundado e validado pelos próprios donos das histórias (o sistema familiar) se faz relevante.

Histórias familiares intergeracionais modificadas e transmitidas por gerações, histórias focadas nas manifestações afetivas dentro de suas relações e transmitidas por meio de gerações pelos modelos de padrões de interações constituíram, conforme já dissemos, a proposta deste estudo.

Neste contexto, propusemos uma parada no tempo reflexivo para repensar sobre esta sensibilidade que está no emocional, que a família vai transmitindo independente do conhecer.

Transpondo o objeto deste estudo dentro da prática clínica, na área familiar, este torna-se um material farto para a análise, focando sob uma perspectiva intergeracional a compreensão da transmissão das manifestações afetivas que estão intimamente conectadas às formas de comunicação e os valores familiares e culturais; além disso, percebemos as repetições ocorrentes entre as gerações com maior consciência da herança desta expressividade.

1.5 Desenvolvimento familiar sob o ponto de vista clínico

Em um sistema familiar, é importante evidenciar como e em que situações ocorre seu desenvolvimento. Discursar sobre as etapas do desenvolvimento familiar é considerar vários fatores que podem afetar as relações afetivas. Estes podem ser internos ou externos e verificam-se em várias fases de um ciclo vital familiar.

Além do desenvolvimento familiar ocorrer por meio de estágios e transições do ciclo de vida familiar, existem outras maneiras de observar as famílias como os modelos: biológico, psicológico, pessoal, familiar, relacional e social.

A abordagem Metaconceitos de Breunlin et al. (2000), foi desenvolvida a partir de 1990 e baseia-se na teoria sistêmica; segundo autores citados, os conceitos básicos da Sistêmica incluem padrão, informação, relacionamento, nível, contexto, feedback, recursividade e circularidade.

Os autores do Metaconceitos questionam os trabalhos na área familiar e as relações familiares

e propõem uma abordagem abrangente na análise dos sistemas humanos – uma abordagem mais holística que permite interconexões, sendo uma de suas contribuições o conceito de nível, assim, propõem seis níveis: biopsicossociais (biológico, pessoal, relacional, familiar, comunitário e social) e pretendem abarcar o processo interno dos indivíduos, integrando-os a outros modelos que abordam a família.

Sob uma visão perspectivista, consideramos que a realidade é limitada por pressupostos que podem ser tendenciosos.

Aqui se usa uma citação para explicar o que são os níveis para esses autores do Metaconceitos.

Os sistemas humanos complexos são, como declarou Engel (1977), entidades de níveis múltiplos, entre eles, os biológicos, os psicológicos e os sociais. Para se ter uma perspectiva ampla sobre a condição humana, convém examinar e ter acesso a todos os níveis e as interações entre níveis. Como terapeutas, estamos particularmente interessados nos sistemas humanos nos seguintes níveis: os processos biológicos e mentais no interior do indivíduo; os sistemas relacionais individuais, diádicos, ou triádicos no interior da família; a família nuclear; a família extensa; o contexto social imediato da família, incluindo os sistemas de ajuda, como a influências da terapia e da comunidade; o contexto cultural histórico e atual da família; o sistema social nacional em que a família vive; e o sistema internacional. (Breunlin et al. 2000, p.44-45)

Concordamos com a citação acima que ajuda na reflexão sobre os sistemas relacionais e a sua percepção como um todo, mas, nesta pesquisa optamos por elaborar o contexto sociocultural-histórico e atual da família.

Dentro desta abordagem, citamos Mac Kune-Karrer et al. (2000, p.149), quando referem que: “o desenvolvimento adequado em todos os níveis é definido por valores e por crenças sociais, que proporcionam as normas por meio das quais as famílias criam os filhos, os indivíduos desenvolvem-se e os relacionamentos florescem”.

Mac Kune-Karrer et al.(2000), enfatizam a importância da inclusão do desenvolvimento

entre cada um dos níveis de um sistema biopsicossocial quanto à interação entre esses níveis e sugere que a sincronia entre eles pode não ser obtida de maneira satisfatória ou simples:

O desenvolvimento exitoso de uma família bem ajustada em todos os níveis é algo que parece enganosamente simples, porque o desenvolvimento em cada nível alimenta e apóia o desenvolvimento em todos os outros níveis. A sincronização dos níveis de desenvolvimento atua sinergicamente, de modo que seu efeito final sobre o desenvolvimento familiar é maior que as partes. (Mac Kune-Karrer, et al. 2000, p.148)

Entendemos que as famílias que procuram atendimento clínico ou orientação podem ter um ou mais níveis que não estão bem resolvidos. É importante salientar que o terapeuta familiar tem também seu próprio sistema familiar com seus níveis e, nesse encontro terapêutico, é preciso ter consciência que esses sistemas interagem formando uma complexidade.

Com a pretensão de saber como são os padrões relacionais familiares funcionais e disfuncionais, sabemos que, por mais que conheçamos, é apenas uma parte e mesmo que se juntem estas partes não obtêm o conhecimento de um todo.

Neste sentido, compartilhamos com as idéias de Mac Kune-Karrer et al., quando se apóiam em um nível e este em todos os outros. Nosso mundo interno é construído na interação com os outros, assim, uma forma de compreender a interferência desses níveis no sistema familiar é explicada pela autora quando se refere aos desequilíbrios e equilíbrios da família; às vezes, mais desorganizados pelos papéis sociais, mas, ao mesmo tempo comprometidos a melhorá-la em relação ao equilíbrio interno. Criando uma abordagem mais próxima da realidade e colaborativa, Mac Kune-Karrer et al. falam sobre os desafios teóricos dos conceitos e o que uma família pode sofrer nos conceitos de gênero:

Em transição. As famílias, embora ainda em conflito, têm esperanças na sua capacidade de desenvolver-se para um estado de equilíbrio entre os gêneros. Seus papéis e expectativas dos gêneros estão em processo de expansão.

(...). As famílias ainda estão experimentando os novos papéis.

(...) O ajuste ainda é questionado. Há uma crescente sensação de mutualidade e de compartilhamento nos processos de tomada de decisões referentes a uma grande gama de tarefas familiares. Os membros da família parecem seguindo nesta mesma direção. Há uma validação de papéis que as mulheres e homens desempenham na família, embora haja flutuação entre as antigas e novas crenças, essas famílias exploram verbalmente os ganhos e as perdas que experimentam quando os papéis mudam. (Mac Kune-karrer et al. 2000, p.221)

Uma negociação para flexibilizar os papéis que os membros familiares desempenham poderia ajudar, um deles seria exemplificado na questão de gênero, pois possibilita maior clareza e observação nos padrões antigos e isto poderia provocar mudanças.

Nas questões de padrões de gênero, uma das formas de ver os relacionamentos seria renegociar os relacionamentos de várias maneiras com a família e a mesma com os sistemas internos e externos, (marido e mulher, mãe e filho, mãe e filha, pai e filha e pai e filho), entre outras interações.

Diante do prazer e desprazer nas relações, a afetividade sofre abalos. Os membros da família tornam-se psicologicamente pressionados quando não conseguem expressar-se nas relações e reagem de forma que podem afetar o sistema como um todo. Assim, dentro dos estudos sobre padrões e manifestações afetivas na família intergeracional, faz-se relevante clarificar este entendimento, refletindo sobre o contexto social.

Mac Kune-Karrer et al. ampliam estas reflexões com os seguintes fatores:

- a) observa-se uma rapidez na evolução de valores e crenças sociais que têm evoluído;
- b) em decorrência da rapidez de aquisição dos novos valores, há uma perda de orientação da nova geração de pais que não conseguem repassar valores da geração anterior;
- c) há dificuldade dos pais articularem modelos para um desenvolvimento adequado;

- d) os pais encaram o desenvolvimento de seus filhos muito diferente do seu próprio, ou seja, existe dificuldade para compreender ou desculpar o que os filhos fazem;
- e) há um sentimento de culpabilidade dos pais em razão da falta de percepção das forças sociais que transcendem a influência imediata da família;
- f) existe um aumento da expectativa dos pais em relação ao desenvolvimento dos filhos nas competências em diversas áreas, como exemplo, escola;
- g) há um aumento da carga e tipo de informações recebidas de vários meios de comunicação, ocorridas precocemente sobre temas referentes à natureza humana e relacionamentos;
- h) a cada geração, constata-se que a puberdade é iniciada cada vez mais cedo;
- i) há um estímulo do social e da família para a individualidade e expressividade precoce dos filhos, diferente do modelo dos pais que eram “vistos,” mas não ouvidos;
- j) na manifestação desta individualidade e expressividade dos filhos, às vezes, os pais sentem como desrespeito e iniciam seqüências de controles ineficazes;
- l) questões como aids, drogas, crimes, violência e perigos afetam a família e perde-se um pouco da idade das inocências;
- m) há relutância dos pais em soltar as rédeas dos filhos e um desejo de controle;
- n) a situação econômica retarda a saída dos filhos de casa ou causa o retorno à mesma (dentro de uma visão da sociedade americana).
- o) os pais oscilam entre permissividade e controle excessivo, afetando o desenvolvimento familiar;
- p) discordância entre gerações – (entre pais, pais e avós, etc.), ou seja, estas discordâncias ocorrem no uso de diferentes crenças em relação à evolução que atinge a família. As mudanças na definição de famílias provenientes de divórcios, pais solteiros, recasamentos; mulheres no mercado de trabalho como únicas provedoras de família; casais procurando modelos de casamentos a desenvolver.

Enfim, os autores citados resumem a rápida evolução social das duas últimas décadas sob a ótica do contexto social-americano; suas idéias e colocações também podem ser observadas na área clínica e dentro do contexto brasileiro.

Nos trabalhos dentro da área clínica, constatamos que este quadro de fatores que atinge as famílias, pode estar relacionado às causas de ansiedade e incerteza em muitas delas.

Os estudiosos da área familiar sabem do constante movimento de mudanças em que a família está inserida, tanto quanto de suas necessidades estruturais para se organizar e permitir o desenvolvimento de seus membros.

Portanto, quando estudamos a família, devemos estar atentos aos movimentos estruturais, sociais e aos históricos que possibilitam um maior entendimento dos fatores que a afetam.

Neste estudo, propusemos uma revisão a respeito da afetividade pensando na transmissão geracional, realizando uma viagem para dentro do si mesmo e das raízes familiares na busca de uma compreensão de recortes desse complexo movimento do universo interior e exterior, conforme preconiza a abordagem dos Metaconceitos. Assim, a teoria dos Metaconceitos deverá ampliar nosso entendimento dentro da área clínica no atendimento às famílias, com a percepção da importância das interações dos níveis e o quanto estes afetam o sistema interno individual dos membros familiares. Este sistema regula a afetividade e esta é recebida pelas relações familiares; pois um desses níveis, o seqüencial, por exemplo, interfere nos padrões e reflete-se nos padrões afetivos recebidos.

Com esta pretensão, buscamos descobrir o que as palavras não disseram e o que é transmitido na história pessoal com as histórias familiares, mas, antes de aprofundar os estudos sobre afetividade, optamos por introduzir um capítulo sobre a comunicação, já que ela está intimamente ligada aos afetos.

O tema comunicação aqui é percebido intrinsecamente ligado à questão afetiva, visto que para expressar qualquer afeto faz-se uma comunicação e só isto seria justificativa suficiente para a

relevância do tema desta pesquisa, embora existam outras e que só algumas serão destacadas; uma delas será o valor afetivo dentro da família.

Capítulo 2

COMUNICAÇÃO

É no diálogo que cada homem se descobre e se revela aos outros, nas suas aspirações e imperfeições. E por maior que sejam as imperfeições de cada um, por mais dura ou melancólicas que sejam as condições em que vivemos em certos momentos, a maior grandeza no homem reside decerto em sua capacidade para não escravizar-se ao presente, para projetar o futuro, seu e da humanidade.
(Dante Moreira Leite)

Este capítulo foi escolhido por considerar importante enfatizar as formas que podem facilitar ou dificultar o processo comunicacional na área relacional na família, pois podem não resolver os problemas ou crises, mas ajudam na elaboração dos impasses que as relações costumam causar, sobretudo, quando pensamos em um sistema complexo como o familiar, formador de padrões relacionais.

Procurar compreender os mecanismos de comunicação e transpô-los para o objeto deste estudo que objetiva entender as transmissões, é ampliar e estabelecer meios para facilitar o entendimento de como a comunicação ocorre e forma padrões comunicacionais afetivos dentro do sistema familiar.

Não temos a pretensão de esgotar todos os estudos sobre comunicação e, sim, revelar a importância que ela tem quando se pensa em interação no sistema familiar e na interação do próprio pesquisador que transmite mensagens, ou mesmo, como interfere e modifica estas interações. Além disso, neste trabalho, investigamos um sistema intergeracional e a transmissão de padrões afetivos, que pode ser feita pela comunicação.

De volta ao passado em busca do futuro, partimos do pressuposto que é preciso ter apego ao movimento da vida e um coração forte para examinar atentamente as ofensas passadas na filosofia emocional da família, além de uma consciência bibliográfica de sua história singular de vida afetiva, mas, fazer isto com a clara intenção de melhorar os relacionamentos atuais, futuros e, sendo mais pretensiosos poder ajudar gerações futuras em seus relacionamentos.

O simples e complexo fato de buscar na memória histórias e dentro delas os esclarecimentos

do passado, possibilita-nos as separações, diferenciações para se entender o que foi a realidade de ontem e hoje, permitindo uma presença mais próxima em nossos relacionamentos atuais. Assim, chamamos de comunicação emocional o que se refere à linguagem dos sentimentos.

Durante a prática clínica, aprendemos que muitas pessoas citam como sua grande dificuldade a expressão dos sentimentos.

No caso desta pesquisa, isto ocorreu mais com os homens de três gerações H_1 , H_2 , H_3 , mas também as mulheres apresentaram esta dificuldade. O interesse torna-se mais claro quando analisamos como estes sentimentos começam a se formar dentro de uma estrutura singular e familiar de um ser humano e esta passa pelos primeiros vínculos que se interligam com a comunicação por meio das expressões (faciais, movimentos, gestos, toque, tom de voz, palavras descritas, metáforas), pois são canais que permitem conectar-se com o outro.

Constantemente, os sinais que manifestam nossas intenções, predizem os sentimentos e precisamos estar atentos na forma como os manifestamos, pois esta pode ajudar a formar melhores vínculos afetivos.

Na clínica de atendimento das famílias e, no caso desta pesquisa, alguns sinais alertam para sentimentos em constante movimento, como: formar famílias desses sentimentos (ansiedade, angústia, medo, pânico) negar sentimentos, mantendo-os distantes; dificuldade para nomeá-los; lembrá-los que pode ser assustador e perturbador; a vergonha do tipo de sentimento que pode ser positivo ou negativo; percebemos que há falta de vontade para compartilhá-los e incomodar as pessoas com eles. Estes não são importantes e, portanto, não merecem tanta atenção. Isto nos faz pressupor sua desqualificação e banalização, levando a omitir ou deixar ocultas questões relevantes sobre os afetos e a comunicação que atingem as relações e podem vir em repetição do modelo dos primeiros vínculos afetivos formados.

Dentro da área clínica, é comum membros de um mesmo sistema familiar queixarem-se da

falta do ouvir ou como se pronunciar diante dos fatos, pois algumas gerações passadas desenvolveram hábitos de “ver” e não “ouvir”.

Será que eles não conseguiam se expressar e se calavam? Ou será que os pais não permitiam expressões?

O que ocorre ou ocorreu no desenvolvimento familiar tem a ver com o aumento de percepção dos sentidos e expressão pelas novas gerações?

Esta abertura da expressividade pode ter sido construída dentro do sistema familiar intergeracional como um objetivo familiar?

Mas se pensássemos apenas nessas perguntas, estaríamos nos referindo mais à área clínica, porém não é só este o objetivo deste estudo.

Nesta pesquisa, buscamos pensar o aprendizado e sua utilização na área clínica e o mais importante é como apreender esses conceitos para que se tornem mais claros ao pesquisador, e o processo de transmissão dos conceitos assimilados seja de forma mais simples no sistema familiar, permitindo que o outro compreenda e interprete o que se transmite e talvez até percebam as dificuldades que afetam todo um sistema familiar.

Realizar tal processo foi relevante; primeiro, pela sensibilização do pesquisador, para ouvi-lo, falar e transmitir o que ajudou a pesquisadora no processo de comunicação que se faz em uma recursividade no sistema pesquisadora/família. Posteriormente, foi mais construtivo pelo fato da comunicação, da expressividade e da afetividade serem interligadas e o pesquisador fazer uso delas recursivamente, desconstruindo e reconstruindo maneiras de pensar e introduzir mensagens.

Na prática, envolve mudança de atitudes e perspectivas que aparecem nos sentimentos que surgem na expressividade e traduzem uma comunicação na relação.

Na área clínica, é comum ouvir queixas de pessoas que “não se sentem entendidas”, às vezes, não conseguem expressar os significados e sentimentos claros para o receptor que também

tem uma função e seu próprio modo de receber, perceber e interpretar significados.

A verbalização de “*não ser entendido*” seria tristeza pela situação de não conseguir se expressar? Ou não conseguir expressar o que sente? Ou não fazer isto com aquela pessoa que gostaria? Ou não expressar porque ainda não organizou seu desenvolvimento interno sobre o que sente? Será que a expressão não-verbal estaria mostrando estas dúvidas?

Entre o sentir e expressar afetos, há um espaço a ser compreendido e este capítulo ajuda a rever estes conceitos.

2.1 A Comunicação

Como um dos elementos que propiciam o contato entre os seres humanos, a comunicação é um processo de natureza complexa e multidisciplinar que faz parte de qualquer contexto no qual o homem está inserido, pois permite que as pessoas travem conhecimentos recíprocos, compartilhando experiências, idéias e sentimentos que ao se relacionarem, influenciam e modificam a realidade em que o indivíduo está inserido.

Dentro desse pensamento, compreendemos que a relação com o outro sempre existe, quer desejemos ou não, o outro nos invade e tudo acontece por meio das relações (Moscovici, 1997).

Desse modo, precisamos repensar o processo de comunicação não só como transmissão de códigos, mas, por meio do silêncio, do não dito, lealdades, segredos, mitos, rituais, pois a cada geração vem sendo construída uma abertura maior para poder se expressar.

O embasamento da teoria sistêmica advindo da teoria da comunicação proposta por Watzlawick et al. (1967), está no livro *Pragmática da Comunicação Humana*. Estes autores trabalharam com os conceitos: negação, rejeição e desqualificação da comunicação dos quais ressaltam a importância do conhecimento dos axiomas para entendimento dos caminhos da comunicação.

2.1.1 Os axiomas

Toda interação pede um comportamento, não existe o não se comportar, portanto, todos os comportamentos têm valor de mensagem, influenciando outros que não podem responder, mas é preciso lembrar que o processo de comunicação ocorre sem ser intencional. (Watzlawick et al., 1967).

Conforme os autores citados, existem cinco axiomas que se referem à maneira de se relacionar e comunicar:

Tabela 2 - Axiomas (adaptação)

<i>Não se pode não comunicar</i>
<i>Toda comunicação tem um aspecto de conteúdo e outro de relação</i>
<i>A natureza de uma relação está na seqüência de eventos entre os comunicantes</i>
<i>Os indivíduos se comunicam digital e analogicamente</i>
<i>Todas as permutas comunicacionais são simétricas e complementares</i>

Fonte: Watzlawick et al. (1967). Adaptação da pesquisadora.

No primeiro axioma, *Não se pode não comunicar* – tal como o comportamento em que é impossível não se comportar, assim também é com a comunicação. Muitas vezes, as pessoas fazem de tudo para tentar não passar ou receber uma mensagem, mas, de alguma forma estão se comunicando. Para os autores, todo comportamento em uma situação interacional tem valor de mensagem.

Concordamos com o axioma, ainda mais se pensarmos na transmissão das manifestações afetivas dentro do sistema familiar. Às vezes, são pequenos gestos, como um olhar, um tom de voz, ou mesmo, um toque, posturas, expressões faciais, sentimentos, intenção, enfim, um conjunto experimentado em razão da relação com o outro e, neste sentido, já se torna impossível não se comunicar, não sentir, ou mesmo, não receber/dar/trocar.

O segundo axioma: ***Toda comunicação tem um aspecto de conteúdo e outro de relação*** – qualquer comunicação tem aspecto de conteúdo, informação e de relação, ou seja, no envio de uma mensagem ao outro também se define a relação que se deseja ter. Assim, a comunicação é mais do que a transmissão de informação, pois vem embutida com imposição de comportamento.

Quando se refere a “*vir embutida*”, pensamos na transmissão da manifestação afetiva, algo tão importante que muitos estudos foram feitos por desenvolvimentalistas, etólogos, psicólogos por meio de filmagens das expressões faciais, pelo comportamento da mãe/bebê, entre outros.

Nestes estudos, as quantidades de percepções citadas nas análises se fossem somente observadas em tempo real e por uma pessoa seria impossível perceber o conjunto de reações no comportamento. É importante citar que, ao observarmos, fazemos recortes de acordo com o conhecimento adquirido e “*só reconhecemos aquilo que conhecemos*” Barreto (2005).

No terceiro axioma, percebemos que: ***A natureza de uma relação está na seqüência de eventos entre os comunicantes*** – sua relevância refere-se às seqüências, pois, geralmente, a maioria das relações depois de um tempo transforma-se em seqüência de relação, formando um padrão de comunicação ou, até mesmo, um padrão do que se comunica e, no caso da investigação deste estudo, os padrões afetivos que as famílias repetem, podem ser uma seqüência cotidiana, semanal, eventual ou, até mesmo, intergeracional. Por meio destas seqüências, as pessoas realizam uma série de atos repetitivos com conseqüências, pois o outro responde da forma que entende. Esta compreensão é diferenciada de pessoa para pessoa ou de família para família.

As seqüências podem ajudar o entendimento das transmissões das manifestações afetivas.

Para Breunlin; Schwartz (1986), as seqüências são quatro, dentro dos estudos sistêmicos (S_1, S_2, S_3, S_4) e incluem padrões de ação e de significados; os autores citados também as reafirmam nos metaconceitos (2000) e citam a importância de se observar a maneira como várias seqüências podem estar relacionadas umas com as outras e esclarecer por meio de referências as várias

características, como: probabilidade, impedimento, incorporação, geração, calibração e resiliências.

Gostaríamos de fazer um aparte para explicar que, dentro da teoria sistêmica, alguns conceitos são considerados básicos, conforme Schwartz et al. (2000, p.44): “(...) *Os conceitos básicos da teoria sistêmica incluem padrão, informação, relacionamento, nível, contexto, feedback, recursividade e a circularidade*”.

Nestes trabalhos, esses conceitos aparecem repetitivamente como os de padrão neste capítulo. O autor citado iniciou os estudos sobre as seqüências e depois detectou os padrões subjacentes que se conectavam às várias seqüências em classes diferentes, como diz: “(...) *Usando tal variável, podemos desenvolver hipóteses sobre a complexa padronização de uma família e determinar seqüências relevantes e como elas se relacionam*” Schwartz et al. (2000, p.61)

A respeito dos padrões, refletimos também sob a ótica de Giddens, que diz:

*Um padrão é simplesmente uma rotina que ajuda a organizar a vida cotidiana, mas que um indivíduo pode alterar quando necessário.
 (...) Um hábito é uma forma de comportamento repetitivo psicologicamente mais obrigatória que um padrão de conduta; para alterá-lo ou rompê-lo, é necessário um esforço distinto da vontade. (Giddens, 1993, p.83,84).*

Ao pensar em nossa prática, consideramos importante a observação da formação dos padrões por meio de seqüências repetitivas e como estas causam impasses que podem paralisar o sistema relacional afetivo e sua transmissão.

Os afetos contêm uma força impulsionadora que se repete como uma manifestação da afetividade sentida na relação com o outro, ou seja, em nosso mundo interno postulamos sentimentos e intenções assim, nosso self é criado nos atos da fala e desenvolvido na ação conjunta com os outros, como eventos repetitivos aprendidos culturalmente como valor de afeto ou expressão de um sentimento de alegria, por exemplo.

Após um tempo, isto se torna uma seqüência de eventos que são identificados pelos membros

familiares, como gesto, comportamento e linguagem não-verbal. Ex: em uma discussão de casal, assuntos do passado já explicitados, às vezes, retomam ao centro das discussões novamente, repetindo uma seqüência e, daí, podem ser quebrados quando são entendidos dentro de um contexto e também como isto afeta as relações.

2.1.2 Seqüências

O termo seqüência, conforme é empregado por autores da terapia familiar sistêmica, entre eles: Breunlin et al. (2000), Cerveny (2004), o termo simplifica a forma repetitiva que o sistema ou seus membros utiliza para responder e reagir às situações de vida e, dentro delas, às relacionais. As formas como são ditas e feitas as ações, bem como todas as mudanças de comportamento constituem um padrão de comunicação familiar e, ao mesmo tempo, de interação ou um padrão afetivo.

Para melhor visualização, tais conceitos foram transferidos para a tabela abaixo:

Tabela 3 - Classificação das seqüências (adaptação)

Seqüências	Características
Primeira - S1	Padrões de interação que duram segundos até uma hora. Ex: Quando se pergunta algo para a esposa e esta olha para o marido e depois responde.
Segunda - S2	Seqüências que se dão entre dia e até uma semana. Ex: Família decidindo o churrasco de Domingo.
Terceira - S3	Varia de algumas semanas até um ano. Ex: Família decidindo viagem de férias.
Quarta - S4	Repetição de geração em geração. Ex: Frases como: “Todo mês deve-se guardar 10% do salário para a velhice”.

Fonte: Breunlin et al. (2000, p.100-102).

No quarto axioma, *os indivíduos se comunicam digital e analogicamente significa* que as pessoas em suas relações têm duas possibilidades de comunicação:

Verbal (digital) ou não-verbalmente (analogico)

Os dois tipos de comunicação andam sempre juntos e poderia ser citado que existe um

outro tipo denominado pára-verbal que seria o que acompanha o digital. As expressões são o tom de voz, as reflexões verbais, valorizadas sobretudo entre os clínicos para que possa haver maior entendimento da comunicação como um todo.

Dentro do não-verbal, estariam os gestos e expressões corporais.

Para se comunicar, as pessoas utilizam todo o repertório verbal e não-verbal, toda a linguagem corporal, como as expressões faciais, o timbre de voz, postura, gestos até a maneira de vestir para enviar mensagens.

Pela comunicação verbal (digital), existe a oportunidade por meio do *feedback* de percebermos se a mensagem chega ao receptor de maneira clara e correta e se houver uma má comunicação poderá ser revista ou retomada.

Nas relações comunicacionais, a espontaneidade do não-verbal revela mais do que as palavras e, por isso, tem mais credibilidade.

Na transmissão de padrões afetivos, este axioma é importante quando pensamos na linguagem não-verbal. A família ao se preparar para o nascimento de um filho, repassa ao feto o quanto este é desejado, é um sentimento de aceitação, amor, cuidado, proteção em uma linguagem não-verbal de toques, gestos, intenções e comportamentos. Uma mensagem é passada e é reafirmada no nascimento com as atitudes de afeto, como: pegar no colo, afagos, carícias, estimulações de toque, entre outros. Isto é algo marcante que hoje se pode comprovar com filmes, fotos e lembranças vivas dos familiares.

No caso desta pesquisa, isto será questionado entre gerações, na cultura, como ocorreu e ainda como se verifica a manifestação afetiva nas linguagens verbal e não-verbal.

Vale a pena lembrar que os indivíduos em uma conversação interagem em um fluir de ações e coordenações por meio de linguagem em seu entrelaçamento do emocional.

O quinto e último axioma: *Todas as permutas comunicacionais são simétricas ou*

complementares, ou seja, baseiam-se na igualdade ou na diferença.

Ainda dentro dos conceitos de Breunlin et al. (2000, p.44-65), os intercâmbios comunicacionais são simétricos quando as pessoas definem a relação como igual. Os dois se acham comunicacionalmente iguais ou complementares. É difícil só encontrar simetria ou só complementaridade nas relações, pois, no geral, ocorrem as duas e dependendo do contexto, uma pode prevalecer sobre a outra.

A família em constante movimento procura se diferenciar, igualar-se e complementar-se e isto poderá ocorrer nas expectativas que seus membros colocam nas relações, sobretudo nas demonstrações de igualdade e nas manifestações afetivas. Um membro pode achar que, às vezes, deu mais afeto do que recebeu, ou mesmo, querendo receber um afeto diferente, espera que o outro adivinhe. Quando isto se verifica, pode causar impasse nas relações familiares.

Os estudos de comunicação derivam-se do esquema clássico de Wiener (1948), cujos alunos e seguidores ampliaram o esquema inicial introduzindo o ruído da comunicação Shannon (1949).

Cervený (2004), apoiada no esquema de Wiener, Shannon, Jakobson, Watzlawick e outros que propõem uma versão na qual acrescentam os obstáculos no nível do emissor e receptor que seriam constituídos pelas crenças, valores, cultura, entre outros, tanto do emissor como do receptor.

(...) um emissor (E) envia uma mensagem (M) a um receptor (R) por meio de um canal (C), havendo um feedback (FB). Quando essa mensagem vai do E para R ocorrem os obstáculos no nível do emissor (OE) que são constituídos por seus valores, julgamentos, crenças, experiências anteriores, estado emocional, etc., que fazem com que a M transmitida seja diferente da que se pretendia transmitir. Quando R recebe M, esta passa pelos obstáculos no nível do receptor (OR) que fazem com que ela também seja recebida de uma maneira particular. (Cervený, 2004, p.16)

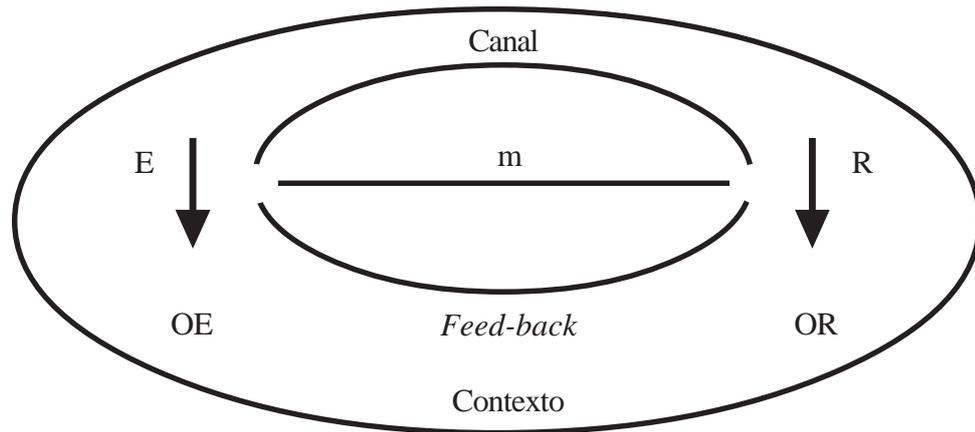


Figura 1: Representação do processo comunicacional.

Fonte: Cerveny, (2004, p.15).

A figura demonstra dentro da área comunicacional como a transmissão sofre influências, mas evidencia também quem a recebe, como percebe e assimila.

Algo que nos faz refletir é como os membros da família recebem as mensagens e as interpretam ainda mais, quando estas estão ligadas a questões afetivas.

Alguns dados remetem-nos para algo mais relevante, aos obstáculos da comunicação nos níveis, tanto do emissor como do receptor em razão de ruídos na comunicação. Lembrando sempre que devem ser observados os contextos e as experiências que cada um traz.

Alguns cuidados devem ser tomados ao se comunicar. Cerveny (2004), ressalta determinados obstáculos da comunicação que devem ser observados:

Tabela 4 - Obstáculos da comunicação (adaptação)

Utilizar o <i>feedback</i> para saber se nossas mensagens estão sendo adequadamente recebidas ou não;
Conhecer, quando possível, os significados simbólicos de algumas comunicações que usamos;
Procurar identificar nossos preconceitos;
Fazer ajustamentos à elocução de nossos E e R, respeitando os diferentes contextos;
Evitar as comunicações trianguladas e paralelas;
Treinar a nossa capacidade de ouvir – geralmente, somos mais estimulados a ser emissores do que receptores.

Fonte: Cerveny (2004, p.19).

Refletindo a respeito da pesquisa, é relevante olhar o contexto e o que cada um traz de sua experiência, sobretudo se o pesquisador conseguiu passar a mensagem das questões que deseja saber a respeito do estudo.

Ao nos comunicarmos, não usamos apenas a transmissão verbal das mensagens, pois existem influências mútuas entre as pessoas, assim, as ações são formas de comunicação.

O diálogo é uma porta de entrada para a comunicação fluir no meio familiar; é a maneira idealizada que as pessoas têm de desenvolver melhores relações, tanto individuais como familiares.

Na família, são estabelecidos os vínculos de sobrevivência, que formam um sistema de inter-relações que é constituído e mantido com base na comunicação entre seus membros. As diferenças individuais que aparecem quanto às percepções e necessidades são qualidades inerentes aos relacionamentos. Cada um desempenha um papel único e ocupa uma posição única na família, sobrepondo sua individualidade.

Neste emaranhado de individualidades, a família forma-se e os vínculos são estabelecidos.

A família constrói-se em uma identidade e esta vai se construindo ao longo da vida, com os discursos repetitivos aprendidos dentro de um contexto cultural e lingüístico transmitido por expressões. Isto se torna um valor de como acontece o processo de comunicação na cultura familiar com os vínculos estabelecidos.

Algo questionável seria a reflexão do processo comunicacional dentro do sistema familiar intergeracional, fazendo um recorte, dentro do verbal e de seus discursos, já que nosso mundo interno cai nos discursos e estes têm intenção e sentimentos criados nos atos da fala desenvolvidos na ação conjunta com outros membros e o que eles podem provocar.

2.2 Discursos familiares

A família é considerada como a base da construção do afeto e está intimamente ligada à área comunicacional, mas, para isso ocorrer é preciso uma linguagem comum, desenvolvida naturalmente em uma família de ouvintes. Essa linguagem inclui, como já dissemos, o jeito que a família se comunica, tom de voz e repetição de entonações. Os enunciados, frases ou expressões e manifestações são verdadeiros ou falsos, conforme se ajustam ou não à realidade, mas todos têm um significado do sentir, algo também subjetivo. Nesta reflexão, o contexto é importante, pois incide nas formas do enunciado e do conteúdo.

Os discursos envolvem o emissor, o ouvinte e a situação comunicativa concreta em que são produzidos. O ato da fala constitui sua unidade fundamental, ou seja, a produção de uma determinada mensagem sob certas condições com uma determinada intenção.

Mensagens errôneas e incompletas, cheias de omissões, repetições, hesitações e erros podem aparecer com frequência nos indivíduos. Portanto, a aquisição da linguagem é um processo ativo de descobertas e regras, verificação de hipóteses e como a família vivencia esse processo com seus membros é o tema deste trabalho, pois não pretendemos um estudo profundo do processo lingüístico, mas saber que ele está presente e de maneira significativa influencia os discursos.

Gomel (1997), estudou os discursos familiares e a transmissão geracional. Seu embasamento teórico vem da abordagem psicanalítica que muito enriquece os estudos da área familiar geracional.

Diz ela:

Existe uma interpretação entre o simbolismo social e o lingüístico, através dos sistemas língua e do parentesco. O homem ao nascer se humaniza e a partir da incorporação ao circuito das trocas, se desenvolve pelas palavras dos pais, o linguajar como sistema regulador, será desde o início uma intersubjetividade simbólica. Encontramos em os aspectos diferenciados: língua, código intersubjetivo, fala, execução lingüística girando em torno do código. (Gomel, 1997, p.43)²

²

"Existe una interpenetración entre el simbolismo social y el lingüístico a través de los sistemas de la lengua y del parentesco. La cría del hombre se humaniza a partir de su incorporación al circuito del intercambio, al ser nominada por la palabra de los padres; el lenguaje como sistema regulador sella desde el inicio una intersubjetividad simbólica. Encontramos en él dos aspectos diferenciados: lengua, código intersubjetivo, y habla, ejecución lingüística gravitando en torno del código."

Conforme a autora, a língua é uma instituição concedida a grupos, implica a intersubjetividade, regula as trocas porque obriga a comunicar e gira em torno de um código. Isto é algo que concordamos e observamos nas pessoas dentro da prática clínica, para melhor entendê-la, é feito um recorte para discorrer sobre o discurso sob a ótica de conceitos.

Segundo Silva; Silva (2005, p.101-105), com a pós-modernidade e o crescimento da interdisciplinaridade na história social, a Análise do Discurso tornou-se um método importante de pesquisa no Brasil, envolve disciplinas como: “(...) *Semiótica e a Lingüística que têm como objetivo: Interpretar o discurso, este definido como a forma por meio da qual os indivíduos proferem e apreendem a linguagem como uma atividade produzida historicamente determinada.*”

Os autores assinalam alguns cuidados: todo discurso possui uma ideologia e a língua permite ao indivíduo assimilar tal ideologia. Ideologia aqui é refletida, como a tendência que temos de atribuir uma única interpretação aos diversos significados de um discurso, como fala ou narrativa. Os significados presentes no imaginário de quem os elabora, diferem-se da análise de conteúdo que busca as informações trazidas pelo discurso.

Na análise do discurso, o importante é saber como o texto diz, o que diz, ou seja, como os elementos lingüísticos, históricos e sociais que o compõem e fazem sentido quando são olhados globalmente ou interligados.

Esta observação é relevante, pois vai de encontro com a análise que se tem de trabalhos dentro da área sistêmica que busca sempre como acontece uma análise contextual, histórica de significados, além de trabalhar com os significados individuais e grupais. Os autores citados afirmam que este cuidado deve ser em razão de: “(...) *a língua não é autônoma, e tanto ela como os indivíduos são muito afetados pelas condições sociais e pelo imaginário que os cerca*”. (Silva; Silva, 2005, p.102)

Conforme os autores, outros conceitos são importantes na compreensão do discurso: o imaginário e a memória “(...) *A memória coletiva guarda tudo o que já foi dito, tornando possível que possamos dizer tudo de novo, ou entender quando algo for dito por outro*”.

É importante apontar o fato da memória estar presente em um trabalho, que se preocupa com a intergeracionalidade e, portanto, trabalhar com as memórias, porque estas podem estar conectadas à afetividade. Os significados das palavras não são fixos e são apoiados em valores identificados na interpretação de cada um.

O discurso por definição vincular cria laço social e constitui-se em uma configuração do sentido articulador, do dito e do não dito (palavras, gestos, movimentos e ações).

Gomel cita:

(...) discurso familiar é o conjunto dos acontecimentos do decidir, efetivados em uma família, subsidiários do modo peculiar e restrito, mediante o qual a língua se realiza em fala e ditos desse contexto.”

(...) funciona como um dialeto caracterizado por um leque de traços idiossincráticos, sua compreensão é sempre parcial, assim como o consenso sobre as significações e o mal-entendido das estruturas. Vem das perspectivas ancestrais que fazem veicular o discurso familiar e via de regra a transmissão das gerações.(Gomel, 1997, p.44)³

Os clínicos têm um ouvir mais direcionado para esses discursos sobretudo para o que e como as famílias transmitem, por isso, concordamos com as falas de Gomel e Silva et al. de que todo discurso é reconhecido em sua constituição, como um canal diverso de transmissão: as palavras, dimensões estritamente lingüísticas e as mímicas, gestos, aspectos pára-lingüístico; contam também as condições concretas da intersubjetividade em seu caráter específico dos autores da comunicação verbal e um discurso direto constitui a técnica do diálogo.

Entendemos que, para Gomel (1997), os discursos familiares são classificados em modalidades, porém a opção para colocá-los em uma tabela foi nossa com a pretensão de uma melhor visualização e, para a colocação da observação que possibilita utilizar outra linguagem na

³“(...)denomino discurso familiar al conjunto de los acontecimientos del decir efectivizados en una familia, subsidiario del modo peculiar y restrictivo mediante el cual la lengua se realiza en habla en dicho contexto.”
“(...) funciona a la manera de un dialecto, caracterizado por un abanico de rasgos idiosincráticos. No se trata de una “lengua común,” noción ideológica en cuanto alude a una armonía imaginaria: la estructura intrínsecamente ambigua del lenguaje hace florecer rivalidades, enfrentamientos y poderíos. La comprensión es siempre parcial así como el consenso sobre las significaciones, y el malentendido es de estructura. Leído desde la perspectiva de los discursos ancestrales que ciñen el devenir vincular, el discurso familiar es vía regia de transmisión de lo generacional”. (Gomel,1997, p.44).

comparação dos dados observados. Dentro da abordagem sistêmica, foi usada a tabela com o intuito de trazer o discurso para uma linguagem mais coloquial empregada no cotidiano da prática clínica.

Tabela 5 - Modalidades de Discursos Familiares (adaptação)

Discursos	Características	Nossa Observação e comparação
Diálogo	Decodificação do valor semântico proporcional e proposicional do nível pragmático, entre receptor e emissor. Assegura discernimento e aceitação do princípio de realidade, condição estreitamente relacionada com a causalidade. Admissão a policausalidade, incluso o circular.	É o mais desejado pela família. O mais difícil de se conseguir.
Monológicos: A Violência Discursiva	Ato exercido sobre o outro desconhecedor de sua subjetividade e de suas conseqüências, atentado contra a lei que inscreve o sujeito tanto no social e vincular, remetendo a uma polaridade de vida e morte, na qual circulam fantasias de aniquilação. Imposição de uma relação fria e invariável entre significante e significado, anulando a pronúncia própria do linguajar.	Pode transmitir modelos afetivos de forma autoritária. (o falar consigo próprio)
Sagrado Autoritário	Independente dos conteúdos do enunciado senão de definir o interlocutor como praticamente ausente. Maioria de frases afirmativas do modo indicativo, ausência de perguntas, pobreza de figuras retóricas e pouco uso da condicional para suavizar as convicções. Propõe a existência de uma verdade única, o laço entre a própria subjetividade se enfurece.	Pode transmitir metas, mitos, rituais e crenças falsas.
Paradoxal	Um recurso teórico a serviço do humor, do imprevisto e do efeito poético, está incluso em nível paradoxal próprio do linguajar em sua cota de ambigüidade e confusão. Ambas as condutas: a hostil e a amistosa correspondem à ordem de mensagens diferentes, os sentimentos reais e os simulados: o efeito produzido é de perplexidade.	Pode ser ligado ao duplo vínculo. Ambíguo
Vazio	Há orações truncadas e palavras inaudíveis, entendiáveis, frases herméticas sobre as que nada ousa perguntar.	Pode ser ligado ao não dito familiar, os segredos.

Fonte: Gomel (1977, p.47) e arquivo pessoal da pesquisadora.

Dentro desses discursos, seria relevante enfatizar o igualitário, talvez o mais desejado entre os profissionais e membros familiares. Mas este é um discurso difícil que envolve outras dimensões consideradas profundas, tais como: social, cultural e até por que não dizer o histórico, que advém das relações e de suas crenças, do que se faz e fala, da união da linguagem verbal com a ação, intenção, comportamento, entre outros. Pensando como conseqüência de nossas atitudes, acrescentaria aqui o emocional (que sai com carga de amor, ira, enfim com sentimentos mais expressivos). Este poderia ser considerado um discurso afetivo.

Se a busca por um discurso mais igualitário é um valor familiar, este poderia vir de um diálogo do que vai se sentindo com base em outros discursos?

Neste sentido, podemos entender o movimento das gerações que traz os depositários de antepassados de uma época historicamente datados, modeladores das marcas de passagem no tempo e espaço, narradas e recontadas por seus membros como histórias vivenciadas, passando mensagens.

Estas marcas estariam impressas nas comunicações afetivas e poderiam ser pensadas como um conjunto de oferendas e legados que se movem e são repassados de uma geração a outra, porém, atentos para o fato de que esta é uma passagem dinâmica. Não podemos pretender que uma geração dá e a outra receba passivamente, pois esse processo recursivo de trocas e transmissão pode ocorrer mais bem assimilado, mas, com modificações naturais feitas pelas gerações.

Um exemplo disso na família acontece quando se transita nos papéis e funções que a família tem. Os avós, por exemplo, são os que podem permitir as trocas mais igualitárias e sinceras de afetividade dentro da família. Estes estão (dependendo da cultura) mais soltos da opressão social e, pela questão do tempo, podem aproveitar para ouvir, contar histórias, recontá-las para melhor assimilação, proporcionando, assim, uma transmissão da cultura, educação e valores com afetividade, entre outros.

Uma geração possui raízes, memórias, verdadeiros tesouros de conhecimento e sabedoria a espera de quem queira conhecê-los e a geração futura, no caso, as crianças têm o tempo, o ouvir, a curiosidade, a imaginação para questionar, além do tempo. São duas épocas que se encontram, duas culturas com grandes possibilidades de prevalecer os afetos e o diálogo, colocando possíveis distâncias entre rancores, mágoas, podendo, também, facilitar encontros e transmissões geracionais; poderia ser um diálogo de trocas mais igualitário que flui dentro de um processo comunicacional familiar intergeracional e a relação dos avós pode ajudar a mediar a dos pais.

Podemos pensar como no sistema familiar intergeracional estes discursos podem interferir a maneira do outro interpretar e sentir auxiliando na compreensão da transmissão da afetividade.

2.3 Diálogo

⁴*“As práticas dialógicas constituem práticas sociais que são produtos da histórias”*

diálogo como mais uma possibilidade de integração do sistema relacional familiar. Temos tratado o diálogo como uma forma simples, mas se nos basearmos nos estudos mais específicos de Costa, et al. (2005, p.33), que fundamentam seus estudos no modelo do diálogo, desenvolvido por William Isaacs, do *“Proyecto Dialogo del Centro de Aprendizaje Organizacional del MIT”* que o usaremos dentro do conceito de transferibilidade proposto também pela abordagem sistêmica, compreenderemos que formam uma complexidade na arte de relacionar.

Ao pressupor e idealizar que as famílias podem construir um diálogo mais igualitário, podemos fazer um recorte para compartilhar desses pensamentos e usar algumas dessas ferramentas para co-construir com as famílias uma melhor qualidade nas relações.

O diálogo passa por uma conversação e para isto algumas características de sua prática propostas pelas autoras foram levantadas, entre elas, aquelas que podem ser também utilizadas dentro dos sistemas familiares. No caso deste estudo, especificamente, algumas até foram causa de motivação como:

- disposição de um tempo;
- quatro práticas do diálogo: escutar, respeitar, dar voz, suspender;
- dar voz; pede que os membros do discurso falem na primeira pessoa do singular, mostrando compromisso com o que dizem;
- reconhecer os próprios sentimentos e pensamentos quando falar; entre outros.

⁴*As prácticas dialógicas constituyen prácticas sociales que son producto de la historia.*

- tolerância das diferenças;
- constituição do círculo de confiança;
- geração do sentido de pertencimento;
- a suspensão de meu ponto de vista para escutar o ponto de vista do outro;
- a abertura de espaço para indagar e abordar mais;
- a flexibilização das posições que permitam ampliar o horizonte;
- o espaço para outras posições, sem arriscar a estabilidade de cada um dos integrantes;
- sustentando o tempo e o espaço compartilhado;
- reconhecimento do outro e abertura da participação;
- afiançamento de um laço empático;
- facilitação da auto observação;
- disposição ao fluir significados;
- diálogo como uma estratégia para o desenvolvimento da mente coletiva;
- a mente coletiva existe e emerge na forma em que essas atividades se inter relacionam;
- instauração do pensar juntos (mente coletiva);
- metamorfose da identidade individual: constituição dos “*nossos*”;
- primazia do todo: co-existência do mesmo e do diferente;
- constituição do sujeito do diálogo;
- surgimento da ação no diálogo;
- não dar por certo as suposições sem a prévia elaboração de seu real significado;
- explicitar de maneira continua os desacordos, buscando sua compreensão;
- cultivar um vazio do pensamento que conduza a permanecer aberto e receptivo ao que o outro diz;
- conscientização do que significa haver participado no círculo completo do processo do diálogo. (pensar junto);

O uso de alguns desses critérios amplia a compreensão dos participantes do sistema familiar, portanto, gerar novas conversações e ações, inclusive, abrir possibilidades para uma melhor interação entre seus membros.

Compartilhamos com as idéias das autoras, porém, dentro da ótica familiar intergeracional focada na transmissão dos afetos.

Costa et al. (2005, p.33)⁵, citam: *“Não ignoramos que a circulação da palavra tem diferentes níveis, hierarquias e legitimação, porém também devemos reconhecer que todos conversam e que existem multiplicidades de textos, independentemente de que esses são escutados e ignorados”*.

Podemos pensar que no sistema familiar intergeracional, estes discursos podem interferir na maneira do outro interpretar e se sentir, auxiliando na compreensão da transmissão da afetividade.

2.4 Transmissão: da comunicação à afetividade

Neste estudo, a transmissão tem duplo sentido: um vinculado ao conceito de comunicação; pois uma das formas de se comunicar seria o processo de transmitir (como se transmite), sobretudo quando pensamos no conceito de intergeracionalidade que permite observações de modelos anteriores de padrões interacionais.

O outro sentido está ligado ao que se transmite dentro de um sistema familiar intergeracional, o conteúdo, no caso deste estudo, a afetividade.

A transmissão ainda pode ser vista como o repasse da linguagem dos sentimentos, a expressividade dos afetos e emoções.

No cotidiano, somos submetidos a situações que traduzem uma linguagem do dito e não dito que nos remete a interpretar ou arriscar uma opinião sobre determinadas pessoas, fatos, entre outros.

⁵
No ignoramos que la circulación de la palabra tiene diferentes niveles, jerarquías y legitimaciones, pero también debemos reconocer que todos conversan y que existen multiplicidades de textos, independentemente de que éstos sean escuchados o ignorados”. (p. 33)

Esta suposição ou afirmação é considerada quando levamos em conta a expressão facial, alterações fisionômicas, alterações de tom de voz, cadência de movimentos, ação incipiente na observação do outro que serve de referência às situações a que se é submetido.

Transpondo estas observações para um sistema familiar, pelo modo de se comunicar, podemos atribuir a um sujeito sentimentos, ou melhor, fazer uma previsão de certo comportamento do sentir e este se repetindo como padrão.

Às vezes, torna-se importante nomear e diferenciar alguns conceitos, neste caso, o da emoção e o estado de ânimo.

O estado de ânimo é mais geral e refere-se aos tipos de respostas passíveis de se manifestarem como, por exemplo; eufórico, alegre, desesperado, entre outros. Já, a emoção pode acontecer nos próximos minutos, desde que uma situação não mude como, por exemplo, amorosa, medrosa, colérica.

O fato das palavras que designam um sentimento predizerem um comportamento, significa que elas podem ser usadas de modo rigorosamente científico em seres humanos, mas as palavras vêm de uma avaliação obtida por meio de um tipo de comunicação.

No trabalho clínico, o valor preditivo dos sentimentos e emoções abertamente expresso é importante. É comum o outro querer expressar logo o que sente, mas não conseguir achar palavras ou, até mesmo, estar travado pelo pré-julgamento de que está errado o que vai falar, já travado no processo comunicacional por meio de medos ou talvez medo de rejeição.

Citar e entender mais especificamente as palavras, sentimentos, expressões, emoções já é uma complexidade relacionada com comunicação e expressividade dos sentimentos.

Dentro dos estudos de um trabalho clínico, o tema requer um cuidado para evitar um pré-julgamento, juízo de valores (embora isto possa ocorrer), mesmo que venha de uma análise classificatória científica. A necessidade de separar os conceitos e tentar entender o processo

comunicacional como objeto de estudo é fundamental, se pensarmos que o tempo todo recebemos e transmitimos mensagens.

Além disso, precisamos compreender os efeitos de discursos, às vezes, ambivalentes, vazios e acusatórios que ajudam a construir as narrativas e, conseqüentemente, o diálogo. Estes discursos vão sendo transmitidos como uma herança enigmática pelas famílias; muitas vezes, sem uma consciência do que podem introduzir nos processos do pensamento, dentro de um pressuposto da relação e sua recursividade!

Os discursos podem falar de sentimentos de amor, afeto, mas não fazem sentido sem o acompanhamento das atitudes. Existem discursos que não falam de afeto, mas têm manifestações afetivas na atitude do cotidiano relacional/lingüístico em que a família está inserida.

Dentro do processo de comunicação, repensar esses discursos é relevante quando podemos refletir sobre os afetos que podem ser transmitidos sem nada ser dito, mas, sentidos e interpretados pelo outro como uma mensagem causando significados.

Capítulo 3

MANIFESTAÇÕES

AFETIVAS NA

FAMÍLIA

Se dermos mais atenção [...] ao aumento da autoconsciência, a lidar mais eficientemente com nossos sentimentos aflitivos, manter o otimismo e a esperança apesar das frustrações, aumentar a capacidade de empatia e envolvimento, de cooperação e ligação social, o futuro pode ser mais esperançoso. (Goleman, 1995)

3.1 Construção das relações afetivas

Como cada família transmite ou está transmitindo as manifestações afetivas hoje?

As transmissões afetivas constituem padrões familiares intergeracionais?

Estas e outras questões que queremos responder com este trabalho referente ao tema afetividade, serão abordadas e interligadas com os aportes teóricos neste capítulo.

Ao transferimos esta reflexão para um recorte dentro da área clínica, especificamente, a familiar, seria importante refletir como o terapeuta ao atender um caso, preocupa-se em entender os aspectos afetivos da história familiar dos pacientes.

Para que isto ocorra, pensamos voltar no tempo e aos estudos de alguns teóricos que se interessaram em entender os afetos, sentimentos e as emoções e como elas se constituíram dentro de um sistema familiar.

Determinados conceitos foram importantes anexar ao capítulo, tais como: emoção, sentimentos, ligações afetivas, vínculos, entre outros, que permitiram a ampliação do olhar para poder compreender o interior do indivíduo e este em estado de relação.

Para melhor entender as bases da formação da afetividade dentro do sistema familiar, ou os aspectos que englobam o discernimento das emoções, sentimentos e afetos, recorreremos à Teoria do Apego desenvolvida por Bowlby (1969-1984).

O conhecimento e a distinção dos conceitos relacionados à Teoria do Apego, como matriz formadora da personalidade, permitem à pesquisadora maior facilidade de identificação, análise e interpretação dentro do estudo com famílias. Além disso, fundamentam e proporcionam a apropriação

do clínico, para se entender como se constroem as ligações afetivas, vínculos familiares e padrões afetivos formados por seqüências de demonstração de afetos. Ao mesmo tempo, nas manifestações afetivas além de uma possível transmissão de afetividade nas interações familiares, estas podem estar sendo estendidas às interações intergeracionais, constituindo os valores afetivos.

A Teoria do Apego está alicerçada em diversas áreas do conhecimento, como: etologia, biologia, psicologia e, mais especificamente, na área desenvolvimentalista, que possibilita diferentes olhares que contribuem para ampliar o entendimento da construção das interações familiares.

As pesquisas relacionais com mães/bebês possibilitam um entendimento pautado no início da interação relacional familiar.

Outros autores que ampliaram e empregaram a Teoria do Apego, como Shaffer (2005), escolhido pelo levantamento que fez na área do desenvolvimento emocional, atualiza e interconecta várias pesquisas de outras abordagens que foram consultadas. O autor comparou diferentes visões, entre elas:

- a) dos psicanalistas, como os primeiros enfatizadores das necessidades de conhecer mais as relações mãe/bebê e como eles se apegam;
- b) dos teóricos do desenvolvimento e da aprendizagem iniciando por Erik Erikson que seguiram os passos de Freud, concluíram que os cuidadores exercem um importante papel no desenvolvimento emocional;
- c) dos etologistas que apontam que os bebês são participantes ativos no processo de formação de relações de Apego, permitindo respostas pré-programadas que lhes permitem promover as interações, das quais o Apego se desenvolve e, por último,
- d) dos teóricos cognitivos que mostram os períodos de formação de apegos emocionais e estes relacionados ao nível de desenvolvimento cognitivo da criança.

Dentro da abordagem cognitiva clínica, um brasileiro que se destaca no estudo do apego é Abreu (2005, p.15), para quem: “*Um dos aspectos centrais das questões pertinentes ao ‘Apego’ é que, quando esta dimensão é de alguma forma alterada, ela suscitará mudanças na auto imagem*”.

Se comparados com a abordagem sistêmica, os dois olhares encontram-se na mesma reflexão, podendo interferir no processo terapêutico, que tem um olhar de amplitude para abarcar o processo de construção da realidade pessoal e familiar.

Abreu menciona que:

(...) tais aspectos estão presente desde o desenvolvimento psicológico da primeira infância (por meio de uma interdependência e reciprocidade dos ritmos psicofisiológicos estabelecidos entre a criança e seu cuidador), chegando por final a favorecer o ordenamento e a organização da percepção de si mesmo e do mundo. (Abreu, 2005, p.16).

Portanto, a afetividade é um fator que contribui com esta organização.

Neste sentido, Bowlby (1997), fala das interações entre crianças e cuidadores, criança e meio que criarão marcas fundamentais na personalidade futura do indivíduo.

Acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver melhor seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existem uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades. (Bowlby, 1997, p.139).

Assim, os aspectos emocionais de vinculação transformam-se em manifestações afetivas, compostas por repetições de certas emoções, que podem converter-se em uma forma que gostaríamos de chamar de “*consciência afetiva*” (grifo nosso) que, analogicamente, na Teoria do Apego seria compreendida, como o modelo organizador da construção interna de significados que formam os modelos mentais e ser utilizada em todas as áreas relacionais, inclusive, na relação consigo mesmo, formando assim um estilo de relacionar que se pode manter ao longo das experiências da vida.

Para Bowlby, (1997, p.96), “(...) o primeiro e mais persistentes de todos os vínculos é geralmente entre mãe e seu filho pequeno, um vínculo que frequentemente persiste até a vida adulta.”

Compreendemos que esta vinculação ocorre também entre a criança pequena e cuidadores, caso haja impedimento da relação mãe e filho.

Bowlby (2002, p. 70), menciona que: “As modificações que o homem realiza em seu meio ambiente são de caráter diferente. Nenhuma é produto de um comportamento instintivo; pelo contrário, cada uma delas é produto de alguma tradição cultural, apreendida de novo, às vezes, laboriosamente, por membros de cada nova geração.”

Após ouvir o discurso contextual de um dos membros da família entrevistada, sobre vinculação e sentimentos trazidos de antepassados as outras gerações, observou-se que a manifestação dentro de uma cultura pode nos interconectar com o que os etólogos apontam.

Carvalho em seu artigo: “*Em busca da natureza do vínculo: uma reflexão psicoetológica sobre os grupos familiares e redes sociais*”, refere-se a respeito do vínculo:

(...) um primeiro conceito supra-individual que pode ter valor heurístico para a análise dos processos sociais humanos em suas dimensões psicológicas. O que propomos em continuidade é a noção de rede social, no sentido de rede de vínculos.

(...) ampliando-a através dos grupos - seja grupos de pares, a família, ou outros - como a malha ou nós de uma rede na qual o indivíduo se situa, que ele constitui, cada um de nós se constitui, em si mesmo, uma rede com propriedades e características próprias. (Carvalho, 2005, p.8)

A autora que é citada em estudos brasileiros etológicos, continua:

(...) convém contemplar os mecanismos comuns à família humana sob todas as suas manifestações para encontrar a estrutura profunda de sua naturalidade. Sem descartar a variabilidade histórica e cultural das formas familiares, nem as dimensões político-econômicas das relações sociais, o que pretendo sugerir aqui é o papel do vínculo afetivo como componente da socialização humana, como elemento estrutural subjacente à variabilidade das formas familiares e de relações extrafamiliares (rede social mais ampla). (Carvalho, 2005, p.4)

A observação e a sensibilização de estudiosos, mesmo advindas de outras áreas, têm chamado nossa atenção sobre a importância do vínculo afetivo não só no sistema familiar, mas também dentro de seu contexto social. Uma ampliação na compreensão da transmissão de vínculos afetivos pode ajudar na conscientização, mas, precisamos estar atentos às relações familiares.

Atualmente, presenciamos nas ciências humanas uma compreensão para estudar aspectos mais amplos de necessidade da vinculação humana na saúde mental e social.

Neste sentido, a teoria do Apego possibilita um diálogo interdisciplinar, fator relevante que vai de encontro aos estudos sistêmicos e indispensáveis ao ambiente em que esta pesquisa está sendo desenvolvida, situando as redes interpessoais em contextos socioculturais e históricos.

Por fim, Carvalho enfatiza que:

(...) em primeiro lugar, parece não haver, em qualquer contexto de vida humana, a possibilidade de uma ausência total de vinculação. (p. 6)
(...) em segundo lugar, a noção de vínculo afetivo não implica juízo de valor moral: o vínculo pode ser carregado de afeto positivo ou negativo, pode envolver sofrimento, abuso e violência – mas continua sendo, mesmo em condições extremas, mecanismo de identidade e lugar no mundo. (Carvalho, 2005, p.6)

As palavras de Carvalho confirmam a importância dos vínculos para o homem e fundamentam a necessidade dos estudos sobre vinculação afetiva, como é nosso objetivo nesta pesquisa.

Shaffer (2005); Elkman apud Goleman (1995), aprofundaram-se nos estudos da área emocional e outros autores na mesma linha permitiram uma visão mais holística do assunto, ampliando o olhar da pesquisadora, esclarecendo conceitos relacionados ao tema central deste estudo, que é a afetividade.

3.2 Emoções

As emoções, os sentimentos e os afetos promovem o desenvolvimento emocional desde a infância até a fase adulta, no que se refere aos relacionamentos. No entanto, a intenção não é esgotar o assunto, mas fazer recortes que permitam um breve entendimento.

Segundo Michaelis, emoção significa:

(...) Ato de mover (psiquicamente); Psicol. Complexo estado moral que envolve modificações da respiração, circulação e secreções, bem como repercussões mentais de excitação ou depressão; nas emoções intensas as funções intelectuais deperecem ou se desorganizam; Comoção, abalo (sentido físico ou moral). (Michaelis, 1998, p.784)

Emocional: “(...) relativo à emoção; que tem ou revela emoção; emotivo. Emocionante: *sm* 1 emotivo. 2 Aspecto subjetivo que certos fatos ou idéias possuem, capaz de provocar emoção”.

Este tópico é direcionado à fala das ligações emocionais que exploram os processos que geram laços afetivos íntimos. Observamos que os tipos de apego que as crianças podem sentir causam implicações importantes em seu futuro desenvolvimento social, emocional e intelectual.

Shaffer estudou o desenvolvimento emocional na infância e usou o conceito que denomina de “*Apego emocional*” (grifo nosso) e parte das indagações:

Os bebês têm sentimentos? Eles vivem e demonstram emoções como felicidade, tristeza, medo e raiva do mesmo modo que as crianças mais velhas e os adultos? A maior parte dos pais pensa que sim. Em um estudo, mais da metade das mães de bebês de um mês de vida afirmaram que seus bebês demonstravam ao menos cinco expressões emocionais diferentes: interesse, surpresa, alegria, raiva e medo (Johnson et al. 1982)(Shaffer, 2005, p.377).

Hoje existem evidências confiáveis de que mesmo bebês muito novos são criaturas emocionais

Para o autor (p. 377) citados muitos pesquisadores como “(Camras et al. 1992; Izard et al. 1995)”, acreditam e concordam com o fato de que “(...) os bebês são capazes de comunicar uma variedade de sentimentos por meio de suas expressões faciais e que tais expressões tornam-se gradativamente sinais característicos de determinadas emoções”.

Estas emoções preparam o organismo para lidar com os estímulos que as provocaram, potencializando o desenvolvimento de capacidades que facilitam a adaptação e têm a função de focar nossa atenção para lidar com as ações, ou seja, as expressões têm a função de sinalizar.

Shaffer categoriza as manifestações das emoções já em bebês que contribuem para esta compreensão.

São elas:

Tabela 6 - Expressões faciais dos bebês

<i>Bebês jovens demonstram uma variedade de expressões faciais</i>	
Interesse	Sobrancelhas erguidas; boca pode estar redonda; lábios podem estar abertos.
Medo	Boca retraída; sobrancelhas erguidas e abaixadas; pálpebras levantadas.
Nojo	Língua para fora; lábio superior para cima; nariz enrugado.
Alegria	Olhos brilhando, bochechas levantadas; boca esboçando um sorriso.
Tristeza	Cantos da boca para baixo; porção interna das sobrancelhas erguida.
Raiva	Boca semifechada nos cantos; sobrancelhas unidas e apontadas para baixo; olhos fixos frente.

Fonte: Shaffer (2005, p.377).

Tabela 7 - Divisão sobre as emoções

Tipos de Emoções	Definição
Emoções Primárias (ou básicas)	Conjunto de emoções presentes no nascimento ou que emergem entre o segundo e o sétimo mês de vida, raiva, tristeza, alegria, surpresa e medo.
Emoções Secundárias (ou complexas)	Conjunto de emoções presentes no nascimento ou que aparecem durante o segundo ano de vida, embaraço, vergonha, culpa, inveja e orgulho.

Fonte: Shaffer (2005, p.377-378).

Durante os dois primeiros anos de vida, as crianças apresentam várias emoções no nascimento, demonstram interesse, dor, nojo e contentamento (Shaffer, 2005).

O desenvolvimento da auto-regulação emocional consiste em estratégias para lidar com as emoções, ou seja, ajustá-las a um nível de intensidade apropriada, de acordo com a sinalização imposta pela cultura e esta pode definir e especificar quais emoções deve e quais não devem ser expressas em determinadas circunstâncias.

Shaffer (2005), considera que, entre o segundo e o sétimo mês de vida, outras emoções básicas aparecem, como: raiva, tristeza, alegria, surpresa e medo que poderiam ser chamadas de *emoções primárias (ou básicas)* (grifo do autor). Os autores citam que acreditam que estas emoções emergem em todos os bebês normais nas mesmas idades e são interpretadas de modo similar em todas as culturas.

As emoções secundárias (ou complexas) aparecem no segundo ano de vida e as crianças demonstram embaraço, vergonha, culpa, inveja e orgulho. Estes sentimentos podem ser denominados também como “*emoções autoconscientes*”, pois cada uma envolve algum dano ou intensificação no sentido de self. Talvez pudessem ser chamadas de emoções sociais, já que se regulam em um universo de relações mais amplas.

A tabela a seguir contribui com uma síntese das idades nas quais as expressões ocorrem nas crianças com seus cuidadores:

Tabela 8 - Visão geral sobre o desenvolvimento emocional

<i>Idade</i>	<i>Expressões/adaptações emocionais</i>	<i>Compreensão emocional</i>
0 – 6 meses	Aparecem todas as emoções primárias; Demonstrações de emoções positivas são encorajadas e tornam-se mais comuns; Tentativas para regular emoções negativas através da sucção ou afastando-se do observado.	A criança é capaz de discriminar expressões sociais, tais como alegria, raiva e tristeza.
7 – 12 meses	Emoções primárias como a raiva, medo e tristeza tornam-se mais aparentes; A auto-regulação emocional melhora à medida que a criança se balança, morde objetos, ou afasta-se de estímulos estressantes.	Melhora o reconhecimento das emoções primárias nos outros; Surge a referência social.
1 - 3 anos	Aparecem as emoções secundárias (autoconscientes); A regulação emocional melhora quando a criança busca se distrair ou tenta controlar um estímulo que a incomoda, ou controla-lo.	As crianças começam a falar sobre e a representar suas emoções; Surge a resposta simpática.
3 - 6 anos	Aparecem e são refinadas as estratégias cognitivas para a regulação das emoções; Surge algum tipo de disfarce das emoções e submissão às regras emocionais.	A criança usa os movimentos corporais expressivos para reconhecer as emoções; A compreensão das causas externas e conseqüências das emoções melhora; A resposta empática torna-se mais comum.
6 - 12 anos	Melhora a submissão às regras emocionais; As emoções autoconscientes tornam-se mais interligadas aos padrões internalizados de comportamentos considerados “certos” ou “competentes”;Estratégias de auto-regulação (inclusive aquelas que permitem a identificação de emoções quando apropriado) tornam-se mais variadas e mais complexas.	A criança integra os sinais internos e externos para compreender a emoção alheia; A resposta empática fica mais forte; A criança passa a perceber que as pessoas podem diferir em suas reações emocionais frente a um mesmo evento; Compreender que os outros podem experimentar emoções mistas.

Fonte - Shaffer (2005, p. 383).

Neste sentido, os estudos sobre a família ajudam a perceber o quanto é relevante a co-construção do sistema emocional dentro do contexto familiar e no contexto intergeracional, caminhando juntos na transmissão de mensagens e como isto pode afetar os possíveis relacionamentos futuros.

Conforme as crianças crescem, tornam-se mais falantes e começam a discutir seus sentimentos. Os pais e conhecidos próximos ajudam a lidar de modo funcional com suas emoções

no contexto onde ocorrem, ajudando a entender suas experiências de medo, frustração ou decepção, alegria entre outros estados emocionais e sentimentos, ensinando a regular as emoções.

As emoções que permeiam o cotidiano da família, são vivenciadas pelos seus membros e podem constituir-se em padrão familiar que fará parte da complexidade afetiva familiar.

3.3 Sentimentos

Para Bowlby, o sentimento é expresso nas ações do ser humano, ou seja, na postura, tom de voz alterações fisiológicas de movimento, independente do querer, assim podem ser consideradas as situações em que acontecem e conclui que:

Para o indivíduo que sente, o que é sentido é um reflexo de como ele está avaliando o mundo e a si mesmo, de como avalia determinadas situações e que tipos de situações e que tipos de comportamentos estão, de tempos em tempos, sendo ativados dentro dele. Assim, para o indivíduo, o sentimento proporciona um serviço de monitoria de seu estado comportamental (assim como seu estado fisiológico). Tudo isso ele poderá registrar e, relatar; e, na medida em que pode fazê-lo, adotará naturalmente a linguagem do sentimento. (Bowlby, 2002, p.149)

Ao escrever sobre os sentimentos e como o indivíduo sente e a avaliação que faz diante das situações, Bowlby remete-nos a um olhar sistêmico, no qual a recursividade acontece na relação, ou seja, o que um faz, o outro sente e provoca uma reação naquele que faz (outro sentimento). Enfim, é um reflexo de como ele vai sentindo e avaliando o mundo e também de como o sistema familiar vai sentindo e avaliando esse mesmo mundo.

A família transmite e manifesta essas mensagens por meio de comportamentos como: palavras, não ditos e rituais cotidianos e vai co-construindo esses estados comportamentais.

Consideramos relevante ampliar os conceitos sobre os sentimentos, tema que embasa o estudo da afetividade.

No dicionário Michaelis, os sentimentos são considerados como algo amplo e dividido em

12 sub itens:

(...) Ação ou efeito de sentir; Faculdade ou capacidade de sentir, de receber impressões mentais; Sensação psíquica, tal como as paixões, o pesar, a mágoa, o desgosto etc; Disposição para ser facilmente comovido ou impressionado; Emoção terna ou elevada, tal como o amor, a amizade, o patriotismo; Atitude mental a respeito de alguém ou de alguma coisa; Sentimento de estima, de respeito, de ódio, do dever; Exibição ou manifestação de sensibilidade ou sentimentalismo, ou propensão às emoções temas em literaturas, arte ou música; Pressentimento suspeita; Opinião; Faculdade intuitiva de perceber ou apreciar as qualidades ou méritos de uma coisa. Dotado do sentimento de belo; Conjunto de emoções; Conhecimento imediato. (Michaelis,1998, p.1920)

Elkman apud Goleman (1995 p. 306), foi outro autor que se dedicou aos estudos da inteligência emocional e discorreu a respeito da intensidade e manifestação dos sentimentos que permitem tipos de diferenciação e identificação. Assim, na seqüência de resposta rápida, o sentimento parece precedê-la ou estar junto simultaneamente, sobretudo nos fatores de sobrevivência primal. Refere, também, que: “(...) *nossos sentimentos mais intensos advêm das reações involuntárias como o AMOR; IRAS; RECEIOS*”.

Conforme o autor quatro sentimentos foram detectados, por meio de expressões faciais, sendo reconhecidos por povos de culturas diferentes e universalizados, sendo: “MEDO; IRA; TRISTEZA e ALEGRIA”. Porém, seus estudos os amplia para oito tipos e os classificam, como se fosse uma família de sentimentos que tem principais núcleos e dali partem ondas de incontáveis mutações.

A seguir, a tabela apresenta esta família de sentimentos.

Tabela 9 - Famílias de Sentimentos (adaptação)

IRA	Fúria, revolta, ressentimento, raiva, exasperação, indignação, vexame, acrimônia, animosidade, aborrecimento, irritabilidade, hostilidade e talvez em extremo, ódio e violência patológicos.
TRISTEZA	Sufrimento, mágoa, desânimo, desalento, melancolia, autopiedade, solidão, desamparo, desespero e, quando patológica, severa depressão.
MEDO	Ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, cautela, escrúpulo, inquietação, pavor, susto, terror, e como psicopatologia, fobia e pânico.
ALEGRIA	Prazer, felicidade, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, prazer sensual, emoção, arrebatamento, gratificação, satisfação, bom humor, euforia, êxtase e, no extremo, mania.
AMOR	Aceitação, amizade, confiança, afinidade, dedicação adoração, paixão, ágape.
SURPRESA	Choque, espanto, pasmo, maravilha.
NOJO	Desprezo, desdém, antipatia, aversão, repugnância, repulsa.
VERGONHA	Culpa, vexame, mágoa, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação e contrição.

Fonte – Elkman apud Goleman (1995, p.305-306).

Os sentimentos formam nossas reações e estas, por sua vez, colorem e definem nossa percepção de mundo; portanto, constituem a linguagem dos sentimentos no mundo em que vivemos, sendo o modo que nos relacionamos com nós mesmos e nos comunicamos com os outros.

No capítulo, utilizamos várias vezes o termo sentimento e o catalogamos como algo significativo, mas consideramos relevante refletir sobre o que ele significa neste trabalho, a experiência e o experimentar andam conectados e, por isso, sempre em contato com o que você está sentindo. Para nós, a experiência significa a maneira pela qual entramos em contato com o que estamos sentindo, pois, para ter a experiência de alguma coisa – você precisa senti-la!

Parece tão simples que o fazemos automaticamente e com isto, às vezes, ocorre uma banalização, como consequência da força do hábito ou de seu desconhecimento; observamos que muitos de nós não nos permitimos sentir e, até mesmo, entender o que estamos sentindo ou nomear o tipo de sentimento, o que atrapalha muito ao tentar comunicar aos outros o modo como se sente e o tipo de sentimento (amor, afeto, alegria, tristeza, mágoa e raiva).

Sua experiência poderá proporcionar-lhe uma boa sensação ou não que poderá ter uma consequência e provocar uma confusão mental.

Por outro lado, às vezes, não vivemos plenamente a experiência dos sentimentos que a vida está proporcionando naquele momento, ainda mais se estes são desagradáveis.

Às vezes, podemos re-significar a sensação de estar sozinho (sentir-se, só), que pode estar relacionada com a maneira como os sentimentos são experienciados que nos levam a pensar na incoerência das relações dentro de um cotidiano.

O tempo para experimentar, experienciar, sentir (sensação), elaborar e nomear pode ser prejudicado pelo excesso de informação ou ausência de espaço para “o ouvir” nas relações familiares e, portanto, sofrer tais conseqüências.

Para melhor clareza da quantidade, diversidade e tipos de sentimentos, apresentamos uma lista dos mesmos, catalogados com definições baseadas em dois dicionários.

LEGENDA
<i>Sentimentos catalogados na Wikipédia (site)</i>
<i>Sentimentos catalogados no Dicionário Eletrônico Michaelis.</i>

Tabela 10 – Definição de alguns sentimentos

<p>Aborrecimento: s. m. 1. Ação ou efeito de aborrecer. 2. Desalento, desgosto. 3. Fastio, indisposição. 4. Repugnância, tédio.</p>
<p>Aceitação: A palavra aceitação é utilizada em diversas circunstâncias e pode referir-se a diversas realidades: A um acordo entre várias partes, num contrato; À resignação de um indivíduo perante uma realidade adversa; À procura, por parte de um público-alvo, de um determinado bem económico ou cultural.</p>
<p>Acrimônia: s. f. 1. Acidez, azedume. 2. Aspreza.</p>
<p>Adoração: s. f. 1. Ato de adorar. 2. Culto a uma divindade. 3. Amor excessivo. 4. Culto, reverência.</p>

<p>Afinidade: s. f. 1. Qualidade de afim. 2. Parentesco que um cônjuge contrai com a família do outro cônjuge. 3. Conformidade, conexão, relação, semelhança. 4. Biol. Semelhança na estrutura ou no desenvolvimento entre espécies ou grupos superiores, que indica origem comum.</p>
<p>Alegria: Alegria, prazer, júbilo, contentamento ou felicidade representam um sentimento humano de bem-estar, euforia, empolgação, paz interna. O oposto de alegria é tristeza.</p>
<p>Alívio: s. m. 1. Ato ou efeito de aliviar(-se). 2. Diminuição de peso, dor, trabalho etc. 3. Descanso. 4. Consolo.</p>
<p>Altruísmo: s. m. Amor ao próximo; abnegação, filantropia.</p>

Angústia: s. f. (lat angustia) 1 Espaço reduzido: estreiteza. 2 Carencia, falta: angústia de tempo. 3 Aperto de coração, estado de exagerada ansiedade. 4 Med Estenose. 5 Aflição, sofrimento.

Amizade: s. f. 1. Sentimento de afeição. 2. Estima. 3. Benevolência, bondade.

Amor: A palavra amor possui diversos significados. A palavra original grega mais frequentemente usada para se referir ao amor é ágape. Essa palavra refere-se ao amor desprovido de interesse, do tipo que se tem ou se deve ter por qualquer pessoa. É o tipo de amor que tem relação com o caráter da própria pessoa e a motiva a amar (no sentido de querer bem e agir em prol) até a seus próprios inimigos. É o amor que nos impele a fazer o bem sem importar a quem. Em grego, há outras palavras, cada qual denotando o amor em um sentido específico. Amar também tem o sentido de gostar muito, sendo assim possível amar qualquer ser vivo ou objeto.

Filia: O amor do tipo filia é aquele sentimento que nos impele a amar os nossos parentes mais achegados. Esse amor é o sentimento que existe naturalmente nas famílias. O amor que os pais sentem naturalmente pelos filhos e vice-versa.

Eros: O amor do tipo eros é aquele amor romântico que, uma pessoa sente por outra. É o amor que tem muito a ver com atração física. É esse tipo de amor que normalmente, compele as pessoas a manter um relacionamento amoroso continuado. Nesse sentido, também é sinônimo de relação sexual.

Pragma: Como diz o nome, é o estilo que prioriza o lado prático das coisas. O indivíduo avalia todas as possíveis implicações antes de embarcar num romance. Se o namoro aparente tiver futuro, ele investe. Se não, desiste. Cultiva uma lista de pré-requisitos para o parceiro ou a parceira ideal e pondera muito antes de se comprometer. Procura um bom pai ou uma boa mãe para os filhos e leva em conta o conforto material. Está sempre cheio de perguntas. O que será que minha família vai achar? Se eu me casar, como estarei daqui a cinco anos? Como minha vida vai mudar se eu me casar.

Ágape: Em grego, significa altruísmo, generosidade. A dedicação ao outro vem sempre antes do próprio interesse. Quem pratica esse estilo

de amor, entrega-se totalmente à relação e não se importa em abrir mão de certas vontades para a satisfação do ser amado. Investe constantemente no relacionamento, mesmo sem ser correspondido. Sente-se bem quando o outro demonstra alegria. No limite, é capaz até mesmo de renunciar ao parceiro se acreditar que ele pode ser mais feliz com outra pessoa.

Storge: É o nome da divindade grega da amizade. Por isso, quem tende a ter esse estilo de amor valoriza a confiança mútua, o entrosamento e os projetos compartilhados. O romance começa de maneira tão gradual que os parceiros nem sabem dizer quando exatamente. A atração física não é o principal. Os namorados-amigos não tendem a ter relacionamentos calorosos, mas, sim, tranquilos e afetuosos. Preferem cativar a seduzir. E, em geral, mantêm ligações bastante duradouras e estáveis. O que conta é a confiança mútua e os valores compartilhados. Os amantes do tipo storge revelam satisfação com a vida afetiva.

Animosidade: s. f. Aversão persistente; malquerença.

Ansiedade: Ansiedade é uma característica biológica do ser humano, que antecede momentos de medo, perigo ou de tensão, marcada por sensações corporais desagradáveis, tais como uma sensação de vazio no estômago, coração batendo rápido, nervosismo, aperto no tórax, transpiração, etc. Todas as pessoas podem sentir ansiedade, principalmente com a vida atribulada atual. A ansiedade acaba tornando-se constante na vida de muitas pessoas. Dependendo do grau ou frequência pode se tornar patológica e acarretar muitos problemas posteriores.

Antipatia: s. f. Sentimento instintivo de aversão a alguém ou a alguma coisa. Antôn.: simpatia.

Apavorado: adj (part de apavorar) Espavorido.

Apreensão: s. f. 1. Ato ou efeito de apreender. 2. Ação de retirar pessoa ou coisa do poder de alguém. 3. Preocupação, receio, temor. 4. Desassossego do espírito por temor do futuro. 5. Filos. Ação de captar intelectualmente a idéia de um objeto.

Arrebatamento: s. m. Ato ou efeito de arrebat(-se)

Arrependimento: O arrependimento é uma mudança de mente e coração que dá uma nova visão de si mesmo dos outros e da vida.emoção humana experienciada por alguém que cometeu uma ação e posteriormente, culpa-se por ter cometido esta ação. É caracterizada por sentimentos de culpa, baixo níveis de auto-estima e pela vontade de reverter a ação cometida anteriormente.

Atitude: s. f. 1. Modo de ter o corpo; postura. 2. Norma de proceder ou ponto de vista, em certas conjunturas. 3. Disposição interior, maneira de enfrentar um problema. 4. Afetação do comportamento: A. de indiferença. 5. Zootéc. Aspecto do animal inativo ou em repouso.

Aversão: s. f. 1. Repugnância invencível. 2. Animosidade, antipatia

Avidez: (ê), s. f. 1. Voracidade. 2. Cobiça, sofreguidão. 3. Ambição de riquezas; ganância. 4. Avareza.

Bondade: Bondade: s. f. 1. Qualidade de bom. 2. Boa índole. 3. Favor, mercê.

Cautela: s. f. 1. Cuidado, precaução, previdência. 2. Certificado de um título de propriedade (ação). 3. Título que representa tantas ações quantas indicar.

Choque: s. m. 1. Embate de dois corpos, impacto; colisão. 2. Encontro violento de forças militares. 3. Antagonismo, conflito, oposição. 4. Comoção, abalo emocional. 5. Sensação produzida por uma descarga elétrica.

Ciúme: Ciúme é um sentimento de zelo por algo ou alguém. Há o ciúme doentio que faz com que o objeto do zelo seja de tal forma protegido que chega ser sufocado. Este tipo de ciúme pode levar a agressões. O ciúme causa uma sensação de angústia na pessoa que enxerga o objeto do ciúme sendo usurpado ou vilipendiado.

Compulsão: s. f. Ato de compelir.

Confiança: s. f. 1. Sentimento de quem confia. 2. Segurança íntima com que se procede. 3. Crédito, fé. 4. Boa fama. 5. Esperança firme. 6. Familiaridade. 7. Pop. Atrevimento.

Confuso: adj (lat confusu) 1 Confundido, misturado, revoltado. 2 Incerto, indistinto, obscuro. 3. Desordenado. 4 Embaraçado, enleado, envergonhado, perplexo.

Consternação: s. f. Ato ou efeito de consternar(-se)

Constricção: s. f. 1. Pressão circular que diminui o diâmetro de um objeto. 2. Aperto, embaraço.

Contentamento: s. m. Estado de quem está contente; alegria, satisfação.

Coragem: s. f. 1. Força ou energia moral ante o perigo. 2. Intrepidez, ousadia.

Criativo: Adj. Criador (3). § Criatividade, s. f.

Culpa: Culpa se refere-à responsabilidade dada à pessoa por um ato que provocou prejuízo material, moral ou espiritual a si mesma ou a outrem. O processo de identificação e atribuição de culpa pode se dar no plano subjetivo, intersubjetivo e objetivo.No sentido subjetivo, a culpa é um sentimento, que se apresenta à consciência quando o sujeito avalia seus atos de forma negativa, sentindo-se responsável por falhas, erros e imperfeições. O processo pelo qual se dá essa avaliação é estudado pela Ética e pela Psicologia.No sentido objetivo, ou intersubjetivo, a culpa é um atributo que um grupo aplica a um indivíduo, ao avaliar os seus atos, quando esses atos resultaram em prejuízo a outros ou a todos. O processo pelo qual se atribui a culpa a um indivíduo é discutido pela Ética, pela Sociologia e pelo Direito.

Curiosidade: s. f. 1. Qualidade ou caráter de curioso. 2. Objeto raro ou original.

Deleite: s. m. 1. Delícia, gozo. 2. Prazer suave e demorado. 3. Voluptuosidade.

Depressão: s. f. 1. Ação de deprimir-se. 2. Abaixamento de nível. 3. Anat. Achatamento ou cavidade pouco profunda. 4. Abatimento

(físico ou moral).

Desalento: s. f. 1. Ação de deprimir-se. 2. Abaixamento de nível. 3. Anat. Achatamento ou cavidade pouco profunda. 4. Abatimento (físico ou moral).

Desamparo: s. m. Falta de amparo, de proteção.

Desânimo: s. m. Falta de ânimo; desalento

Desdém: s. m. 1. Ato ou efeito de desdenhar; desprezo com orgulho. 2. Altivez, arrogância

Desespero: (ê), s. m. 1. Ato ou efeito de desesperar; desesperação. 2. Aflição, ânsia. 3. Ódio, cólera. 4. Contrariedade. 5. Coisa que faz desesperar.

Desprezo: (ê), s. m. 1 Falta de apreço; desdém. 2 Sentimento que transporta o espírito acima da cobiça.

Dignidade: s. f. 1 Modo de proceder que infunde respeito. 2 Elevação ou grandeza moral. 3 Honra. 4 Autoridade, gravidade. 5 Decência, decoro.

Diversão: s. f. 1. Desvio do espírito para coisas diferentes das que o preocupam. 2. Distração, passatempo, recreio.

Egoísmo: s. m. 1. Qualidade de egoísta. 2. Amor exclusivo a si próprio

Emoção: s. f. Perturbação súbita ou agitação passageira causada pela surpresa, medo, alegria etc.

Emulação: s. f. 1. Sentimento que incita a imitar ou a exceder outrem. 2. Estímulo. 3. Rivalidade.

Embaraçador: (ô), adj. e s. m. Que, ou aquele que embaraça.

Enganado: adj. 1. Que se enganou. 2. Iludido, ludibriado. S. m. Pessoa enganada.

Entusiasmo: s. m. 1. Excitação da alma quando admira excessivamente. 2. Arrebatamento. 3. Paixão viva; dedicação. 4. Alegria ruidosa. 5.

Exaltação criadora; estro

Escrúpulo: s. m. 1. Ansiedade de consciência no julgamento dos próprios atos. 2. Meticulosidade no cumprimento do dever. 3. Delicadeza de caráter

Espanto: s. m. 1. Ato ou efeito de espantar. 2. Medo excessivo; susto, terror. 3. Pasma, admiração. 4. Coisa imprevista. 5. Surpresa.

Especial: adj. m. e f. 1. Relativo a uma espécie. 2. Peculiar de uma coisa ou pessoa; exclusivo. 3. Fora do comum; excelente, notável. 4. Superior. 5. Distinto.

Exasperação: (z), s. f. 1. Ato ou efeito de exasperar. 2. Desespero. 3. Irritação.

Excitado: adj. Que sofre ou sofreu excitação.

Êxtase: s. m. 1. Psicol. Estado de alma em que os sentidos se desprendem das coisas materiais, absorvendo-se no enlevo e contemplação interior. 2. No culto grego de Dioniso, estado de inspiração e entusiasmo religioso.

Euforia: s. f. Med. Sensação de bem-estar, resultante de saúde perfeita, do uso de drogas ou estupefacientes ou de estados mórbidos.

Felicidade: s. f. 1. Qualidade ou estado de feliz. 2. Ventura. 3. Bom êxito.

Fobia: s. f. 1. Med. Nome genérico das várias espécies de medo mórbido. 2. Aversão a alguma coisa.

Frivolidade: s. f. Qualidade de frívolo.

Fúria: s. f. 1. Acesso violento de furor. 2. Cólera, ira, raiva. 3. Ímpeto de valentia. 4. Excesso provocado pela paixão. 5. Forte arrebatamento de ânimo. 6. Entusiasmo, fervor.

Gratificação: s. f. 1. Ato ou efeito de gratificar. 2. Retribuição de serviço extraordinário.

Harmonia: s. f. 1. Mús. Concordância ou sucessão de diversos sons agradáveis ao ouvido. 2. Mús. Sistema que tem por objetivo o emprego de sons simultâneos. 3. Disposição bem

equilibrada entre as partes de um todo. 4. Concordância de sentimentos entre pessoas, dentro de um grupo.

Hipocrisia: s. f. Manifestação de fingidas virtudes, sentimentos bons, devoção religiosa, compaixão etc.; fingimento, falsidade.

Honestidade: s. f. 1. Qualidade de honesto. 2. Honradez, probidade. 3. Decoro. 4. Castidade, pudor, recato.

Hostilidade: s. f. 1. Qualidade de hostil. 2. Ação de hostilizar(-se)

Humilhação: s. f. 1. Ato ou efeito de humilhar(-se). 2. Abatimento, submissão.

Idealismo: s. m. 1. Tendência para o ideal. 2. Filos. Doutrina que considera a idéia como princípio ou só do conhecimento.

Indignação: s. f. Sentimento de cólera, de repulsa ante uma ação vergonhosa, injuriosa, injusta etc.

Inquietação: s. f. 1. Falta de quietação; inquietude. 2. Agitação

Ira: s. f. 1. Cólera, raiva contra alguém. 2. Indignação. 3. Desejo de vingança.

Irritabilidade: s. f. 1. Qualidade de irritável. 2. Propensão para se irritar. 3. Biol. Propriedade dos tecidos vivos, de reagir às mudanças exteriores.

Inveja: Inveja é o desejo por atributos, posses, estatus, habilidades de outra pessoa. Não é necessariamente associada à um objeto: sua característica mais típica é a comparação desfavorável do estatus de uma pessoa em relação à outra. A inveja é um dos sete pecados capitais na tradição Católica. É considerado pecado porque uma pessoa invejosa ignora suas próprias bençãos e prioriza o estatus de outra pessoa no lugar do próprio crescimento espiritual. A inveja é freqüentemente confundida com o Pecado Capital da cobiça, um desejo por riqueza material, a qual pode ou não pertencer a outros. A inveja na forma de ciúme é proibida nos Dez mandamentos da Bíblia. É comumente

associada a cor verde, como em “verde de inveja”. A frase “monstro de olhos esverdeados” (green-eyed monster, em inglês) se refere a um indivíduo que é motivado pela inveja. A expressão é retirada de uma frase de Otelo de Shakespeare.

Mágoa: s. f. 1. Desgosto, pesar, tristeza. 2. Sentimento de tristeza causado por ofensa; ressentimento.

Mania: s. f. 1. Med. Desordem mental caracterizada por grande excitação psíquica, exaltação e instabilidade da atenção. 2. Esquisitice, excentricidade.

Maravilhoso: (ô), adj. 1. Que maravilha ou causa admiração. 2. Fora do comum; admirável, prodigioso, surpreendente. S. m. Aquilo que encerra maravilha.

Medo/pavor: é um sentimento que é um estado de alerta demonstrado pelo receio de fazer alguma coisa, geralmente por se sentir ameaçado, tanto fisicamente como psicologicamente. Pavor é a ênfase do medo. O medo pode provocar reações físicas como descarga de adrenalina, aceleração cardíaca e tremor. Pode provocar atenção exagerada a tudo que ocorre ao redor, depressão, pânico etc.

Melancolia: s. f. 1. Psicose maníaco-depressiva. 2. Tristeza vaga e persistente. 3. Pop. Vítigem

Miserável: adj. m. e f. 1. Miserando. 2. Abjeto, desprezível. 3. Pobre, sem recursos. 4. Mesquinho, sem valor. 5. Malvado, perverso. S. m. e f. 1. Pessoa infeliz, desgraçada. 2. Quem está na miséria. 3. Pessoa vil, infame, canalha.

Mortificação: s. f. 1. Ato ou efeito de mortificar. 2. Aflição, tormento. 3. Domínio, repressão de certos sentidos.

Nervosismo: s. m. 1. Doença caracterizada por perturbações do sistema nervoso. 2. Irritação, agitação, nervosidade.

Nojo: (ô), s. m. 1. Enjôo, náusea. 2. Asco, repugnância, repulsa. 3. Mágoa, pesar, tristeza. 4. Tédio, aborrecimento. 5. Luto.

Ódio: O ódio é um sentimento de profunda antipatia, desgosto, aversão, inimizade ou repulção contra uma pessoa, coisa, ou fenômeno, assim como o desejo de evitar, limitar ou destruir o seu objetivo. O ódio pode se basear no medo a seu objetivo, já seja justificado ou não. O ódio se descreve com frequência como o contrário do amor, o a amizade; outros, como Elie Wiesel, consideram a indiferença como o oposto do amor. O ódio não é necessariamente irracional. É razoável odiar a gente ou organizações que te ameaçam ou te façam sofrer.

Orgulho: Orgulho é um sentimento sobre si mesmo, onde os próprios valores são superestimados. Acreditar-se melhor ou mais importante do que os outros. Sentimento de satisfação pela capacidade ou realização alheia.

Otimismo: s. m. 1. Disposição, natural ou adquirida, para julgar tudo o melhor possível. 2. Filos. Sistema dos que consideram este mundo o melhor dos mundos possíveis.

Ousadia: s. f. 1. Qualidade de ousado; coragem, galhardia. 2. Arrojo, atrevimento, audácia.

Paciência: s. f. 1. Qualidade de paciente. 2. Virtude de quem suporta males e incômodos sem queixumes nem revolta. 3. Nome que se dá a vários entretenimentos com cartas de baralho.

Paixão: A paixão é um sentimento de ampliação patológica do amor. Na paixão, o enamorado projeta a sua personalidade no ser amado e se perde nele, como se aquele fosse um pedaço seu que foi embora. O acometido de paixão perde sua individualidade em função do fascínio que o outro exerce sobre ele. É um sentimento doloroso e patológico, porque, via de regra, o indivíduo perde a sua individualidade, a sua identidade e o seu poder de raciocínio. A paixão se percebe pelo jeito do beijo. Pelo tipo de abraço. E agora também pelas moléculas. Essas demonstrações de atração intensa são reguladas por um hormônio chamado Neutrofina.

Repulsa: s. f. 1. Ato ou efeito de repelir; repulsão. 2. Sentimento de aversão, de relutância, de repugnância. 3. Oposição, objeção.

Ressentimento: s. m. Ato ou efeito de ressentir(-se).

Revolta: s. f. 1. Ato ou efeito de revoltar(-se). 2. Levante, motim, rebelião contra a autoridade estabelecida; sublevação, insurreição. 3. Violenta perturbação moral. 4. Grande indignação.

Satisfação: s. f. Ato ou efeito de satisfazer (-se); contentamento. 2. Prazer, alegria. 3. Pagamento. 4. Conta que se dá a outrem de uma incumbência. 5. Reparação de uma ofensa. 6. Explicação, justificação, desculpa.

Saudade: Saudade é uma espécie de lembrança nostálgica, lembrança carinhosa de um bem especial que está ausente acompanhado de um desejo de revê-lo ou possui-lo. Uma única palavra para designar todas as nuances desse sentimento é quase exclusividade do vocabulário da língua portuguesa. A palavra vem do latim “*solitas, solitatis*” (solidão), na forma arcaica de “*soedade, soidade e suidade*” e sob influência de “*saúde*” e “*saudar*”. No fado e na música popular, a saudade e a partida são temas constantes. Pode-se sentir saudade de muita coisa: de alguém falecido, de alguém que amamos e está longe ou ausente, de alguém ou de animais de estimação que não vemos há imenso tempo, de alguém que não conversamos há muito tempo, de sítios (lugares), de comida, de situações. A expressão “matar a saudade” é usada para designar o desaparecimento (mesmo temporário) desse sentimento. É possível “matar a saudade”, e. g., lembrando, vendo fotos ou vídeos antigos, conversando sobre o assunto, reencontrando a pessoa que estava longe etc. A saudade pode gerar sentimento de angústia, tédio ou tristeza, e quando “matamos a saudade” geralmente sentimos alegria. Em Portugal, o Fado está directamente associado com este sentimento.

Serenidade: s. f. 1. Estado ou qualidade de sereno. 2. Paz, suavidade, tranqüilidade.

Sentimento de Culpa: O Sentimento de Culpa é o sofrimento obtido após reavaliação de um comportamento passado tido como reprovável por si mesmo. A base deste sentimento, do ponto de vista psicanalítico, é a frustração causada pela distância entre o que não fomos e a imagem

criada pelo superego daquilo que achamos que deveríamos ter sido. Para a Psicologia Humanista-existencial, especialmente a da linha rogeriana, a culpa é um sentimento como outro qualquer e que pode ser “trabalhado” terapêuticamente ao se abordar este sentimento com aquele que sofre. Para esta linha de Psicologia, um sentimento como esse, quando chega a ser considerado um obstáculo por aquele que o sente, é resultado de um inadequado crescimento pessoal mas não é considerado uma patologia. Para os rogerianos, todas as pessoas têm uma tendência a atualização que se dirige para a plena auto-realização; sendo assim, o sentimento de culpa pode ser apenas limitação momentânea no processo de auto-realização.’

Simplicidade: s. f. 1. Estado, qualidade ou natureza do que é simples. 2. Naturalidade, espontaneidade. 3. Forma simples e natural de dizer ou escrever. 4. Despretensão, desafetação, modéstia. 5. Franqueza, sinceridade

Sofrimento: s. m. 1. Ato ou efeito de sofrer; dor, padecimento. 2. Amargura. 3. Paciência, tolerância. 4. Desastre, infortúnio.

Solidão: s. f. 1. Condição, estado de quem está só; isolamento. 2. Lugar ermo, retiro. 3. Insulamento.

Surpresa: A surpresa pode ser um sentimento de reação relativo a um acontecimento inesperado. Pode se manifestar a partir de impulsos nervosos com manifestações químicas (com a liberação de adrenalina) e físicas, aumentando o ritmo cardíaco e impulsionando a pessoa ter fazer alguma reação corporal.

Susto: Susto é uma ação biológica que ocorre quando uma pessoa vê algo inesperado. É uma reação do corpo humano contra possíveis ameaças, que resulta no lançamento do hormônio adrenalina na corrente sanguínea. A adrenalina gera vários efeitos no corpo humano, como redirecionamento da corrente sanguínea do sistema intestinal para os músculos e rápido metabolismo. O intuito do susto é, biologicamente, preparar o corpo humano a reagir contra a ameaça, mesmo quando esta ameaça de fato não existe (ex: filmes de terror).

Tédio: O tédio é um sentimento humano, um estado de falta de estímulo, ou do presenciamento de uma repetitiva ação ou estado - por exemplo, falta de coisas interessantes para fazer, de ouvir, etc. As pessoas afetadas por tédio temporário consideram este estado muitas vezes como perdido, perda de tempo, mas geralmente, não mais do que isto. Alternativamente, alguns acham que ter tempo de sobra também causa tédio. Para as pessoas entediadas, o tempo parece passar mais lentamente do que quando elas estão entretidas. Tédio também pode ser um sintoma de depressão. O tédio pode levar a ações impulsivas e às vezes mesmo excessivas, que não servem para nada e podem causar danos. Por exemplo, estudos mostram que acionistas podem vender ou comprar ações sem nenhuma razão objetiva para tal, simplesmente porque eles sentem-se entediados quando não tem nada para fazer.

Ternura: s. f. 1. Qualidade de terno. 2. Carinho, meiguice. 3. Afeto brando ou sem grandes transportes.

Terror: (ô), s. m. 1. Qualidade de terrível. 2. Grave perturbação, trazida por perigo imediato, real ou não; medo, pavor. 3. Pessoa ou coisa que aterroriza. 4. Regime político de arbitrariedades.

Tolerância: s. f. 1. Qualidade de tolerante. 2. Ato ou efeito de tolerar.

Tristeza: Tristeza ou desgosto é um sentimento humano que expressa desânimo ou frustração em relação a alguém ou algo. É o oposto de alegria. A tristeza pode causar reações físicas como depressão, choro, insônia.

Triunfo: (i-un), s. m. 1. Ato ou efeito de triunfar. 2. Grande vitória; grande êxito. 3. Grande alegria; satisfação plena. 4. Esplendor. 5. Domínio das paixões. 6. Superioridade em qualquer disputa. 7. Certo jogo carteadado. 8. Ornato central da mesa do banquete.

Valor: (ô), s. m. 1. O preço atribuído a uma coisa; estimação, valia. 2. Relação entre a coisa apreciável e a moeda corrente no país. 3. Talento. 4. Coragem, intrepidez, valentia. 5.

Merecimento, préstimo. S. m. pl. Quaisquer títulos de crédito.

Vergonha: s. f. 1. Pejo de ação feita contra o decoro, contra a decência. 2. Rubor nas faces causado pelo pejo. 3. Timidez, acanhamento. 4. Ato indecoroso. 5. Receio de desonra.

Vexame: s. m. 1. Vexação. 2. Aquilo que vexa. 3. Vergonha. 4. Afronta. 5. Pressa.

Violência: s. f. 1. Qualidade de violento. 2. Ação violenta.

Fonte: Dicionário Eletrônico Michaelis e Enciclopédia Eletrônica Wikipédia (adaptação da pesquisadora).

Conforme os autores até aqui estudados, estes sentimentos precisam ser diferenciados. É importante também saber como regulá-los, controlá-los, lidar com eles, ou mesmo, ter um espaço dentro do sistema familiar para se aprender a falar deles.

Dentro da base biológica das emoções, Damásio defende que:

(...) o cérebro recebe continuamente sinais provenientes do corpo, tal como espectador. Cada estado é representado sob a forma de uma combinação de atividades de neurônios singular, em centros denominados somatossensoriais. Cada um de nós possui um mapa pessoal dos sentimentos: alguém que experimentou o medo memorizou inconscientemente uma combinação de modificações de seus parâmetros fisiológicos, que ficou gravada em e um conjunto de neurônios do córtex somatossensorial: cada vez que o conjunto for ativado, experimenta-se um novo sentimento de medo. Os sentimentos emergem da leitura dos mapas em que estão marcadas as alterações emocionais são como produções instantâneas de nosso estado corporal. (Damásio, 2004, p.51)

Quanto ao tema, compartilhamos das idéias do autor quando cita que, ao puxarmos pela lembrança de um fato agradável, reencontramos a emoção sentida na ocasião, porém o autor faz um aparte “*que a mesma só aparece em sua limpidez quando o corpo participa novamente*”.

O autor citado considera que as outras funções dos sentimentos são:

Eles têm um papel social e moral. Em nosso laboratório, investigamos a compaixão, a vergonha e o orgulho, fundamentos da moral. Elucidando as bases de sentimentos como esses, a neurobiologia desvenda não só a natureza humana individual, mas as regras da vida social. Para isto é preciso empregar uma abordagem experimental ampliada: além das neurociências e das ciências cognitivas, deve-se levar em conta as ciências sociais e humanas. (Damásio, 2004. p.52)

O autor continua:

A subjetividade pode ser objeto da ciência? É a nossa aposta: pensamos que é preciso testemunhos das pessoas sobre suas experiências interiores, observar do exterior o comportamento e medir a atividade cerebral. Esses três “ângulos de observação” deveriam ser complementares e ajudar a circunscrever melhor a realidade do ser humano. Relacionando esses níveis, podemos elaborar uma teoria da consciência capaz de gerar hipóteses verificáveis pelas experiências”. (Damásio, 2004. p.52)

Desse modo, o que muito nos agrada é saber que nosso objetivo de entrevistar famílias e ouvir suas experiências, além de focar nos sentimentos, é compartilhado com outros olhares dentro das ciências.

Recentemente autores, como Stocker e Hegeman, na mesma linha de investigação sobre o valor dos estudos emocionais, têm citado Elkman e mencionam alguns aspectos importantes para se pensar nos sentimentos.

(...) Ao preocupar-se com as emoções, um indivíduo está preocupando-se com o que é complexo, intra e interpessoal, social e valioso, e também afetivo. Em suma, os sentimentos não são apenas sentimentos, não são tão simples assim; e isso ajuda a explicar como aquilo que é erroneamente imaginado como meros sentimentos pode ser de uma importância vital, tanto da perspectiva moral, quanto do ângulo avaliador. (Stocker e Hegeman, 2002, p.85)

A fala dos autores vem de encontro com o que se acreditamos e procuramos expressar quando retratamos os valores afetivos, pois estes têm a conotação de dor, desejos, valores morais e passam por questões de angústias e avaliações no seio familiar.

Os valores afetivos vêm sendo transmitidos pelas famílias, às vezes, sem maiores questionamentos, ou mesmo, um espaço para considerá-los relevantes.

Para Stocker e Hegeman (2002), sentimentos e afetividade, muitas vezes, desfrutam da mesma “desimportância” quando são abordados por outros que os estudam dentro do campo

filosófico e, até mesmo, dentro da psicologia. Raramente, aparecem nos índices desses estudos, o que reforça a dificuldade deste trabalho na busca de autores que estudaram a respeito da afetividade, especificamente, na área familiar.

Assim, Stocker e Hegeman concluem:

(...) Contudo, é preciso destacar que são exceções à forma pela qual os sentimentos e afetividade são abordados – ou seja, em geral não são abordados – pelos filósofos contemporâneos. Os sentimentos e afetividade desfrutam da mesma desimportância e falta de atenção na psicologia cognitiva uma área da psicologia estreitamente ligada a várias correntes filosóficas contemporâneas. (Stocker e Hegeman, 2002. p.46)

3.4 Afeto e Afetividade

Segundo o dicionário Michaelis.

Afeto: Sentimento de afeição ou inclinação para alguém. Amizade, paixão, simpatia.

Afetividade: (...) qualidade de quem é afetivo. Capacidade de exprimir-se na linguagem a emoção que nos despertam as idéias enunciadas, bem como a de despertar nos outros idêntica emoção. Suscetibilidade a quaisquer estímulos ou disposição para receber experiências afetivas; O estudo dessas experiências.

Afetivo: (...) Que mostra afeição ou inclinação para alguém. Qualificativo genérico usado para denotar qualquer variedade de sentimento, experiência emotiva ou concomitantemente emotivo. (Michaelis, 1998. p.71)

Afetividade pode ser pensada como algo dinâmico, maleável, flexível que passa pelo sentir, expressar, demonstrar e compartilhar sensações. O apoio afetivo pode ser a proteção mútua, a diversão, a curiosidade, a criação e a exploração do bom humor. Não dá para pensar em afeto isoladamente, mas, sim, em um contexto que pode incluir gênero, cultura e socialização, entre outros.

Dentro do sistema familiar, qual valor é atribuído à afetividade?

Parece-nos que afetividade passa por um jogo de quem merece receber ou quem pode dar, às vezes, até podemos refletir a respeito de um jogo de poder diante do merecimento.

Todos precisam receber afeto e dar afeto, enfim, trocar e aprender maneiras diferentes que podem ser trocadas na família, a percepção destas trocas diversificadas é relevante.

Em todas as relações, os termos troca, negociação de afetos geram recusa, mal-estar ou espanto; parece que não nos damos conta que a todo o momento estamos negociando e o afeto também faz parte desse contexto. Devemos pensar como um membro do sistema familiar recebe e recursivamente transmite o afeto; ao mesmo tempo, que se organiza interna e externamente dentro de outros sistemas, algo bem complexo.

Stocker e Helgeman (2002), em “O valor das emoções”, desenvolvem um capítulo para falar da “irreducibilidade da afetividade” mas a forma com que deram importância ao tema chamou nossa atenção e atraiu novas reflexões, pois citam três aspectos centrais:

(...) Primeiro, a ausência e a deficiência de afetos e emoções são quadros característicos da dissociação, da despersonalização e de várias neuroses, condições limítrofes e psicoses. Segundo, sem afetividade é impossível viver uma vida humana, sequer ser uma pessoa. Terceiro, relatos que negam ou omitem o fato de que as pessoas são seres afetivos, não falam de pessoas saudáveis, que podem viver e vivem vidas humanas satisfatórias. (Stocker e Hegeman, 2000. p.45)

Embora seus estudos advenham da antropologia, chamam a atenção pelo mesmo objetivo da investigação desta pesquisa, interessaram-se pelo tema e advertem a respeito da falta de estudos no campo da afetividade. Dentro de um trabalho recente, abordam a integração, citando que esta pode ter várias compreensões sob diferentes óticas, mas é um tema que se interconecta à maneira de sentir e nisto os seres humanos são parecidos e podem estar sentindo esta falta, ou seja, alguém que olhe com mais carinho e afeto para o modo que se sente (diferenciações) e suas conseqüências em qualquer âmbito, o individual, (gênero) familiar ou social.

A respeito da Teoria do Apego, Moneta et al (2003), dão relevância aos estudos da afetividade; parte de um estudo dentro da área clínica mais especificamente Psicobiologia na formação de vínculos, além da visão de integração e parcerias entre a biologia e outras ciências que se interessam pelas relações humanas, o que amplia nosso interesse pelo seu trabalho.

As autoras citadas acentuam que:

Apego se define como um sistema motivacional que compartilhamos com outros animais e no qual tem seu “asiento” neuropsicológico no cérebro. Os bebês estão geralmente predispostos a querer acesso a uma figura vincular, buscando conforto particularmente quando estão assustados. Ademais o proporcionar proteção e conforto, ao sistema de apego, permite uma sincronia psicobiológica entre bebê e seus cuidadores: esta sincronia provém desde o nascimento em diante, um entrelaçamento de estados internos entre ambos. (Moneta et al. 2003,⁶ p.21)

Daniel Stern citado por Moneta et al. (2003), chama o estado descrito de “sincronia de afeto” (*affect attunement*), conhecido hoje como fator essencial para desenvolvimento do cérebro do bebê em seus primeiros anos de vida.

Na perspectiva neuropsicobiológica e na formação do vínculo, dentro dos estudos do Apego, Moneta et al. (2003, p.23), dão relevância aos marcos do tempo, tema que interconecta com os estudos quando se operam as experiências passadas. “*O filho forma seus esquemas emocionais pela repetição de eventos em relação às pessoas significativas em diferentes contextos que são armazenados em certo tipo de memória, que posteriormente constituirá a memória “procedural”.*”⁷

A autora observa que “*as qualidades de relações formadas são individuais*” e isto implicaria os cuidados obtidos em tempos passados ou na construção relacional com os cuidadores em distintas predisposições, como enfermidades “*psíquicas e psicossomáticas*” quando o indivíduo chega à fase adulta.

⁶

Apego se define como un sistema motivacional que compartimos con otros animales y el cual tiene su asiento neuropsicológico en el cerebro. Los bebés están genéticamente predisuestos a querer acceso a una figura vincular, buscando confort particularmente cuando están asustados. Además de proporcionar protección y confort, el sistema de apego permite una sincronía psicobiológica entre el bebé y su cuidador. Esta sincronía provee, desde el nacimiento en adelante, un entrelazamiento de estados internos entre ambos.

⁷

el niño forma sus esquemas emocionales por la repetición de eventos en relación a personas significativas en diferentes contextos que quedan almacenados en cierto tipo de memoria, que posteriormente constituirá la memoria procedural.

Moneta et al. (2003), falam sobre uma etapa na construção do desenvolvimento na qual se formam os reguladores fisiológicos e depois uma outra etapa de desenvolvimento.

Nesta fase de ações reguladoras, existe uma parte que busca nutrição, calor e manter proximidade que são:

(...) ordenadas hierarquicamente e dirigidas mais a um objeto específico. Por outro lado, estão os reguladores fisiológicos ocultos que participam na formação do apego, mantendo coletivamente um estado fisiológico que é homeostático, para o bebê que o experimenta como um nível ótimo de conforto, constituindo a base que o mesmo reconhece como um estado “seguro” o “contido”. (Moneta et al. 2003. p.33)⁸

É neste estado de desenvolvimento que Moneta (p.33), diz: “(...) os filhos aprendem a reconhecer os estados de prazer e desprazer que constituem a base dos afetos”.

Isto não se refere a um estado propriamente psíquico, mas também biológico; o bebê “vai constituindo uma unidade psicofisiológica em que as sensações corporais são significativas para ele”. Assim se constituirá um núcleo básico de comportamento de Apego.

Portanto, dentro desta visão, na “etapa simbiótica” do desenvolvimento que os filhos “aprendem a reconhecer os estados de prazer e desprazer que constituem a base do afeto”.

Para Moneta et al. (2003. p.23-24), “na última década, o estudo do desenvolvimento do cérebro tem dado evidências inquestionáveis acerca da importância dos afetos e a formação dos vínculos do recém nascido com a figura vincular”. Acrescenta que “no modo que as pessoas cuidadoras se relacionam com os pequenos e a maneira como se mediam estas interações, influenciam a formação das vias neuronais em desenvolvimento”.

Em recentes estudos nesta área, Moneta et al. falam do desenvolvimento neurobiológico passado que não está moldado, não só por condições físicas, mas, pelo ambiente social do indivíduo.

Concordamos e compartilhamos de suas idéias, quando se refere aos aspectos da relação e do afeto dentro do ambiente, pois a autora contribui para compreensão dos estudos relacionais

⁸ ordenadas jerárquicamente y dirigidas hacia un objeto específico. Por otro lado, están los reguladores fisiológicos ocultos que participan en la formación del apego, manteniendo colectivamente un estado fisiológico que es homeostático para el infante y que se experimenta como un nivel óptimo de confort, constituyendo la base de lo que el infante reconoce como un estado “seguro”.

dentro do pensamento sistêmico. No sistema relacional, mãe e filho são fundamentais para esta integração todo o tempo na construção psíquica do ser humano. Em seus estudos, Moneta et al. (2003), em seus estudos enfatizam a construção afetiva dos primeiros anos ou nos primeiros tempos conforme enfatiza eles são retomados na vida adulta, consolidando assim uma *memória afetiva* (grifo nosso).

As autoras falam que a base para postular as representações mentais dos afetos estariam sendo construídas sobre as primeiras regulações homeostáticas que ocorrem nas etapas pré-cognitivas e pré-verbais.

Citam, também (p.38), que o estudo destas primeiras relações pode ajudar a entender “(...) *as evidências apresentadas neste trabalho constituem a base para postular que as representações mentais dos afetos estariam construídas sobre as primeiras regulações homeostáticas que ocorrem nas etapas pré-cognitivas e pré-verbais*”.

Corroborando achados da autora, entendemos que dentro da área clínica é importante ter um olhar intergeracional, compreender a formação dos primeiros vínculos e depois abordar os vínculos da fase adulta.

Antes de mencionar os vínculos afetivos, retomemos o conceito de vinculação em adultos proposto por Canavarro (1999, p.121-122), que aparece sob o olhar da relativização de três formas no comportamento de apego.

- *vinculação como um estado que emerge na impossibilidade da disponibilidade da figura de vinculação;*
- *vinculação como um traço ou tendência para formar tipos de relações de vinculação similares e;*
- *vinculação como um processo interactivo no contexto de um relacionamento específico.*

⁹

las evidencias presentadas en este trabajo constituyen la base para postular que las representaciones mentales de los afectos estarían construídas sobre las primeras regulaciones homeostáticas que ocurren en las etapas pre-cognitivas y pre-verbales.

Nas investigações mais recentes, a vinculação de adultos é habitualmente citada, contrastando as diferenças individuais estáveis expressas em “*padrões*”, “*estilos*”, “*tipos*” ou “*perfis*” de vinculação,

o que nos remete à abordagem da vinculação como um traço.

Em nosso trabalho, referimo-nos aos apegos de vinculação de adultos, diferenciando-os de padrões, pois estes são usados para demonstrar as repetições na maneira de se relacionar adquirida em modelos familiares anteriores.

O estilo de vinculação pautado na necessidade de aproximação, como já foi discutido na Teoria do Apego, é desenvolvido em conjunto com a afetividade (compreensão desta necessidade) ao longo da vida.

Os primeiros vínculos de afetividade são formados, pelas relações e pelo sistema familiar, portanto, a base para a formação das relações afetivas.

Os adultos também buscam na memória esta sensação ou experiência que os remete aos primeiros vínculos de aproximação e afetos, advindos das relações afetivas que podem ser formadas de distintas formas.

Segundo Canavarro (1999, p.123), existem modelos de vinculação, estudados em adultos pelos seguidores de Bowlby, Ainsworth, de acordo com os padrões (estilos) de apego:

1. Vinculação Segura – quando a criança mostra-se relativamente confortável ao se aproximar dos outros e depender deles.
2. Vinculação Insegura Evitante – quando o adulto demonstra sentimento de desconforto quando próximo aos outros. Dificuldade de confiar completamente em outras pessoas ou depender delas.
3. Vinculação Insegura Ansiosa/Ambivalente - acham que os outros se mostram relutantes em estar próximos de si, como gostaria. O querer estar próximo, mas, às vezes, afastam-se.

Outros estudos ofereceram uma ampliação de acordo com os autores citados por Canavarro (1999, p. 127-128), como em Bradford & Lyddon (1994, p. 217).

1. Vinculação Segura - tem a facilidade de estar emocionalmente próxima das pessoas, sente-se confortável ao depender do outro e os outros de si, se ficar sozinho e os outros não o aceitarem nem se preocuparem.

2. Vinculação Preocupada – desenvolve a necessidade de estar emocionalmente íntima de outras pessoas, mas, muitas vezes, sente o outro relutante em se aproximar, tanto quanto gostaria. Preocupa-se por não ser tão importante para os outros, como eles são para si.

3. Vinculação Evitante com Medo – sente-se desconfortável ao se aproximar emocionalmente das outras pessoas, receia confiar completamente e tornar-se dependente delas (existe uma preocupação de aproximação com os outros).

4. Vinculação Evitante Desligada – sentimento confortável de não estabelecer relações próximas. Sentimento de independência e auto-suficiência e a preferência de não depender dos outros nem que estes dependam de si.

Não pretendemos fazer comparações com estas formas de vinculação dos adultos e crianças, mas refletir no sistema familiar, como um membro pode ter expectativa em relação ao outro, até mesmo, dentro da própria família nas questões relacionais, podendo querer se aproximar e não conseguir.

Este modelo de vinculação vai sendo repassado; é um processo de afetividade dentro da interação nas relações familiares e isto poderia ser pensado como uma sincronia relacional.

Neste sentido, as relações de apego são recíprocas; na família, os bebês apegam-se aos pais e estes formam laços afetivos íntimos. Os pais levam vantagem sobre os bebês, porque não precisam deles para a sobrevivência, podem fazer programações para tê-los (às vezes), elaborando esta vinda em etapas gestacionais, mas precisam deles para continuidade e afetividade. Nesta relação, o importante é a sua construção feita lentamente, nas quais os afetos são genuínos. São chamados de apego emocional e são importantes. (Shaffer 2005)

3.5 Vínculos afetivos ao longo da vida

As seguranças sentidas na presença da pessoa de quem o indivíduo está próximo caracteriza os vínculos que são vistos como comportamentos que promovem a proximidade contato com uma ou mais figuras específicas a quem o indivíduo está conectado.

Dentro da visão sistêmica, usamos o conceito proposto por Oliveira baseado na interconexão entre as duas teorias: apego e sistêmica:

Os vínculos afetivos são formados nos vários relacionamentos interpessoais que o indivíduo estabelece durante sua vida. Estes diferentes vínculos – como os vínculos parentais, os vínculos fraternos, os demais vínculos familiares, os vínculos conjugais, os vínculos de amizade – assumem diferentes formas e diferentes papéis em nossas vidas. São esses relacionamentos, desde os mais íntimos e profundos até os mais superficiais, que caracterizam o homem enquanto ser social e suprem suas necessidades de troca e interação. (Oliveira, 2005, p.77)

Os vínculos afetivos são formados na interação em uma relação em que ambas as partes são importantes, ativas e recursivas.

Oliveira considera que os estudos foram importantes dentro do âmbito familiar e a opção pela tabela a seguir foi escolhida para a melhor visualização de algo que consideramos importante evidenciar:

Tabela 11 - Evidenciando vínculos (adaptação)

Os vínculos afetivos são formados via relacionamentos, em que ambas as partes são importantes e ativas, para sua formação;

O relacionamento interpessoal pode ser identificado como um vínculo afetivo, ou seja, pode adquirir uma dimensão vincular, quando as trocas que se estabelecem no mesmo satisfazem determinadas necessidades do indivíduo, como as de segurança, conforto, companheirismo, utilidade, percepção de competência, entre outras. De acordo com os tipos de necessidades satisfeitas, diferentes vínculos podem ser formados. O aspecto inter-relacional é, portanto, o que define a formação do vínculo afetivo.

Quando as trocas adquirem características bastante específicas, ou seja, quando necessidades de segurança e confiança são supridas na relação, pode-se, então, desenvolver um relacionamento vincular de apego.

Fonte: Oliveira (2005, p.79).

Concordamos com o pensamento de Oliveira (2005), a respeito da construção desses vínculos no sistema familiar e, até mesmo, o intergeracional. Podemos pensar no vínculo que se forma na relação com os avós. Se existir um tipo de necessidade satisfeita, o vínculo será constituído na relação avós e netos que podem se satisfazer na questão do tempo e paciência de trocas de informações, sendo visto hoje como uma situação de resgate intergeracional e revisão do papel dos idosos.

3. 6 Teoria do apego e teoria sistêmica: uma possível integração

As manifestações de apego poderiam ser traduzidas nos laços afetivos fortes que sentimos pelas pessoas especiais em nossas vidas?

Para Bowlby (2002), quando nasce um bebê, este se encontra muito longe de ser uma tabula rasa, pelo contrário, possui certo número de sistemas comportamentais prontos para serem ativados, direcionados e corrigidos, já nasce equipado com uma vasta série de sistemas predispostos aos estímulos de vários tipos que podem ser fortalecidos ou enfraquecidos.

Entre os sistemas, alguns fornecem as bases ao desenvolvimento anterior do apego e aqui será abordado o comportamento de apego mãe/bebê. Pela primeira vez, esta forma simples de comportamento manifesta-se como sistemas primitivos mediadores do choro, sucção, agarramento, seguindo no processo evolutivo do recém-nascido. Algumas semanas depois, o sorriso e a balbúciação serão adicionados e, meses mais tarde, o engatinhar e andar. Estes comportamentos são chamados de padrões motores que estão mais organizados do que um padrão fixo de estímulo que os ativam e finalizam.

O ser humano ao nascer possui uma acentuada tendência para estabelecer ligações afetivas, ou seja, apego a uma figura específica. Esta tendência é uma necessidade básica primária essencial

à sobrevivência do indivíduo, e o comportamento do apego resulta na consecução ou conservação de proximidade por uma pessoa ou de alguma outra diferenciada e preferida.

O comportamento de apego passa por variações no tempo como: uma verificação auditiva para uma visual e a localização da figura de apego, acompanhamento (seguir com os olhos), o agarramento (beijos, apertos, entre outros toques), chamamento, choro, sorrir, sugar, algo desenvolvido de acordo com a sensibilidade do outro, que pode ser a do indivíduo cuidador.

O cuidador ao propiciar os cuidados interage com o bebê socialmente, protege-o, em um processo de recursividade de manifestações afetivas, formando um envolvimento, um vínculo afetivo forte de proximidade que, se constitui em um processo de comunicação simultaneamente desenvolvido. Esta pessoa pode ser a mãe ou outra que substitua o papel de cuidador.

Conforme especificado nos padrões de apego, as pessoas que tiveram apego seguro, além de sentirem prazer em suas interações, ficam confortáveis na presença de parceiros em tempos de estresse e incerteza.

Para nós, fica a questão de que talvez os pais se apeguem por amor, treinando o seu papel de cuidador, e os filhos, inicialmente, por uma necessidade básica de sobrevivência.

Bowlby pensando na principal figura de apego, diz:

É evidente que quem uma criança seleciona como sua principal figura de apego, e a quantas figuras ela se ligará, depende em grande parte de quem cuida dela e da composição da família que vive. Como constatação empírica não pode haver dúvida de que virtualmente todas as culturas as pessoas em questão são sua mãe natural, pai, irmãos mais velhos e talvez avós, e que é entre estas figuras que uma criança selecionará tanto a principal figura de apego como as figuras subsidiárias. (Bowlby, 2002, p.379-380)

Neste sentido, o apego pode ser o nascimento do vínculo afetivo e aqui poderíamos conectar o prazer e o desprazer como base do afeto.

Assim, é relevante pensarmos no quadro descrito por Bowlby, como uma homeostase que mantém um estado relativamente regular entre o indivíduo e seu ambiente.

Na medida que a criança cresce, seu sistema de apego mantém um balanço entre os comportamentos exploratório e o de proximidade, considerando a acessibilidade da figura do apego e o perigo presente no ambiente físico e social, ou seja, o funcionamento da díade.

O autor complementa que:

(...) o comportamento de apego não desaparece com a infância, mas persiste durante uma vida inteira. Figuras antigas ou novas são selecionadas e mantêm-se com elas a proximidade e/ou comunicação. Enquanto o resultado do comportamento continua sendo virtualmente o mesmo, os meios para obtê-los tornam-se cada vez mais diversos. (Bowlby, 2002, p.435)

O adulto forma e mantém vínculos, conforme seu estilo de apego construído ao longo do ciclo vital.

Para Bowlby (2002), os processos de desenvolvimento têm sua origem nos três primeiros anos de vida e tornam o homem diferente das outras espécies. Além da formação intrínseca, existe a capacidade para a linguagem entre outros símbolos, co-construir modelos em uma rede de planejamento e de colaboração com os outros.

Todo este desenvolvimento faz do homem o que ele é, sendo relevante pensarmos no que está em constante processo evolutivo da aprendizagem de comportamento, mas levando nesta caminhada os padrões aprendidos e desenvolvidos na memória afetiva nos três primeiros anos, segundo estudos desta teoria com a qual concordamos.

Bowlby (1964-1984), Canavarro (1999), Moneta(2003), Shaffer (2005); e no Brasil, Abreu (2005), Oliveira (2005), Carvalho (2005) e outros autores já citados, dentro da Teoria do Apego, embora advindos de temas e abordagens diferentes todos falaram de afetividade dentro das interações familiares, porém, às vezes, usaram outros recortes.

A Teoria do Apego como a abordagem sistêmica têm como interesse mútuo o comportamento dos seres humanos e como estes formam vínculos nas interações familiares.

Oliveira aponta este encontro possível entre as duas abordagens e diz:

(...) a analisar a possibilidade de integração da Teoria Sistêmica e a Teoria do Apego: seriam essas abordagens conciliáveis em suas essências? O estudo de ambas e a leitura de diferentes trabalhos de clínicos e pesquisadores que combinam com sucesso essas duas abordagens teóricas no estudo e na intervenção junto a crianças, adolescentes, casais e famílias. (Oliveira, 2005, p.73)

Para Oliveira (2005), autores que tornam possível esta conexão são: Patrícia Minuchin (1985 apud Marvin, 2003), Stewart (1990 apud Marvin, 2003). Os primeiros que discutiram a possibilidade de integração das teorias que deram a conotação para alguns pontos de convergência e divergência. Entretanto, a autora refere que essas teorias não apresentam pressupostos teóricos básicos contraditórios e, sim, um compartilhamento de idéias, como apresentado abaixo.

Tabela 12 – Idéias básicas compartilhadas entre as duas teorias (adaptação)

Todo sistema é um todo organizado, e os elementos dentro do sistema são necessariamente interdependentes. Isso se aplica igualmente aos papéis triádicos mãe-pai-criança dentro da família, aos comportamentos recíprocos de cuidador e criança e aos componentes da criança em si (como, por exemplo, seus comportamentos de apego e seu sistema de comportamento exploratório).

Sistemas complexos são compostos de sistemas e subsistemas. Esse interligado conjunto de sistemas é igualmente aplicável ao sistema familiar da criança. Os subsistemas dentro do sistema maior são separados por fronteiras, e as interações entre as fronteiras são governadas por regras implícitas e padrões. A disfunção dentro do sistema é frequentemente o resultado da quebra nas regras adaptativas que governam essas fronteiras.

Os padrões de comportamento em um sistema são circulares ao invés de lineares. Isso nos leva a assumir um modelo muito mais complexo de fatores que ativam e cessam diferentes padrões de comportamento. Essa idéia também pode ser aplicada à Teoria do Apego.

Os sistemas têm características homeostáticas ou auto-reguladoras que mantêm a estabilidade de certos padrões invariáveis. Isso também é válido para pensarmos a operação básica que a criança realiza para usar a figura de apego como uma base segura para a exploração.

Evolução e auto-(re) organização são inerentes aos sistemas abertos. Os comportamentos de apego da criança, assim como as estruturas familiares, passam por mudanças desenvolvimentais segundo os mesmos processos.

Ambas as abordagens incluem o reconhecimento do papel da criança na organização dos padrões de interação da família, assim como a criança em si sendo organizada pelos padrões familiares.

Fonte: (Marvin, 2003, p.76) apud Oliveira (2005).

Conforme Canavarro (1999, p.54-55): “(...) *as relações afetivas são apontadas como o contexto no qual a maior parte da socialização ocorre*”. A autora valoriza aspectos como a aquisição de aptidões comunicacionais, a regulação das emoções e a construção do autoconceito.

Neste sentido, nosso estudo sobre a família intergeracional é importante e devemos estar atentos aos estudos referentes à diferenciação, individuação e memória. Pensamos na “***memória afetiva emocional***” (grifo nosso), como uma referência bibliográfica familiar que mutuamente contribui com a história biográfica individual.

Dentro desse contexto familiar, chama atenção a compreensão do desenvolvimento dessas histórias familiares, ou melhor, das histórias (narradas) das interações relacionais familiares que podem ser reconstruídas, revistas, sendo, primeiro, negociadas com o passado, tornando, às vezes, até mais criativo o futuro, memorizando fatos resilientes que possam contribuir para um desenvolvimento do processo vital.

Na construção do referencial teórico, gostaríamos de ampliar o instrumento genograma, considerado como um facilitador por proporcionar um visual hierárquico, genealógico além de ser um modo de obtenção de dados.

O genograma é também uma forma de aprender como garimpar certas informações que podem estar acopladas a segredos, triangulações, lealdades e repletas de sentimentos, poderá possibilitar ao entrevistador um transitar pela geração e seu ciclo vital, somando histórias familiares intergeracionais na área relacional, modelos de padrões interacionais por meio dos discursos e memórias de suas manifestações afetivas.

Ao optarmos por um olhar intergeracional e observar o contexto dentro das histórias familiares narradas, tentamos entender, com um recorte diferenciando, a época, a cultura, o gênero e as transmissões dos valores afetivos da família. Ouvir sentimentos associados a esta memória afetiva, observar padrões afetivos de interações nos relacionamentos, maneiras de comunicar esses

padrões, entre outros, já especificados neste estudo, contribuiriam para maior compreensão dentro da área clínica.

Hoje, percebemos uma abertura maior nas áreas da expressividade da verbalização se comparadas com as gerações anteriores dentro do processo evolutivo dos seres humanos.

O que transmitimos por meio dessa mensagem afetiva?

Ao mesmo tempo, entendemos que sentimos, organizamos os sentimentos e os transmitimos e isto forma a afetividade. Quando aplicamos um estudo intergeracional sobre os padrões interacionais, acreditamos que este poderá ser repetido em outra geração, ou mesmo, pulando uma e aparecendo em outra. As idéias de Bowen (1978), citam o processo de transmissão multigeracional de modelos familiares que no Brasil foram reforçados por Cervený:

As famílias repetem a si mesmas e o que sucedeu numa geração tenderá a aparecer nas gerações subseqüentes ainda que de forma diferente. Sua hipótese é que modelos interacionais e vinculares em uma geração podem fornecer modelos implícitos para o funcionamento familiar na geração posterior. Bowen referiu-se principalmente à fusão e diferenciação do indivíduo com sua família de origem e a triangulação, que ele considera a unidade básica de um sistema emocional. (Cervený, 2001, p.49-50)

A família transmite e manifesta as mensagens dos tipos de comportamentos com palavras, não ditos e rituais cotidianos, co-construindo estes estados comportamentais. Um exemplo que nos orienta, seria pensar no ritual de cumprimentos entre os membros de uma família que pode ser um ritual mais carinhoso, proporcionando afetividade e aproximação ou algo mais indiferente, um afastamento.

Capítulo 4

MÉTODO

4.1 Reflexões sobre a metodologia, método e o olhar do pesquisador

Na área da pesquisa, busca-se o entendimento para as questões levantadas e determina-se uma linha de pesquisa, objetivos e se escolhe instrumentos na definição metodológica de sua investigação.

Para Maturana (2001, p.15), é essencial que exista uma circularidade produtiva, mas diz que muitos autores: “... *Imaginam que o trabalho científico deve afastar de suas preocupações a subjetividade e a dimensão qualitativa - como se a ciência não fosse um trabalho feito por seres humanos*”.

O olhar do pesquisador é uma forma de ver a realidade a sua volta e o modo como cada um lida com ela é única, demonstrando, assim, o diferencial de cada pesquisa que pode ter um olhar mais sensível para cada tema desenvolvido ao longo de sua história.

No relacionamento entre pesquisador e pesquisados, constrói-se um diálogo e amplia-se o entendimento. Maturana (2002, p.12), refere: “*em suma, se a vida é um processo de conhecimento, os seres vivos constroem esse conhecimento não a partir de uma atitude passiva e sim pela interação. Aprendem vivendo e vivem aprendendo*”.

Neder compartilha com a idéia de Maturana e cita:

O que se busca na pesquisa qualitativa, é a compreensão do fenômeno que se mostra. E o mostrar-se (essa expressão) vai depender da habilidade do pesquisador de sua capacidade de ver, observar, perceber, intuir, escolher e dominar seu instrumento de trabalho. (Neder, 1993, p.3)

Acrescenta (p.3) que “*verdadeiramente o investigador é o mais importante instrumento, dado que de sua capacidade de criatividade depende o sucesso do processo de pesquisa*”.

Assim, o profissional da área clínica necessita tanto do conhecimento já produzido como se

utiliza da própria prática clínica para a produção de novos conhecimentos, formando, um círculo de produções científicas.

É também por sua experiência em sua prática diária, que o investigador se auto-ajuda na captação do específico, do essencial, do particular que ocorre. E ele todo, inteiro, apelando para sua própria subjetividade, é quem capta, cria, interpreta, compreende o que está ocorrendo. (Neder, 1993, p.3)

Desse modo, o pesquisador busca investigar o contexto das relações afetivas na família e, de certa forma, resgata as particularidades existentes nela que se refletem na essencialidade de suas vivências.

Macedo (2005),¹⁰ alerta para a clareza que o pesquisador deve ter de seu posicionamento diante da epistemologia, “*De que lugar fala o pesquisador?*” Compartilhamos dessa indagação e, dentro dessa busca, nós, pesquisadores, organizamos com as teorias uma nova construção.

Strauss;Corbin (1998) e Gilgun (2004), consideram em seus estudos que a metodologia é vista como a possibilidade de construção de novos conhecimentos que devem ser trabalhados mediante seus princípios.

Assim, este capítulo sobre o método de pesquisa tem como objetivo um olhar central aos relacionamentos afetivos no sistema familiar intergeracional.

Em nossa visão epistemológica baseada na construção da realidade social, de acordo com o paradigma científico da pós-modernidade que propõe uma visão complexa do homem, implicando a multiplicidade, o relativismo e a diversidade. Segundo Vasconcelos (2002), passamos a compreender os significados das relações intergeracionais.

Ao usar esta lente teórica, podemos falar do fenômeno, no qual ontologicamente “*a realidade*” é apreendida na forma de múltiplas construções que são experimentadas de modo próprio em cada uma e mantidas pelo grupo onde estão inseridas. Sendo assim não existe “*uma*

¹⁰
Aula do Curso de Pós-Graduação Mestrado – PUC-SP (2005)

verdade”, única, mas, sim, multiplicidades de respostas que se tornam verdadeiras.

Na abordagem qualitativa, o pesquisador não é visto em separado dos membros pesquisados, mas em um processo de interação.

Segundo Gil (2002), em estudos de Guba: Lincoln (1994), o sujeito e o objeto não possuem separações. O pesquisador está incluído e presente em todos os momentos, do início ao final da pesquisa, conforme está de acordo com nosso posicionamento teórico.

Para Dezin; et al. (1994, p.13),¹¹ o método de pesquisa é para nós um conjunto de procedimentos e técnicas usados para coletar e analisar. *“Toda pesquisa é interpretativa e é guiada por um conjunto de crenças e sentimentos sobre o mundo e como este deverá ser compreendido e estudado”*.

4.2 Justificativa do Método

A opção pelo método de Pesquisa Qualitativa e a utilização do genograma, entrevista semi-estruturada com perguntas abertas e fechadas focadas no fenômeno em pauta visam a obtenção de descrições do mundo dos entrevistados. Por meio desses instrumentos, dados relativos sobre a subjetividade dos indivíduos e suas famílias são conseguidos, como: fatos, crenças, expectativas, maneiras de pensar e sentir, mitos, expressividade de atuação, comportamentos (presentes e futuros), razões conscientes e inconscientes para determinados valores. Perguntas e respostas em um diálogo de empreendimentos intersubjetivos. De posse desses dados, o pesquisador tem uma postura de realidade construída e de co-construir o curso da conversação, das narrativas e histórias vivenciadas em um sistema intergeracional.

Assim, o objetivo geral deste trabalho foi identificar e compreender os padrões afetivos transmitidos na família, utilizando-se a pesquisa exploratória e descritiva segundo Gil (2002, p. 41):

¹¹ Dezin, et al. (1994, p.13) - *All research is interpretative, guided by a set of beliefs and feelings about the world and how it should be understood and studied.*

“Na maioria dos casos essas pesquisas envolvem: (a) levantamento biográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão”

Gil (2002, p.42), ainda salienta sobre a pesquisa descritiva *“os estudos característicos de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível escolaridade, estado saúde física e mental”*.

A pesquisa exploratória e descritiva vai de encontro com nosso objetivo geral que se amplia com uma forma de estudo de caso. Portanto, a entrevista semi-estruturada foi identificada como um dos instrumentos mais adequados ao estudo, possibilitando a análise do processo de comunicação pela dinâmica das relações e como a transmissão da expressividade desses padrões afetivos ocorre em uma interação entre a história da família e sua hereditariedade vertical e horizontal por meio do Estudo de Caso.

A pesquisa qualitativa é um processo usado para dar sentido aos dados que são representados por palavras ou figuras e não por números, tem-se a percepção de que não existe um mundo a ser descoberto, mas, sim, a ser construído que inclui modos de conceitualizar, coletar, analisar e interpretar os dados. A não generalização é importante na pesquisa qualitativa por ter como objetivo a transferibilidade, a possibilidade de aplicar o conhecimento adquirido em outras situações, contextos, tendo em vista a credibilidade e consistência interna de seu conteúdo . (Berthoud, 2003):

(...) pensar qualitativamente é prescindir de números e da necessidade de generalizações e, em vez disso, usar palavras e suas representações, buscar a consistência, a aplicabilidade e a transferibilidade dos resultados obtidos. É preocupar-se igualmente com conteúdo e contexto, com as subjetividades de pesquisador e pesquisado e, acima de tudo, ousar. (Berthoud, 2000, p.105)

4.3 Delineando o estudo: reflexões a respeito do percurso metodológico

A proposta deste estudo busca refletir a intergeracionalidade sob a ótica das relações de vínculos afetivos que agrupam pessoas de diferentes gerações que estabelecem uma rede de relações simbólicas, imaginárias, num processo de trocas, no qual passam a compartilhar experiências significativas como a afetividade.

Neste contexto várias foram as inquietações iniciais na escolha de uma técnica que propiciasse perceber, por meio de registros individuais e rememoração de alguns aspectos relacionados à dimensão afetiva, a relação entre a vida individual/familiar e social, pois como afirma Bosi (1987), este tipo de registro alcança uma memória pessoal que significa também uma memória familiar, grupal e social.

É fundamental diferenciar que o processo de agrupar pessoas em função de sua geração é totalmente distinto agrupar pessoas em função do processo interativo entre pessoas jovens e idosas, em que a percepção do meio e do histórico de vida de cada um constitui a diversificação de suas vivências.

Para Vitale (1994), depoimentos individuais podem propiciar condições para observação das mudanças construídas entre as gerações e apresentam-se como forma adequada aos estudos das experiências de vida, visto que são duplamente subjetivos, ao focar a vida do sujeito interpretada por ele mesmo.

Por outro lado, essas representações não são apenas conteúdos da memória informativa, mas uma abordagem que envolve os aspectos históricos e sociais, culturais, que em seu todo, resulta num conjunto de experiência social, individualizado em cada sentir e vivenciado no corpo em um contexto cultural.

Para Triviños (1992), o caráter histórico que marca os fenômenos sociais e transforma-se pela ação do homem na sociedade, contempla o indivíduo como um ser total em sua diversidade, independente da sociedade em que vive. Ao compreender a realidade dos familiares em relação ao fenômeno da dimensão afetiva, buscamos evidências face às generalizações, para conceber a família como protótipo universal de suas experiências existenciais.

A escolha de uma metodologia definida como qualitativa, foi a opção que permitiu documentar e interpretar os aspectos do fenômeno estudado, do ponto de vista da pessoa e de seu esquema de referência.

Esta metodologia possibilita ao pesquisador dar conta de aspectos específicos inseridos no universo de significados, motivos, aspirações, crenças valores e atitudes, que correspondem a um espaço mais profundo das relações dos processos e fenômenos, cujos significados permitem ao pesquisador a captar a maneira pela qual os indivíduos interpretam a realidade frente às questões focalizadas (Minayo, 1994).

Na convivência entre as famílias de três gerações, há uma grande riqueza, pois passam a ver, sentir e agir com proximidade e conectividade diante de uma trilha de elucidação de fatos, marcados por diferenciais, pelas gerações, quando o cotidiano demarca suas influências no processo de vida. As evidências teóricas, práticas e investigacionais em descrever os eventos familiares, têm enfocado a transição de uma perspectiva individualista mais tradicional para um pensar mais interacional diante das mudanças nos arranjos familiares, precipitado por grandes eventos da vida que podem ocasionar impacto na área cognitiva, afetivas ou comportamentais que em decorrência da mudança em uma das áreas apresentará mudanças nas outras.

A adoção da Pesquisa Qualitativa nos remete ao entendimento que não existe uma teoria ou paradigma próprio, mas alimenta-se de vários referentes metodológicos e paradigmáticos,

constituindo um campo de atividades interpretativas que consiste em um campo de ampla diversidade do conhecimento.

Todavia, ao compreender a família numa perspectiva relacional, podemos conhecer um grupo que vive em seus espaços, preservando seu estilo de vida, norteado por suas crenças, valores e práticas; cujas obrigações e laços afetivos expressam toda uma riqueza de movimentos e ondulações onde se expressam a ritualização diária e sua familiaridade torna-se parte do cotidiano, cujos movimentos nunca são iguais em sua intensidade.

Buscar a intensidade das relações afetivas das famílias é o melhor laboratório de ação na prática investigativa. Portanto, ao utilizar a técnica de história de vida, tal como Minayo (1994), a descreve, permite obter uma visão sistêmica do universo familiar e a explicitação das interações que aí se processam. Portanto, este trabalho tem como intenção a reconstrução de alguns dados baseados nos contatos com pessoas que participaram dos eventos históricos.

As diversas e heterogêneas pesquisas vêm buscando dar conta da complexidade em face às relações afetivas, carecendo, portanto, de instrumental biológico, cultural, social e psicológico, para que se possa entender o comportamento humano. O fato reforça a valorização de novos significados que não estão descolados do conhecimento científico, desenhados para cada grupo social em seu momento histórico.

Frente ao exposto, afirmamos que, entender esse campo temático, não significa apenas decodificar os modelos cognitivos, reduzir estas representações a esse patamar seria deixar de lado os aspectos fundamentais da conduta humana. Preso ao estudo do mundo social e familiar, por meio do processo de idealização e formalização em si, poderá não favorecer as interpretações das experiências de vida e suas verdades científicas.

Há uma imensa riqueza nas relações afetivas vivenciadas pelos familiares, que pressupõe

uma multiplicidade de fenômenos que circulam no universo de suas vidas, como: incertezas, repetidos fracassos, dificuldade de interações, culpa, desespero, impotência e vitimização fatores que deixam suas vidas vazias, assim, precisam ser ouvidos e compartilhados, como fonte de interpretação de suas práticas.

Ao usar esta lente teórica, podemos falar do fenômeno, no qual ontologicamente “*a realidade*” é apreendida na forma de múltiplas construções que são experimentadas de maneira própria em cada um e mantida pelo grupo ao qual se está inserida, sendo assim, não existe “*uma verdade única*”, mas uma multiplicidade de resposta que se torna verdadeira.

Portanto, a construção da realidade social propõe uma visão complexa do homem, implicando a multiplicidade, o relativismo e a diversidade para que possamos olhar os relacionamentos afetivos no sistema familiar intergeracional.

Assim, vale o pressuposto de que as famílias atribuem significados às suas relações afetivas, ao considerar suas ações mediante um contexto em que cada um vivencia suas interações interpessoais e intrapessoais e isso possibilita olhar o fenômeno sob uma perspectiva de autodireção, com possibilidade de compreender como o ser humano atua e acessa suas ações. Isto envolve escolhas conscientes que certamente ajudam a redefinir suas interações pelo significado que a experiência tem para ele e certamente, influenciará na formação de seu comportamento afetivo.

A proposta deste trabalho inclui o relato das histórias em que a família faz parte do universo de experiências (real e/ou simbólica) dos seres humanos que, ao mesmo tempo comuns e individualizados, todos têm algo a dizer. Esta dimensão histórica possibilita um olhar mais abrangente sobre a variedade das formas que os seres humanos organizam a própria sobrevivência e reprodução, redimensiona os fenômenos que parecem novos ou peculiares a nosso tempo.

Ao procurar entender essas unidades de relações sociais, a família também diferencia de seus membros por sexo e por idade que se relacionam cotidianamente, gerando uma complexa e

dinâmica trama de emoções; ela não é soma de pessoas, mas um conjunto vivo, contraditório e cambiante de pessoas com sua própria individualidade e personalidade. A sexualidade, a reprodução e a socialização são esferas potencialmente geradoras, tanto de relações prazerosas como conflitivas, na medida que se configura uma distribuição de privilégios, direitos e deveres dentro do grupo (Bruschini, 1997).

Delineando o estudo com reflexões a respeito do percurso metodológico na pesquisa qualitativa, escolhemos o Estudo de Caso.

Os estudos contemporâneos possibilitam que cada vez mais trabalhem com estudos de caso, pois é difícil ter sujeitos com idênticas condições e que estas sejam controláveis, o importante não é a generalização, mas, o que aconteceu durante o processo de experiência de cada um.

O pensamento sistêmico tem uma maneira de abordar, visualizar, situar, pensar e sentir um problema em relação a seu contexto em uma circularidade; cada pergunta formulada pelo pesquisador tem uma intenção e parte de alguma hipótese. De modo estratégico, o investigador pode estar imbuído de diferentes intenções ao fazer os quatro tipos de perguntas sugeridas por Tomm (1988):

Tabela 13 - Tipos de perguntas sugeridas por Tomm (adaptação)

<i>Perguntas lineares</i>	Caráter investigativo
<i>Perguntas circulares</i>	Caráter exploratório e de curiosidade
<i>Perguntas estratégicas</i>	Efeito corretivo
<i>Perguntas reflexivas</i>	Desencadeiam uma atitude reflexiva a respeito dos sistemas de valores e crenças, preexistentes na família, pressupondo que seus integrantes são seres autônomos e não podem ser instruídos diretamente.

Fonte: Tomm (1988, p. 5 - 9).

O pesquisador busca entender o significado da ocorrência natural dos eventos complexos, ações e interações no contexto sob o ponto de vista dos participantes envolvidos; pois é um dos instrumentos-chave desta ação e interação e deve estar atento a cada pergunta, pois cada questionamento tende a provocar diferentes efeitos nos indivíduos estudados que são sempre

imprevisíveis. Os pesquisadores procuram por princípios a compreensão holística do fenômeno e a realidade é concebida em múltiplas construções pelos significados partilhados.

4.4 Estudo de Caso

O delineamento escolhido pelo Estudo de Caso oferece a possibilidade de explorar as ciências do fenômeno social, cujo ambiente natural é a fonte dos dados coletados e o pesquisador, é o instrumento-chave desta ação, cujo motivo central é o significado que o sujeito dá aos eventos e à própria vida. Existe uma preocupação com o “*Como perguntar e os tipos de perguntas*” fundamentadas em tópicos, como presente, futuro e passado.

A contextualização, memórias, reflexões e posicionamento frente a novas idéias, percepções, uma nova reorganização dos sentimentos, pensamentos e ações são fundamentais nesse processo. Além disso, o poder de uma pergunta contextualiza um problema que pode estar em impasse no sistema relacional familiar.

Pesquisa qualitativa envolve o estudo e a coleção de uma variedade de materiais empíricos - estudo de caso, experiência pessoal, introspecção, estória de vida, entrevista, textos e observação, históricos, interacionais e visuais – que descrevam rotinas e momentos problemáticos e significativos na vida dos indivíduos. (Dezin et al. 1994, p.2) ¹²

No Estudo de Caso, doravante denominado EC, o processo e o desenvolvimento da pesquisa são mais valorizados que os resultados encontrados. Nesta investigação, são relevantes os aprofundamentos das questões propostas, a flexibilidade para reformulação dos objetivos ao longo do processo, assim, são ressaltadas as interações de seus componentes, o uso de técnica de

¹² Denzin, Lincoln 1994-p.20- *Qualitative research involves the studied use and collection of a variety of empirical materials-case study, personal experience, introspective, life story, interview, observational, historical, interational and visual texts-that describe routine and problematic moments and meaning in individual's lives.*

observação, a análise da estrutura e do poder desta ou das formas de associação verificadas entre seus componentes, espaço entre o explicar e o compreender, ou seja, uma co-construção que pode surgir na intersubjetividade.

Para nós, o EC engloba a observação, que é objeto de possibilidades várias, como: uma construção efetuada pelo pesquisador, portanto, é mais abrangente que a observação de um estudo com a função de oferecer esclarecimentos, trazendo idéias, representando hipóteses. Enfim, espera-se o estabelecimento de uma relação de troca entre o material e a teoria.

O EC possui várias aplicações e pode ser empregado para casos individuais ou em um caso, em particular. Contribui para revelar, extrair, apontar fatos e demonstrar sua eficácia.

No caso desta pesquisa, foi proposto somente para buscar identificar a transmissão de padrões afetivos dentro de um sistema trigeracional.

É preciso entender a ótica do paradigma qualitativo, na qual o pesquisador reflete a perspectiva sistêmica, buscando perceber o significado da ocorrência natural de eventos complexos, ações e interações no contexto do ponto de vista dos participantes envolvidos e preocupado com a compreensão holística do fenômeno. Estes tópicos podem ser encontrados nos trabalhos de Sidney M. Moon, Deborah R. Difton e Douglas Sprenkle (1990) e Rosa Macedo (Cibrapeq – 2003).

Dentro do EC, dois instrumentos foram selecionados e são apresentados a seguir.

4.4.1 Instrumentos:

4.4.1.1 Entrevista semi-estruturada

Para Labov, et al.:

A enquete social define-se mais simplesmente como uma atividade de pesquisa e produção de informação. A entrevista de pesquisa é um instrumento da enquete. É um dispositivo pelo qual uma pessoa A favorece a produção de um discurso de uma pessoa B, para obter informações inscritas na biografia de B. (Labov et al. 1997 cit. por D'Alonnes, 2004, p. 92)

D'Alonnes continua:

A entrevista clínica será, pois, como um dispositivo pelo qual uma pessoa A, respondendo profissionalmente a uma demanda de ajuda com relação a uma pessoa B, favorece a produção de um discurso de B para obter informações e agir sobre problemática subjetiva de B. (D'Alonnes, 2004, p.92)

Para nós, que concordamos com este raciocínio e o ampliamos dentro da visão sistêmica, pois diante da pesquisa qualitativa é a possibilidade dos discursos que emergem da problemática subjetiva, ocorrer nas interações familiares.

A opção pela entrevista semi-estruturada mediante perguntas abertas focadas no fenômeno em pauta visa a obter descrições do mundo dos entrevistados e oferece dados relativos à subjetividade dos indivíduos e suas famílias. De posse desses dados, o pesquisador pode co-construir o curso da conversação, das narrativas e histórias vivenciadas em um sistema intergeracional.

A entrevista semi-estruturada é um instrumento mais adequado a este estudo, é a possibilidade de analisar o processo de comunicação pela dinâmica das relações e como ocorre a transmissão da manifestação desses padrões afetivos em uma interação entre a história da família e sua hereditariedade vertical e horizontal. ou seja, a possibilidade da fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos.

No caso, a pesquisadora optou pela escolha de tópicos estratégicos visando à extração de

pontos importantes para o entendimento da transmissão das manifestações de afetividade no sistema familiar intergeracional, cujos tópicos escolhidos foram:

Tabela 14 - Evidenciando tópicos de observação para pesquisa de campo (adaptação)

Dinâmica Relacional.
Manifestação da Afetividade (toque, diálogos,apoio, atração, orações, discursos, entre outros).
Desenvolvimento humano emocional (ligações de afeto/apego/vínculo/separação).
Processo Comunicacional (anunciador, denunciador, enunciador, transmissores, discursos.).
Seqüências Geracionais (repetições conscientes e inconscientes, ocultas).
Intergeneracionalidade (lealdades, mitos, segredos, hierarquia,entre outras.)
Transmissões das relações afetivas intergeracionais.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O emprego de entrevistas semi-estruturadas acontece por meio de uma técnica de interrogação, que ao mesmo tempo permite a observação do comportamento verbal e não-verbal. Para Gil (2002, p.114), que aprofundou-se nos estudos de Sellitz, diz que é uma técnica que envolve duas pessoas no qual uma elabora questões e a outra responde. Nesta pesquisa, faz-se útil nas questões: “*de obtenção de informações do que se sabe, suas crenças, valores, expectativas, desejos, pretensões e significações com explicações para o que se faz ou pretende fazer, ou seja, expressar com liberdade de pensar e sentir*”.

Portanto, conforme se referem D’Alonnes (2004) e Gil (2002), sobre a entrevista semi-estruturada em pesquisa exige que seja do tipo informal e possibilita ser preparada antecipadamente, oferecendo abertura para conhecer pontos de vista dos entrevistados e ao mesmo tempo estabelecer um foco central, explorando o tema. Conforme os tipos de perguntas já citados podemos priorizar para o início da entrevista perguntas lineares.

4.4.1.2 Genograma

A fundamentação teórica dos terapeutas familiares intergeracionais como: Bowen (1991), McGoldrick et al. (1995), Cervený (2001), entre outros, ampliou a atenção da família

nuclear para as influências intergeracionais da família extensa. Com base nessa visão, percebemos que a família permanece dentro de nós com seus padrões, mitos, crenças, valores e os legados familiares.

O genograma é usado como um instrumento para compreensão do que ocorreu no campo da dinâmica relacional de um sistema embora seja um diagrama esquemático da família e seus relacionamentos pode se tornar uma fonte de importantes informações estruturais e subjetivas com a possibilidade de explorar a expressividade das emoções, os movimentos das relações, os vínculos, os padrões afetivos, as fusões, os conflitos e os rompimentos vivenciados no sistema. As informações transcritas no genograma, às vezes, mantêm-se repetidas nas gerações seguintes, como: legados, crenças e mitos, além de indicar o ciclo vital em que se encontra a família.

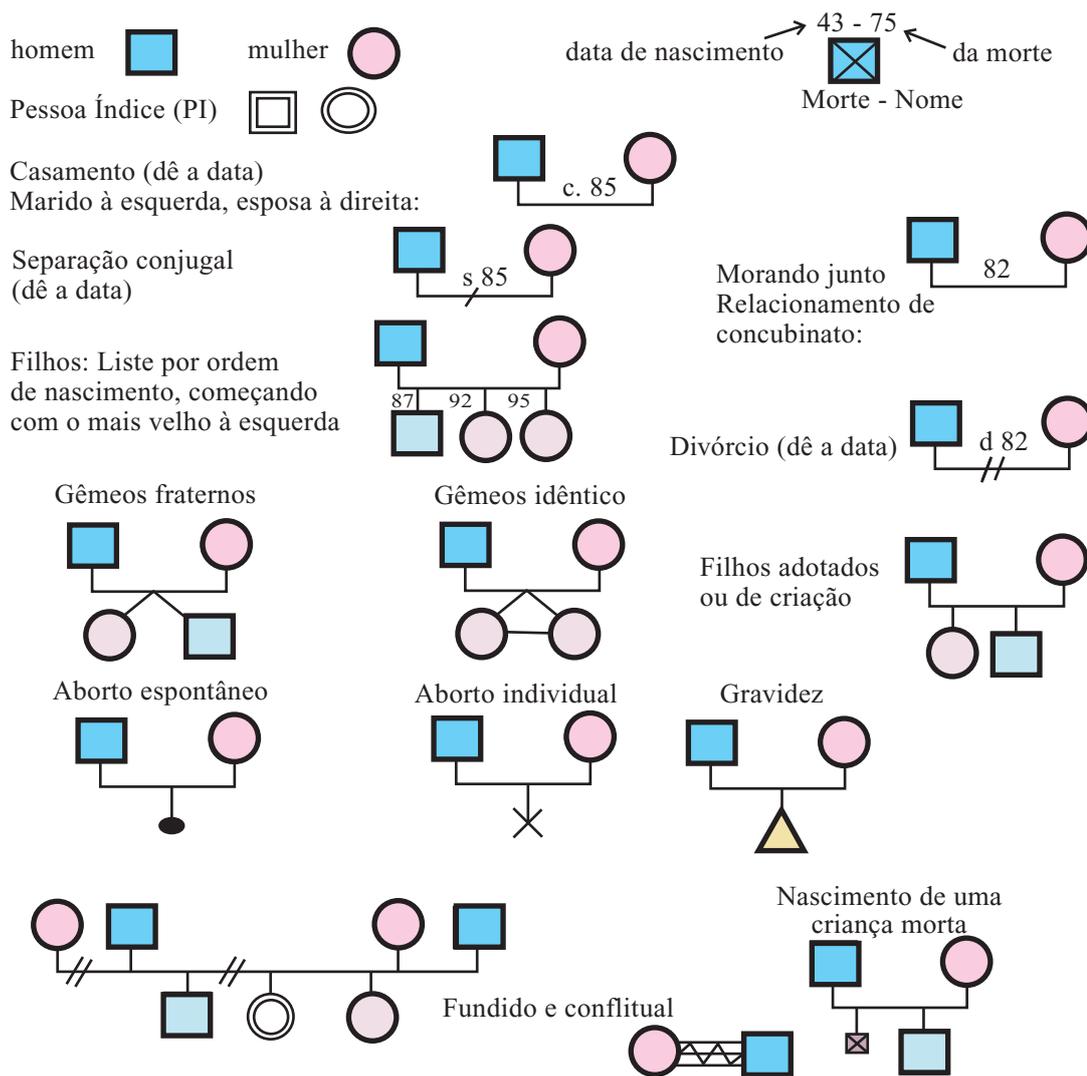
O genograma é composto por símbolos para descrever a associação e estrutura familiar básica. Neste fluxograma, pessoas significativas (agregados) que moraram com ou cuidaram dos membros da família também são representadas. Outras informações-chave, como eventos críticos, mudanças na estrutura familiar, etnia, migração, religião, grau de instrução, situação profissional, serviço militar, aposentadoria, problemas com a lei, abuso físico ou incesto, obesidade, abuso de álcool ou drogas, situação geográfica da família e datas nas quais os membros da família deixaram a casa são citados (McGoldrick et al. 1995).

Além disso, no genograma é importante representar que outros fatores influenciam a dinâmica relacional familiar, como os rituais familiares, recasamentos, segredos familiares, triangulações. As vivências e experiências com a família são as bases para a co-construção do significado das histórias pessoais. Os conceitos intrapsíquicos e interpessoais que se formam, interferem na possibilidade das pessoas diferenciarem-se de suas famílias e constituírem suas próprias histórias.

O genograma é um mapa relacional, mas a forma como o terapeuta familiar ou o pesquisador constrói esse mapa com a família entrevistada depende da peculiaridade, da experiência acumulada, do vínculo estabelecido e porque não dizer da afetividade gerada no decorrer da construção.

A eficiência do genograma vai depender disso e se este trazer mais dados que facilmente, não só o processo de entendimento da estrutura ou da comunicação, mas também da construção relacional ter conseguido falar do essencial para ambos. A seguir, a figura mostra estrutura de um genograma.

Símbolos para descrever a associação e estrutura familiar básica (inclua no genograma as pessoas significativas que moraram com ou cuidaram de membros da família).



Padrões de interação familiar. Os seguintes símbolos são opcionais. O terapeuta pode anotá-los em folha separada. Eles estão entre as informações menos precisas do genograma, mas podem ser indicadores-chave de padrões de relacionamento que o terapeuta quer lembrar:

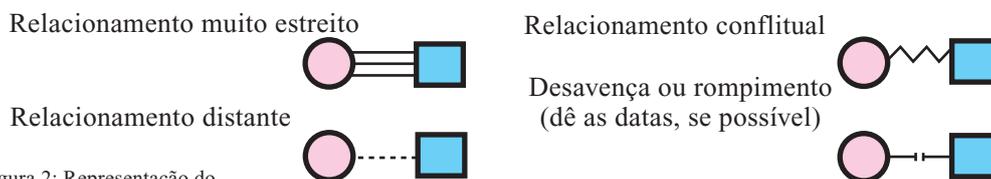


Figura 2: Representação do Genograma
 Fonte: MacGoldrick et al. (1995 p. 145)

4.5 Participantes : conhecendo a família do estudo

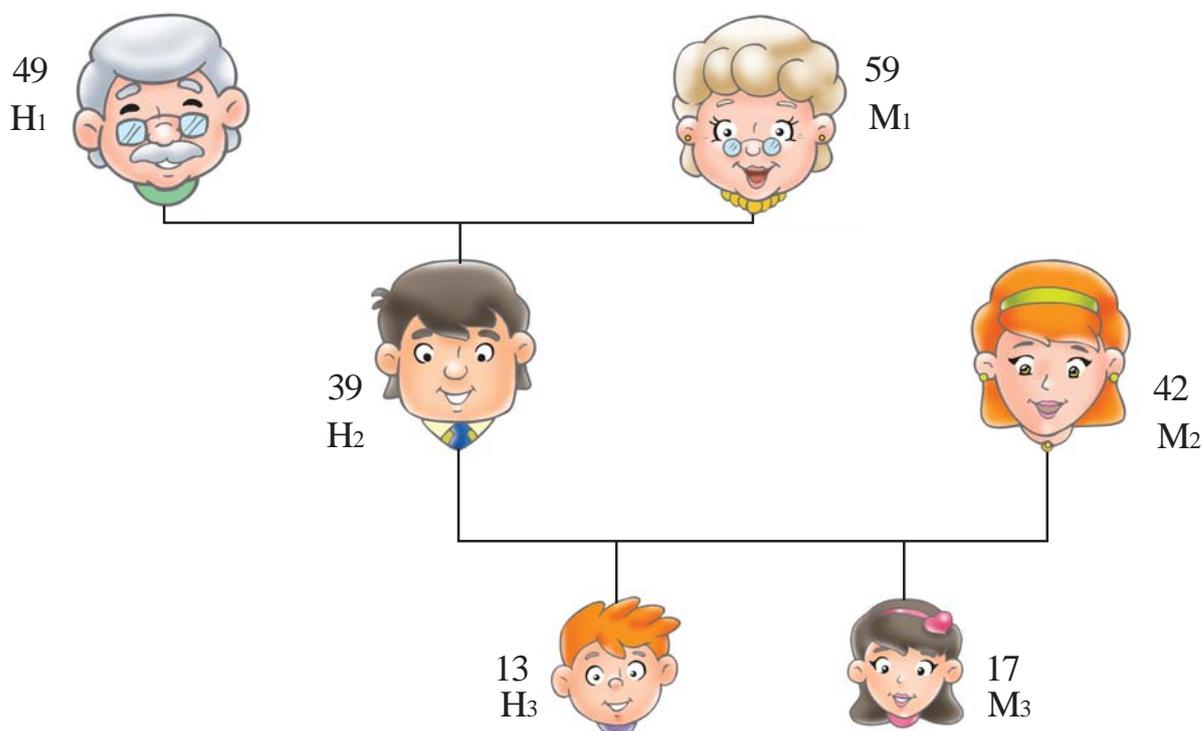
O estudo foi realizado com famílias pertencentes a três gerações.

Procuramos associar o critério de lugar de descendência, pois consideramos como da 1^a. geração as que eram avós, da 2^a. geração filha da avó e da 3^a. geração os netos dos avós. Em função dessa associação, foram informantes do estudo as famílias compostas da 1^a. 2^a. e 3^a. geração, lembrando que os relatos enfocam as relações interpessoais, sem atenuar a importância dos fatores estruturais na gênese do padrão afetivo, os critérios de inclusão foram:

Família com membros trigeracionais (filhos e netos) que comparecessem juntos às sessões de entrevista com o mínimo de um membro representando cada geração. Família com filhos e netos em idade de reflexão (adolescência) que se dispusessem a refletir a respeito dos padrões afetivos, manifestações de afetos da família de origem e das relações que a permeiam, além da história e da transmissão de valores emocionais ou mesmo nomeação de sentimentos e dotada de quaisquer condições socioeconômicas.

Como critérios de exclusão foram: famílias que não pudessem comparecer juntas à sessão e que não tivessem três gerações.

No momento inicial da entrevista para compor o genograma, passamos a conhecer melhor os membros que apresentavam receptividade às perguntas, trocavam brincadeiras entre eles, e passaram a conhecer alguns dados esboçados pelos familiares que, até então, eram desconhecidos por alguns membros. Houve dificuldade para lembrar nomes e a ordem de nascimento dos irmãos de (M_1) e (M_2).



A visão geral dos componentes da família procura discernir as estruturas, bem como a compreensão da composição e vínculos da família. Ao delinear seus membros, temos a avó (M₁) 59 anos de idade, casada pela segunda vez com o avô (H₁) 49 anos também, vindo de outra união. Na 2^a. geração, tem o filho da avó (M₂) de 39 anos e sua esposa (M₂) 42 anos. A geração mais nova é composta pelos filhos, uma adolescente (M₃) 17 anos e um adolescente (H₃) 13 anos, conforme esboço do genograma da Figura 3.

Os membros das três gerações pertencem à classe média baixa urbana, residem no mesmo prédio e valorizam o espaço geográfico de moradia, como importante para manutenção da união da família. De acordo com o relato da avó (M₁) “... a família nossa é muito unida, (...) tantos anos que a gente vive morando, quando não tá um dentro da casa do outro, tá um em cima do outro, acho que nos nunca discuti, eu discuto mais com meu filho...”

Pela resposta do filho (H₃) “... mais ou menos, dá muita briga! (...) todos riram, não é para falar a verdade. Não é briga na verdade é problemas, discussão, ter opinião

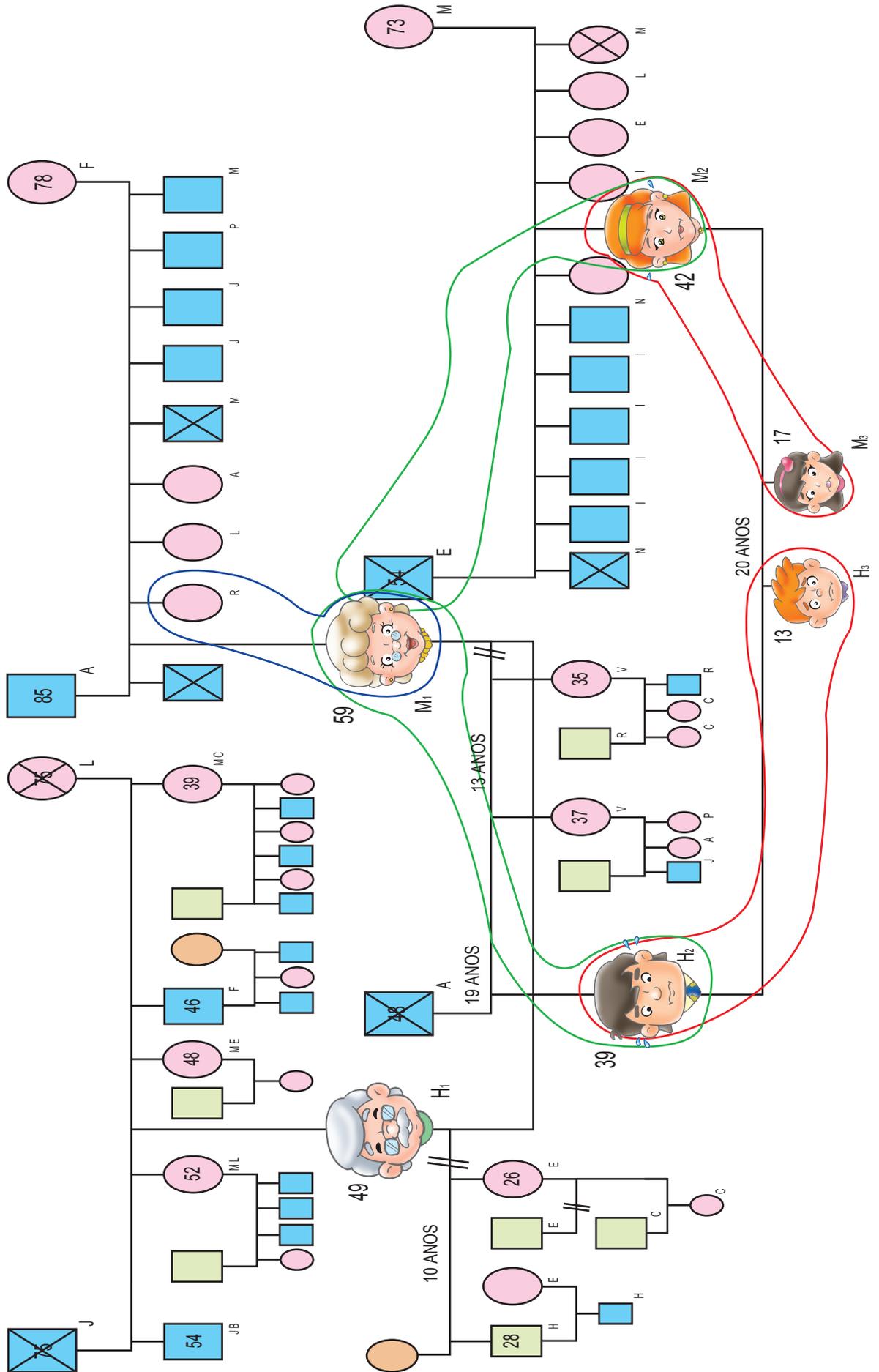
diferente...”

De acordo com os depoimentos colhidos, foi possível compreender que tanto as relações prazerosas como conflitivas surgem no espaço de convivência, em função de rever e discutir novas idéias, novos elementos, por meio dos quais os membros da terceira geração pretendem preservar comportamentos que não alteram a dinâmica familiar.

Aqui se evocam alguns esforços para compreender o grupo familiar nos espaços de convivência, nos quais se verificam comportamentos contraditórios entre a 1ª e 3ª. gerações, revendo e discutindo comportamentos não apenas em sua elasticidade, como também a riqueza da realidade empírica que, certamente, mobiliza toda a família na compreensão das divergências no seu padrão de convivência.

A seguir apresentamos a figura da família nuclear e de origem, construída após a utilização dos instrumentos: pesquisador, entrevista semi-estruturada e genograma.

Genograma do sistema familiar trigeracional (figura 3)



4.6 Local

As entrevistas foram realizadas no consultório da psicóloga, localizado na cidade de São Paulo e cedido para a realização do estudo.

4.7 Considerações Éticas

Pelo fato da entrevista basear-se, sobretudo, na interação com as pessoas pesquisadas, alguns cuidados foram tomados no sentido de não invadir a privacidade, sem lhes solicitar permissão. A primeira medida adotada foi ser franca, identificando-se como pesquisadora, esclarecendo a respeito do propósito do estudo, reforçando que o objetivo não era avaliar o conhecimento que possuíam, mas, sim, ouvir o relato da história de vida sobre a afetividade e a forma pela qual os interpretavam. As explicações sobre as medidas éticas e sobre o sigilo que seriam adotados, foram fornecidas aos membros da família e a pesquisadora preocupou-se em obter o consentimento livre e esclarecido dos participantes para o desenvolvimento do estudo, no qual foi garantido o sigilo sobre suas identidades. Outro cuidado foi a autorização para uso do gravador. Todos os informantes consentiram que utilizássemos do áudio/vídeo.

No processo de escolha dos participantes, os pré-requisitos necessários que envolvem seres humanos foram adotados, conforme a Portaria N° 196/96 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996).

4.8 Procedimentos para obtenção dos dados

O estudo das três gerações da família foi realizado por meio de duas entrevistas semi-estruturadas gravadas em áudio/vídeo, com duração de duas horas e meia cada uma, com intervalo de 15 dias entre cada entrevista, sendo realizadas no período da noite, junho/2005, contando com a disposição do entrevistador, interessado em ouvir, respeitar seus pontos de vista e não emitir julgamentos com máximo de privacidade possível. Alguns manifestaram seu contentamento em participar do estudo, outros expressaram sentimentos de orgulho, pois achavam importante transmitir o que sentiam.

Partindo desse princípio, prosseguimos na construção dos dados.

Na primeira entrevista, foi pedido que falassem um pouco de seus dados pessoais e incluíssem aspectos que fossem importantes para o assunto que estava em estudo, além de criar uma relação de proximidade para estabelecer um vínculo entre entrevistador e membro da família.

Na segunda entrevista, as perguntas foram dirigidas ao tema central com um processo de fechamento do assunto, para não perder a seqüência.

Nesse momento, citaram seus padrões afetivos e narraram com riqueza de detalhes e além de observar, analisar, aprofundar as transmissões das manifestações afetivas ou perder os afetos, sentimentos, comportamentos verbais e não-verbais e verificar o processo comunicacional em um sistema trigeracional, por meio das respostas de cada membro do sistema familiar.

Além disso, foi observado que os sistemas organizadores interagem com o sistema receptor da família, gerando padrões e estes fornecem as percepções rotineiras; os comportamentos seguem um padrão e mostram consistência e seqüencialidade dos fatos.

Para ordenação e análise do material, foram definidas as perguntas que nortearam as entrevistas a respeito do objeto de estudo e delineados em dois momentos de investigação, que se

relacionam e interagem.

Procuramos verificar como ocorreu a transmissão da linguagem afetiva, as manifestações dos sentimentos afetivos, a percepção da família a respeito da herança emocional familiar, lembranças das memórias afetivas e dos sentimentos agradáveis ou desagradáveis que vivenciaram.

A etapa configurou-se como um momento de aproximação direta com os familiares, tornou-se, portanto, uma tarefa complexa e difícil. O fato de expor e expressar sentimentos, afetos, transmissão da dinâmica de suas relações, com a família atual e a de origem representa um diálogo de empreendimento intersubjetivo na medida que permite ao pesquisador detectar as ações concretas em situações reais dos discursos.

Esta etapa objetivou: investigar, analisar e aprofundar, como ocorrem as transmissões das manifestações afetivas ou perceber os afetos, sentimentos e comportamentos não-verbais e verbais, além de observar o processo comunicacional em um sistema trigeracional por meio das respostas de cada membro do sistema familiar. Além disso, foram observados se os comportamentos seguem um padrão e se existe uma consistência e seqüencialidade.

No início, o termo de esclarecimento foi lido:

Eu vou entrevistar vocês, sobre suas experiências nas relações familiares e a história hierárquica da família. Então, eu gostaria de perguntar-lhes sobre seus relacionamentos iniciais com sua família de origem e atual, e o que vocês pensam sobre o modo como isto pode ter afetado vocês e o sistema familiar. Como ocorreu a transmissão destas manifestações afetivas. Se a família percebe que recebe uma herança emocional familiar. Na primeira parte da entrevista, serão realizadas perguntas com a finalidade de obter dados pessoais de cada membro aqui presente (nome, sexo, idade, estado civil, etc). Assim, para conhecermos um pouco sobre a evolução das relações dos membros familiares, para obter informações sobre épocas passadas da vida de vocês e da hierarquia familiar, mas depois nós iremos transferir este foco para a adolescência e então falaremos o que está acontecendo neste momento. Então, utilizarei suas memórias afetivas para relembrar fatos do passado. (cuidado com o estado emocional atual de um membro, pode afetar ou influenciar nas suas lembranças). Durante este processo, pode ser que algumas perguntas poderão fazer vocês reviverem sentimentos agradáveis ou desagradáveis. Mas se isto ocorrer, pararemos e falaremos sobre estas sensações. Esta entrevista freqüentemente leva uma hora e trinta minutos, mas pode acabar com uma hora e, às vezes, passar um pouco do tempo. Antes de iniciarmos o roteiro de perguntas, gostaria de pedir permissão para comentar sobre os ausentes. Após esta indução, gostaria de saber se todos aqui presentes estão de acordo. Então, gostaria de iniciar as perguntas .

Os membros da família assinaram a autorização da gravação, também, foi lido e assinado o termo de consentimento livre e esclarecido e assinado (anexo).

Uma entrevista com perguntas semi-estruturadas foi feita, abordando temas sobre as relações afetivas, transmissão (valores dos rituais entre gerações) e manifestações de afeto e, entre outros, temas listados nos anexos I e II.

O pesquisador finaliza o roteiro estabelecido e parte para “*esclarecimento*” dos pontos que foram levantados e que ficaram obscuros.

A entrevista tem sido a segunda forma mais antiga e mais difundida de coleta de dados orais nas ciências sociais. A entrevista supõe uma conversação continuada entre o informante e o pesquisador. Este último dirige a entrevista, podendo se utilizar ou não de um roteiro previamente estabelecido ou operar aparentemente sem roteiro, desenrolando, conforme uma sistematização de assuntos estabelecidos pelo pesquisador.

De posse desses dados, o pesquisador pode co-construir o curso da conversação, das narrativas e histórias vivenciadas em um sistema intergeracional.

O que torna a entrevista semi-estruturada como um instrumento mais adequado ao que estudo está propondo é a possibilidade de analisar o processo de comunicação por meio da dinâmica das relações e como ocorre a transmissão da manifestação desses padrões afetivos em uma interação entre a história da família e sua hereditariedade vertical e horizontal, ou seja, a possibilidade da fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos.

Após obter a aprovação do Comitê de Ética em pesquisa (PUC-SP), número 59/2005, começamos a entrevistar a família; sendo desenvolvida uma ferramenta de categorização e análise dos dados obtidos na entrevista. Esta sistematização será mostrada no próximo tópico.

4.9 Procedimentos efetuados para análise dos dados

Após o término das transcrições, foram feitas sucessivas leituras do material, inicialmente, buscando preservar as representações construídas pela família a respeito do padrão afetivo vivenciado por membro entrevistado.

Ao compreender a história das pessoas, por meio da memória, está se fazendo uma reconstrução. Neste sentido, o conhecimento do passado se faz a partir de uma representação, mas não arbitrária, porque é construída baseada nas de evidências. A reconstrução desse passado pode questionar, modificar a compreensão do presente que, por sua vez, pode também modificar a compreensão do passado.

Após o término desta etapa, buscou-se identificar a ocorrência dos fatos dentro de uma mesma geração e entre as gerações. Prosseguindo, procuramos estabelecer uma homogeneização nas entrevistas por meio da criação de substratos individuais. Para tanto, procedemos a uma análise dos códigos, identificando os mais frequentes e apoiados neles foram construídos os núcleos temáticos referentes à experiência dos membros de cada geração, o que se processou em duas etapas:

1. Levantamento dos aspectos relativos à: estrutura familiar, vínculos afetivos entre seus membros, sentimentos manifestados na interação familiar, expressão verbal ou não-verbal nas interações familiares intergeracionais, comportamentos afetivos entre seus membros, presença de estresse nas relações afetivas familiares e preservação do vínculo afetivo entre seus membros.
2. Identificação e organização dos descritores e seus componentes;
3. Agrupamento dos elementos descritores em relação a cada membro da família, confrontados entre si e na relação com as outras gerações. Procuramos abordar os conteúdos convergentes e divergentes das experiências relatadas quanto às afirmações e

comportamentos encontrados por cada membro.

4. Interpretação dos achados e formulação criativa dos dados organizados nas fases anteriores. A tarefa do pesquisador foi verificar a diversidade das experiências vividas e as visões contrastantes dentro de uma mesma geração apontam, acima de tudo, a complexidade da realidade investigada. Apresentar recomendações e ser capaz de explicar ou estabelecer relações entre os achados do fenômeno estudado.

4.10 Análise dos dados obtidos

4.10.1 A dinâmica estrutural da família intergeracional

O enfoque deste estudo foi verificar os padrões afetivos, as manifestações de afetos transmitidas intergeracionalmente, ou seja, pertencentes a três gerações, procuramos utilizar como modelo de coleta de dados, o genograma que tem como fundamentação teórica Bowen (1991), McGoldrick et al. (1995), Cerveny (2001), entre outros.

O genograma é composto por símbolos para descrever a associação e estrutura familiar básica. Neste fluxograma, também, são representadas pessoas significativas (agregados) que moram ou cuidam dos membros da família. Evidencia eventos críticos, mudanças na estrutura familiar, etnia, migração, religião, grau de instrução, situação profissional, serviço militar, aposentadoria, problemas com a lei, abuso físico ou incesto, obesidade, abuso de álcool ou drogas, situação geográfica da família, datas em que os membros da família deixaram a casa. (McGoldrick et al. 1995).

O genograma é utilizado como um diagrama do grupo familiar, planejamento e intervenções familiares que pode-se tornar uma fonte importante de informações estruturais e subjetivas na qual

existe a possibilidade de explorar a expressividade das emoções, os movimentos das relações, os vínculos, os padrões afetivos, as fusões, os conflitos e os rompimentos vividos no sistema. Estas informações transcritas no genograma, às vezes, mantêm-se repetidas nas gerações seguintes como legados crenças e mitos, além de perceber o ciclo vital que a família se encontra.

O genograma propicia uma coleta de dados que influencia na dinâmica relacional familiar como os rituais familiares, recasamentos, segredos familiares, triangulações. As vivências e experiências com a família são as bases para a co-construção do significado das histórias pessoais. Os conceitos intrapsíquicos e interpessoais que se formam, interferem na possibilidade das pessoas se diferenciarem de suas famílias e constituírem suas próprias histórias.

Por possibilitar uma compreensão das relações familiares, a forma como o terapeuta familiar ou pesquisador elabora esse mapa vai depender da peculiaridade, da experiência acumulada, do vínculo estabelecido e por que não dizer da afetividade gerada no decorrer da construção.

As pessoas muito envolvidas emocionalmente com suas famílias de origem encontram dificuldades em ampliar suas percepções, pois, recebem influências advindas de heranças familiares. Conseqüentemente, podem apresentar dificuldades relacionais e de transmissão na constituição de sua família nuclear.

4.10.2 A dinâmica funcional da família intergeracional

Os padrões de interações possibilita a análise, é evidente que as famílias sejam compostas por indivíduos, mas ao discutir as questões instrumentais e funcionais são muito importantes os relacionamentos dos membros da família e outros agregados significantes de seu ambiente.

Isto nos leva a pensar em um conceito sistêmico de ligação com ampla e em constante interação, capaz de gerar diferentes formas de convivência cotidiana, com habilidade e competência

para dar forma e significado às interações, que têm uma história rica em detalhes e contextos.

4.10.3 Aspectos instrumentais do funcionamento da família entre os membros da primeira geração

As atividades instrumentais desenvolvidas na rotina diária de cada família assumem significados em razão das atribuições de papéis.

A sociedade brasileira internalizou o desenvolvimento das atividades domésticas como algo de “mulher”, funcionamento esse que perdura ao longo do tempo. Quando criança cuidava dos afazeres domésticos e cuidava dos irmãos pequenos “(...) desde pequena, eu ajudei minha mãe criar os meus irmãos, e também ajudava na colheita do café”.

Para a maioria das mulheres dessa geração, o trabalho teve início na infância fazendo parte de uma cultura do lugar que todos trabalhassem na lavoura, associado ao doméstico, cujas tarefas representam o acúmulo de atividades e vulnerabilidade ao adoecimento.

Segundo o relato da família, ambos provenientes do Estado do Paraná onde viveram pelo menos parte de suas vidas na zona rural. A avó (M₁) primeira filha do casal, oito irmãos, criada no sítio, vivia bem com sua família, apenas brigava com irmãos e era muito arteira, a mais terrível, de vez em quando derrubava os irmãos do cavalo.

Casou-se jovem com um homem que considerava ruim, agressivo e quando bebia batia e a traía com outras mulheres. Após dez anos de convivência, separou-se e os três filhos foram entregues a outros familiares, tirando-os de perto da mãe.

A figura autoritária máxima do pai influencia o processo interno de padrões circulares de divergências na vida familiar com o abuso e a legitimidade de posição, construídos socialmente, organizados e mantidos nos contextos culturais mais amplos. As questões de gênero são quase

permeadas entremeadas por questões de poder.

É inegável a influência do poder ou controle como privilégio de comunicação e sentimentos para influências positivas ou negativas utilizadas na família, especialmente, a mãe, incentivam posições em que esta não possa compartilhar na divisão de responsabilidade para solução dos problemas, como provedora de cuidado com os filhos.

Após o falecimento do marido, ela conta com entusiasmo, suas saídas para os bailes, diversão que só foi possível participar nessa época, até mesmo, na adolescência não podia fazer, porque os pais eram bravos e não consentiam que saísse para dançar. Ela narra a respeito do trabalho exaustivo de faxineira em casa de família e nas empresas para reaver os filhos e criá-los sozinha, atitude que expressa orgulho. “...trabalhei de manhã à noite pra não deixar faltar nada pra eles, nem colocar eles pra morar em cortiço cheio de banheiro, cheio de gente, eu trabalhava dia e noite pra não deixar faltar nada...”

Na narrativa, percebemos um paradoxo, em virtude dos mecanismos de mobilização da mãe em função de estratégias de sobrevivência, ao procurar assumir o cuidar das crianças e a manutenção dos vínculos afetivos.

O avô (H₁) morava na zona urbana (interior de S.P). Em seu relato, revelou a existência de divórcio de um casamento anterior. Foi casado dez anos, tem dois filhos, ambos casados. Recentemente, a filha do primeiro casamento separou-se e tem um filho com três anos de idade.

Analisando a estrutura da família, percebemos a mutabilidade entre a relação conjugal, na medida que a realidade revela outras formas de convivência. Esta consiste na elasticidade de laços estabelecidos entre pessoas de um determinado grupo familiar pela inclusão de novos membros que passam a compartilhar uma complexa e dinâmica trama de emoções.

A realidade, porém, distancia-se bastante do modelo nuclear ou conjugal predominante em nossa sociedade. Devido à diversificação dos arranjos familiares, maior número de separações e

de novos casamentos, ampliam-se os relacionamentos e, nesses espaços de convivência, os membros se ressocializam a cada momento, revendo e discutindo seus valores e comportamentos, em função das necessidades do grupo, que se renovam a cada etapa da vida familiar e de acordo com as possibilidades oferecidas pela sociedade na qual o grupo insere-se.

Casado pela segunda vez (H_1) há 19 anos, aposentado e trabalha com o filho no negócio da própria família, há 3 anos *para o Sr. (H_1)* “(...) *isso não é um trabalho, eu pra mim é até não um não sei dizer, porque hoje estou aposentando, antes de aposentar eu estava na caixa, eu fiquei doente e comecei a ajudar a ele para passar o meu tempo, também eu estava ficando angustiado de ficar dentro de casa parado*”.

Para fazer face às necessidades econômicas do grupo, sejam elas de estrita sobrevivência ou de questões de saúde, é preciso considerar que a família é também uma unidade de consumo, na qual seus membros distribuem-se em atividades geradoras de renda – trabalho informal e atividades domésticas – que não geram, mas poupam renda.

Aqui se evocam alguns esforços para entender a 1^a. geração do grupo familiar, nos quais se verificam comportamentos que reforçam não apenas sua elasticidade, mas também a riqueza da realidade empírica que, certamente, mobiliza toda a família na compreensão de seus padrões afetivos.

O campo de reflexão sobre famílias exige, tanto no plano prático de intervenções como no terapêutico, o esforço para entender a realidade que vai se formando e que está em transformação o tempo todo, em uma complexa rede de significados que se entrelaçam, sendo construídos novos significados a partir daí.

Neste estudo, fizeram-se presentes outras formas de entendimento entre as gerações como os meios de comunicação no sistema familiares evidenciados em seus discursos.

4.10.4 Comunicação: verbal e não-verbal entre os membros da primeira geração.

Ao abordarmos as questões da comunicação no interior do sistema familiar, observamos que eles expressam por meio de compartilhamento de códigos (palavras, gestos, silêncios) que são sociais. No relato de um dos membros da família, colocamos em evidência mensagem expressas por meio de códigos e isto pode ser percebido quando a família omite e nega as brigas normalizando as interações de discussão e brigas. O relato de (H₂) permitiu identificar a seguinte colocação “... *não era para falar a verdade*”, isso nos leva a crer que existe uma dificuldade no diálogo aberto entre os membros, no qual o autoritarismo passa a fazer parte da dinâmica relacional, de modo que um membro da família posicionar-se com mais autoridade na fala do que o outro. Parece que não, ainda que as contestações a respeito do autoritarismo paterno tenha sido a tônica da dinâmica relacional, aparece na linguagem verbal a autoridade desta comunicação.

No que se refere à convivência (M₁), afirma que gosta muito do atual marido (H₁) com quem vive há 19 anos. Afirma que nunca foi de brigar, porém, outros membros da família a acusam de apresentar nervosismos, explosões de humor e crises. Essas manifestações permearam os discursos em forma de denúncia dos vários membros (filho, neto e neta), conforme apresentada em seu ato comunicativo “... *sei lá eu não tenho motivos para ter crise, porque a minha família é muito unida, é que sou mais chata!* ”.

Ao interagir com o marido (H₁) reclama da falta de opinião, atitude e diálogo por ser uma pessoa muito calma, calada e introvertida, preferindo manter-se em silêncio. O modo recursivo de comunicação é visto pelas diversas formas de convivências, cujo diálogo é manifestado pelo comportamento não verbal, em que a interação é compartilhada com o outro membro, no qual o componente significativo da interação é o contexto, tendo em vista que esse tipo de comunicação contém uma mensagem, como visto nessa interação “... *pouco falo, eu acho que aprendi isto por*

isto que não falo, prefiro ouvir...”.

Enquanto (H₁) manifesta-se calado, (M₁) tenta dissimular os conflitos familiares manifestados no seguinte depoimento “... *é, mas não é assim, ninguém briga, é discussão, por ter opiniões diferente um do outro, ele têm ciúmes da irmã dele e acha que tudo eles dá presente para ela e ele não*”. A maneira como a avó direciona seus interesses, nega o conflito entre seus membros ao querer omitir que as discussões não retratam os antagonismos internos do grupo. Parece que há completa harmonia entre os membros, até porque no seio dessa luta existe um esforço para manter a unidade coletiva.

A maneira como (M₁) expressa uma relação de autoritarismo e de dependência fica evidenciada na seguinte colocação:

(...) ele conta tudo pra mim, tudo que acontece com meu filho, ele vem, vai lá em casa, conta pra mim, quando existe o problema quando tô longe eu ligo, ele fala pra mim é assim (...)

A realidade transcrita evidencia uma dinâmica relacional em que o filho necessita da validação de seus atos, pela própria falta de decisão e temor em relação à autoridade da mãe. Isto nos leva a pensar que esta liberdade de diálogo torna-se prejudicial, visto em que este membro da família não consegue tomar suas decisões e concorda apenas com as idéias da mãe. Partindo dessas considerações, vem à tona a fala da mãe quando diz que mora grudado e reafirma não saber ficar sem o filho.

4.10.5 Comunicação emocional entre os membros da primeira geração

A comunicação emocional refere-se à amplitude de emoções e/ou sensações expressas, e/ou demonstrada no sistema intergeracional que acontece no cotidiano dos subsistemas familiares, validadas por amplo espectro de sentimentos atitudes em que é percebida por atitudes relatadas e observadas na entrevista como causadora de impasse ou aproximação.

As dificuldades sentidas por (M₁) demonstram clareza ao direcioná-lo para o plano afetivo, uma vez que nas relações estabelecidas com os pais parecem estar condicionadas com sua vivência, como foi possível identificar na seguinte fala:

(...) e a minha mãe nunca teve carinho, e além de tudo o que a gente fazia que às vezes ela podia até encobrir que não fosse uma coisa grave, caso contrário ela já corria para contar pro meu pai e ele já vinha com violência, então foi assim (...) entre os irmãos, enquanto meu pai e minha mãe nunca deram carinho pra filho não(...)

Nesse discurso, há captura de novos elementos na manifestação da linguagem afetiva, é possível apreender fatos marcantes de sua experiência existencial quando são reveladas as ausências de transmissão de afeto no decorrer de sua convivência com os pais. Supõe-se que esse comportamento apresentado pelos pais represente o sentimento afetivo enaltecido pela ausência de carinho durante sua infância. Este significado refere-se, portanto, a uma determinada realidade subjetiva para, em seguida, simbolizar um sentido real ao acontecimento. A simbolização pode tornar-se uma tela de fundo, onde se encontram representados os delineamentos figurativos da ausência afetiva.

Pelo depoimento, foi possível trazer à tona que os sentimentos de (M₁) na geração mais velha aparece como ressentimentos, causado pela falta de afetividade, considerada como um dos valores mais importantes transmitidos entre as gerações.

Estas declarações revelam a dedicação, apoio, afeto, reconhecimento das qualidades e potencialidades de (H₁) em relação aos pais. Este tipo de constatação propõe compreender a importância da interação afetiva nomeada na seguinte representação: “... *os meus pais faziam de tudo que era possível pela gente, não deixavam faltar nada, davam atenção para qualquer coisa que ta acontecendo*”.

Em termos de vínculos e laços afetivos, ficou evidenciado que esses sentimentos funcionam como amortecedor nos relacionamentos familiares, em que diante de sua inexistência de oportunidade, formaliza uma existência de comportamentos explosivos que podem confluir para as falhas de interações entre os membros da família.

A aproximação com outros membros (netos) da família revela cenas de afetividade que representam para (M₁) uma cumplicidade de troca de afetos, como formas alternativas de um convívio saudável pelo fortalecimento dos laços familiares, conforme verificado na seguinte fala: “*pra aconselhar os netos, a minha netinha mesmo, agora ela chega e me abraça, ela me joga em cima do sofá, ela, é assim; eu pareço criança no meio dela*”.

É preciso retornar no tempo para entender as gerações de uma família, como base de sustentação na inclusão de novas redes de sociabilidade, cujos espaços de acolhimento e cuidado fazem parte de sua interação sóciofamiliar, pela ampliação na comunicação afetiva em que influencia as maneiras de lidar com o outro.

Por esta razão, entendemos que a realidade encontra-se em mudança permanente, quando percebida dinamicamente em relação ao grupo familiar significa conceber que em uma estrutura familiar com uma série de características próprias evidencia que não podemos negligenciar essas relações, consideradas, até hoje, como fundamentais ao êxito das manifestações afetivas.

Ao focalizar as manifestações dos sentimentos, a afetividade aparece na liberdade de expressão da avó (M₁) feita por meio do discurso “... *ah, com três meses ela (neta) não queria*

dormir, três/quatro meses ele ponha no carro, colocava no colo e ia dirigindo dava uma volta na rua e trazia ela dormindo, isso era toda noite". No sistema intergeracional, afetividade aparece em pequenos rituais que aconteceram desde o nascimento dos netos, com a atitude de paciência o avô (H_1) "*dava uma volta no quarteirão aí chegava em casa dormindo (...) caso não fizesse, meia noite tava acordada chorando*". Esta condição escapa diante dos próprios recursos financeiros de algumas famílias em que essas estratégias de suporte não configuram no território do acolhimento e apoio de seus membros.

Por outro lado, algumas famílias procuram preservar seus seus vínculos no aparato de sua realidade, desenvolvem atitudes afetivas, mediante as condições materiais e subjetivas dos familiares. Partindo desse princípio, as possibilidades que os familiares encontrem genuínas formas de carinho, evidenciam a singularidade de cada membro ao preservar as dimensões afetivas como influência significativa na convivência com os membros da terceira geração.

Podemos dizer que não existe um nível certo de ligação ou uma configuração "*melhor*" de vínculo afetivo. Uma família que proporciona uma rede confiável de relacionamentos afetivos em que todos os seus membros, de qualquer idade estejam seguros e confiantes, certamente, expandirá essa rede de contato com outras pessoas.

As oportunidades de apoio aumentam entre gerações, conforme se manifesta um laço familiar no desenvolvimento dos relacionamentos positivos com as irmãs. A avó (M_1) fica emocionada na posição de proximidade com o filho "*... ele é mais apegado comigo, muito, muito, muito...*". Esses valores internalizados fazem uma intersecção com o relacionamento competitivo e negativo entre os filhos (H_1 e irmãs) e o casal pela excessividade do laço afetivo com a mãe e pouco envolvimento com o pai.

Em outra narrativa, é reforçada a atitude de carinho da avó (M_1) construída com a terceira geração ao revelar sentimentos que acenam o fortalecimento de seus vínculos, conforme foi possível

identificar na seguinte fala: “... *muito, muito, muito apegada, as duas, o caçulinha é menino já foi criado mais longe, mais as duas meninas da filha dele e os dela é muito apegado comigo e com ele...*”.

A expansão dos vínculos inclui múltiplas redes de contato que podem ser influenciadas pela proximidade e o tempo que passam juntos, enfatizado pela avó (M₁) em relação ao neto que se encontra distante de sua convivência. Com frequência, essa intimidade e aproximação passam a ser gratificantes, até porque não é exigido para eles os papéis da maternidade e paternidade.

Em termos de vínculos, esta família tem evidenciado atitudes coesas ao verbalizar a atenção e a forma de afeto trocada entre as irmãs. É possível afirmar que a relação de consangüinidade (entre irmãs) acontece pela própria afinidade, que se dá pela convivência que ocorre entre um membro e outro. A rede de parentesco é fundamental às estratégias familiares, tanto em termo de convivência como nas atitudes de afeto, identificadas no seguinte relato (M₁):

(...) eu e a R (irmã), as duas do signo de leão, quer dizer meu pai é leão, a outra minha irmã, essa daí mais eu não ficamos três dias sem falar, ela mora em Carapicuíba e eu moro aqui, mas nos não fica sem falar com a outra....

(...) o ele quer dizer é quase aquilo que eu disse, que ele é muito apegado comigo e as meninas têm muito ciúmes, e ele também é a mesma coisa (...)

A permeabilidade dos limites de formas de convivências em relação à rede de parentesco é fundamental à família. As relações que são estabelecidas em seu interior, são marcadas pelo jogo de afeto e também pela peculiaridade da organização que se mantém ao longo da vida, mesmo com as separações preservam o acesso das redes já existentes.

No segundo depoimento, percebemos formas diferentes de interação pela existência de trocas afetivas excessivas, desencadeando ciúmes entre seus membros. Estes conflitos estão sempre presentes pela diferenciação do tipo de vínculo que costuma existir, o que permite uma abertura maior no espaço de suas relações e ressentimentos aos outros membros.

4.10.6 Comunicação: transmissão dos vínculos entre os membros da primeira geração

A natureza do vínculo pode ser caracterizada pelo apego e pelo cuidado quando se focaliza mãe (M_1) e filho, e pela lealdade intergeracional, quando se compõe com as famílias de origem, na concepção da mãe “... *mas se eu pegar minha mudança sai daqui e for lá pra Maringá dali uma semana ele vai atrás. Ele é mais apegado comigo, sempre foi...*”.

No contexto, o apego passa ser um fenômeno relacional no sentido que ele se instaura para a proximidade de seus membros. Em contrapartida, é preciso que o desfecho do rompimento de apego dependente pelos laços permaneça estreito entre mãe e filho. A conquista da liberdade pessoal, autonomia e escolha de vida é um ideário subjacente que o jovem enfrenta com as gerações mais velhas, definida pela autoridade máxima da mãe como necessidade de proximidade e controle.

4.10.7 Manifestações Sentimentos

Os discursos de M_1 dentro dessa narrativa, quando analisados e interpretados sob a ótica do pesquisador, manifestam-se, como: sentimentos e atitudes de: arteira, terrível, brincalhona, bem-humorada, provocadora, alegre, cuidadora e de união.

Diante de uma ameaça de afastamento, percebemos que ela tem uma atitude infantilizada de chantagem e aparecem os sentimentos de afastamento, confusão, angústia traduzidos pela mesma como agoniada.

Na fala aparece a atitude e o sentimento de desqualificação do filho, de fragilidade em relação ao mesmo, sonhos, alegria, bem humorada, cuidadora, protetora, afetiva e determinada. Outros sentimentos aparecem é o de dor e perda.

Quando se refere ao filho como nervoso, nervoso, aparece uma dificuldade de lidar com os

sentimentos, dando continência e pede seu afastamento e a volta quando estiver calmo. Em contrapartida, os sentimentos aparecem em meio a uma ambigüidade e, portanto, confusos. Tem afeto, carinho, responsabilidade, mas também a angústia da ambivalência e sente-se chateada.

Na relação com os pais, aparece uma atitude de cuidados, sensibilizada, responsável, mas com pouca disponibilidade para fazê-lo.

Sentimentos de dor, perda, abandono e separação.

H₁ apresenta sentimento de angústia em suas falas.

H₂ sentimentos de sofrimento, confusão e mágoa em relação ao vínculo paterno.

Sentimentos de nervosismo e calma transita entre dois extremos, confusão e angústia.

Sentimentos de remorso, medo de afastamento, separação, sentimento de união e confuso.

H₂ aparece com os sentimentos confusos e ambíguos,

H₃ apresenta uma dificuldade de expressão verbal.

M₂ percepção dos sentimentos do marido, como: nervosismo, agressividade, violência, com descarga afetiva.

Pensamento e sentimento difuso, confuso de união.

Na fala de M₃ aparece um sentimento de dor, medo, insegurança e descontrole, provocador de desavenças. Brincadeiras agressivas de beliscões. Nega brigas.

4.10.8 Transmissão : narrativas e histórias contadas sobre afetos recebidos e transmitidos na família intergeracional

Na segunda entrevista, esta categoria pôde ser melhor investigada em razão do vínculo relacional entre pesquisador, existia, assim, um clima afetivo que permitia o aprofundamento do que é afeto para eles e como o recebem e transmitem. Mesmo assim, ao iniciarmos as perguntas sobre

como percebiam a afetividade da geração anterior, houve uma estranheza e dificuldade para definir. As perguntas precisaram ser reelaboradas e mais focadas, pois tais lembranças causavam sempre um “não sei!”

Entretanto, todos conseguiram lembrar como era a afetividade recebida dos pais, o que repetiam e o que não gostavam. Nesse sentido, a presença das três gerações juntas nas entrevistas ampliava e era de fundamental importância, porque uma ia ajudando a clarear os sentimentos que a outra mencionava como percepção, além de reafirmar ou se justificar.

Esta questão foi considerada como o ponto alto da pesquisa, pois, além de retratar a história relacional de afetos da família, conecta as quatro gerações. Isto fundamenta ainda mais o estudo sob o olhar intergeracional. Esta leitura ajuda o pesquisador a entender uma mensagem que não passa, muitas vezes, pela linguagem verbal e, sim, pela não-verbal, cujas diferenças e flexibilidade para mudanças podem ser percebidas.

Cada um escolhe o modelo a seguir desses papéis. No caso de M_2 com a mãe, H_2 com a mãe são modelos de admiração. Já no caso de M_1 , a escolha é de antipapel. Sabemos que o antipapel acaba repetindo, às vezes, meio inconsciente o próprio modelo rejeitado, no caso de M_1 , o modelo de trabalhar muito e cedo, a violência de bater nos filhos, a autoridade, a violência verbal demonstraram um pouco do desconhecimento que o outro sente e repassa à filha que repete seu terrível ato aos membros da família. Outro fato seria a possibilidade de exagerar na proteção, como é o caso de M_1 com o filho H_2 .

É relevante concluir que muitas outras falhas citadas por ela sobre os pais foram transformadas em sentimentos de amor e paciência, sobretudo na relação com a terceira geração, a dos netos presentes. A transmissão que fica como modelo internalizado de M_1 para nós, é o modelo de casal que ela incorpora após a segunda união. Parece que a vivência de um para com o outro se dá igual à cumplicidade e apego dos pais citadas por ela.

A transmissão vista por nós como comum nas partes da comunicação é recebida e passada por gerações por meio de mensagens verbais, portanto, podemos afirmar que passa pelo sentir. Aqui se reafirma a importância de prestar atenção aos sentimentos dos membros familiares que representa o foco de nossos estudos. O sentir pode vir de um modelo aprendido, é bom querer repetir como no caso dos estudos desta família de M₂, H₂, H₁, M₃, mas também como o exemplo de M₁ de não se sentir compreendida e querer escolher ou criar um novo modelo. Este pode ser identificado como procurar um outro modelo baseado no que não se deseja reviver.

4.11 Análise de conteúdo

A escolha para trabalhar com a análise de conteúdo possibilita uma sistematização em volta de um tema, no caso, a transmissão afetiva em um sistema familiar intergeracional. Geralmente, a análise de conteúdo é utilizada como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, atitudes, crenças e tendências. Isto ocorre nas respostas obtidas por meio de uma entrevista com perguntas abertas em redor das quais o discurso se organiza, captando tudo o que o locutor expressa a respeito de um tema central.

Na análise dos dados, segundo Bardin (1995), a categorização dos pontos levantados pode fornecer por condensação uma representação simplificada dos dados brutos, podendo fazer o refinamento desses dados de forma organizada para um conjunto de categorias ou subcategorias preestabelecidas.

Bardin (1997, p.38), diz: “(...) a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das margens”.

O campo de reflexão sobre as famílias exige, tanto no plano prático de intervenções como

no plano terapêutico o esforço para a compreensão de uma realidade que vai se formando e que está em transformação o tempo todo em uma complexa rede de significados que se entrelaçam, sendo construídos novos significados a partir daí.

Uma percepção inicial do contexto onde se formam as interações familiares, permite entender as transformações que as famílias passam e, ao mesmo tempo, como estas mudanças estão sendo transmitidas às novas gerações.

Neste trabalho, fizeram-se presentes outras óticas como as da comunicação entre gerações e também da manifestação da afetividade dentro de uma lente maior que é a análise das relações e os padrões afetivos, que são impasses relacionais que se repetem ao longo destas relações.

Assim, apresentamos este tema escolhido dentro de um contexto e de um recorte sobre afeto que emergiu na produção de uma mensagem em determinada condição, no caso a das entrevistas que tinham uma intenção. Torna-se necessário esclarecer a intenção da pesquisadora em relação ao trabalho com um caso e sua pretensão de estudar um recorte do mesmo para identificar e investigar futuras ampliações.

Para poder identificar os pontos levantados nos objetivos de nossa pesquisa, buscamos uma categorização em tabelas que segue os seguintes tópicos:

1. Manifestação da Linguagem Afetiva Verbal e Não-verbal
2. Manifestação dos Sentimentos
3. Vínculos entre os membros do sistema familiar.
4. Transmissão dos Afetos

1. Manifestação da Linguagem Afetiva: esta categoria refere-se à expressividade verbal ou não-verbal nas interações familiares intergeracionais, observando os discursos dentro das narrativas

e os comportamentos relacionais.

2. Manifestação dos Sentimentos: esta categoria refere-se ao estado emocional e à catalogação dos sentimentos que emergiram do discurso sobre os eventos ocorridos na família em decorrência das perguntas feitas. Entender o valor do significado do “*sentir*” e nomeá-lo de acordo com a percepção do pesquisador. Observação feita por meio dos discursos de cada membro dentro das interações familiares sobre o tema afetividade.

3. Vínculos entre os membros do sistema familiar: esta categoria buscou a compreensão dos vínculos que se formaram entre os membros do sistema familiar intergeracional.

4. Transmissão dos Afetos: esta categoria refere-se à forma como a afetividade vai sendo transmitida na família; é a maneira subjetiva e específica da família expressar afetos – manifestar afetos – repetindo e formando uma seqüência transmitida à geração seguinte, podendo se tornar um valor, seja por meio de discursos e gestos. Está intrínseco nas interações e aparece na dinâmica relacional familiar intergeracional.

Neste trabalho, a pesquisadora optou por colocar a manifestação afetiva antes da manifestação dos sentimentos, para poder perceber o que falam, discursam sobre um tema, ou seja, manifestam e quais vínculos existiam, pois as categorias foram elaboradas em seqüência com o objetivo de melhor compreensão da temática.

Os conceitos agrupados nas categorias manifestações afetivas, iniciam-se pela verbalização por meio dos discursos que podem ser de vários tipos, mas alguns foram identificados para melhor compreensão das interações do sistema intergeracional.

Nos discursos representados pela exposição de determinados assuntos (afetividade), verbalizados pelo sistema, a palavra e a frase têm um significado e o discurso algo que fez significado em relação ao sentir uma linguagem expressiva emotiva, mas predomina a atitude do emissor/locutor perante o tema referente (afetividade), produzindo assim uma apreciação subjetiva.

A afetividade é algo amplo, complexo, ao mesmo tempo, rica e preciosa, desafia toda uma descrição e pede uma análise um pouco mais arrojada dos discursos e de seus códigos. Os enunciados, frases ou manifestações são verdadeiros ou falsos, conforme se ajustam ou não à realidade, mas todos têm o significado de sentir que é algo subjetivo, ou seja, o ato da fala produz uma determinada mensagem reforçada pela condição e intenção.

Para maior clareza e visualização, utilizamos tabelas para sistematizar as narrativas da família dentro de sua intergeracionalidade.

Tabela 15 – Categoria temática (adaptação)

<i>Manifestação da Linguagem Afetiva, Sentimentos, Vínculos, Transmissão dos Afetos</i>		
<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Subcategoria</i>
<i>Manifestação da Linguagem Afetiva Verbal Não-verbal</i>	Tipos de discursos. Expressões observadas presentes	Discursos autoritários Discursos ambíguos Discursos vazios Discursos igualitários Discursos afetivos
<i>Manifestação dos Sentimentos</i>	Sentimentos identificados que surgem nas interações familiares.	
<i>Vínculos</i>	Formação de vínculos dentro do sistema familiar.	
<i>Transmissão dos Afetos</i>	Frases e ditos de valores afetivos, explorados no comportamento dos cuidadores das gerações anteriores. Experiência com outras figuras de ligações afetivas. Fatores estressores nas relações afetivas familiares.	

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

4.12 Categorização 1

4.12.1 Manifestações das linguagens afetivas verbais

Quadro 1 – Tipos de discursos

CATEGORIA	SUBCATEGORIA		GERAÇÃO	TEXTOS / CÓDIGOS	
Manifestações da Linguagem Afetiva Verbal	Tipos de Discursos	Discursos Autoritário	Geração Mais Velha	H1	Pouco falava e eu acho que apreendi isto por isto que não falo!
				M1	<p>“E eu tomo remédio forte, tudo, acho que já vem por causa desses problemas, então problema do primeiro casamento, foi muito terrível, cheguei ficar internada em sanatório e depois depressão e hoje eu tomo remédio forte então se eu não tomar o remédio eu fico, se eu tomo remédio beleza eu dou risada, brinco com todo mundo, mas se eu não tomar eu olho pra ela, ela tá com cara feia comigo ou com raiva, todo mundo tá com raiva de mim, aí eu fico agitada, ele não pode nem olhar pra mim, então é um problema que já vem lá da.”</p> <p>“Ele conta tudo pra mim, tudo o que acontece né, ele vem, vai lá em casa, conta pra mim, conta pra ele, e eu também quando o problema tá nem eu se eu tô mais longe eu ligo, ah! H2 é isso é aquilo ele fala pra mim e eu falo pra ele é assim.”</p>
			Geração do Meio	H2	“Ele fala da mãe que a mãe compra, né. Mais antes da mãe comprar a chuteira ela foi perguntar pra mim, H2 eu vou comprar uma chuteira pro H3 posso? Eu falei, pode. ”
				M2	“vou aproveitar, eu gostei, nossa! (não entendi)! Foi bom também que eu falei, eu tinha a maior vontade de falar isso que ele não respeita a minha opinião, porque a dele tem que prevalecer.”
			Geração Mais Nova	H3	“ Eu já não gosto desse negócio de ter muita amizade, ser popular na escola, conhecer vários meninos, eu fico mais na minha , conhecer de longe de vista do que ter muita conversa.”
				M3	“ Eu acho! Se um soubesse do problema do outro não ia ter, acho que não ia ter discussão , discussão que eu falo é, se, vamos supor, se eu soubesse eu ia tentar ajudar ou eles iam tentar me ajudar acho que num, alguma coisa que acontece.”

Dentro da categoria de manifestações da linguagem afetiva verbal, a subcategoria do discurso autoritário é aqui percebida como um recorte para compreender a dinâmica relacional, qual membro da família se posiciona mais ou tem mais autoridade na fala.

É relevante pensarmos na fala com o tom, os gestos, o contexto e inclusive, se isso é revelado na primeira ou na segunda entrevista, que pode indicar o receio de se expor os temas íntimos da família.

Após rever esta complexidade ou questões que a afetam, podemos refletir sobre os dados e perceber que: **M1** fala mais com tom de autoridade máxima diante dos três sistemas geracionais. Um poder matriarcal.

4.12 Categorização 1

4.12.1 Manifestações das linguagens afetivas verbais

Quadro 2 – Tipos de discursos

CATEGORIA	SUBCATEGORIA		GERAÇÃO	TEXTOS/CÓDIGOS	
Manifestações da Linguagem Afetiva Verbal	Tipos de Discursos	Discursos Ambíguos	Geração Mais Velha	H1	Não identificado.
				M1	<p>“Ah, sei lá eu não tenho motivos pra ter crises, porque a família nossa é muito unida, é só eu e ele dentro de casa, eu que sou mais chata, mas ele tem muita paciência comigo, eu com a minha nora acho que nós nunca discutiu, se tantos anos que a gente vive um morando, quando não tá um dentro da casa do outro, tá um em cima do outro, acho que nós nunca discutiu, eu discuto mais com o meu filho.”</p> <p>“E a minha mãe nunca teve muito carinho, e além de tudo, tudo o que a gente fazia que às vezes ela podia até encobrir que não era uma coisa grave, não, ela já ia corria contar pro meu pai e ele já vinha com violência, então foi assim muito... entre os irmãos não mais o meu pai com a minha mãe nunca deram carinho pra filho não.”</p>
			Geração do Meio	H2	<p>“Trinta e nove espírito jovem, ainda, como vocês brigam comigo, hein! Pelo amor de Deus!” Uma vez até discutindo assim, conversando, discutindo às vezes fico meio nervoso, minha mãe desceu na firma esses dias e eu tava meio nervoso, fala alguma coisa entendeu? “</p>
				M2	<p>”Um dia antes nós até não chegamos a discutir, porque nós não discuti, as vezes ele fala coisa, é coisa dele da firma, da empresa, então ele fala ele acha que não tá certo e as vezes ele tá mais certo do que eu, tá mais tudo bem, saí fui pra casa no outro dia ele chegou mais tarde aí até falei pro motorista: Pô, o H1 não é de chegar mais tarde, liguei pra minha mãe, saí de lá vim ver o que aconteceu, quer dizer, a gente se preocupa né.”</p>
			Geração Mais Nova	H3	<p>“Não é briga na verdade é problemas, qual o tipo da briga?”</p> <p>“É que nem você tá falando, os dois é assim: - Oh, ela mora na, mudamos na casa que ela morava, ela passou para a casa de baixo, passa o dia inteiro ali junto ele sobe antes da janta ou depois da janta, ele fala assim, antes ele me chamava agora a gente vive muito junto, ele não chama não, porque eu falo: - Ah, eu não vou! Ele fala: - Vou na minha mãe! Fiquei com a sua mãe o dia inteiro vou lá na sua mãe de novo! H2, não vou não! Mais ele era sagrado é assim desceu as escadas entra na casa dela, mais ele vai lá direto qualquer coisinha ele vai lá na mãe então acho que é por isso, as meninas (irmãs) já não né.”</p>
				M3	<p>“Tudo o que eles fazem de bom pra gente, só dele não chegar em casa bêbado, xingando todo mundo, ela não ficar com raiva da gente, é isso tudo.”</p> <p>“Bom, minha mãe disse que se eu casar não vai ser bom.”</p> <p>“Ah, tanto na conversa, como em eu sinto tudo, tudo o que faz pra mim é forma de carinho, conversar, brigar, xingar, bater...”</p>

Diante do discurso ambíguo identificado, algo relevante seria direcioná-lo para a afetividade e esta aparece no querer estar junto e o medo de colocar que o outro discute e tem opinião diferente e isto aparece individualmente e nas três gerações.

4.12 Categorização 1

4.12.1 Manifestações das linguagens afetivas verbais

Quadro 3 – Tipos de discursos

CATEGORIA	SUBCATEGORIA		GERAÇÃO	TEXTOS/CÓDIGOS	
Manifestações da Linguagem Afetiva Verbal	Tipos de Discursos	Discursos Vazios	Geração Mais Velha	H ₁	Não identificado.
				M ₁	“Ele chega e fala assim: Oh, faz tempo que a gente ta programando uma viagem. E ficou quatro anos ele na caixa e eu falando quando aposentar a gente vai fazer uma viagem, ia embora, mais embora não dá pra ir então a gente vai pegar o carro e fazer uma viagem nois dois, porque sempre eu vou e ele fica, então a gente vai fazer uma viagem, aposentou aí vamos acertar todas as coisas primeiro, acertou tudo, vamos receber tudo, recebeu tudo, vamos pagar tudo, pagou tudo, então fica pro mês que vem, o mês que vem fica pro mês que vem, o mês que vem e já vem quatro meses, aí eu falei assim essa viagem só vai fazer depois que der um treco em mim e eu morrer e for lá pro caixão e você arrumar uma nova de quatorze/quinze anos aí você joga ela no carro e você vai viajar aí eu já falo logo assim pra ele, aí eu já começo irritar ele assim. ”
			Geração do Meio	H ₂	“Tenho dó do motorista, eu tenho sócio o sócio já pensa diferente de mim, e o sócio quer mandar o motorista e eu já não quero porque eu acho que o motorista começou já junto comigo no sufoco que nem no caso dele (H ₁) eu ele e o motorista e nós que faz as coisas e o sócio entrou agora a pouco tempo que era outro, olha só a confusão, então eu sou muito... ”
				M ₂	Não Identificado
			Geração Mais Nova	H ₃	Não identificado
				M ₃	Não identificado

Em duas gerações, foram encontrados discursos vazios e foi observado que estes não conectam as pessoas, pelo contrário, aparecem como forma de afastamento e exclusão, não tendo retorno na formação de vínculos.

4.12 Categorização 1

4.12.1 Manifestações das linguagens afetivas verbais

Quadro 4 – Tipos de discursos

CATEGORIA	SUBCATEGORIA		GERAÇÃO		TEXTOS/CÓDIGOS
Manifestações da Linguagem Afetiva Verbal	Tipos de Discursos	Discursos Igualitário	Geração Mais Velha	H ₁	“Eles até falavam, mais você diz os meus pais né? Como é que eu vou dizer isso, faziam de tudo que era possível pela gente, não deixavam faltar, davam atenção, qualquer coisa o que ta acontecendo, né?”
				M ₁	“Pra aconselhar os netos, a minha netinha mesmo, nossa agora de noite ela chegou lá ela me abraçou, ela me jogou em cima do sofá, ela, é assim; eu pareço criança no meio deles.”
			Geração do Meio	H ₂	“Às vezes pode ser né, eu acho, as vezes pode ser, eu tenho dificuldade de me expressar melhor, de se abrir de falar entendeu? Isso aí eu tenho dificuldade mesmo, eu prefiro guardar, eu guardo mais pra mim quando eu estouro aí, aí eu falo coisas que não...” “Você sabe, às vezes eu to meio, eu sou até meio sistemático, as vezes eu sou até meio rude, as vezes até meio grosso entendeu, que as vezes eu sei que falta alguma coisa mas eu não sou muito assim de conversar procurar parar, conversar essa coisa toda e isso aí falta muito e esse jeito eu sou mais assim, sei lá mais estourado, mais não sei falta isso, isso falta mesmo, falta mais um dialogo, falta mais uma conversa, falta muita coisa ainda.”
				M ₂	“Ontem a noite, a gente toma banho junto e lá a gente fica conversando, as vezes demora até por causa disso, ontem a noite ainda eu comentei, agora vocês estão montando a fábrica, estava aqui agora mudou, então tá montando a câmara então é uma preocupação, se ela vai atingir a temperatura aquela coisa né, aí já junta o motorista dele também que tem problema e se abre com ele, ele tem que tá ajudando e eu falo pra ele você colocando essa firma em ordem por favor fechou a porta deixa o problema da firma lá dentro, deixa pra resolver amanhã quando você abrir ela, e entrou pra dentro de casa, quieta a firma falei porque oque tá acontecendo você tá trazendo um problema lá e colocando dentro de casa e não pode. “
			Geração Mais Nova	H ₃	Não indentificado
				M ₃	“Quería que ele sentasse chegasse: E aí como foi de vez em nunca, bem raro ele pergunta: E aí como foi a escola, tal, tirou nota boa, até ele pergunta, de vez em quando ele.”

Os discursos igualitários são os mais esperados pela família, porque amplia a possibilidade de todos se colocarem e expressarem o que sentem e que pensam. Neste caso, foi relevante perceber como e quanto eles são especificados. Assim, também, é um discurso que acalma e aproxima, afetivamente, conecta o sistema e é importante pensar nessa comunicação com afetividade que engloba o tom de voz, gestos, entre outros.

H₂ fornece dados que justificam a proposta de investigação deste trabalho, quando problematiza o tempo e o espaço para expressar seus sentimentos. Pressupomos que se isto ocorresse, ajudaria as famílias no desenvolvimento de uma melhor interação afetiva e, no caso desta família, existem o espaço, o tempo, o diálogo, porém, na fala de H₂ aparece um sofrimento pela falta de entendimento de seus sentimentos, fato que também acontece com outros membros.

4.12 Categorização 1

4.12.1 Manifestações das linguagens afetivas verbais

Quadro 5 – Tipos de discursos

CATEGORIA	SUBCATEGORIA		GERAÇÃO		TEXTOS/CÓDIGOS
Manifestações da Linguagem Afetiva Verbal	Tipos de Discursos	Discursos Afetivos	Geração Mais Velha	H ₁	<p>“Ah, com três meses ela não queria dormir, três/quatro meses ele pnhava ela no carro, colocava no colo e ia dirigindo dava uma volta na rua e trazia ela dormindo, isso era toda noite”.</p> <p>“Dava uma volta no quarteirão aí chegava em casa dormindo”.”Se não fosse, meia noite tava acordada chorando”.</p> <p>“Muito, muito, muito apegada, as duas, o caçulinha é menino já foi criado mais longe, mais as duas meninas da filha e os dela aqui é muito apegado comigo e com ele”.</p>
				M ₁	<p>“Ele é mais apegado comigo, muito, muito, muito.”</p> <p>“Eu e a R (Irmã), as duas signo de leão, quer dizer meu pai é leão, a outra irmã minha, essa daí mais eu e essa daí nós não fica três dias, ela mora em Carapicuíba e eu moro aqui, mas nos não fica três dias sem se falar uma com a outra.”</p> <p>“O que ele quer dizer é quase aquilo que eu disse, que ele (H₂) é muito apegado comigo e as meninas têm ciúmes, e ele (H₃) também é a mesma coisa, ele tem muito ciúmes da irmã dele e acha que tudo eles dá pra ela e ele não.”</p>
			Geração do Meio	H ₂	<p>“Menos de um ano né? Eu trabalhava em uma empresa, uma empresa boa ganhava até mais ou menos e também não negava de comprar nada pra ele, isso eles mesmo sabe que, o que eu podia comprar e o que eu posso fazer acho que qualquer pai faz para qualquer filho né, só que hoje em dia a situação tá invertida do que era um ano atrás, hoje mesmo eu estava até irritado, nervoso, ele viu eu hoje até chorando, sei lá, repente, mas é circunstancia de coisas atrás, ele até entende isso, acho que ele tem que entender isso, agora eu montei uma empresa, faz uns sete meses e não tá fácil hoje em dia tá difícil, o que tá ao alcance da gente acho que qualquer pai, qualquer mãe faz o possível!”</p> <p>“Eu acho que até nisso, tanto que ele fala que ele pede pra mãe dele não é, mas a hora que, essa semana mesmo eu conversei com ele, você lembra muito bem que eu conversei com você, eu simplesmente eu falei:</p> <p>- Olha aguarda, o pai vai ver, o pai vai ver o que pode fazer, a situação não tá fácil, as coisas vai melhorar isso aí é sem duvida. Eu trabalhava numa empresa, tinha essa sorveteria que tá aí, vendi a sorveteria já por problemas, coisas a pagar, precisei vender não foi fácil desfazer de uma coisa que a gente tinha, tô investindo tudo nessa empresa, Deus ajude que vai dar certo eu falo pra ele muitas vezes, vai ser bom pra ele e logicamente pra nós, tenho o apoio dele (padrasto) graças a Deus e o apoio da minha mãe.”</p>
				M ₂	<p>“A gente gosta de trabalhar com ele porque ele é muito inteligente”</p> <p>“Ele é muito inteligente e calmo.”</p> <p>“É, e também assim quando a gente às vezes, a gente começou a trabalhar muito cedo né, que a gente viveu no interior, sítio, depois, então as vezes que eu comecei a trabalhar muito cedo em casa de família então você sabe né, a gente começa praticamente criança com onze anos então as vezes eu chegava reclamando, então ele sentava pra conversar: Ah, mais é assim mesmo filha a gente precisa, tem que. Entendeu, então aquilo pra mim, nossa era a hora que ela sentava e conversava comigo, então eu sentia assim que, não então eu vou fazer porque a minha mãe pelo menos ela me entende, ela conversava muito com a gente.”</p>
				H ₃	(H ₃ . Fala que gostaria que o pai)“Contasse mais da vida dele.”
			Geração Mais Nova	M ₃	<p>“Cinco minutos está todo mundo junto de novo.”</p> <p>“Eu gosto de tudo que eles faz, conversar, beijar, eles beija, eles abraçam.”</p>

Esta categoria foi colocada em destaque pela relevância que a família dá à afetividade, foco de nossa pesquisa.

4.12 Categorização 1

4.12.1 Manifestações das linguagens afetivas não-verbais

Quadro 6

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	GERAÇÃO	TEXTOS/ CÓDIGOS
Manifestações da Linguagem não-Verbal		Geração Mais Velha	<p>H₁</p> <p>- Iniciou a entrevista mais descontraído e foi se posicionando mais aberto, solto e, no final, estava bem à vontade. Participou de todos os temas, concordando várias vezes com a cabeça (nutos) e o corpo. Algo que chamou a atenção foi ele dizer que é calado de pouca conversa, mas falou de si e entendia de todos os assuntos e foi validado em palavras pelo sistema sendo muito participativo independente de não ser o avô de sangue, mas considerado um avô afetivo. O que nos faz pensar que ele poderia e talvez gostaria de aprofundar mais nos diálogos, já que o faz com naturalidade sem discriminação. Portanto, demonstrando ser portador de um diálogo mais igualitário. Por várias vezes, sua postura física aceitava o toque da esposa e retribuía com palavras de apoio e com orgulho de estar a seu lado e com humor dizia que ela veio para São Paulo para conhecê-lo. Aparenta possuir uma boa solidariedade que é confirmada em suas palavras e atitudes e também no sistema familiar.</p> <p>- Balança o perna cruzada com mais insistência quando ouve falar de si.</p> <p>- Ficou mais cabisbaixo durante esta entrevista, começou falando mais de si, da família e vai se encolhendo.</p>
			<p>M₁</p> <p>- Chega com um olhar desconfiado, fisionomia mais fechada e custa a começar soltar-se na fala. Sempre se coloca com voz firme, fala de um lugar de autoridade. Faz várias parcerias de olhar com a nora, defende o filho e verbaliza sua preferência por ele. Um apego maior. Não consegue ficar calada quando o vê falar em sentimentos, reafirma seu amor e desejo para que ele não sinta nem sofra, demonstrando a superproteção de mãe. Quer falar pelo outro. O tempo todo segura no braço do marido, faz carinho com os dedos nele. Sua postura física é de mais atenção e, por várias vezes, abaixa a cabeça, passa as mãos pelos cabelos, mas, quando se envolveu nos temas abordados, respondeu a todos, foi participativa.</p> <p>- Quem cresce mais nos discursos é M₁, embora todos falem e se interajam.</p>

4.12 Categorização 1

4.12.1 Manifestações das linguagens afetivas não-verbais

continuação

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	GERAÇÃO	TEXTOS/ CÓDIGOS
Manifestações da Linguagem não-Verbal		Geração do Meio	<p>H₂ - Aparentava um olhar mais arregalado e observador, emotivo, chegou a derramar algumas lágrimas na sessão quando se referia o que era afetividade para ele e retomava as lembranças. Inquieto, curioso para visualizar o quadro de genograma ficava atento ao que todos falavam, demonstrando interesse pelos temas abordados, inclusive, questionava a esposa várias vezes de fatos que não sabia a respeito de sua família ou do que ela dizia. Aproveitou para falar de seu amor pelos filhos e o quanto sentia não ter condições de dar mais conforto e atenção à família, falava do momento difícil que estava passando e da dificuldade de falar. Mas expressava sentimentos e respondia a todas as perguntas com desenvoltura. Participativo, colaborador falava de si e dos outros com facilidade. Em nenhum momento, demonstrou vontade de ir embora ou sequer olhou no relógio e, pelo contrário, sua postura física era de braços abertos no alto do sofá e de pernas cruzadas mais relaxadas, do meio da entrevista em diante.</p> <p>- Mexe mais e roda a cadeira (giratória), quando ouve.</p> <p>- Esperou até o fim da entrevista, mas falou de sua atitude de agressão e mostrou o machucado da mão. Denuncia o sistema que não dá abertura para falar, coloca sua dificuldade de falar, acha que se tivesse este espaço igual à entrevista ajudaria muito. Algo que levanta reflexão, pois não fica claro que ele tem problemas para falar. Talvez de poder falar, mas isto precisaria ser melhor investigado.</p>
			<p>M₂ - Veio com fisionomia brava, calada, quando questionada passa as mãos à cabeça e coça. Faz movimentos com o corpo e procura alguém que reafirme sua fala, às vezes, quando fala do sistema familiar intergeracional. Foi a primeira a ser investigada em sua história de vida e participou, contando o que sabia e envolvendo outros membros quando não sabia. Interessante foi observar quando o marido resolveu auxiliá-la nos discursos, ela o manda ficar quieto e fala as respostas. Troca vários olhares com a filha e sogra e também cochicha com ela. Está sempre-se conectando com o sistema com olhares de procura e o corpo acompanha esta posição. Descontraiu mais, no meio da entrevista participou de todos os assuntos.</p> <p>- O membro que começa a conversa mais intensa na outra entrevista é a mesma que inicia na segunda, M₂</p>
		<p>H₃ - Usava um boné amarelo e uma blusa que cobria suas mãos, começou a entrevista com o semblante fechado, braços cruzados e observando o espaço físico em detalhes. Não se envolvia nas conversas, mexe bastante a cadeira, rodando-a várias vezes. Parecia inquieto, mas respondia a todas as perguntas com poucas palavras, ou então, balançava a cabeça com afirmações. Demonstrou curiosidade com as respostas dos familiares como se não conhecesse alguns assuntos. Interessante pensar em sua participação no diálogo que, às vezes, fica sem continuidade, o que foi levantado pela família é que ele o faz separadamente com a mãe e a avó. Assim, podemos pensar que não tem o hábito de fazê-lo em grupo. Comportamento que se complementa com suas palavras por não ter muitos amigos na escola, ser mais calado e gostar de ser assim, contraditório com o que diz: quando fala que gostaria que o pai conversasse mais com ele.</p> <p>Outro fato relevante foi observar H₃, o que menos se expressou verbalmente, mas quando lhe era dirigida a pergunta, a mãe respondia por ele.</p> <p>Parece que há um movimento de se responder pelo outro e sobretudo se este outro for do sexo masculino, algo que nos leva a pensar em proteção exagerada ou que as mulheres dominam mais a afetividade.</p>	
			<p>M₃ - Apresenta um comportamento inquieto, mas se segura na primeira parte da entrevista, porém seus pés balançam o tempo todo, e seu corpo mexe para todos os lados, passa as mãos nos cabelos em seqüência. Observa tudo atentamente e entra no meio da conversa quando interessa. Gosta de falar e faz brincadeiras nas entrevistas, utilizando o humor. Responde todas as perguntas, participa, envolve-se.</p>

A postura física de todos é o movimento com as mãos, corpos para frente e para trás, fazendo com que a fala e os gestos se complementem, com existência de mais expressividade.

A primeira identificação de um triângulo familiar intergeracional foi descoberta com a identificação de M_3 , H_2 , M_1 no jeito de ser e validada por todos os membros.

Houve um espaço para falar de sentimentos e como para cada um é diferente, ficou claro para a família que mantinha o tempo todo um diálogo mais igualitário. O tema passava pelas gerações, diferenciações de cada um e ainda pelas questões de gênero. O falar, o dialogar de modo igual fazem com que o sistema fique conectado, formando um vínculo pela comunicação e manifestação da afetividade, pois, o tempo inteiro podiam demonstrar que se amavam. A intenção de não separação era declarada e o sistema não se sentia ameaçado. Talvez isto pudesse ajudá-los a falar de seus medos, como são detectados por H_2 sendo visto pelo sistema, como o que mais precisa de cuidados.

As entrevistas ajudaram a desmistificar um mito de união (grude) dessa família, pois, qualquer atitude de desabafo, discurso de ambigüidade, ou mesmo, de agressividade podiam tirar a afetividade do sistema e provocar o afastamento.

Para nós, fica claro que as duas atitudes são afetivas. A afetividade passa pelo carinho, conjunto de manifestações afetivas, como cuidados, abraços, entre outras atitudes construídas no cotidiano, como também, pelo comportamento de desapego (cuidado com o outro, o outro me importa, mexe comigo, diferente de negligência), momentos de raiva, mágoa, difíceis de se lidar, mas que também, conectam o sistema provocando atitudes de cuidado, preocupação e, sobretudo, uma melhor comunicação. Não é só o sentimento, mas o entendimento da mensagem que passa por outros códigos.

A afetividade guardada na memória fica ligada à sensibilidade na interação com o outro para confortar e ajudar nas horas tidas como difíceis e isto pode ocorrer, também, no grupo

familiar. Algo que destacaríamos, seria a família poder desenvolver uma sensibilidade do que é difícil para cada membro e, assim, estaria mais atenta ou aberta para auxiliar nos momentos, ser mais afetiva como transmissora e cuidadora no processo de desenvolvimento de seus membros.

Poderíamos afirmar que a afetividade passa por vários estágios: o de construção do diálogo pelo processo de linguagem e comunicação, o jeito que se constrói refletido também pela linguagem não-verbal, a percepção das diferenças no modo de sentir e apoiar e na interação.

Esta família propiciou a percepção do que representa a afetividade para ela, mas também a crítica do que não é, precisaria estar sempre em investigação. Assim, nesta investigação, o olhar intergeracional muito ajudou, pois tira as possíveis críticas de que é individual. O instrumento possibilitou a abertura e as diferenciações, como também a compreensão de um sistema de mensagens construídas e com hábitos e padrões que nem sempre são os melhores, mas, o que foi apreendido.

4.12 Categorização 2

4.12.2 Sentimentos

Quadro 7

CATEGORIA	SUBCATEGORIA SENTIMENTOS EXPRESSADOS VERBALMENTE	SUBCATEGORIA SENTIMENTOS E ATITUDES OBSERVADOS	GERAÇÃO		TEXTOS / CÓDIGOS
SENTIMENTOS	Doente Compartilhar Angústia Parado Ajudar Junto	Angustiado Prestativo Colaborador Participativo Confuso Impotência Solidário União Proximidade		H1	<p>“É que eu, não é um trabalho, eu pra mim é até um não sei dizer, porque eu hoje estou aposentado, eu antes de aposentar eu estava na caixa, fiquei doente e comecei a ajudar ele pra passar meu tempo também e eu estava ficando angustiado de ficar dentro de casa parado.”</p> <p>“Aí ele resolveu colocar a sorveteria, que hoje eu ajudo e aí já faz três anos que a gente está junto.”</p>
	Arteira Terrível Brigavam Cuidadora Unida	Brincalhona Brigona Provocadora Arteira, Terrível Impulsiva, Cuidadora Prestativa, Solidária Responsável União		M1	<p>“Sabe, naquele sítio assim, cada um que brigava, eu era a mais arteira, a mais terrível, de vez em quando dava um tombo num, jogava eles junto dos cavalos, os cavalos derrubavam eles. Eu era mais arteira, mas assim de brigar entre irmão não.” (...) “Ah, sim! Porque minha mãe tinha que trabalhar e eu tinha que cuidar do meu modo lá.” (...) “Mas só que nunca fui de brigar com os meus irmãos, bem unido!”</p>
	Ir embora Choradeira Agoniada	Impusividade Ameaça/Separação Dor Choro União Abraços Choradeira Agoniada Agoniados Estresse Impasses Crise	Gerção Mais Velha		<p>“Chegou falou pra ele: Não precisa ir mais na firma, aí ele pegou a chave tirou do bolso e deu pra ele, eu não preciso ir mais lá não vou mais, então amanhã eu vou arrumar um caminhão e vou embora, liguei lá no Paraná aluguei uma casa... vou por a minha mudança no caminhão e vou embora, e você não vai mais descer lá pra firma e vamo embora vamo embora, aí aquela chorava que eu não ia, aquele chorava e ela abraçava as outras netas vinham abraçavam e choravam virou aquela choradeira aí ele ficou um dia em casa, dia inteiro deitado no quarto e eu aguniada, eles aguniados aí de noite veio ele, veio o sócio, veio lá em casa sentou...”</p>
	Problema dele sério Crise de nervo	Nervosismo Culpado Errado			<p>“Conversou, mostrou o problema, porque o problema dele ta muito sério, e ele deu uma crise de nervo e aconteceu tudo aquilo, mais que aquilo nunca mais ia acontecer, que voltasse tudo como era, como antes, e aí a minha mãe lá ligando pra mim ir, porque ela ta doente, aí ele voltou pra firma ta lá trabalhando acho que á do mesmo jeito que era não mudou nada.”</p>
	Nervoso Sério Sair de perto Chata União Afastamento Calminho Paciência Discussão	Nervoso Afastamento Culpada Erro - gera comportamento no outro Evitação Negação Ambigüidade Estresse			<p>“E a gente espera que, eu falei pra ele quando ele tiver com esses tipo de nervoso que ele cate um ônibus e vai lá pro final do Santana, que ele volta calminho.” -“Ah, sei lá eu não tenho motivos pra ter crises, porque a família nossa é muito unida, é só eu e ele dentro de casa, eu que sou mais chata, mas ele tem muita paciência comigo, eu com a minha nora acho que nós nunca discutiu, se tantos anos que a gente vive um morando, quando não tá um dentro da casa do outro, tá um em cima do outro, acho que nós nunca discutiu, eu discuto mais com o meu filho.”</p>
	Choro	Choro Afastamento Desesperança			<p>“Se eu falar que vou embora aquela ali chora, aquele ali chora, aquela lá chora, esse aqui chora, todo mundo chora.”</p>
	Juntar	União Provedora Cuidadora			<p>“Ele não quis dar os filhos pra mim, e aí ele saiu dando pros outros. Mais depois consegui juntar tudo, trabalhei de manhã à noite pra não deixa faltar nada pra eles, nem colocar eles pra morar em cortiço cheio de banheiro cheio de gente, eu trabalhava dia e noite pra não deixar faltar nada.”</p>

4.12 Categorização 2

4.12.2 Sentimentos

continuação

CATEGORIA	SUBCATEGORIA SENTIMENTOS EXPRESSADOS VERBALMENTE	SUBCATEGORIA SENTIMENTOS E ATITUDES OBSERVADOS	GERAÇÃO		TEXTOS / CÓDIGOS
SENTIMENTOS	Cuidador Prover Carinho	Cuidadora Provedora Carinho Ambiguidade	Geração Mais Velha	M ₁	“... eu largava eles em casa sozinhos e ia pro baile mais só que só colocava pra morar em lugar sem perigo, não deixava faltar nada , trabalhava dia e noite porque o pai nunca deu uma bala, eu criei três filhos como pai e mãe, agora eu não fui santa não, falar que eu fui santa não pode nem falar que eu não fui não, eu saia pros meus bailes eu ia em baile de sexta, de sábado e de domingo, fui muito dançadeira e gostava muito de dançar, mas eu, ele (H ₂) pode falar se era bom ou não era, mas eu dava carinho pra eles.”
	Cuidar Dar carinho	Ambivalência Cuidadora Carinhosa			“Eu fico com, assim será que eu não tenho que ir lá cuidar da minha mãe com meu pai, dá um carinho pra eles agora porque eles não vivem com a gente mais com a idade que eles estão.
	Cuidar Terríveis Falta de carinho Abandono Dividida Agitada	Cuidadora Difícil Falta de carinho Abandonar Ambíguo Agitada			Podem, ligam direto pra mim ir, é a única filha que pode cuidar deles , eu e ele (H ₁) que pode levar eles para o médico ficar com eles, mais eles são terríveis pra gente agüentar eles é difícil, difícil, mais eu acho que eu tenho a obrigação de ir cuidar deles agora até o final da vida deles porque minha irmã dá a casa pra morar mais só que, essa semana mesmo ligou chorando sentindo falta de carinho e que os filhos abandonou ela, aquilo tudo, aquilo me deixa eu, aí pra mim ir embora eu vou ter que abandonar a firma e o filho, essa firma dele tá começando, e ele (H ₁) é o tudo no que ele faz se ele sair eu acho que a firma vai esmunhecar porque a parte de escritório de compra de venda e tudo é ele então eu tô entre uma coisa e outra então as vezes eu fico agitada e brigo com ele porque ele não quer ir e aí ele também fica nervoso e as vezes é onde que ele também fala alguma coisa pra ele que ele.
	Divisão Agüentar	Ambigüidade Suportar			É, então tá essa divisão , agora eu falei pra ele então vamos fazer o seguinte, eu vou fico lá oito, dez dias, lá com eles enquanto tô agüentando eles tá bom.”
	Nervoso Calmo Guardando	Nervoso Calmo Ambíguo Retem emoções não elaboração das emoções		H ₂	“Não acabei de falar aquela hora que eu sou nervoso , eu sou calmo , sou calmo mais aí o que acontece eu vou guardando as coisas dentro de mim e vai passando algum nervoso alguma coisa, que nem aquele dia que eu tava nervoso . Tá do mesmo jeito, não mudou nada não, infelizmente aconteceu o que aconteceu, mais não é por isso.”
	Errado Desgrudou Junto	Erro - reconhecimento Afastamento União Duvida			“Deixa eu só falar uma coisa e nisso tudo que aconteceu eu acho que por mais que aconteceu foi errado, foi errado da minha parte , não sei se foi errado da parte dele, ele que pode dizer mais com tudo isso que aconteceu nem por isso a gente se desgrudou , a gente tá junto”
	Não mudança	Descrença - desvalorização Não elaboração			“Tá do mesmo jeito, não mudou nada não, infelizmente aconteceu o que aconteceu, mais não é por isso.”
	Separação Complicado	Afastamento Dor		Geração do Meio	“Então ficou tudo separado né?” “Então não tenho muito que falar porque quando (pais) separou eu tinha oito anos, agora dela não, ela sempre mesmo depois de casado, que casei, nós tivemos uma vida complicada depois que ela (mãe) separou dele (pai), foi separado os irmãos separou eu minha irmã minha outra irmã , uma época cada um foi pra uma

4.12 Categorização 2

4.12.2 Sentimentos

continuação

CATEGORIA	SUBCATEGORIA SENTIMENTOS EXPRESSADOS VERBALMENTE	SUBCATEGORIA SENTIMENTOS E ATITUDES OBSERVADOS	GERAÇÃO		TEXTOS / CÓDIGOS
SENTIMENTOS	Adoção, Separação	Adoção, Separação, Afastamento		H ₂	família eu fui pra uma família, a outra irmã com outra e a outra com outra família, fomos tipo adotados pelas famílias.”
	Perto, junto	Proximidade			“Não, não pra que mãe! Quanto a isso não, tanto que sempre perto, sempre junto. ”
	Calado	Sem expressar - desqualificação comunicação e do conteúdo (sentimentos)			“Falaram assim pra mim: você vai lá, mas é pra você ficar quietinho , hein! Não é pra falar nada! ”
	Sofrimento, Confuso	Sofrimento causado pela figura paterna			Meu pai, meu pai não era muito, meu pai não era meio, bebia muito né, bebia muito, sofri muito com meu pai, mesmo depois de casado também.”
	Ausência de diálogo, conversa	Denúncia sobre espaço e diálogo			É o que nós acabamos de falar o que falta mais é o diálogo, é conversa.
	Chateado Afastamento Proximidade Junto Discussão	Dor com afastamento Necessidade proximidade Atitude - Chateação União	geração do Meio		Não, de jeito nenhum, por tudo que aconteceu né, puxa vida faz muitos anos que não acontece uma coisa dessa aí, e eu ficaria muito chateado , eu falei pra ela mesmo: Mãe, se vocês for embora eu vou ficar super chateado a não ser que seja um caso de ir embora mesmo, mais não ir embora por esse motivo, por esse motivo dessa discussão se ela chegar em mim, ele chegar: Oh, H₂ eu vou embora assim, assim, assim. Se ele quer ir embora, se você acha que é melhor pra você, mais eu vou ficar super chateado , eu acho que tanto eles também, porque que nem ele falou com quatro meses que nós veio de lá pra cá sempre junto então pensa bem, é dezenove anos?
	Ter alguém proximidade Afastamento Junto	Buscar proximidade Evitar afastamento			As únicas pessoas que a gente tem , tanto que eles moravam lá em Osasco, vieram pra cá, moravam em frente , aí eu morava em frente , aí saímos e vieram morar praticamente junto , um em cima outro embaixo quer dizer então se chegar acontecer e eles ir embora , nossa eu vou ficar super chateado , vou mesmo.
	Apegada	Igualdade Proximidade Apego			“Eu acredito que é as duas, eu tenho , as duas, eu não posso falar que é uma ou outra porque eu tenho as duas . Eu acredito que seja as duas mais a (irmãs) (H₂) é mais apegada a mim , mas eu com as duas.”(...) “Eu com as duas, a (H₂) que é mais apegada a mim. ”
Sinceridade confusa com separação	Desconforto Conformação			Mais eu sou bem sincero , se eles chegar ir embora eu não sei o que eu faço porque já foram embora uma vez e eu fui atrás pra lá, entendeu, então, agora eu to numa situação que eu também não posso sair daqui, que eu tenho a firma tenho cliente na rua eu não posso deixar o que eu tenho, então se eles forem embora acho que, pode ser que venha até atrapalhar alguma coisa na firma, na empresa minha, entendeu, se for o caso deles ir mesmo, é uma coisa que não tem jeito tudo bem, que eu não ficar sentindo, eu vou entendeu, eu num.	

4.12 Categorização 2

4.12.2 Sentimentos

continuação

CATEGORIA	SUBCATEGORIA SENTIMENTOS EXPRESSADOS VERBALMENTE	SUBCATEGORIA SENTIMENTOS E ATITUDES OBSERVADOS	GERAÇÃO		TEXTOS / CÓDIGOS
SENTIMENTOS	Crise	Denuncia crise		M2	“Mas de vez em quando dá umas crises nela lá...”
	Afastamento	Ameaça de afastamento da família			“Aí no outro dia, eles: Eu vou embora , que iam embora.”
	Nervoso Irritado Frieza	Denuncia nervoso irritação e violência	Meio		“Aí ficou todo mundo nervoso , ele ficou, porque né. Eu nunca fui tão fria igual eu fui aquele dia, desci lá embaixo a minha reação foi: Que isso H2 ?”
	Afastamento, Irritação, Nervoso, Agressão	Afastamento, Ameaça, Irritação, Nervoso, Auto-agressão	Gerção do Meio		“É o nervoso , é esse nervoso que a gente ta falando.” “Terça-feira, ele desceu na mãe dele estavam conversando, não sei, eu não tava perto, não sei o que aconteceu, ele se irritou deu um murro lá na porta de vidro, estourou, ta com a mão toda costurada.”
	Brigar	Desentendimento, briga e percepção, negação dessa atitude			“ Não é briga na verdade é problemas, qual o tipo da briga?”
	Briga - desentendimento	Observação - expressão dos sentimentos, discussão	Gerção mais Nova	H3	“... dá muita briga! ” “ Não é pra falar a verdade? ” “ Discussão! ”
	Discussão Expressar amor e diálogo	Percepção do amor e da conversação e denuncia as brigas, expectativas de conversação e o estar junto			O amor que essa família tem. Ah, todo mundo junto , um falando com o outro, essas coisas.
	Choro	Dor - choro		M3	“Eu já a hora que eu vi o sangue, vidro quebrado e ele deitado no chão eu falei pronto aí comecei a chorar. ”
	Nervosismo, explosão	Nervosismo, explosão, dor, choro			“É o nervosismo dele, a explosão dele. Eu já comecei a chorar. ”
	Desentendimento	Violência, desentendimento, corretivo			“(..).teve um desentendimento é ele!” “Quando ele sai de casa tem que dar uns beliscões! ”
Falta de diálogo Brigas União	Normatização brigas e separações busca da proximidade, falta de diálogo			Ah, eu gosto do jeito de viver, apesar da falta de conversa , eu gosto, é assim: briga, briga, briga mais ta todo mundo ali junto , daqui cinco minutos ta como não aconteceu nada, todo mundo ta brincando, ta rindo ta conversando, ta, eu gosto.	
Sinceridade Confusa com Separação Falta Confusão Junto	Confusão, União, Perdão Amorosidade, Conversação, Normatização das brigas			Mais apesar de falta , se há alguma confusão daqui a pouco ta todo mundo junto , e não é nem um dia as vezes nem uma hora e já ta todo mundo conversando de novo e isso é normal.	

4.12 Categorização 3

4.12.3 Vínculos

Alguns vínculos entre o sistema familiar ficaram mais evidenciados.

Quadro 8

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SUBCATEGORIA NOMEAÇÃO VÍNCULOS	TEXTOS / CÓDIGOS
Vínculos	Formados entre os membros do sistema familiar	Mãe e Filho Apego	<p>M₁ = Mas se eu pegar minha mudança sai daqui e for lá pra Maringá dali uma semana ele vai atrás.</p> <p>M₂ = Vai!</p> <p>H₂ = Pior que é verdade!</p> <p>M₁ = Ele é mais apegado comigo, muito, muito, muito.</p> <p>M₁ = Sempre foi.</p> <p>H₂ = Verdade, graças à Deus”</p>
		Geração Bisavós	<p>M₁ = Assim os meus irmãos era tudo assim bem unido, toda vida foi, agora o meu pai com a minha mãe não dava carinho de jeito nenhum, principalmente meu pai, meu pai foi muito carrasco com tudo, com todos os filhos.</p> <p>M₁ = Não, não tinha conversa, era cassetada, paulada e chute, meu pai não teve.</p> <p>H₂ = Até hoje!</p> <p>M₁ = E a minha mãe nunca teve muito carinho, e além de tudo, tudo o que a gente fazia que às vezes ela podia até encobrir que não era uma coisa grave, não, ela já ia corria contar pro meu pai e ele já vinha com violência, então foi assim muito... entre os irmãos não mais o meu pai com a minha mãe nunca deram carinho pra filho não.</p> <p>M₁ = Nenhum, era tudo só, dou cassetada, dou paulada, era bem difícil assim, entre os irmãos não, é beleza, nove tudo beleza ia pra roça ia apanhar fruta, ia pescar, ia nadar, era muito bonito, mas o meu pai com minha mãe foi muito carrasco.</p>
		Fraterno Sentimento de: Amor Consideração Respeito Cúmplice	<p>M₁ = Eu acho que talvez seja, porque com os irmãos foi tudo... até hoje é, a gente sempre tem um que é mais chegado né?</p> <p>M₁ = Eu e a Rosa, as duas signo de leão, quer dizer meu pai é leão, a outra irmã minha, essa daí mais eu e essa daí nós não fica três dias, ela mora em Carapicuíba e eu moro aqui, mas nos não fica três dias sem se falar uma com a outra.</p> <p>M₁ = Ah, eu queria que conversasse, que nem ela (M3) e ela (M2), se ela (M3) tem um problema ela chega e conta pra ela (M2). Eles também aconselham o que tem que ser feito, como tem que ser, às vezes até comigo ela chega e ele (H3) também, quando ele tem um problema na casa dele, ele se esconde lá em casa.”</p>
		Sogra e Nora Vínculo Solidário Cumplicidade Afeto Respeito	<p>M₁ = Eu procuro, dar risada, brincar, com ele brigar (H2), eu prefiro brigar com ele. E uma coisa que eu nunca quero é brigar com a minha nora, se eu brigo com o meu marido, eu e ele se entende, se eu brigar com uma filha..., esses dias eu falei pra ele que eu ia dar uma surra nele de cinta, brigo, falo, ... e aquele ali as vezes eu falo duro com ele mesmo, ele fica emburrado, aquela lá agora, quando a minha nora ta na, eu já prefiro deixar aberta, agora eu não quero brigar de jeito nenhum, qualquer um dos dois.</p> <p>M₂ = Mais se tiver que brigar a senhora briga, vai ficar, as vezes quer brigar pode brigar depois nois se entende (...)</p> <p>M₁ = Mais é brigar assim, porque eu acho assim que tem muitos casamentos que as mães tem muito ciúmes dos filhos, né? Eu tenho um só quando casa a mãe fica naquele ciúme do filho quer lavar a roupa do filho, vem comer aqui na minha casa, vem, eu nunca dei isso pro meu filho pra não tirar, assim pra dizer: Ah, sua mãe fica, né, não quando ele tem qualquer reclamação qualquer briguinha eu vou a favor dela e meto o pau nele.</p> <p>M₂ = Ah, mais eu também não, também não ligo (...) mais sempre foi sempre se preocupou, eu nunca: Não você não vai fazer isso! Não é a mãe eu falo pra ele tem mais é que curtir mesmo a sua mãe..”</p>

4.12 Categorização 3

4.12.3 Vínculos

continuação

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SUBCATEGORIA NOMEAÇÃO VÍNCULOS	TEXTOS / CÓDIGOS
Vínculos	Formados entre os membros do sistema familiar	<p>Sogra e Nora Vínculo Solidário Cumplicidade Afeto Respeito</p>	<p>M₁ = Eu com a M₂ nois somos assim. M₂ = Eu e ela é assim, se a gente sentar e conversar a gente pode até umas vezes falar mais alto mais vai acabar, eu vou falar o que eu tenho vontade, ela fala o que tem vontade. M₂ = Ah, eu acho o maior barato que eles briga. Briga assim, né, eles briga, briga, briga e vira uma bagunça, só eu é assim ela fala de ir embora, ou fala de... Nossa! Fica todo mundo muito triste, então eu acho assim, eu acho que até por ela ser minha sogra eu acho que nem, nossa eu gosto dela pra caramba, eu acho que por ser nora e sogra eu devia falar assim: Ah, vai embora, que se dane, tem mais é que ir embora, só que é assim eles falam de ir embora eu falo pra ela: ta certo M₁ vocês quer ir vocês vai, só que nossa a gente fica: Ai Jesus, não vai não, não vai não! As vezes a gente não fala claro que não vai falar não quer que vai não quer que, a gente as vezes seja até mais feliz né, mais eu não seguro não, eu falo não vocês quer ir vocês vai, as vezes eu falo: Ai M₁ a senhora não vai acostumar lá, vocês não vai acostumar, entendeu, mais aí quando fala que não vai aí clareia tudo, entendeu, tanto a filha dela que ta aqui agora perto então as vezes fala assim: Ai ta muito junto as vezes não é legal, mais não é não, é legal sim porque quando acontece alguma coisa ta tudo ali, eu gosto.</p>
		<p>Avô e Netos Afetos</p>	<p>H₁ = Eles são praticamente mais netos do que os meus netos porque eu tenho menos contato com os meus netos.</p>
		<p>Mãe e Filho</p>	<p>M₁ = Mais eu não sou assim de querer o filho casou eu querer pra mim, não, ele é dela, ele é meu, tem que tomar conta da casa, ir lá por (...), eu subo lá: M₂? Até o loro já aprendeu: M₂? Oi! Bom dia? Bom dia! Aí se eu tenho que falar alguma coisa eu falo se eu não tenho eu viro as costas, fecho a porta e vou embora, todo dia de manhã.</p>

4.12 Categorização 4

4.12.4 Transmissão dos afetos: recebendo e transmitindo valores afetivos

Quadro 9

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	GERAÇÃO	TEXTOS/CÓDIGOS
Transmissão dos Afetos	Recebendo e transmitindo Afeto	Geração Mais Velha	H₁ O que eu recebi dos meus pais? Acho que com todos nós era a mesma coisa, não era assim carinhoso como é hoje, ser carinhoso né, mais de algum modo eles davam carinho. Falava pouco e eu acho que eu aprendi isso que eu não falo. Pessoas assim muito quietas. Bom, quem falava menos acho que sou eu, os outros acho que tudo tagarela, tudo tagarela.
			M₁ Ah, com os netos eu sou assim, mais, e eles me abraçam, aquele ali tem dia que eu tenho que brigar com ele, você vai me derrubar, você vai me machucar, ele me pega, ele me pega, ele me agarra de frente ele me aperta, ele me beija, eu também pego ele e fica assim que nem duas criança brincando e ela é a mesma coisa também (não dá pra entender). Eles que são próximos que nem a M3, a M3 quando chega da escola, em vez dela subir a escada da casa dela, ela vai primeiro lá em casa, lá ela dá beijo, bença, e o vô. Ele é, ele adora esses netos. Ah, com três meses ela não queria dormir, três/quatro meses ele pnhava ela no carro, colocava no colo e ia dirigindo dava uma volta na rua e trazia ela dormindo, isso era toda noite. Agora, hoje eles reclama tal e se todos os filhos fosse pensar no que recebeu da minha mãe do meu pai hoje acho que eles estavam no asilo, é que a gente nenhum pegou esse tipo de jeito, a gente quer ta lá junto que nem eu fico aqui em São Paulo cada três meses eu vou lá fico uma semana se preocupo quero mudar lá perto, minha mãe liga: Ah, eu to muito sozinha eu vou minha irmã vai, então os filhos não levou aquilo que eles fizeram a sério, esqueceu o modo que foram criados e partiu para outro jeito. É, eu não sei se eu fiz muito o contrário mais acho que igual foi o meu pai com a minha mãe, quando precisava bater pra ensinar eu pegava duro mesmo, esse aqui eu coloquei ele com doze anos dentro de uma firma junto comigo porque tava na rua com as mal companhia e lá ele brigava que não ia trabalhar, eu dava nele lá dentro da firma, procurava por no lugar ali, mais também procurava tirar muito carinho pra eles.
		Geração do Meio	H₂ Você sabe, às vezes eu to meio, eu sou até meio sistemático, as vezes eu sou até meio rude, as vezes até meio grosso entendeu, que as vezes eu sei que falta alguma coisa mas eu não sou muito assim de conversar procurar parar, conversar essa coisa toda e isso aí falta muito e esse jeito eu sou mais assim, sei lá mais estourado, mais não sei falta isso, isso falta mesmo, falta mais um dialogo, falta mais uma conversa, falta muita coisa ainda. Eu não sou de chegar e beijar, abraçar, ter carinho, algum afeto, sou muito sentimental essa coisa toda, mais isso é o que falta, isso falta pra mim, isso falta, falta e eu mesmo sei disso, eu mesmo sei disso. Ah, receber eu acho que eu recebo deles, isso aí eu recebo, isso aí eles não tem, aquela ali é, nossa, quando ela chega: Oi pai? Oi! Se eu não ver ela, e ela dá um beijo em mim, ela, se eu, não entendeu, pra ela parece que eu não to vendo ela, todo dia que eu chego em casa, se eu chegar três vezes: Oi pai? Você ta me vendo? Então. Proteger sempre protegeu porque desde quando houve a separação dela com meu pai nós era tudo pequeno né, e tanto que ela que acolheu a gente e né, se dependesse do meu pai, sei lá, poderia até ter virado um bandido, as meninas podia ter partido pro outro lado, essa parte aí, foi ótimo da parte dela, entendeu, porque depois de tudo, todo mundo pequeno ter uma separação, quer dizer, pensa bem, a cabeça não é verdade, foi acolhido todo mundo, ficamos junto que nem ela falou, colocou eu pra trabalhar porque se não eu também ia se perder.

4.12 Categorização 04

4.12.4 Transmissão dos afetos: recebendo e transmitindo valores afetivos

continuação

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	GERAÇÃO	TEXTOS/ CÓDIGOS
Transmissão dos Afetos	Recebendo e transmitindo Afeto	Geração Mais Velha	M₂ É, que nem ele falou, eu acho que o carinho assim que eu tenho, eu acho que eu passo pra eles o mesmo que ela passou, eu acho que eu sou igual ela assim eu nunca fui assim de ficar abraçando, beijando aquela coisa entendeu? É mais assim conversar, procurar fazer o que a gente pode entendeu e procurar ter paciência com eles, então eu acho que eu pareço muito nisso no carinho que ela dava pra gente e eu acho que eu passo do mesmo jeito pra eles, às vezes ela fala: Ah, você não é uma mãe de ficar abraçando e beijando, às vezes né eu falofalo: Ah! É, e também assim quando a gente as vezes, a gente começou a trabalhar muito cedo né, que a gente viveu no interior, sítio, depois, então as vezes que eu comecei a trabalhar muito cedo em casa de família então você sabe né, a gente começa praticamente criança com onze anos então as vezes eu chegava reclamando, então ele sentava pra conversar: Ah, mais é assim mesmo filha a gente precisa, tem que. Entendeu, então aquilo pra mim, nossa era a hora que ela sentava e conversava comigo, então eu sentia assim que, não então eu vou fazer porque a minha mãe pelo menos ela me entende, ela conversava muito com a gente. Eu sentia! Ele também gosta de abraçar e beijar.
			H₃
		Geração do Meio	M₃ Queria que ele sentasse chegasse: E aí como foi de vez em nunca, bem raro ele pergunta: E aí como foi a escola, tal, tirou nota boa, até ele pergunta, de vez em quando ele. Não, não é todo dia, entendeu. Ah, eu gostaria. Eu não ligo porque eu não apronto nada, então eu não tenho nada a esconder, né, mais acho que ele tinha que perguntar mais. Ah, nenhum dos dois é assim de pegar de abraçar pra isso eu não sei te responder, que nem ela falou que não é muito de abraçar, ele falou que não é muito de abraçar, beijar, então eu fiquei meia, eu as vezes chego: Ai, mãe que não sei o que, abraço, beijo ela é meia, né. Nossa! Ai desgruda, to com calor, ela pega e fala assim: Ai, to com calor, desgruda vai, sai. Meu pai ele chega se eu ver cinquenta vezes no dia: Oi pai, tudo bem, como você tá? Pergunto da mão, pergunto da coluna, pergunto da cabeça, pergunto da pressão, pergunto de tudo, quando eu vejo ele, eu pergunto de tudo. Pra mim é, porque eu sei o que ele tá passando né, no dia-dia dele. Deixa eu te falar, ele também é padrasto do meu pai só que pra mim ele é meu vô, eu considero ele como meu vô?

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

“Não há sensação de pertencimento se não compartilharmos nossa vida, nossas experiências e nossos aprendizados com os que nos são ou não semelhantes”. (Chalita, 2003)

Nesta pesquisa, todas as diferentes manifestações encontradas nas narrativas das famílias colaboradoras falam das manifestações afetivas que transmitem.

A afetividade envolve demonstrações de amor, carinho, aconchego, respeito e amizade que são, portanto, formas de atenção para com o outro.

O estudo também mostrou a falta de um diálogo mais igualitário entre os padrões afetivos formados e transmitidos intergeracionalmente para construção de melhor qualidade nas reações familiares.

Na construção das competências comunicativas, a motivação é necessária para a aquisição da habilidade da comunidade ligada à afetividade relacional que deve se basear em uma abertura na relação da família, aquela que permite troca, reciprocidade e aponta um caminho de formação com benefícios a todos os seus componentes.

A conscientização da complexidade do tema da comunicação humana, especificamente, das relações interpessoais não nos permite afirmações estanques, mas, a possibilidade de mostrar que existem pessoas atentas para o significado de uma comunicação interpessoal competente na família.

Morin (2003), chama de “unidualidade” a condição do ser humano ser totalmente biológico e cultural a um só tempo, reafirmando que o homem só se realiza como ser humano pela cultura.

Mostramos as diferentes manifestações afetivas que a família transmite; passeamos por temas de família e esta dentro de uma cultura brasileira. Tempo cronológico e contemporâneo, de geração presente e passada, excesso de informação, falta de diálogo, flexibilidade e diversidade de sentimentos, efeitos e tipos de discursos familiares dentro da complexidade da comunicação,

emoções, sentimentos, afetos e vínculos construídos no seio familiar e como uma família se organiza diante disso tudo. Enfim, são as diversas manifestações afetivas construídas e transmitidas pela família dentro de seu cotidiano envolvidas pelo social e vivenciadas na comunidade.

As manifestações afetivas sempre nos tocam a alma de diferentes maneiras e produzem sentimentos que agora são passados e sistematizados para repartir a emoção que nos impele a refletir sobre a temática. O afeto confere transformações em nossas vidas, certamente, é algo que dissolve, ameniza e apazigua a violência, sendo indubitavelmente uma necessidade para nossa sobrevivência, além de galgarmos a qualidade de vida.

A família transmite o afeto bom ou ruim, constrói a estrutura, os sonhos, a sobrevivência, e quando ele é bem compreendido pelos seus membros impede a transformação de ódio em violência ou busca de vantagens materiais. Os estilhaços provocados pela falta das manifestações afetivas nos relacionamentos geram conflitos e deixam marcas contundentes em todos os familiares envolvidos, inclusive, em outras gerações, provocando situações que vão desde sofrimentos extremados até caos de humilhação que podem ser traduzidos em ódio. Isso nos ajuda na reflexão da importância de se abordar nas questões familiares os sentimentos que mais se sobressaem nos padrões afetivos com o qual a família convive estendida na compreensão das outras gerações.

O estudo mostrou que as famílias revivem as memórias de sentimentos desagradáveis transmitidas pelas gerações anteriores repassadas a posteriori, sobretudo, a violência dos pais, como apareceu na voz da geração mais velha que aclamava sua falta de diálogo com os filhos, gerando, a falta de compreensão da evolução familiar. Esta necessidade foi transformada na busca de diálogo com as novas gerações, ocorrendo mais na relação com os netos.

As transformações de padrões afetivos passam pelo modelo praticado no cotidiano familiar, como a avó que dá afeto “genuíno” aos netos, podendo ser mais expressivas nas manifestações afetivas verbais e gestuais (abraços e beijos) e no diálogo mais aberto e balanceado; até mesmo,

diante das condições socioeconômicas e das lembranças guardadas de sensações sofridas como: traição, humilhação, abandono e privação que trazem em suas raízes um profundo amor que os integrantes da família intergeracional transmitem.

A trama de afetos intergeracionais possibilita a formação de vínculos mais prazerosos entre os familiares, dentro desse prazer e desprazer, constrói-se um afeto mais igualitário que não só passa pelas palavras e, sim, por atitudes que vão sendo condensadas, formando estruturas e padrões afetivos.

Em contrapartida, onde existe esta condição de afeto e amor vivenciados no cotidiano, percebemos que os conflitos serão mais evidenciados e flexibilizados em rumo a uma resolução, sem a presença do ódio destruidor nem a necessidade de aniquilar o outro de maneira irreversível nas relações.

A busca pelo conhecimento do tema afetividade nas pesquisas, deixou claro o quanto o mesmo precisa ser mais estudado.

Assim, as observações feitas nas relações destas famílias contribuíram para que esses sentimentos fossem identificados e assinalados na sistematização.

A família ergue-se, reconstrói, mostrando uma forte resiliência apoiada nas crenças de fé e aceitação de diferentes religiões, crença no amor, na construção relacional pelo diálogo que conecta os sentimentos de comunicação, mantendo-se o tempo toda flexível e aberta às manifestações afetivas entre as gerações, possibilitando-nos a transmissão cotidiana de atitudes de afeto, o que contrapõe o pensamento inicial desta pesquisadora que hipotetizava ser necessário um tempo para o diálogo e um espaço para se conseguir “ser”.

Se existir a diferenciação na família, o afeto poderá circular mais livremente e será mais genuíno e validado por todos. É necessário “ser” antes de pertencer, trocar, manifestar-se e este ser humano inicia-se dentro do cotidiano familiar. Talvez, a reflexão do que o outro agrega, contribua

para o sistema familiar e o afeto possa ser visto como algo relevante.

Poderíamos acrescentar que o afeto é algo complexo que envolve o “cotidiano” e o “como” as pessoas fazem no seu dia-a-dia e a repetição destas seqüências afeta o outro. “O como” pode ser repensado como potencialidade, capacidade desenvolvida e que precisa ser praticada mais consciente na temática da afetividade.

Desse modo, desenvolvemos a percepção de uma família de sentimentos fáceis ou difíceis, prazerosos ou desprazerosos nas relações familiares e que podem se tornar um padrão de sentimentos repetitivos e se provocados desencadeiam seqüências que podem ser exemplificadas com a agressividade, pois no caso deste estudo H2 não soube explicar a ambigüidade de seus sentimentos causando um paradoxo. O mesmo apareceu com a intenção de sentimentos bons e o desejo de ser assertivo, coerente diante da família, mas, com uma irritação, apresentando, às vezes, uma agressividade que pode estar relacionada com o não ser compreendido, ou mesmo, não saber se expor ou falar do que sente, encontrando até dificuldade para nomear sentimentos, como irritação, ansiedade, medo. Sentimentos observados como seqüências pelas repetições que formam um padrão, ou mesmo, o medo de repetir as atitudes de agressividade do pai.

Dentro das áreas de nossa vida, consideramos mais importante a área afetiva, pois esta impossibilita o desenvolvimento das competências em outras áreas; portanto, a área afetiva tem um “valor afetivo” que precisa ser revisto pelas famílias e profissionais na comunicação que ajuda na elaboração e re-significação da interação familiar.

Dessa forma, uma expressão de valor comum para a afetividade é perceber o quanto a mesma, está ligada às emoções, humores, interesses e atitudes e estas aparecendo o tempo todo e recursivamente nas interações.

Entendemos que sentimentos devam ser sentidos e regulados e a afetividade é conhecer e reconhecer que os sentimentos tem um valor, devem ser sentidos e isto pode implicar na percepção

dos mesmos.

Chegamos ao final da pesquisa com a certeza de que estamos em um caminho que apenas foi iniciado que ainda tem muito a ser conquistado.

Seguramente não há como esgotar as reflexões sobre a temática do afeto e de sua transmissão dentro das gerações familiares. Este afeto que está imbuído do sentimento de amor, algo que brota nas várias relações em qualquer momento enquanto houver sensibilidade ao se falar um simples bom-dia, sorrindo. Ao se preocupar com a relação e com o outro, haverá esperança para uma nova realidade humana mais equitativa. O afeto poderá ser a conexão do amor e a esperança para se enfrentar o ódio que vem dominando muitos corações, inclusive, dentro do seio familiar.

Constatamos que a afetividade atrai, liga, interconecta, forma um conjunto que aproxima os membros familiares, em especial, se for percebida com a comunicação.

Neste sentido, a transmissão de afetos é repassada e no estudo específico deste caso, isto aparece nos discursos dentro das narrativas das pessoas sobre sua família de origem.

As questões afetivas podem se tornar provocativas, perturbadoras e enfatizar a importância da família rever e pensar que tipo de afetividade está ajudando a construir, como berço que forma seres humanos para viver em sociedade, mas não é apenas sentimento nem tão pouco um estado emocional e, sim, uma constante procura de um entendimento do que se recebe, necessita e transmite.

O estudo de um caso, especificamente, neste contexto social, foi relevante e ajudou na compreensão de como a pessoa sente-se em meio a tantas informações e mudanças rápidas no seio de uma família. Mesmo estando juntos por moradia, trabalho e mantendo um apego podem não conseguir se expressar, ou entender seus sentimentos, ou dos membros de convivência, ou de suas raízes.

Para resumir, argumentamos que os sentimentos produzem atitudes que passam por valores que podem se tornar valores afetivos, mas precisam ser revisitados, inclusive, nas gerações anteriores

para maior compreensão e qualidade da vida relacional.

Percebemos que a relevância deste estudo relacionado a afetividade de família deve ser continuado a fim de analisarmos outros vieses com que nos deparamos em nossa realidade

O que fica?

Fica o questionamento dentro das relações familiares formadoras de vínculos.

Não só o tempo e o espaço para se dialogar, mas também a compreensão das diferenças de papéis, gênero, maneira de perceber de cada membro (individualidade) e a flexibilidade, liberdade para se expressar, inclusive sobre o que se sente e o que o outro agrega ao sistema em termos de sentimentos.

A compreensão do turbilhão de sentimentos que vão sendo gerados nas relações e o tempo, espaço e abertura para se perceber, reconhecer, organizar e elaborar.

Diante da complexidade dos assuntos levantados e do tempo disposto para se dedicar a esses estudos, a pesquisadora não poderia deixar de falar de seus próprios sentimentos que foram emergindo nessa relação recursiva com a teoria, com o orientador e com a família.

Foi um tempo de imersão, introspecção, silêncio, um retorno às raízes familiares e o encontro com mitos pessoais. Um tempo de ser específico, detalhista, de rever mágoas, choros, reflexões e mudanças de ciclo de vida, alegria com o novo, esperança, mas, sobretudo, um resgate da própria afetividade em sua expressividade, um tempo precioso de grande valor e importância na sociedade onde vivemos. Um tempo de rever ...

APÊNDICE



A pesquisa on-line sobre o tema afetividade foi realizada nas bibliotecas virtuais da BIREME, especialmente, no sistema BVS-PSI, biblioteca virtual em saúde da Psicologia, no Instituto de Psicologia da USP e no Lúmen: Sistema de bibliotecas da PUC/SP.

A busca teve sua especificidade concentrada nos trabalhos de dissertações e teses, apresentados e catalogados, nestas bibliotecas, desde o ano de 1985.

De 1982 a 2006, ou seja, em 24 anos de pesquisa sobre o assunto, observamos que temas de afetividade são comumente estudados na área da Psicologia Educacional, enfocando a obra de autores como: Piaget, Vygotsky e Wallon, com temas centrados na relação professor aluno ou focados no processo ensino aprendizagem.

Na área da Psicologia Clínica, foram encontrados poucos trabalhos, sendo alguns embasados na teoria Psicanalítica.

Quanto à abordagem sistêmica e a área da Psicologia Clínica, no sistema de bibliotecas da PUC/SP, onde os estudos com famílias são mais numerosos, encontramos dois trabalhos, um de dissertação e outro, uma tese, que versam sobre os temas: afetividade e família.

Este estudo sobre o padrão de transmissão intergeracional dos sentimentos, é, portanto, o terceiro trabalho sobre o tema, a ser apresentado como dissertação de mestrado, após 14 anos (1992) da apresentação do último estudo.

A seguir apresentamos a catalogação dos trabalhos que envolvem o assunto.

Pesquisa sobre o tema afetividade (teses e dissertações)

Fonte de Informação: Dedalus - Instituto de Psicologia da USP

	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Material</i>	<i>Assunto</i>
1	Ayres, Alessandra Monteiro Marquez	Stress, afetividade e reatividade cardiovascular em adultos hipertensos e normotensos	1994	Dissertação PUC	Emoções/Stress e fadiga
2	Rocha, Eucenir Fredini	Corpo deficiente	1990	Dissertação IPUSP	Deficientes Físicos/Reabilitação(Psicologia)/ Serviços de Saúde Mental Comunitária/Atitudes
3	Bellini, Luzia Marta	Afetividade e cognição	1993	Tese IPUSP	Processos Cognitivos
4	Japur, Marisa	Psicodiagnóstico de rorschach	1982	Dissertação IPUSP	
5	Rodrigues, Paulo Roberto Grangeiro	Astrologia, meio ambiente e personalidade	1997	Dissertação IPUSP	Articulações/Personalidade/Psicologia Individual/ Psicologia Social
6	Queiroz, S S	Afetividade e teoria psicanalítica em Jean Piaget	1997	Dissertação UNICAMP	Psicanálise/Poder/Filosofia/Política
7	Gartner, Regina Pildusas	Estudo comparativo, através do teste estilocrômico e de entrevista psicológica, dos aspectos psicológicos de mulheres portadoras de psoríase, vitiligo e não portadoras de doenças dermatológicas, psiquiátrica ou psicossomáticas Em busca de Eros	1998	Dissertação IPUSP	Medidas de Personalidade/Entrevistas (Psicologia)/Transtornos Psicofisiológicos
8	Barreto, André Valente de Barros	Afetividade e teoria psicanalítica em Jean Piaget	1997	Dissertação UNICAMP	Psicanálise/Poder/Filosofia/Política
9	Barreto, Ricardo Azevedo	A afetividade na odontologia para bebês	1999	Dissertação IPUSP	Emoções/Interações Interpessoais/ Odontopediatria/Psicanálise
10	Villela, Elisa Marina Bourroul	As repercussões emocionais em irmãos de deficientes visuais	1999	Dissertação IPUSP	Família (Psicologia)/Deficientes/ Psicanálise/Psicologia/ Procedimento de Desenhos-Estórias
11	Sakamoto, Cleusa Kazue	A criatividade sob a luz da experiência	1999	Tese IPUSP	Criatividade/Desenvolvimento Emocional/Entrevistas (Psicologia)/Afeição
12	Almeida, Sérgio José Alves de	Contribuição ao estudo da sexualidade humana	1995	Tese FM de São José do Rio Preto	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida/ Sexo e Sexualidade (Sociologia)
13	Gimenes, Beatriz Pícolo	O jogo de regras nos jogos da vida	1996	Dissertação IMES	Psicologia Educacional/Psicologia Social/ Jogos/Estrutura Organizacional/Auto-estima/Comportamento de brincar
14	Queiroz, Sávio Silveira de	Inteligência e afetividade na dialética de Jean Piaget	2000	Tese IPUSP	Psicogênese/Inteligência/Psicologia (Filosofia e Teorias)/Dialética/ Construtivismo/Estudo de caso
15	Barreto, André Valente de Barros	A revolução das paixões	2000	Dissertação UNICAMP	Psicanálise/Filosofia Política
16	Ramírez García, Laura Beatriz	Chiapas e o Zapatismo	2000	Tese IPUSP	Movimentos Sociais
17	Ribeiro, Sandra Maria Patrício	Anatomia social de um crime em família	2001	Dissertação IPUSP	Homicídio/Família(Psicologia)/Psicologia Forense/Comportamento Anti Social

continuação

	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Material</i>	<i>Assunto</i>
18	Trindade, Zeidi Araujo	A realidade social de meninos institucionalizados	1984	Dissertação	Desenvolvimento Cognitivo/Família/Valores Sociais
19	Marzano, Stefania	Teatroterapia e apropriação da vida	2001	Tese IPUSP	Teatro(Terapia)/Imagem(Pensamento)/Semiótica
20	Gimenes, Beatriz Pico	O jogo de regras nos jogos da vida	2000	Dissertação IMES	Psicopedagogia/Psicologia Educacional/Auto-Estima
21	Urban, Maria Luisa	O Método Raimon	2003	Tese IPUSP	Amizade/Interação Interpessoal/História em Quadrinhos
22	Cyrus, Dilcy Helena Teixeira	Construção de significados de “amizade”	2003	Tese IPUSP	Articulações/Personalidade/Psicologia Individual/ Psicologia Social
23	Bussab, Vera Silvia Raad	Afetividade e interação social em crianças	2003	Tese (Livre Docência)	Comportamento de Apego/Interação Social/(Comportamento Social)/ Crianças/Cultura
24	Paiva, Maria Lucia de Souza Campos	Casamento entre vinte e trinta anos	2003	Dissertação IPUSP	Casamento/Psicanálise/Teste de Apercepção Temática/Relações Conjugais/Família
25	Scherb, Eliane	Crianças vítimas de abuso sexual	2004	Tese IPUSP	Psicologia Forense? Técnicas Projetivas/ Teste de Rorschach/Teste de fábulas de Dus/Maus Tratos sexuais Infantis/ Estresse Psicológico
26	Gartner, Regina Pildusas	Contribuição para a Padronização do Teste Estilocrômico, em uma população adulta urbana de 18 a 42 anos	2004	Tese IPUSP	Padronização do teste/Teste Estilocrômico/Avaliação Psicológico/ Psicodiagnóstico/Adultos
27	Tezzari, Neusa dos Santos	A constituição do aluno leitor	2005	Dissertação IPUSP	Leitura/Escola de Ensino Fundamental
28	Bronstein, Marina	Os quadros anoréxicos	2005	Dissertação IPUSP	Anorexia Nervosa/Bulimia/Teste de Apercepção Temática/Apercepção/ Cognição

Fonte de Informação: BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

1) Teses Psi (teses)

	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Material</i>	<i>Assunto</i>
1	Siqueira, Marília Amaro da	Questões Sobre a Movimentação e a Transmissão Psíquica Geracional dos Pacientes na Clínica Psicanalítica	2005	Dissertação PUC/SP	Este trabalho tem como objetivo do trabalho: relacionar as falhas na transmissão psíquica geracional com a “paralisia psíquica” do sujeito.
2	De Conti, Luciane	O brinquedo em casa e na escola: a bi-direcionalidade da transmissão cultural.	1996	Dissertação UF do Rio Grande do Sul	Este estudo analisa a construção do significado social do fenômeno brinquedo num grupo de crianças pré-escolares, em dois níveis. Primeiro, definindo as concepções de pais e professores acerca do brincar. Segundo, entendendo como a criança organiza sua atividade individualmente.
3	Becker, Ângela Lângaro	Adolescência e instituições: a mimesis como transmissão possível.	2002	Dissertação UF do Rio Grande do Sul	Este escrito examina os processos de transmissão de uma geração à outra como modo de constituir filiação e possibilidades identificatórias.

continuação

	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Material</i>	<i>Assunto</i>
4	Romera, Maria Lúcia Castilho	Transmissão-difusão da psicanálise: considerações a partir do delineamento de sua presença nos cursos de psicologia da região do Triângulo Mineiro - Brasil Central	1993	Tese IPUSP	Analisa o ensino da psicanálise nos cursos de psicologia do Triângulo Mineiro e a representação que os professores têm sobre sua prática enquanto ensinantes de psicanálise.

2) LILACS (teses e dissertações)

	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Material</i>	<i>Assunto</i>
1	Aranha, Valmari Cristina	A Representação Social do envelhecimento e os determinantes afetivo-emocionais: semelhanças e conflitos entre idosos e não idosos usuários do Hospital das Clínicas da FMUSP	2003	Dissertação USP – F. de Saúde Pública	No contato com idosos é possível perceber que muito da problemática vivenciada com o envelhecimento se relaciona à qualidade de vida e dos vínculos desenvolvidos.

Fonte de Informação: Lúmen – Sistema de Bibliotecas PUC São Paulo (teses e dissertações)

1) Biblioteca Monte Alegre

	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Material</i>	<i>Assunto</i>
1	Alessandrini, Cristina Dias	Oficina Criativa e Análise Microgenética de um projeto de Modelagem em Argila	2000	Tese IPUSP	Construtivismo/Psicologia Educacional/ Processos Criativos/Criatividade/Arte-terapia/Afetividade e Cognição/ Psicologia da Educação
2	Almeida, Ana Rita Silva	A concepção walloniana de afetividade	1999	Tese PUC SP	Desenvolvimento humano/Emoções/ Paixões/Sentimentos/Psicologia da Educação
3	Almeida, Lenita Maria Costa de	Ensino Fundamental – 5ª série- amargo encanto		Dissertação PUC SP	Afetividade/Avaliação Educacional/ Exclusão Escolar/Estrutura Escolar/ Educação: Supervisão e Currículo
4	Assumpcao, Luiz Roberto de	As novas fronteiras da paternidade	2002	Dissertação PUC SP	Paternidade/Paternidade – Investigação/ Afetividade/Vínculo Biológico/Direito
5	Barreto, Andre Valente de Barros	Em busca de Eros : a democracia natural do trabalho e a relação entre poder e afetividade	1997	Mestrado UNICAMP	Reich, Wilhem 1897-1957 – Crítica e interpretação/Ciência Política/Psicanálise/Psicologia Política/Ciências Sociais
6	Bomfim, Zulmira Aurea Cruz	Cidade e afetividade : estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo	2003	Tese PUC SP	Cidades e vilas/Barcelona (Espanha) – aspectos sociais/São Paulo (cidade) – aspectos sociais/Modo de vida/Psicologia ambiental/Psicologia Social
7	Botarelli, Adalberto	Exclusão e sofrimento: o lugar da afetividade em programas de atendimento as famílias po	2002	Dissertação PUC SP	Pobreza/Famílias pobres/Centro de atenção à família/Psicologia Social
8	Calil, Ana Maria Gimenes Correa	Afetividade e docência: um estudo com professoras das series iniciais do ensino fundamental	2005	Dissertação PUC SP	Afeto (Psicologia)/Professoras/Ensino Fundamental/Psicologia da Educação
9	Camargo, Denise de	As emoções no processo de aprendizagem	1997	Tese PUC SP	Ensino Programado/Afetividade e aprendizagem/Aprendizado escolar/ Ciência Cognitiva/Problemas de aprendizagem/Psicologia social

continuação

	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Material</i>	<i>Assunto</i>
10	Campos, Hevane Amarante	Padrões de interação de famílias de nível socio-econômico baixo : construção de instrumentos	1984	Dissertação PUC SP	Família/Afetividade/Saúde Mental/ Saúde mental/Psicologia Clínica
11	Cerveney, Ceneide Maria de Oliveira	A família como modelo: influência da repetição de padrões interacionais das gerações anteriores	1992	Tese PUC SP	Psicoterapia Familiar/Afetividade/ Interface terapêutica/Mitos/Psicologia Clínica
12	Cunha, Maria Cristina Araujo de Brito	Asilo de velhos: espaço possível de vivência afetiva, de vida (in)digna?	2003	Dissertação PUC SP	Idosos – Cuidado Institucional/ Envelhecimento/Asilo de velhos/ Afetividade/Gerontologia
13	Dourado, Ione Collado Pacheco	Concepção de afetividade segundo uma professora de oitava série	2000	Dissertação PUC SP	Wallon, Henri./Emoções/Professor e Aluno/Cognição/ Puberdade e Adolescência/Sentimentos/Teoria do Desenvolvimento/Psicologia da Educação
14	Dozzi, Carla Carusi	Paradoxos e ambiguidades de uma cooperativa popular de produção: uma análise psicossocial	2003	Dissertação PUC SP	Cooperativas de produtores/Cooperativa popular/Subjetividade/Afetividade/ Sentido/Psicologia Social
15	Dutra, Alessandra Mara dos Santos	A criatividade na saúde	2001	Dissertação PUC SP	Criatividade/Qualidade de vida/ Afetividade/Criatividade e Saúde/ Imaginação e fantasia/Psicologia Social
16	Fator, Tania	Razão e sensibilidade: os resultados de intervenções psicodramáticas em organizações empresariais	1997	Dissertação PUC SP	Psicanálise/Afetividade/Poder e autoridade/Psicodrama Organizacional/Psicologia Social
17	Malaco, Lais Helena	Formação de educadores e a afetividade dos estagiários de educação física em relação a prática docente	2004	Tese PUC SP	Professores de Educação Física – Formação Profissional/ Afeto (Psicologia)/ Prática de Ensino/Estágio Supervisionado/ Psicologia Social
18	Martin, Mara Westin Lemos	Sentidos atribuídos a uma experiência desafiadora : o desafio de confeccionar um livro de história infantil	2004	Dissertação PUC SP	Crianças – Livros e leitura/Professores – Formação Profissional/Situações Desafiadoras/Sentidos/Afetividade/ Psicologia da Educação
19	Meira, Maria Isis Marinho	Gagueira: do fato para o fenômeno	1982	Tese PUC SP	Gagueira/Afetividade e gagueira/Gagos/ Tensão e gagueira/Psicologia Clínica
20	Molon, Susana Ines	Sujeito, subjetividade e emoções na perspectiva dos professores da Pós-graduação em Psicologia Social	2000 2000	Tese PUC SP	Psicologia Social/Subjetividade/ Abrapsianos/Afetividade/Emoções/ Intersubjetividade/Psicologia Social
21	Munhos, Sonia Piaya Marinho	Desenvolvimento e afetividade: um estudo de concepções com professoras de pre-escola municipal	1999	Tese PUC SP	Educação Pré escolar/Professor e aluno/ Psicologia do desenvolvimento/ Personalismo/Walloniano/Psicologia da Educação
22	Pereira, Tania Yeda Rodrigues	Dificuldades do aluno segundo o professor e suas intervenções na sala de aula	1999	Dissertação PUC SP	Wallon, Henri/Transtornos de aprendizagem/Psicologia da Aprendizagem/ Psicologia Educacional/Afetividade/ Comportamento Afetivo/Interação/ Professor e aluno/Psicologia da Educação
23	Pinheiro, Maria Mersilda	Emoção e afetividade no contexto da sala de aula: concepções de professores e direções para o ensino	1995	Dissertação PUC SP	Wallon, Henri/Professor e aluno/Professores -Formação Profissional/Ensino/ Formação de Professores/Prática Pedagógica/Processo de Aprendizagem/Psicologia da Educação

continuação

	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Material</i>	<i>Assunto</i>
24	Ranghetti, Diva Spezia	O conceito de afetividade numa educação interdisciplinar	1999	Dissertação PUC SP	Emoções/Interdisciplinaridade na educação/Aprendizagem/Emoções/Prática Pedagógica/Relação Pedagógica/Educação: Supervisão e Currículo
25	Santi, Lucimar Canonico de	A afetividade de uma professora na interação com seus alunos em	2004	Dissertação PUC SP	Professores de Inglês/Professores e alunos/Afetividade/Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
26	Scavazza, Maria Cristina	Emoção: uma análise do tema em periódicos da área de Psicologia da Educação	2003	Dissertação PUC SP	Afeto (Psicologia)/ Afetividade/ Psicologia da Educação
27	Silva, Angelica do Rocio Carvalho	Sentimentos e emoções: um estudo com professores e alunos de medicina veterinária	2005	Tese PUC SP	Veterinária – Estudo e ensino/Análise da Interação na Educação/Professores e Alunos/Afetividade/Psicologia da Educação
28	Silva, Eni Leide Conceicao	Casa vida, espaço de afetividade e ternura: um estudo sobre AIDS e preconceito	1993	Dissertação PUC SP	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – Pediatria/ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida- Pacientes- Preconceito/ Discriminação/Preconceito/Segregação/ Psicologia Social
29	Silva, Maira Pedroso Correia da	Linguagem das emoções: as relações de afetividade nos índios Kadiweu	2004	Dissertação PUC SP	Índios Kadiweu/Emoções/Afeto (Psicologia)/Psicologia Social
30	Silva, Marcos Vieira	Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações	2000	Tese PUC SP	Psicologia Social/Afetividade/Poder/ Processo Grupal/Psicologia Comunitária/ Psicologia Social
31	Silva, Wilma da	Afetividade e violência na família favelada: enfoque socio-histórico	1990	Dissertação PUC SP	Família/Juventude e Violência/Exclusão Social/Favelados/Relações familiares/ Violência Doméstica/Serviço Social
32	Souza, Ana Cristina Gonçalves de Abreu	Gestão escolar e afetividade: investigando um momento de transição	2004	Dissertação PUC SP	Escolas – Organização e administração/ Afeto (Psicologia)/Psicologia da Educação
33	Tamarozzi, Edna	Cartas de Moçambique: uma experiência de afetividade no processo de formação de professor	2004	Dissertação PUC SP	Professores – Formação Profissional – Moçambique/Afeto (Psicologia)/Relação Formador/Formado/Psicologia da Educação
34	Teixeira, Myrian Boal	Dar voz e vez a afetividade do professor num processo de formação continuada	2002	Tese PUC SP	Professores – Formação Profissional/ Educação Continuada/Formação Continuada/Afetividade/Psicologia da Educação
35	Thome, Melissa	O que ajuda a aprender?: características da relação professor-aluno segundo adolescentes	2001	Dissertação PUC SP	Professor e aluno/Adolescente/ Afetividade e emoção/Aluno/Família/ Meio Social/Psicologia da Educação

2) DERDIC

	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Material</i>	<i>Assunto</i>
1	Meira, Maria Isis Marinho	Gagueira: do fato para o fenômeno	1982	Tese PUC SP	
2	Wajntal, Mira	As manifestações precoces da psicopatologia do contato afetivo: um estudo da instauração do aparelho psíquico e do corpo	2000	Dissertação PUC SP	Distúrbios afetivos nas crianças/Psicanálise Infantil/Psicologia patológica/ Psicopatologia Infantil/Afetividade/ Aparelho psíquico/Corpo/Psicologia clínica

REFERÊNCIAS

Referências

- ABREU, C. N. de. **Teoria do Apego: fundamentos, pesquisas e implicações clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p.16
- AGUIAR, V. T. de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.
- ANDERSEN, T. Workshop “**Expressões que capturam o entendimento e conformam nossas Vidas**” – São Paulo – 4/11/2005
- _____. **Processos reflexivos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Noos, 1991.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta Ltda, 1977, p.38, p.
- BARRETO, A. de P. **Terapia comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.
- BRADFORD, E & LYDDON, W.J. **Assessing adolescent and adult attachment: an update Journal of counselling e development**. 1994, p.73, p.215, p.219. In: CANAVARRO, Maria Cristina Sousa. **Relações afetivas e saúde mental: uma abordagem ao longo do ciclo de vida**. Coimbra: Quarteto, 1999, p.127, p.128.
- BERTHOUD, C. M. E. **Filhos do coração**. Taubaté: Cabral, 1997.
- _____. et al. **Ensaio sobre formação e rompimento de vínculos afetivos**. Taubaté: Cabral, 1998
- _____. **Resignificando a parentalidade**. Taubaté: Cabral, 2000, p. 120.
- _____. **Workshop Metodológico – A arte e a técnica de produzir conhecimento**. Apostila - maio de 2003, p.20, p.21.
- BEZZON, L. C. et al. **Guia Prático de Monografias, Dissertações e Teses: elaboração de projetos**. São Paulo: Alínea, 2004.
- BIAZOLI-ALVES, Z. M. et al. **O cotidiano de famílias brasileiras no início do século XX: os papéis masculinos e femininos**. ENCONTRO IBERO-AMERICANO SOBRE FAMÍLIA, 3, 1995, São Leopoldo. (publicação avulsa) 15p.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, USP, 1987.
- _____. **Dante Moreira Leite: Mestre da Psicologia Social**. Revista Psicologia USP. Instituto de Psicologia USP – vol. 11, n. 2, 2000.
- BOSZORMENYI-NAGY, I. et al. **Lealdades invisibles**. Buenos Aires: Edigraf, 1983.

BOWEN, M. **De la familia al individuo: La diferenciación del si mismo em el sistema familiar.** Buenos Aires: Paidós, 1991.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 96.

_____ **Cuidados maternos e saúde mental.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____ **Apego: a natureza do vínculo.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.70, p.149, p. 379, p.380, p.435.

BREUNLIN, D. et al. **Metaconceitos: transcendendo os modelos de terapia familiar.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 44, p.45, p.63.

BOWER, G. H. (1987). Commentary on mood and memory. Behaviour research and therapy, 25, 443- 445. In: CANAVARRO, Maria Cristina Sousa. **Relações afetivas e saúde mental: uma abordagem ao longo do ciclo de vida.** Coimbra: Quarteto, 1999, p.187.

BRUSCHINI, N.C.A. A estrutura familiar e trabalho na grande São Paulo. Cad. De Pesq. São Paulo, n. 72, 1990, p. 39-57

CANAVARRO, M. C. S. **Relações afetivas e saúde mental: uma abordagem ao longo do ciclo de vida.** Coimbra: Quarteto, 1999, p.54, p.121, p.122, p.123, p.127, p.128.

CARVALHO, A. M. **Em busca da natureza do vínculo: uma reflexão psicoetológica sobre os grupos familiares e redes sociais.** Dissertação de Mestrado, 2005, p.5, p.6, p.7, p.8. – USP.

CASELATO, G. **Motivos relacionados ao luto que levam um casal à adoção: uma possibilidade psicoprofilática.** Dissertação de Doutorado, 2000, p. 15, Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri, PUC/SP.

_____ **Luto por abandono: enfrentamento e correlação com a maternidade.** Dissertação de Mestrado, 2004, Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri, PUC/SP.

CERVENY, C. M. de O. et al. **O eu e o elo: A história de uma herança.** Rev. ABPAG Vol 07-1998.

_____ **A família como modelo: desconstruindo a patologia.** Campinas: Livro Pleno, 2001.

_____ et al. **Família e...: comunicação, divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CHALITA, G. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações.** São Paulo: Gente, 2003, p.177.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1990.

CIBRAPEC, **I Conferencia internacional de pesquisa qualitativa: 24-27 de março de 2004**. Taubaté/São Paulo.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, **Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996**.

CORRÊA, C. H. P. **História oral: teoria e prática**. Florianópolis: UFSC, 1978.

COSTA, L. et al. **El diálogo como estratégia para el desarrollo de la mente coletiva en las organizaciones: hacia un modelo de intervención**. Família e Comunidade / Núcleo de Família e Comunidade do Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. V.2 n 2 (dez. 2005) – São Paulo: Via Lettera, 2005.

D'ALONNES, C. R. et al. **Os procedimentos clínicos nas ciências humanas – Documentos, métodos, problemas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004, p.92.

DAMASIO, A. **A Base Biológica das Emoções** - Revista Viver Mente&Cérebro, São Paulo: Ediouro, ed. N. 143, dez de 2004.. p.51-52.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____ **A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira**. In: ANGELA, M de A. et al. **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. RJ: Espaço e Tempo/Editora da UFRJ, 1987.

_____ **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DENZIN, N. K. et al. **Entering the fields of qualitative research. Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications. 1994, p.13.

FERRARIS, A. O. **A evolução do apego primordial**. Revista Viver mente&cérebro. São Paulo: Ediouro, Ano XIII, nº 150 – julho de 2005.

FERREIRA, A. J. **Family myths and homeostasis – Archives of general psychiatry**, 1963. p. 9. In CERVENY, Maria de O. **A Família como modelo: desconstruindo a patologia**. Campinas: Livro Pleno, 2001.

FRAMO, J. L. **Explorations in marital and therapy – selected papers of James L. Framo**, Springer Publ. Co. Nova Iorque, 1982.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP. 1993, p. 74

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002, p.41, p.42, p.114

GILGUM, J.F. **Qualitative Practice Evaluation**. University of Minesota, Twin Cities, USA - First Brazilian Internacional Conference on Qualitative Research - March 2004.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que Define o que é ser Inteligente**. 21. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOMEL, S. **Transmisión generacional, familia y subjetividad**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1997.

GRANDESSO, M. A. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GUBA, E. G. et al. **Competing paradigms in qualitative research. Handbook ok qualitative research**. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications. 1994.

HALEY, J. **Estratégias em psicoterapia**. Toray S., A., Barcelona. Título original: Strategies of Psychotherapy, grune&Stratton, INC., Nova York, 1966. p.24. In: CERVENY, Maria de O. **A Família como Modelo: Desconstruindo a patologia**. Campinas: Livro Pleno, 2001.

HOLANDA. S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

IMBER-BLACK, E. et al. **Os Segredos na família e na terapia familiar**. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ISKANDAR, J. I. **Normas da ABNT**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2003.

KAËS, R. et al. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicologo, 2001.

LABOV, W. et al. **Therapeutic discourse**. New York: Academic Press, 21977, 1977. In: D'ALONNES C. R. et al. **Os Procedimentos Clínicos nas Ciências Humanas – Documentos, Métodos, Problemas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004, p.92.

LUNA, S. V., **Planejamento de pesquisa: uma introdução. Elementos para uma análise metodológica**. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2003.

MAC KUNE-KARRER, B. et al. **Metaconceitos: transcendendo os modelos de terapia familiar**. 2. ed. PortoAlegre: Artmed, 2000, p.148, p.149.

MACEDO, R. M. S. de. **Nós, mulheres**. São Paulo: Oficina do Livro, 2003, vol. 2, p.77.

_____ **Revista Família e Comunidade**. São Paulo. NUFAC, 2003, 2004, vol. 1, n. 2.

_____ et al. **A Interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado**. CIBRAPEC: I Conferencia Internacional de Pesquisa Qualitativa: 24-27 de março de 2004. Taubaté - São Paulo.

_____ **Aula no curso de Mestrado – PUC/SP. 2005.**

MARTINS, J. et al. **A pesquisa qualitativa em psicologia. Fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: Centauro, 2005.

MARVIN, R. Implications of Attachment Research for the Field of Family Therapy. In ERDMAN, Fhyllis,, CAFFERY, Tom (editors). Attachment and Family Systems. Conceptual, Empirical and Therapeutic Relatedness. New York Brunner - Routledge, 2003, cap. 1, p.3 - 27.

MATURANA, H. **A Árvore do conhecimento.** São Paulo: Palas Athenas 2001, p.15, p.116.

McGOLDRICK, M. et al. **Genogramas em la evaluacion familiar.** Gedisa, 1985, p.17, p.18, p.19.

_____ **As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 p. 24, p.144, p.145, p.146.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 67, p.784, p.1920, p.

MIERMONT, J. et al. **Dicionário de terapias familiares.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria método e criatividade.** RJ: Vozes, 1994.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MONETA, M E. et al. **El apego - Aspectos clínicos y psicobiológicos de la díada madre – hijo.** Santiago de Chile, Editorial Cuatro Vientos, 2003. p.21, p.23, p.24, p.33.

MOON, S. M. et al. **Terapia familiar e pesquisa qualitativa.** Journal of Marital and Family Therapy 1990, vol 16, nº 4, 357-373.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 8 ed: São Paulo: Cortez, 2003.

MOSCOVICI, S. **Desenvolvimento interpessoal.** 7. ed. RJ: José Olympio, 1997.

NEDER, M. **Revista da CAPSI – Revista de Psicologia Hospitalar -** Ano3, número 2, julho/dez 1993, p.3.

NITSCHKE, R. G **Nascer em família: o caminho da interação familiar saudável.** Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, A. L. de. **Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos: a dinâmica das relações fraternas no recasamento.** Tese de Doutorado. PUC, São Paulo, 2005, p.73, p.76, p.77, p.79

- QUEIRÓZ, M. I. de. **Relatos orais: do “indizível ao dizível”**. CI. & Cult. , São Paulo, v3 n.39, p. 272-290, mar. 1987.
- SANTOS, S. R. B. dos. **O Amor em movimento: casamento e mudança no apego**. Dissertação de Mestrado - PUC/SP, 2000.
- SARACENO, C. **Sociologia della famiglia**. Bologna: Il Mulino, 1996.
- SCABINI, E. **Psicologia sociale della famiglia**. Torino: Bollati Boringhieri, 1992.
- SCHWARTZ, R C. et al. **Metaconceitos: transcendendo os modelos de terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 71
- SEVERINO, A. J. **Metodologia de trabalho científico**. 22. ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005, p.377, p.379, p.383.
- SILVA, K. et al. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 16, p.101, p.102, p.103.
- STAKE, R. E. **In Guia de pesquisa qualitativa**, De In: Norman K. Denzin et al., Tradução Cynthia R. P. C. p.236.
- STOCKER, M. et al. **O valor das emoções**. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- STRAUSS, A; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: tecnic and procedures for development**. California: Sage, 1998
- TAYLOR, S. **Laços vitais – A biologia dos relacionamentos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- TOMM, K. **Family process. Entrevistamento interventivo: Part III. Pretendendo fazer questões lineares, circulares, estratégicas ou reflexivas** . Fam. Proc. 27: 1-55, 1988, p.5, p.6, p.7, p.8, p.9.
- TRACHTENBERG, A. R. C. et al. **Transgeracionalidade - de escravo a herdeiro: um destino entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas 1992.
- TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 2ª ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2003.
- UMBARGER, C. **Structural family therapy**, Grune & stratton, Inc., Nova Iorque. 1983, p. 24.

VASCONCELLOS, M. J. E. de. et al. **Pensamento sistêmico – O novo paradigma**. Campinas: Papyrus, 2. ed. 2002.

_____ et al. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais – Vol I Fundamentos teóricos e epistemológicos**. Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa, 2005.

VIERA, M. do P. de A. et al. **A pesquisa histórica**. São Paulo: Ática, 1989, p.80.

VITALE, M. A. F. **Vergonha: um estudo de três gerações**. São Paulo: PUC, 1994. 191p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WATZLAWICK, P. et al. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 1967.

WHITE, M. **Workshop de terapia narrativa**. Salvador, Brasil. 17,18,19/03/ 2005.

_____ **Workshop de terapia narrativa**. Porto Alegre, Brasil. 27,28,29/03/ 2005.

WIENER, N. **Cibernética guadiana**. Madri. Título Original: **Cybernetics or control and communications in the animal and the machine**. MIT Press, Cambridge, Massachussets. 1948, p.75

WYNNE, L. C. **Indicaciones y contraindicaciones de la terapia familiar exploratória**. Em Interacción Familiar. Série Psicanalítica. Ed Buenos Aires. 1980, p. 33.

Temas pesquisados on line: afetividade, sentimento, base de dados, banco de dados, bibliotecas virtuais, pesquisa em Psicologia, abordagem sistêmica, entre outros.

www.google.com.br

www.cade.com.br

www.redsistemica.com.ar/morin.htm

pt.wikipedia.org/wiki/base_de_dados

www.eca.usp.br/departam/cbd/lina/recurso2/base.htm

www.bireme.br/abd/P/lilacs.htm

www.bireme.br/

www.scielo.org/index.php?lang=pt

www.bvs-psi.org.br

www.ip.usp.br

<http://pepsic.bvs-psi.org.br>

www.sbppc.org.br

www.anpepp.org.br

www.pucsp.br/biblioteca

ANEXOS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica
Núcleo de Família e Comunidade

Anexo I: Termo Livre de Consentimento Esclarecido

Eu, _____, portador
(a) da cédula de registro de identidade (RG) _____, residente na
_____, Bairro
_____, CEP.: _____, Cidade _____,

AUTORIZO a utilização dos dados obtidos nas entrevistas com a pesquisadora terapeuta **Wanda Rogéria Campos Lima Assis**, portadora do **CRP: 50990-06**, para fins de **ENSINO E PESQUISA sobre: O Caminho Intergeracional dos Sentimentos: Estudos dos padrões afetivos transmitidos pela família**. Cujo objetivo é identificar e compreender os padrões afetivos transmitidos intergeracionalmente por meio das narrativas e memórias dos membros familiares presente.

Declaro estar ciente de que:

- Qualquer publicação deste material excluirá toda informação que permita a identificação dos participantes por parte de terceiros.
- Os participantes estão autorizados a encerrar a sua participação no trabalho a qualquer momento que julguem necessários.
- As entrevistas serão gravadas e, logo após o uso (restrito ao pesquisador) serão desgravadas. O conteúdo das entrevistas será transcrito, a identidade dos participantes será preservada e o anonimato respeitado e assegurado.

São Paulo, 26 de julho de 2005.

Assinatura do Participante

Assinatura do entrevistador

Anexo II– Questões para roteiro do instrumento genograma

1. Qual é o nome, idade, sexo de cada elemento da família?
2. Qual é o estado civil de cada componente?
3. Se houve algum óbito? Por qual motivo? Qual é a data de morte?
4. Se houve casamentos? Qual (is) foram a(s) data(s) de casamento ou uniões? Tempo que permaneceram juntos?
5. Houve alguma separação? Quantas foram? Com quem? Quais foram as datas de separação?
Como a família reagiu?
6. Houve alguma adoção? Quantas foram? Com quem? Qual (is) foi (foram) a(s) data(s) de adoção?
Houve alguma gravidez? Quantas? Com quem? Qual ou quais foram as datas de gravidez?
7. Houve algum aborto? Quantos? Com quem? Quais foram ou qual foi a data do aborto?
8. Existe nascimento de filhos gêmeos? Quantos? Com quem? Quais foram ou qual foi a data de nascimento dos gêmeos?
9. Quem e quais são as pessoas mais próximas (o) ou acessíveis do ponto de vista afetivo?
10. Quais eram os membros do sistema familiar, mais distante ou introspectivo?
11. Houve algum rompimento ou relação conflitual? Quantos? Com quem?
12. Quantos componentes do sexo feminino?
13. Quantos componentes do sexo masculino?
14. Os membros da família são da mesma região de origem? Existem alguns emigrantes ou imigrantes?
Quantos e Quais? Como ocorreu a migração?
15. Grau escolar/Educação dos membros familiares.
16. Profissão dos membros familiares.

Anexo III – Questões para roteiro de entrevista temática

Obs: O objetivo desta entrevista é aprofundar a percepção da pesquisadora sobre o sistema intergeracional, observar comportamentos, expressões verbais e não-verbais. O próprio processo de comunicação dos sistemas, transmissão e manifestação de afetos entre os componentes da família, mais as memórias das histórias vivenciadas pelos membros presentes.

A entrevista será dividida em vários tópicos com questões referentes à: seqüências geracionais, etnia, raça, migração, cultura, religião, educação, perdas (falecimento), idade, segredos familiares e relações afetivas. Vale lembrar que este é um roteiro-piloto, pois depende do contexto das entrevista, e pode sofrer futuras adequações.

Perdas:

1. Se houve e como a família reage a perdas e separações? Cito como exemplo falecimentos, doenças, casamentos, recasamentos, uniões, viagens, e separações. Existem membros da família que imigraram ou migraram? Como os demais membros reagiram a esta mudança? Quais membros apoiaram ou evitaram? Como os membros da família presente acham o jeito familiar de reagir? Como reagiram diante dessas situações? Quem apoiou com palavras, dinheiro, abraços, comidas, festas, choro. Qual o jeito da família, questões de gênero é cultural? Repetiu esta situação com outros membros em outras gerações?

Seqüências Geracionais:

2. Como os fatos significativos citados do passado interferem no presente da família? Como eles acham que teria que acontecer?

3. Como é a convivência de uma geração com a outra? No caso de eventos, por exemplo, festas, lutos se existem diálogo, quem os promove? Como é realizada esta participação? Qual membro que comunica aos outros? Mais as mulheres? Como é com os homens?

4. Como são tratadas as questões de crise, conflito ou emergência neste sistema familiar? Como são as atitudes dos indivíduos? Existem situações de indiferença, preocupação, resolução,

apoio, indignação, comprometimento com a situação? Quem da família apresenta este comprometimento? Envolve-se mais? Fica zangado? Com raiva? Tem mais medos?

5. Se existem repetições de padrões de comportamentos emocionais, referentes a raiva, medo, culpa, agressividade, bondade, apoio, contribuição, lealdades, dívidas de apoio, entre outros.

Economia/Educação

6. Quais são as profissões dos membros de outras gerações na família? Algum membro optou por diferente profissão? Como correu? Como foi este processo em relação à escolha e aceitação pelos demais?

7. Alguém recebeu herança ou quem sustenta a família? Como é para alguns membros ser dependente e independente?

Religião:

8. Como foram transmitidas as crenças religiosas familiares? Qual é a crença predominante? Existe algum membro que optou por outra crença? Vocês poderiam me explicar como foi esse processo? Houve rejeição? Mudança de religião de uma geração para outra? Como eram os discursos, do membro(s)? Repetições ditos, frases – que paralisam ou motivam as mudanças.

Gênero:

9. Como as mulheres expressavam e expressam seus sentimentos de amor, carinho, afeto: por meio de gesto (toque), fala (palavras, tom de voz), sinais, comida, orações, pressentimentos; enfim, como transmitem as manifestações afetivas. Quando algum membro do sistema está triste/problema/crise, como ele é acolhido? Se isto é, às vezes, desqualificado pelo gênero masculino, feminino ou pela família. – visto como banalização, minimização no sistema familiar? Dentro desta questão, como os homens lidaram ou lidam com os afetos expressados pelas mulheres? Cite uma frase que lembre os afetos dos avós, pais, filhos e outros? Como se dá o apoio nas horas difíceis? Quem dá mais ou diferente?

10. Como era a relação com questões de poder, dinheiro e sexo na família e nas outras

gerações? Como prepararam as gerações posteriores? Quais eram seus discursos? Permissão/ Proibição?

11. Se eles(s) confundem ou confundiram erotismo, sexo com afeto e se houve diálogo sobre esse tema? Permissão para expressividade dos sentimentos em relação aos afetos ou às necessidades fisiológicas? Como reagiram as outras gerações? Se houve, como aconteceu, como a família reagiu? Se existia diferença para homens e mulheres? Quais foram os discursos referentes a isto?

12. Quais sentimentos apareceram? Se há caso de violência e como ocorreu?

Relações Afetivas/ Manifestações da afetividade

13. Quem escolheu o nome dos membros presentes? Se eles sabem o que representa ou o significado de seus nomes? Se gostam ou não do nome, porque sim ou não?

14. Como, e o que poderia acontecer para a família excluir, rejeitar um membro. Se isso já ocorreu? O que ele fez? Qual dos membros fez algo diferente? Quando e como ocorreu? Como o sistema familiar reagiu? Algum membro familiar foi embora?

15. Quais são os membros mais comprometidos para cuidar do sistema familiar, Pessoas de idade? Como eles cuidam? Com quem ele (a) se parece? Repete modelo de alguém? Como isto se manifesta? Conte um caso em que eles cuidaram de alguém na família.

16. Existe algum membro da família que repete atitudes, falas que relembrem outros membros, mesmo que seja de outra geração? Se existe, como repete?

17. Vocês poderiam descrever um fato significativo com seus pais em uma relação de afeto... Se puder comecem de suas lembranças mais antigas, Infância/adolescência/adulto? Dentro desta mesma questão, você pensa como que as suas experiências gerais com seus pais afetaram sua personalidade adulta? Há alguma experiência desta fase inicial que você sente como um contratempo em seu desenvolvimento? Poderia me dizer se nas suas experiências iniciais de infância, adolescência houve algum fato que pode ter servido como um tipo de influência negativa ou positiva seu desenvolvimento?

18. Vocês poderiam descrever com qual figura parental vocês se sentiam mais próximos e por quê? Por que não existia este sentimento com o outro pai/mãe?

19. Quando algum membro da família estava indisposto (emocionalmente) quando era criança, o que você fazia? Avô/Avó; Pai/Mãe.

20. Vocês saberiam identificar os valores sentimentais transmitidos pela família? Citar sentimento(s) que expressaria(m) o que a família transmitiu ou é transmitido por meio das gerações? Existe um espaço e tempo para expressar sentimentos? Se isto é valorizado, minimizado ou banalizado? Se a família percebe esta ausência de falta de tempo para expressar idéias, sentimentos, se isto ocorre, existe: (diálogo ou colocação de opiniões entre os membros)?

21. Se a família percebe? Estes valores são comentados, discutidos em encontro familiar?

22. Vocês gostariam de identificar e nomear alguma pessoa que não é da família/ mas é uma pessoa que você admirou, espelhou-se e que foi estabelecido algum laço afetivo? Você sabe dizer por qual motivo isto aconteceu?

23. Como é estar aqui realizando esta retrospectiva de sentimentos vividos em vários tipos de situações em uma família? De quem mais sentiu saudades? Quais sentimentos que emergiram? Defina em uma expressão o sentimento predominante. Qual o assunto que mais incomodou ou mais gostou de verbalizar ou lembrar? Gostaria de dizer algo que ficasse para a pesquisadora terapeuta ajudar outras pessoas sobre esta vivência? O que cada membro vai levando deste encontro?

Preparação para o Término da Entrevista:

1. Gostaria de fazer um ritual de agradecimento pela cooperação e ajuda deste meu trabalho – se todos os membros desta família estivessem aqui presentes, qual seria o ritual de agradecimento e despedida que eles incentivariam?
2. Vocês saberiam me dizer se mudaria algo em seu jeito de transmitir a herança emocional após esta entrevista, pensando nas gerações futuras?

ENTREVISTAS

Primeira Entrevista com a Família

No início os participantes, foram recebidos pela entrevistadora, se apresentaram, e esta inicia o diálogo agradecendo a presença de todos.

Legenda:

P	Pesquisadora	
M ₁	Avó	1ª Geração
H ₁	Avô	1ª Geração
M ₂	Mãe	2ª Geração
H ₂	Pai	2ª Geração
M ₃	Neta	3ª Geração
H ₃	Neto	3ª Geração

P = Nós fazemos pesquisa pela PUC na área de família, este trabalho tem intenção de ajudar outras pessoas, outras famílias a entender melhor as famílias. A minha pesquisa está muito voltada para conhecer como as famílias passam a afetividade e transmitem afetividade de geração para geração. Para isto, eu preciso de três gerações juntos. Vamos fazer um mapa dessas gerações e vocês podem me interromper a hora que vocês quiserem, podem fazer a pergunta que vocês quiserem, quando vocês não quiserem responder, vocês podem falar!

H₂ = É todo mundo tímido, aqui!

P = É, então, pelo jeito é uma família brincalhona, não é?

H₂ = Graças a Deus!

P = Existe um sigilo, toda uma preservação. Essa pesquisa vai ser utilizada na PUC. O nome de vocês não aparece, aparece como um pseudônimo. Eu trouxe um termo da PUC pra vocês lerem, e aqui está escrito o que a gente não pode fazer também. Cada um tem que assinar uma folha, que tem o nome do trabalho que vai estar publicado na PUC a partir do ano que vem, se quiser ver, vai estar lá na biblioteca.

H₂ = É gravada?

P = É gravada, porque nós não conseguimos como terapeutas-pesquisadoras ouvir muitas pessoas ao mesmo tempo, então, a gente filma para nós estudarmos e depois voltar e rever: Fica confuso lembrar tudo e do jeito que foi dito. Nossa! Mais isso foi ela que falou? Não foi ela? Foi ele que falou? Como eu vou comprovar que uma pessoa falou isso, se eu não tiver gravado.

H₂ = Exatamente!

P = Então, eles deixam na PUC a gente fazer isso, mas é mais pra estudo.

Preencheram a declaração de autorização.

P = Vocês moram aqui há muito tempo nesse bairro?

H₂ = Na região do Jaraguá, três, quatro anos.

H₃ = sete anos mais ou menos.

H₂ = Nossa como eu tô errado!

H₁ = Eu é que faz três anos.

H₁ = Todos em um endereço só!

P = Vocês moram todos em uma mesma casa?

H₁ = Não, é o mesmo número, mas é casa um, casa dois, casa três.

P = Agora nós vamos fazer o retrato de vocês!

H₂ = Ah! Mas o meu tem que ser bem bonitinho, hein!

H₁ = O quadrado aí, o primeiro sou eu, né? O quadrado!

H₂ = Falaram assim pra mim: - H₂, você vai lá mais é pra você ficar quietinho, hein! Não é pra falar nada!

P = Deixa ele, falar!...

M₃ = Quando ele sai de casa, tem que dar uns beliscões!

P = Vou começar por você M₃, aqui, as mulheres são representadas por uma bolinha e o homem pelo quadrado. O que quer dizer isso aqui! Eu estou colocando a idade e a questão das gerações.

P = M₃, dezessete anos, aqui é o H₃ treze anos, H₃?

P = Aqui é a M₂, quantos anos você tem?

M₂ = quarenta e um, até meia-noite é quarenta e um, depois é quarenta e dois.

H₂ = É mesmo, olha! tá velha!

P = Vamos colocar aqui o H₂.

P = Idade?

H₂ = trinta e nove! Espírito jovem ainda, como vocês brigam comigo, hein! Pelo amor de Deus!

P = Quantos anos vocês têm de casados?

H₂ = Eu e a M₂? Quanto à gente, tem é vinte? Vinte, é vinte que a gente tem!

P = Deve ter sido um casamento bom, que até esqueceram de contar...

P = Você, M₂ tem quantos irmãos?

M₂ = Quantos irmãos?

P = Você tem irmãos?

M₂ = Tenho nove irmãos, dez comigo.

P = dez com você? E você é qual filha?

H₁ = Primeira, segunda, terceira, quarta...

M₂ = A sétima!

P = Sétima! Então, vamos colocar, seis abaixo ou acima de você?

M₂ = Seis acima, abaixo de mim tem três.

P = Vamos começar com quem é mais nova. Quem é mais nova que você?

M₂ = A, L.

P = Seus pais são vivos?

M₂ = Não!

P = Ela (irmã) tem quantos anos?

M₂ comenta algo com o esposo, mas não dá pra entender (parece que pergunta a ele, pois não se lembra).

P = Não tem importância o que você não lembrar. Você sabe essa sequência o nome de todos.

M₂ = O nome eu sei, depois dela é a H₁, não, não é a...

M₂ = Essa aí é a mais nova.

H₂ = Depois dela tem a M₂ (ficam pensando juntos...) não sabe a idade?

P = Depois a M₂?

M₂ = Depois tem outra, depois tem a H₁ e depois...

P = Depois...

M₂ = Que nome, né?
 P = Gente, até um pedaço eles foram tudo com **H₁**, aí pulou o N e depois com **M₂**.
M₂ = É.
 P = Falta um.
M₂ = E é o último.
 P = E tudo homem primeiro?
M₂ = Tudo, era pra ser seis, aí morreu o primeiro o P, depois ficou cinco, aí veio seis mulheres, a última morreu.
 P = Essa morreu?
M₂ = Essa aí não, tinha outra.
 P = Tinha outra aqui?
M₂ = Era pra ser seis de cada lado.
 P = Mesmo que tenha aborto, que morreu é importante contar, aqui tinha uma antes?
M₂ = Tinha uma antes e lá tinha mais um
 P = A que morreu tinha nome?
M₂ = A minha mãe colocou M.
H₂ = Morreu o primeiro e o último?
M₂ = É.
 P = Tinha outro aqui, ainda?
M₂ = Tinha e esse aí eu não sei o nome, não!
 P = Não sei, porque eu estou falando, porque na minha família, tinha oito, então, não é para ficar espantada.
M₂ = É normal, né? Eu não lembro o nome, não.
 P = Você sabe a idade de algum aqui?
M₂ = Sei, eu sei acho que da minha irmã mais velha, eu vou fazer quarenta e dois, ela tem quarenta e quatro.
H₂ = A, C?
M₂ = É.
 P = Onde está a C aqui?
M₂ = É **H₁**, é que chamam ela assim.
 P = Era de um em um ano de dois em dois anos que os pais tinham filhos?
M₂ = Eram bem próximos.
 P = E desses irmãos qual era mais próximo a você, qual você era mais apegada, mais ligada?
M₂ = Acho que eu gosto mesmo é E.
 P = Esse aqui?
H₁ = O primeiro
 P = Por isso que você casou com o **H₂**?
M₃ = Eu também não sabia que o nome do meu tio era esse.
 P = Estou brincando, a família brinca e eu vou brincando também. Como é que você se sentia no meio dessa quantidade de irmãos aqui?
M₂ = Uma confusão!
 P = E você gosta de muita gente?
M₂ = Ah?
 P = Você gosta de estar no meio de muita gente?
M₂ = Eu gosto!
 P = Sua mãe é MA, ela é falecida?
M₂ = É falecida.
 P = Morreu com quantos anos?
M₂ = Sessenta e três.
 P = Do que, que ela morreu?
M₃ = Tinha diabete, problemas de coração.
M₂ = Pressão alta.

P = E o E?
M₂ = Ele morreu com cinquenta e quatro anos.
 P = Nossa ele morreu novo! E de que foi?
M₂ = Derrame cerebral.
 P = Você lembra da morte dele?
M₂ = Se eu lembro?
 P = É
M₂ = E como lembro!
 P = Tem uma dor aí.
M₂ = Ele morreu dois dias antes de eu fazer dezoito anos.
 P = Nossa! cinquenta e quatro anos, é muito cedo. Bom, deixa-me andar um pouquinho pra cá agora. **H₂** a sua mãe é a **M₁**.
H₂ = **M₁**.
 P = Quantos anos têm a **M₁**?
H₂ = Dona **M₁** tem cinquenta e nove? Ela não sai desse cinquenta e nove.
 P = Qual é a profissão da Dona **M₁**?
H₁ = Do lar.
 P = A senhora gosta de ficar em casa **M₁**?
M₁ = Não!
H₂ = Ela não pára.
M₁ = Não sossega.
H₁ = Eu gosto da minha profissão aposentado.
 P = Eu não perguntei ainda, mas a Dona **M₁** é casada há quanto tempo com o sr...?
H₁ = Comigo!
 P = Desculpa, o nome do senhor?
H₁ = **H₁**.
 P = Daqui a pouco eu sei o nome de todo mundo de cor.
 O senhor tem quantos anos **H₁**?
H₁ = Quarenta e nove.
 P = E vocês estão juntos, casados há quanto tempo?
H₁ = Dezenove anos. Você tem que idade? (pergunta a **M₃**)
M₃ = Dezesete.
H₁ = Faz dezoito anos que a gente está junto.
M₂ = Ele tinha quase esquecido, se viu?
M₃ = Tá vendo! Se não fosse eu...
H₁ = Eu ia pensar, entendeu.
 P = A senhora casou, teve outro casamento?
M₁ = Outro casamento e tive três filhos, duas meninas e o **H₂**.
 P = Quanto tempo no outro casamento?
M₁ = Dez anos.
H₂ = Dez mãe? Dez ou treze?
M₁ = Dez.
 P = Como é que se chamava o seu outro marido?
M₁ = A.
 P = A, cheio de nome diferente. Ele é vivo?
M₁ = Não, ele já morreu!
 P = Morreu de que?
H₂ = Derrame cerebral.
 P = Derrame também? Quantos anos ele tinha?
H₂ = Quarenta e oito.
 P = Vocês perderam os pais novos e da mesma doença! Quando você a conheceu (perguntando para **H₂**) ele já tinha falecido?
H₂ = Não!

P = Aqui a senhora falou que teve mais dois filhos desse casamento, mais novo que o H_2 ?

M_1 = É.

P = Que ordem que é.

H_1 = Duas meninas.

M_1 = Menina.

P = Hoje o genograma sai meio bagunçado, depois eu vou arrumar.

M_2 = Eu estava pensando agora, como você vai entender...

P = Eu passo a limpo o genograma e vai ficando mais claro.

Como é que ela chama? (Eles citam os nomes dos parentes)

M_1 = H_2

H_1 = É H_2 ou H_1 ?

M_1 = H_2 e W.

P = A primeira.

H_1 = H_2 .

P = Tem quantos anos?

H_2 = Vinte e sete, né mãe?

M_1 = É, vinte e sete.

P = E a outra?

H_1 = W com W.

P = O meu nome, tem trinta e...

H_2 = Trinta e cinco.

P = Então aqui é o contrário?

O H_1 , o senhor este é o primeiro casamento ou vem de outro casamento?

H_1 = Venho de outro casamento!

P = O senhor tem filhos do outro casamento?

H_1 = Um casal.

P = Quem é o primeiro?

H_1 = Primeiro o menino.

P = Como é que ele chama?

H_1 = H, com H.

P = H com S?

H_1 = Isso!

P = Quantos anos?

H_1 = Vinte.

P = E a menina?

H_1 = M_2 .

P = É com Z ou com S?

H_1 = Com Z.

P = Quantos anos?

H_1 = Vinte e, espera aí.

P = Tá.

H_1 = O menino tem vinte e oito e ela vai completar vinte e sete anos.

P = Tem algum casado?

H_1 = Ambos.

P = Já tem neto? Ela é casada com quem?

H_1 = C.

P = Vive com ele, está separada?

H_1 = Só que ela também já está no segundo casamento.

P = Não tem problema, hoje as famílias modernas...

H_1 = Não sei! se tem que acrescentar algo aí.

P = Tem que acrescentar, ela separou?

H_1 = Separou!

P = Depois casou de novo?

H_1 = Exato.

P = E ela tem filho com qual?

H_1 = Com o segundo.

P = Com esse segundo, e tem o que?

H_1 = Uma menina.

P = Uma menina de quantos anos?

H_1 = De um ano e um mês.

P = Como que chama?

H_1 = C.

P = Com C ou com K?

H_1 = Com C.

P = E o H?

H_1 = Tem um menino.

P = Está casado com a? Como chama a esposa dele?

H_1 = E.

P = E eles tem um...?

H_1 = menino, H com H.

P = Que tem quanto tempo?

H_1 = três, vai fazer quatro anos.

P = Como se chamava a sua ex-esposa?

H_1 = V.

P = O senhor é separado ou...

H_1 = Divorciados.

P = Quanto tempo o senhor ficou casado com ela?

H_1 = Dez anos, exatamente nove anos e onze meses e quinze dias.

P = Dezenove anos é o senhor com a dona Isaura?

H_1 = Isso!

P = Do primeiro casamento M_1 a senhora ficou casada quantos anos?

M_1 = Diz o H_2 que é treze.

H_2 = Eu não!

M_1 = Ele que contou lá.

H_1 = Ele diz que é treze e você diz que é dez e agora?

H_1 = Então fica no meio onze e meio.

H_2 = É treze.

P = H_2 deixa eu te perguntar.

H_2 = Pode perguntar.

P = Qual é a irmã, mais próxima de você?

H_2 = De irmã?

P = É, qual é a que você é mais ligada?

H_2 = Eu acredito que é as duas, eu tenho, as duas, eu não posso falar que é uma ou outra porque eu tenho as duas. Eu acredito que seja as duas mais a H_2 é mais apegada a mim, mas eu com as duas.

P = Você com as duas.

H_2 = Eu com as duas, a V que é mais apegada a mim.

P = A que é abaixo de você?

H_2 = A que é abaixo de mim!

P = Vocês moram perto um do outro?

H_2 = As minhas irmãs ou aqui você diz?

P = Aqui vocês falaram que moram...

M_1 = Um de baixo do outro.

H_2 = Sempre foi assim...

M_2 = Ninguém merece isso!

H_2 = Desde que eu nasci com quatro meses que eu vim pra São Paulo, que eu morava no Paraná, e com quatro meses...

P = Isso que eu ia perguntar, se vocês são migrantes, vieram de outro estado?

H_2 = Exato, do Paraná.

P = Vocês vieram do Paraná? Todos vieram do Paraná?

H₁ = Eles vieram, eu não!

H₂ = Ele veio de Palmital.

H₁ = Ela veio do Paraná pra me conhecer aqui.

P = Então a sua família é do Paraná?

H₁ = Ela veio do Paraná pra me amarrar.

P = Porque que a família sua veio? O pai e a mãe também vieram? Ou veio você e os irmãos?

M₁ = Primeiro veio o meu pai com a minha mãe.

P = Veio só o dois?

H₁ = Veio só um e aí...

M₁ = Veio os dois e os filhos estava na casa ainda solteiros.

P = Você era solteira? Já estava casada?

M₁ = Já estava casada, já tinha ele, aí depois veio uma irmã minha.

P = E eles vieram porque? Porque que a família de repente falou: - Vou pra São Paulo? Lá faziam o que de trabalho?

M₁ = Trabalhavam tudo na lavoura.

P = Na lavoura, e aí o que, que foi que fez eles virem pra São Paulo.

M₁ = Tinha um irmão meu que tinha um problema de uma doença e veio primeiro. Veio pra se tratar e aí que foi...

P = E eles vieram com esse irmão?

M₁ = É depois ele foi lá e trouxe a minha mãe e o meu pai e depois foi vindo só tem uma que nunca veio.

P = Tem uma lá, então?

M₁ = Agora ela está lá, meu pai está lá, minha mãe, tem mais três irmãos lá.

H₁ = Três irmãos e uma irmã lá.

P = Você tem quantos irmãos Dona M₁?

M₁ = Nós somos em nove.

M₂ = Quase igual.

P = Nove a senhora é qual filha aqui?

M₁ = Eu sou a primeira, tem um que morreu, o primeiro nasceu morto, mas eu não sei nome nem nada...

P = Esse aqui morreu, aí vem a senhora e depois vem...

M₁ = Veio eu depois, veio a R, depois veio a H₃, depois veio o M que é o que morreu também num acidente, A,

H₁ = Não, mas a A é a mais nova, a A não é mais nova que o M₃?

P = Você vem depois da A?

M₁ = Não, é eu.

H₁ = É o M, ela...

M₁ = Não!

M₁ = Deixa eu tentar lembrar... Primeiro é o que morreu, depois veio eu, eu sou a mais velha de todos.

P = Depois que é a R?

M₁ = Depois é a R, depois vem a L, depois vem a A, agora eu me lembrei.

P = E o M?

M₁ = Daí o M.

P = A A antes do M?

M₁ = Aí vem o M₃, não, vem o M₃, depois vem o M₃, o P, e o último é o M.

P = Como é que é ser a mais velha de uma fileira de

irmãos?

H₁ = De uma renca.

P = Como é que foi pra senhora?

M₁ = A gente vivia tudo bem não brigava, eu sei lá, a gente foi criado no sítio. A M₂ dá risada, mas é.

M₂ = Eu estou rindo do jeito dela falar.

M₁ = Sabe, naquele sítio assim, cada um que brigava, eu era a mais arteira, a mais terrível, de vez em quando dava um tombo num, jogava eles junto dos cavalos, os cavalos derrubavam eles. Eu era mais arteira, mas assim de brigar entre irmão nunca.

P = E a senhora olhava todos, era cobrado da senhora que a senhora cuidasse dos outros por ser a mais velha?

M₁ = Ah, sim! Porque minha mãe tinha que trabalhar e eu tinha que cuidar do meu modo lá.

P = Os mais velhos, né?

H₂ = Eu estou rindo, não por ser a mais velha mais por ser mais arteira.

M₁ = Tinha que cuidar porque minha mãe saia cedo pra roça, meu pai.

M₃ = Com a idade que ela está, ela é terrível até hoje...

M₂ = Ela quase matou a filha dela de susto.

M₃ = Ficou atrás da porta, pegou o guarda-chuva quando a minha tia ia entrando ela deu o guarda-chuva na minha tia, ela deu um grito quase que...

P = Ela é brincalhona?

M₃ = É.

M₁ = Mas só que nunca fui de brigar com os meus irmãos, bem unido!

P = A senhora é uma pessoa bem-humorada?

M₃ = Terrível.

P = É gostoso ter uma avó assim?

M₃ = É, terrível.

M₂ = Mas de vez em quando dá umas crises nela lá...

M₃ = De vez em quando dá as crises e eu nem mexo com ela...

P = O que são as crises dela? O que é terrível nela?

M₃ = Na minha tia, ela deu um grito quase que...

M₁ = Ah, sei lá eu não tenho motivos pra ter crises, porque a família nossa é muito unida, é só eu e ele dentro de casa. Eu que sou mais chata, mas ele tem muita paciência comigo. Eu com a minha nora acho que nós nunca discutiu, se tantos anos que a gente vive um morando, quando não tá um dentro da casa do outro, tá um em cima do outro, acho que nós nunca discutiu, eu discuto mais com o meu filho.

H₂ = Comigo!

M₁ = Mas se eu pegar minha mudança sai daqui e for lá pra Maringá dali uma semana, ele vai atrás.

M₂ = Vai!

H₂ = Pior que é verdade!

M₁ = Ele é mais apegado comigo, muito, muito, muito.

P = Ele é o mais apegado, olha que bom a gente acaba descobrindo.

M₃ = E as irmãs

P = Ah, elas têm ciúmes?

H₂ = Pior que têm.

M₁ = Porque ele e muito apegado comigo!

P = Sempre foi?

M₁ = Sempre foi.

H₂ = Verdade, graças a Deus, né?
M₁ = Todos eles são filhos não tem, mas ele...
P = As outras filhas moram perto?
M₁ = Uma agora tá morando, que ela comprou a sorveteria que era dele, agora tá morando, agora tá tudo misturado, e a outra mora em Jundiáí.
P = É uma família que está sempre um querendo ficar pertinho do outro?
M₂ = Próximo!
M₁ = É, se um fica em Osasco os outros vêm pra cá, procura aquele vim pra cá, aquela de Jundiáí não veio pra cá por causa do marido se não ela já estava aqui há muito tempo.
P = Eu vou perguntar pro **H₃** que está quietinho?
M₂ = Ele não queria vim, não.
P = Eu fiquei tão feliz que você veio, é importante ouvir os jovens porque essa geração é a que ajuda a mudar as anteriores, as que inovam.
H₂ = E na hora que vier o meu netinho, vai ser?
M₃ = Ih, meu Deus!
H₂ = Vai ser o mais novo!
H₁ = A quarta geração!
H₂ = A quarta geração, o molequinho?
P = É a quarta geração!
P = Você tem namorado? (Pergunta pra **M₃**)
M₃ = Não, eu tinha!
P = É.
M₃ = O primeiro, namorei dois anos.
P = E eles torcem pra você casar? Ou não?
M₃ = Bom, minha mãe disse que se eu casar não vai ser bom.
M₂ = Não, não é isso!
 * Falaram todos juntos não dá pra entender.
P = E agora como esta, saindo?
M₃ = Não, eu não curto boate, essas coisas.
H₁ = Sai todo dia, de casa pra escola, da escola pra casa!
M₃ = É.
P = É caseira?
M₃ = Eu sou!
P = E o **H₃**, conta um pouquinho de você pra mim, **H₃**!
H₃ = Contar o quê?
P = O que você está estudando?
H₂ = O que você está fazendo, sétima?
P = Você gosta da tua escola?
H₃ = Não!
H₂ = Vai perguntar pra adolescente se gosta da escola, né **H₃**?
P = Você gosta dos amigos da escola?
H₃ = Aí eu gosto!
P = E diversão do que você gosta?
H₃ = Computador, vídeo game, futebol, um monte de coisa.
M₂ = Lan House!
P = E você gosta de morar perto da família?
H₃ = Mais ou menos, dá muita briga!
 * Todos riram!
H₃ = Não é pra falar a verdade?
H₂ = É, mais não é assim, não briga!
P = Ah, tem uma coisa que eu esqueci de falar pra família, o que falar aqui vocês não levam pra casa pra

discutir não, vamos deixar pra falar aqui, mais pode falar o que você sentir porque aqui não tem julgamento.

H₂ = Eu imagino assim, qual é a família que não há discussão? Todo mundo tem problemas.

M₂ = Não é briga na verdade é problemas, qual o tipo da briga?

H₃ = Discussão!

P = A discussão é falar alto ou é ter opinião diferente?

H₃ = Sei lá!

P = Eu vou fazer outra pergunta e na mesma eu vou emendar, numa família vemos geração diferente gênero diferente, um é homem outro é mulher, tem uma idade outro tem outra, o que é mais difícil, aceitar as diferenças um do outro, porque o homem pensa muito diferente da mulher, a mulher ouve e vê diferente do homem, o que é diferente em uma família grande morando próximo. Aceitar as diferenças e as opiniões diferentes o que é mais difícil?

H₃ = Ter a opinião diferente.

P = Ter opinião diferente?

* Não deu pra entender...

M₁ = O que ele quer dizer é quase aquilo que eu disse, que ele (**H₂**) é muito apegado comigo e as meninas têm ciúmes, e ele (**H₃**) também é a mesma coisa, ele tem muito ciúmes da irmã dele e acha que tudo eles dá pra ela e ele não.

M₂ = Não é nada disso!

M₁ = Mas não é assim, a gente já até conversou com ela sobre isso aí. Você acha que tem não é **H₃**?

P = Eu vou fazer outra pergunta, quando alguém da família. Vamos pegar, por exemplo, essa geração aqui, vai querer alguma coisa dessa outra geração, como é que é o jeito de você pedir e como é o jeito dela pedir? É diferente?

H₃ = É!

P = Como você luta pra conseguir um game, um jogo?

H₃ = Pedindo pra eles, enchendo o saco.

P = Insistindo, ou você fala uma vez e fica quieto?

H₃ = Falo um monte de vez.

M₂ = Ele fica na minha cabeça.

P = E você fala mais com a mãe ou mais com o pai?

H₃ = Com a mãe.

P = É mais fácil com a mãe? Dialogar com a mãe?

H₃ = É.

P = Porque a mãe você pode falar um monte de vez e com o pai tem que falar uma vez só?

H₃ = Eu falo uma vez e se ele não gostar, ele já briga.

P = Você fala uma vez só?

H₃ = É, se eu falar uma vez pra ele que eu quero um negócio e ele falar não, é não, agora ela dá pra ficar enchendo o saco até ela comprar.

M₂ = É da mesma forma...

P = **M₃** e você? Quando você quer alguma coisa vamos supor, que você quisesse um jogo, um tênis, alguma coisa, com quem você fala primeiro?

M₃ = Ah! Com qualquer um dos dois.

P = E você fica repetindo? Como é que você consegue?

M₃ = Não, antes quando eu era menor, eu repetia mais, agora que eu to crescendo e vendo como é a situação,

como tá pra ganhar dinheiro, eu peço uma vez e se não dá eu não peço mais, quando eu quero mesmo, eu quero, mas quando não dá.

M₂= Ela pergunta com jeitinho, dá mãe pra comprar? Mais dá mãe, eu queria! Mas também não fica, ele...

M₃= Conforme vai crescendo vai vendo a situação como tá pra ganhar o dinheiro, hoje em dia, né?

P = Está ficando difícil? Acho que o país está passando mesmo por crise, essa outra geração sabe contar direitinho como Está ficando difícil.

M₁= Ele entende menos pela idade dele também né?

P = Eu não sei se é da idade, mas um jeito de cada um lutar pelas coisas também.

H₂= O que acontece, em tempos atrás, quer dizer, eu trabalhava,

M₂= Menos de um ano.

H₂= Menos de um ano, né? Eu trabalhava em uma empresa, uma empresa boa ganhava até mais ou menos e também não negava de comprar nada pra ele, isso eles mesmo sabe que, o que eu podia comprar e o que eu posso fazer acho que qualquer pai faz para qualquer filho, né? Só que hoje em dia a situação tá invertida do que era um ano atrás, hoje mesmo eu estava até irritado, nervoso, ele viu eu hoje até chorando, sei lá, de repente, mas é circunstância de coisas atrás, ele até entende isso, acho que ele tem que entender isso, agora eu montei uma empresa, faz uns sete meses e não tá fácil hoje em dia tá difícil, o que tá ao alcance da gente acho que qualquer pai, qualquer mãe faz o possível!

P = **H₂**, quando você sente essa dificuldade você senta e coloca isso conversando?

H₂= Não, eu já sou meio diferente, eu guardo aquilo pra mim. Eu acho que não é dessa maneira, o certo de fazer seria isso, mas eu não faço.

P = E quando você fala que às vezes ele não entende ou ele pede duas ou três vezes, você acha que falta esse diálogo, essa explicação que ele também não entende?

H₂= Eu acho que até nisso, tanto que ele fala que ele pede pra mãe dele não é? mas a hora que, essa semana mesmo eu conversei com ele, você lembra muito bem que eu conversei com você, eu simplesmente eu falei:

- Olha, aguarda, o pai vai ver, o pai vai ver o que pode fazer, a situação não tá fácil, as coisas vai melhorar isso aí é sem dúvida. Eu trabalhava numa empresa, tinha essa sorveteria que tá aí, vendi a sorveteria já por problemas, coisas a pagar, precisei vender não foi fácil desfazer de uma coisa que a gente tinha, tô investindo tudo nessa empresa, Deus ajude que vai dar certo eu falo pra ele muitas vezes, vai ser bom pra ele e logicamente pra nós, tenho o apoio dele (**H₁**) graças a Deus e o apoio da minha mãe.

P = Você trabalha com o **H₁**?

H₂= Trabalho!

P = Vocês trabalham juntos há muito tempo?

H₂= Sete meses, né **H₁** Que nós montamos a firma?

H₂= Não, foi antes, já na sorveteria.

H₁= Desde que abriu lá embaixo.

H₂= Ah, desde lá de baixo, eu tinha outra sorveteria.

Pra você vê que sempre eles estão juntos apoiando.

M₁= Já vai pra três anos.

H₁= Aí tá vendo!

H₂= Não é fácil, uma empresa que tá começando é difícil.

P = Tem uma coisa interessante nessa família. Vocês têm uma empresa familiar que já trás muita confusão, a sua percepção é correta, porque não é em questão da família mais uma empresa familiar, não descansa o assunto continua na casa, se vendeu se não vendeu, quando você trabalha em uma empresa você sai e vai pra sua casa é outro ambiente o assunto da empresa fica lá.

H₂= Esse assunto foi até cogitado essa semana, não é **M₂**?

M₂= Ontem à noite, a gente toma banho junto e lá a gente fica conversando. Às vezes demora até por causa disso, ontem à noite ainda eu comentei, agora vocês estão montando a fábrica. Estava aqui, agora mudou, então, tá montando a câmara, então, é uma preocupação. Se ela vai atingir a temperatura aquela coisa, né. Aí já junta o motorista dele também que tem problema e se abre com ele. Ele tem que tá ajudando e eu falo pra ele você colocando essa firma em ordem, por favor, fechou a porta deixa o problema da firma lá dentro. Deixa pra resolver amanhã quando você abrir ela. E entrou pra dentro de casa, quieta, a firma falei porque o que tá acontecendo você tá trazendo um problema lá e colocando dentro de casa e não pode.

H₂= Mais daí o que acontece, eu acho que todo casal, tem um problema e tem que e, às vezes, eles não entendem essa parte mas a gente conversa. A gente fala um com o outro, falo com ele (**H₁**) também, falo com a minha mãe e, às vezes, ela fica até nervosa porque tá a par do problema sabe como tá o problema, entendeu?

M₂= E é as horas que sai as brigas, não é as brigas é uma coisa que um se preocupa com o outro.

H₂= Uma vez até discutindo, assim, conversando, discutindo, às vezes, fico meio nervoso, minha mãe desceu na firma esses dias e eu tava meio nervoso, fala alguma coisa entendeu?

M₃= Cinco minutos está todo mundo junto de novo.

P = Isso que é a diferença que o **H₃** colocou bem, ele não está falando até no sentido de briga é que a família já mora perto e começa a ter uma proximidade que, ajuda. Por exemplo: se eu fico doente alguém faz um chazinho, vai na farmácia, mas também fica sabendo que briga, a gente fala que vira um emaranhado, um vai entrando na vida do outro, se você briga com o namorado, se você está longe ninguém fica sabendo mas se você tiver perto, ela brigou com o namorado porque eu vi a hora que ela subiu, que ela fechou a porta que ela ascendeu a luz, a cara dela, sabe tudo um do outro e aí fica um pouco do espaço.

H₂= Exatamente!

P = E se a família tem negocio juntos, empresa familiar, restaurante ou alguma coisa aí isso vai dobrando, porque aí...

H₁ = É pior ainda

P = É pior ainda porque se é pra todo mundo ajudar é legal, se é pra arrumar a cozinha que eu nunca arrumo, mas também se dá um problema está todo mundo envolvido, se quebra todo mundo quebra, também fica sofrendo, geralmente, a família tem um sofrimento e isso é uma coisa que começa entrar no sistema familiar e acaba tendo algumas angustias causando algumas coisas. Vocês gostam de trabalhar junto? Você gosta **H₁**, de ter essa vida?

H₁ = É que eu, não é um trabalho, eu pra mim é até um não sei dizer, porque eu hoje estou aposentado, eu antes de aposentar eu estava na caixa, fiquei doente e comecei a ajudar ele pra passar meu tempo, também e eu estava ficando angustiada de ficar dentro de casa parado.

P = Quer dizer que é uma coisa que te pega na questão de ser homem?

H₁ = Aí ele resolveu colocar a sorveteria, que hoje eu ajudo e aí já faz três anos que a gente está junto.

P = E você está gostando?

H₁ = Tô!

P = Gosta de trabalhar com ele?

H₂ = E como ajuda!

M₂ = A gente gosta de trabalhar com ele porque ele é muito inteligente.

H₂ = É calmo!

M₂ = Ele é muito inteligente e calmo.

M₁ = O que tem eu de agitada, tem ele de calmo.

P = Eu queria perguntar para essa geração e para essa outra mais é importante que vocês tenham opiniões diferente? Não é pra cada um ter a mesma opinião do outro, porque aqui cada um tem a sua individualidade porque homem pensa diferente de mulher. Essa geração é uma coisa, essa já é outra e como ela falou, ela veio migrante do Paraná pra São Paulo.

P = **H₁**, a sua família é de São Paulo? Seu pai?

H₁ = É do interior de São Paulo.

P = A sua veio de São Paulo? (pergunta a Bete)

M₂ = É tudo do Paraná.

H₁ = Tudo do Paraná.

P = Ah, é também?

M₂ = Só a **M₃** que nasceu no Paraná e o **H₃** nasceu em São Paulo, ela veio com três meses pra cá.

P = Então, você casou no Paraná?

M₂ = Casei no Paraná.

H₂ = Eu vim do Paraná com oito anos e voltei com dezessete, com dezoito anos eu casei, fui só pra casar e trazer ela embora pra cá.

P = Você foi lá casar pra buscar uma que nem a sua mãe? No Paraná! E o que fez a senhora, que vem de outra família, o que a senhora lembra Dona **M₁**, da sua família como eles davam afeto, e o que era afeto pra senhora quando a senhora olhava nos seus pais, nos seus irmãos e a senhora falava: Por exemplo: eles tinham uma atitude com a senhora de afeto de carinho e a sra. gostava disso, o que a senhora lembra da sua família nessa questão de afeto? Ou como que essa família passava afeto?

M₁ = Assim, os meus irmãos era tudo assim bem

unido, toda vida foi, agora o meu pai com a minha mãe não dava carinho de jeito nenhum, principalmente, meu pai, meu pai foi muito carrasco com tudo, com todos os filhos.

P = Conversavam?

M₁ = Não, não tinha conversa, era cassetada, paulada e chute, meu pai não teve.

P = Batia?

H₂ = Até hoje!

M₁ = E a minha mãe nunca teve muito carinho, e além de tudo, tudo o que a gente fazia que, às vezes ela podia até encobrir que não era uma coisa grave. Não, ela já ia, corria contar pro meu pai, e ele já vinha com violência, então foi assim muito... entre os irmãos não mais o meu pai com a minha mãe nunca deram carinho pra filho, não.

P = A senhora lembra nessa família o que era pra eles carinho, por exemplo, dar comida era carinho, dar um abraço, dar um beijo, conversar, fazer um doce, levar pra passear, se tinha alguma coisa que eles faziam, os pais que a senhora lembrava como carinho ou só vai trabalhar, responsabilidade?

M₁ = Não, não lembro de nada, porque carinho eu acho que pai dá pro filho, assim, não é um dinheiro, não é uma roupa, não é em coisas. É assim se eu tenho um problema eu chego pro meu pai pra minha mãe, ou eles conversam comigo eu converso com eles e dentro de casa o meu pai com a minha mãe não teve isso, com nenhum dos filhos.

P = Nenhum desses aqui?

M₁ = Nenhum, era tudo só, dou cassetada, dou paulada, era bem difícil assim, entre os irmãos não, é beleza, nove tudo beleza ia pra roça ia apanhar fruta, ia pescar, ia nadar, era muito bonito, mas o meu pai com minha mãe foi muito carrasco.

P = A senhora acha que por ter uns pais assim muito duro, muito rígido, fez com que unissem os irmãos?

M₁ = Talvez, né?

P = Um protegia o outro?

M₁ = Eu acho que talvez seja, porque com os irmãos foi tudo... até hoje é, a gente sempre tem um que é mais chegado né?

P = E qual que é o mais chegado na senhora?

M₁ = Eu e a R, as duas signo de leão, quer dizer meu pai é leão, a outra irmã minha, essa daí mais eu e essa daí nós não fica três dias, ela mora em Carapicuíba e eu moro aqui, mas nos não fica três dias sem se falar uma com a outra.

P = E a senhora acha que se seu pai estivesse aqui e nós fossemos perguntar para ele a coisa mais difícil de carinho foi que ele não conversavam? O que a senhora gostaria que eles tivessem feito como carinho para a senhora?

M₁ = Ah, eu queria que conversasse, que nem ela (**M₃**) e ela (**M₂**), se ela (**M₃**) tem um problema, ela chega e conta pra ela (**M₂**). Eles também aconselham o que tem que ser feito, como tem que ser, às vezes até comigo ela chega e ele (**H₃**) também, quando ele tem um problema na casa dele, ele se esconde lá em casa.

P = É que a relação de avó e netos é mais próxima!

M₁= Aí ele vai lá, ele põe todo sentimento dele pra fora, então, eu e ele a gente dá conselho, dá carinho, aquela hora que ele tá nervoso, daí a pouco pronto, passou ele levanta, vai embora.

P = Então, carinho pra senhora seria conversar?

M₁= Com certeza!

P = E o senhor o que o senhor lembra da sua família quem o senhor lembra que foi assim mais afetivo mais carinhoso que o senhor recorda?

H₁= Acho que tudo o que eles fizeram por nós pai e mãe fez pela gente foi ótimo.

P = Eles conversavam?

H₁= Conversavam, davam carinho, escutava a gente, perguntava.

P = E você tem essa paciência com ela?

H₁= Eu acho que mais ainda, porque eu não sou mesmo de conversa, sou mais de escutar conversa.

M₁= E eu tomo remédio forte, tudo, acho que já vem por causa desses problemas, então, problema do primeiro casamento, foi muito terrível, cheguei ficar internada em sanatório e depois depressão. Hoje, eu tomo remédio forte, então, se eu não tomar remédio eu fico, se eu tomo remédio beleza eu dou risada, brinco com todo mundo, mas se eu não tomar eu olho pra ela, ela tá com cara feia comigo ou com raiva, todo mundo tá com raiva de mim, aí eu fico agitada, ele não pode nem olhar pra mim, então é um problema que já vem lá da.

M₃= Ela não sai de dentro de casa, aí ela fica lá.

M₁= Eu me tranco dentro de casa e fico.

M₃= Aí quando ela não aparece, ih, a vó tá com problema!

M₁= Mas, eu não deixo faltar o remédio pra isso não acontecer.

P = E você **M₂**, quem você lembra dos seus pais que foi afetivo, carinhoso, o que você guarda?

M₂= Eu sinto muito mais, eu vou responder quase igual ao **H₁**, Nossa! Eu tenho lembranças ótimas do meu pai e da minha mãe!

P = O que era o carinho deles, o afeto deles, assim, era botar a mão, o que era um toque, um beijo, como que eles demonstravam?

M₂= Ah, o meu pai sempre, até conto pra eles, meu pai (não deu pra entender) toda vida ele foi assim até antes dele morrer, nossa eu sempre fui apegada a ele me recomendou pra mulher, que eu gostava muito né, então ele, como a gente viveu até uns oito, nove anos no sítio então ele reunia os irmãos tudinho a família inteira e sentava ali descascava cana, fazia fogueira pra gente era uma festa, ele se preocupava muito com a gente ele fazia o que podia e às vezes até acho o que não podia, as dificuldades sempre foi muito grande, a comida às vezes nem dava pra todo mundo, ele ficava sem comer mais repartia entre os irmãos, entre os filhos.

P = Existia troca de beijo, de abraço?

M₂= Não, assim não, eles eram assim mais de conversar, nossa!

P = Eram mais de conversar?

M₂= Mais de conversar e reunir os filhos tudinho, esse que era o jeito que eles demonstravam que

gostavam pra mim foi o suficiente.

P = E pra você? A mãe está aqui, nem pode, nem falar, na família a gente sempre tem um jeito que a gente acha que deveria ser de outro jeito.

H₂= Eu nem sei assim dizer muita coisa, porque o que acontece quando a minha mãe separou do meu pai eu já tinha uns oito anos de idade então o meu pai era uma pessoa muito sei lá, bebia muito sabe, e isso atrapalhava muito.

P = Então ela separou antes dele falecer?

H₂= Foi, antes dele falecer, eu tinha oito anos né mãe? Era oito, oito anos de idade eu tinha.

P = Ele tinha violência?

M₁= Quando ele bebia que chegava, era.

H₂= É, as vezes era.

M₁= Muito mulherengo, ele levava mulher até na minha cama pra dormir.

H₂= Então não tenho muito que falar porque quando separou eu tinha oito anos, agora dela não, ela sempre mesmo depois de casado, que casei, nós tivemos uma vida complicada depois que ela separou dele, foi separado os irmãos separou eu minha irmã minha outra irmã, uma época cada um foi pra uma família eu fui pra uma família, a outra irmã com outra e a outra com outra família, fomos tipo adotados pelas famílias.

M₁= Ele não quis dar os filhos pra mim, e aí ele saiu dando pros outros.

H₂= Então ficou tudo separado né?

M₁= Mais depois consegui juntar tudo, trabalhei de manhã à noite pra não deixa faltar nada pra eles, nem colocar eles pra morar em cortiço cheio de banheiro cheio de gente, eu trabalhava dia e noite pra não deixar faltar nada.

P = Trabalhava de que?

M₁= Eu trabalhava em texturização, trabalhava em charutaria, eu largava eles em casa sozinhos e ia pro baile mais só que só colocava pra morar em lugar sem perigo, não deixava faltar nada, trabalhava dia e noite porque o pai nunca deu uma bala, eu criei três filhos como pai e mãe, agora eu não fui santa não, falar que eu fui santa não pode nem falar que eu não fui não, eu saia pros meus bailes eu ia em baile de sexta, de sábado e de domingo, fui muito dançadeira e gostava muito de dançar, mas eu, ele pode falar se era bom ou não era, mas eu dava carinho pra eles.

H₂= Não, não pra que mãe! Quanto a isso não, tanto que sempre perto, sempre junto.

M₁= Coloquei ele pra trabalhar com doze anos dentro de uma firma junto comigo ele só saiu com dezoito anos de dentro da firma.

P = O que é carinho pra você **H₂**? Pra você, não que ela deu ou não! O que é pra você o afeto?

H₂= Carinho você fala de mãe? De mãe?

P = De mãe é de pai.

H₂= Ah, só dela tá perto e tá acompanhando tudo o que acontece, tudo o que a gente passa, né? Complicado, hoje a gente tava nervoso, quer dizer pra mim tudo bem, acho que

P = (não entendi)

H₂= Eu sou... (não entendi)

M₂= Ele se emociona todo! (abaixa a cabeça, enche os olhos de lagrima).

P = Você sabe que consultório de psicóloga tudo o que nós temos é lenço porque todo mundo chora.

H₂= Eu sou assim acho que, pra mim isso aí é ótimo, pra mim é ótimo!

M₁= Eu não tiro o meu coração assim e dou pra ele tem hora porque não pode tirar mesmo, não tem como, mais hoje quando eu vi ele chorando nossa, foi o dia mais triste pra mim, liguei pra ele (**H₁**) lá, falei pra ele: - Ah, o **H₂** tá chorando, tá nervoso, tem paciência com ele, vocês fizeram alguma coisa, falaram.

H₁= Aqui ninguém discutiui, ninguém, nem conversar ele não conversou, ele chegou eu vi que ele não tava bem então já fiquei na minha. Daí a pouco ele subiu veio embora, nem vi ele vim embora.

M₃= Ela não gosta quando ele fica nervoso, não, a onde ele vai ela tem que ir atrás, da hora que levanta até a hora que dorme os dois

* Falaram juntos – não entendi.

M₁= Hoje mesmo a minha filha reclamou, eu amos os filhos igual, mas não é igual, eu vejo que não é igual, porque quando ele tem um problema pra mim é, nossa! Dói demais, as meninas, às vezes, reclama de algum problema eu até esqueço que elas reclamo, hoje mesmo a menina minha tava falando: É mãe sofri muita necessidade lá em Osasco, tal, porque agora ela tá aqui perto ela vê que eu, e ele também o que puder ajudar ele, o que puder dar é tudo pra ele, pra ele assim sabe, mais não é, não sei, eu não sei o porque.

P = Como é que você sente o carinho da geração de cima? Como é que você sente, como é esse afeto esse carinho que te satisfaz?

M₂= Fala a verdade!

M₃= Eu gosto de tudo que eles faz, conversar, beijar, eles beija, eles abraçam.

P = Já tem muito toque!

M₃= Eles são super carinhosos, eu mesmo chego na minha mãe e abraço e falo você é a única mulher que eu gosto! Tudo, chego no meu pai abraço ele beijo ele não tenho nem um tipo de confusão.

P = Mais eles também beijam você?

M₃= Beijam também, super carinhoso, a maioria, quando eu chego da escola: - Mãe eu tenho uma novidade! Eu corro contar pra ela, quando ela não tá eu conto pra ele, não tenho mentira tanto de namorado como de amiga, se eu briguei com uma, eu falo: Oh, mãe briguei, ela vem falar comigo, ou eu vou não tem problema.

M₂= Ah, ela conta tudo, tudo.

M₃= Eles nunca ficou sabendo assim, tudo eles ficaram sabendo, entendeu?

P = Você se parece com o **H₂** ou com ela, quando você faz isso?

M₃= Como?

P = Você se parece mais com o **H₂** ou com a **M₂** quando você conta pra ela? Então você parece com o **H₂**?

M₂= Ah, eu não gosto de contar, se eu pudesse não falar nada.

M₃= mais eu, chego e choro mãe é isso, isso.

M₂= Ela é igual o **H₂**.

M₃= Se tem que chorar eu choro, eu não tenho vergonha, se tem que abraçar eu chego e abraço uma coisa que eu não tenho é vergonha.

P = Então vamos dar um nome aqui, você expressa teu sentimento com facilidade tanto verbal como de conversar de chorar, de toque.

M₃= Qualquer coisa.

P = Você consegue isso?

M₃= (não dá pra entender)

P = Você se sente amada quando é beijada, quando conversa com você, que hora que você se sente mais amada.

M₃= Ah, tanto na conversa, como em eu sinto tudo, tudo o que faz pra mim é forma de carinho, conversar, brigar, xingar, bater...

M₂= Nunca tomou um tapa!

P = **H₃**, não é que eu deixei você por último eu já vi uma coisa, você puxou pra sua mãe porque você fala menos.

M₂= É.

P = Então ele puxa pra **M₂** e a Jéssica puxa pro **H₂**?

* Conversam todos juntos não da pra entender.

P = **H₁** fala pra mim, o que é pra você o afeto?

H₃= Tudo o que eles fazem de bom pra gente, só dele não chegar em casa bêbado, xingando todo mundo, ela não ficar com raiva da gente, é isso tudo.

H₂= Já é um exemplo que eu já trago desde a época de meu pai, né? Que nem está falando, de beber né, e quantas vezes não fui na porta de um bar mesmo depois de casado pegar o meu pai bêbado aquele negócio todo quer dizer isso aí graças a Deus pra dentro de casa não, nem bebo, beber a gente bebe de vez em quando isso aí é socialmente uma coisa que chegar todo dia em casa jamais vão ver, graças a Deus.

P = E você **H₃**, você sente falta de conversar, você sente falta de toque, você acha que você expressa menos se você for comparar com outra pessoa o seu sentimento, você acha que está bom do jeito que você expressa, não te faz falta, porque mulher fala muito, expressa, chora, você gostaria que fosse diferente?

H₃= Não do jeito que tá, tá bom!

M₁= Ele é chorão.

P = Ele chora mais?

M₁= Ele chora mais que ela. (**M₃**)

M₂= Quando ele chora é de soluçar, ele chora mesmo.

M₁= Ele é muito sentimental.

P = Mesmo que ele guarde mais no stress aí quando ele sente, ele chora, sai nas lágrimas, a dor sai nas lágrimas, pode ser isso?

M₁= Se começar a apertar ele um pouquinho assim.

M₂= Qual o carinho que você mais gosta? Pai dá um trocado? Não tem **H₃**! Aí vai lá na mãe, aí a mãe fica caçando moeda, caçando moeda lá dentro de casa, pega os dois reais... (não dá pra entender)

P = Mãe é mãe?

H₁= E é uma só!

M₁= E a vó briga! Eu brigo mais acabo sempre agradando, pego dinheiro dou também dinheiro pra ele.

P = Vocês são uma família muito unida, um pelo outro, solidária?

M₂ = Eu acho que a gente é um pelo outro, meu Deus! Quando um quer alguma coisa assim aí mexe com todo mundo.

M₃ = Hoje, foi o dia, começou dele todo mundo ficou nervoso ele não queria conversar com ninguém.

M₁ = Esse daqui (**H₁**) tomou mais conta do meu lado do que do dele, esses dias ele (**H₃**) pediu uma chuteira pro pai dele, o pai dele demorou um pouco, dá um tempo que eu vou arrumar o dinheiro, ele (**H₁**) já ia comprar a chuteira pra ele, mais aí a mãe dele foi na frente e comprou, então ele é mais do lado da minha família do que do lado dele.

P = Ele é uma pessoa afetiva?

M₁ = Como assim?

P = Uma pessoa carinhosa, que demonstra toda hora que quer ajudar?

M₁ = Que quer ajudar quer!

H₂ = Ele fala da mãe que a mãe compra, né. Mais antes da mãe comprar a chuteira ela foi perguntar pra mim, **H₂** eu vou comprar uma chuteira pro **H₃** posso? Eu falei, pode.

P = Do jeito que ela falou que vocês conversam muito, deve ser tudo combinadinho, quando um faz o outro já sabe, não é assim **H₃**?

Todos falam juntos!

P = Eu acho que eu vou explicar uma coisa pra dona

M₁, das relações que a senhora perguntou que não entende! Posso contribuir explicando muito nas relações familiares, acontece muitos elos, um se identifica mais com o outro. O jeito de amar depende muito do outro também que, às vezes, eu gosto muito de falar com a **M₂**, mais para que isso tenha um fluxo ela também precisa responder o que eu estou falando, porque se eu chegar aqui todo dia e falar, **M₂** eu gosto de você eu queria conversar com você, queria sair com você e ela não der um retorno, a relação não flui, então o relacionamento que nem a senhora falou da senhora com o **H₂** é porque a senhora demonstra um afeto, um carinho e ele corresponde, demonstra e responde, então isso tem uma seqüência, isso nem sempre acontece com todas as pessoas na família, por exemplo, uma família igual a da **M₂** com dez filhos, as vezes o pai fala com um filho e ele não dá retorno e aí ele fala com outro e ele dá retorno então ele se liga mais nesse, é por causa do retorno.

M₂ = Então você está entendendo? Não é que a gente gosta mais da **M₃**. Que nem às vezes acontece as vezes ele fala que a gente gosta mais dela, não é, porque se ele fala, pede alguma coisa, você fala: - Ah, **H₃** mais agora, tá apertado. Ele faz (Ah!), ali ele emburra, a gente encosta-se a ele e ele faz: Ah!

M₃ = Se fosse pra **M₃** já tinha, mais como é pra mim não tem.

M₂ = Ele acha que a gente gosta mais, mas não é tá vendo, eu gosto dos dois iguais.

H₂ = Mas ele sabe muito bem, tanto que eu conversei com você eu expliquei pra você o que eu falei pra você?

P = Porque a relação ela flui é uma coisa de duas

mãos é igual ela está preocupada ligou hoje, ela tava preocupada ligou como ele, e ele foi lá conversar.

H₂ = Então, o retorno já.

P = Amanhã, vocês vão namorar e vão sentir isso também, você liga pra ele no celular. Ele não retorna, na terceira vez já quebrou o elo da relação porque precisa de você ligar e o outro responder. Ele pode até não querer falar com você mais ele dá esse retorno. E, às vezes, a gente corta os fluxos. Às vezes, a senhora vai na filha,, mais ela não dá o retorno, então, quebra o vínculo. Outra hora ela vem e a senhora não dá o retorno e quebra o vínculo do elo pra que possa fluir, então, é em uma comunicação, às vezes, verbal de troca. Eu não posso te ouvir agora, mais amanhã eu te ouço. Sábado a gente conversa e tem certos filhos que a gente não consegue fazer esse retorno, esse fluxo de conversa.

M₁ = Ele conta tudo pra mim, tudo o que acontece, né? Ele vem, vai lá em casa, conta pra mim, conta pra ele, e eu também quando o problema tá neu eu se eu tô mais longe eu ligo, ah! **H₂** é isso é aquilo ele fala pra mim e eu falo pra ele é assim.

P = Uma ligação?

M₁ = Esse aqui, também mesma coisa, ele sai, se começou a demorar, porque ele não é de sair não é de ir pra lugar nenhum, se demorou um pouquinho eu já tô no celular, bem onde você tá? Eu tô aqui! Você tá vindo? Tô, tô indo. Demorou pra chegar pra almoçar, você não vai vim almoçar? É assim hoje eu cheguei ele tinha ligado pra mim no meu celular, ele tá lá embaixo tá me ligando.

H₂ = Essa semana saiu desentendimento aquelas coisas, aí chegou no outro dia, nunca, sempre ele tá lá oito horas, ele tá lá. As confusão que ele fala, não é confusão é coisa do dia-dia, aí deu nove horas ele não chegou, eu liguei pra minha mãe: - Mãe o que aconteceu? Ah, o **H₁** tá no banheiro. Aí eu saí de lá vim até aqui porque eu falei: Pô, ele não é de fazer isso, o que será que aconteceu, não dormiu bem? Passou mal? Sei lá, de repente. Saí lá da firma pra ver o que tinha acontecido, você vê que isso daí é né?

P = Isso mantém, é como se você nutrisse as relações?

H₂ = Um dia antes nós até não chegamos a discutir, porque nós não discuti, as vezes ele fala coisa, é coisa dele da firma, da empresa, então ele fala ele acha que não tá certo e as vezes ele tá mais certo do que eu, tá mais tudo bem, saí fui pra casa no outro dia ele chegou mais tarde aí até falei pro motorista: Pô, o **H₁** não é de chegar mais tarde, liguei pra minha mãe, saí de lá vim ver o que aconteceu, quer dizer, a gente se preocupa né.

M₂ = É que nem você tá falando, os dois é assim: - Oh, ela mora na, mudamos na casa que ela morava, ela passou para a casa de baixo, passa o dia inteiro ali junto ele sobe antes da janta ou depois da janta, ele fala assim, antes ele me chamava agora a gente vive muito junto, ele não chama não, porque eu falo: - Ah, eu não vou! Ele fala: - Vou na minha mãe! Fiquei na sua mãe o dia inteiro vou lá na sua mãe de novo!

H₂ não vou não! Mais ele era sagrado é assim desceu

as escadas entra na casa dela, mais ele vai lá direto qualquer coisinha ele vai lá na mãe então acho que é por isso, as meninas já não né.

M₁= Não!

M₂= A W vai, mais não é aquela.

M₁= Ela tá morando aí agora mais é, não vai.

M₂= A outra vem de vez em quando, acho que é por isso mesmo.

M₃= Eu também, se eu não vejo eles durante o dia a noite eu vou lá, né?

P = Isso vai nutrindo essas relações e aí que vai fazendo essas ligações, não que esteja errado não ir, são jeitos diferentes de manter a relação, tem gente que não vai todo dia, outras pessoas não ligam.

M₂= É a mesma coisa, antes ela ia lá em casa todo dia, ontem ela não foi, mais hoje ela foi, então às vezes ela não sobe lá em casa, todo dia ela sobe um pouquinho, mais ontem ela não subiu, eu falo: - Não vi a sua mãe hoje, ela não foi lá em casa.

M₁= Hoje eu saí (não deu pra entender)

M₂= Alá, tá vendo, parece que sente falta daquilo, mesmo que vai lá pra falar oi, aí mexe com o papagaio e vai embora, mais já parece que sente falta daquilo.

M₁= Às vezes a briga, alguma coisinha que tem entre ele e ele da firma eu me sinto culpada porque mesmo que nem eu te contei que meu pai foi ruim e a minha mãe foi ruim, mais hoje meu pai vai fazer oitenta e cinco e a minha mãe setenta e quanto a minha mãe?

H₁= Ela é de vinte e sete, vai fazer setenta e oito, não ela tem setenta e oito.

P = Como é que ela chama?

H₂= Minha avó?

P = E seu pai?

M₁= A.

P = Eles continuam do mesmo jeito até hoje?

M₁= Eles pararam no tempo, tudo pra eles tem que ser daquele jeito eu entendo que o meu tempo é um jeito, o deles agora outro, eu tenho que ir evoluindo como tá indo né? E meu pai com a minha mãe pararam naquilo, mais mesmo assim eu ligo pra minha mãe todo sábado, eu vou lá acho que umas quatro, cinco vezes no ano é longe daqui lá em Maringá, é longe eu vou fico lá e ele falou que quando aposentasse a gente ia pra lá pra cuidar deles mesmo assim eu quero ir lá cuidar deles. eles ficam lá sozinhos e eu acho que eles estão sozinhos que eles sentem carinho, aí ficou assim dele aposentar e a gente ir e ele aposentou e não quis ir quis ficar pra ajudar ele, porque acha que ele tá precisando mais do que tá minha mãe com o meu pai.

P = E a senhora fica com culpa por causa disso?

M₁= Eu fico com, assim será que eu não tenho que ir lá cuidar da minha mãe com meu pai, dá um carinho pra eles agora eles não vivem com a gente mais com a idade que eles estão.

P = E eles pedem?

M₁= Pedem, ligam direto pra mim ir, é a única filha que pode cuidar deles, eu e ele (**H₁**) que pode levar eles para o médico ficar com eles, mais eles são terríveis pra gente agüentar eles é difícil, difícil, mais eu acho que eu tenho a obrigação de ir cuidar deles

agora até o final da vida deles porque minha irmã dá a casa pra morar mais só que, essa semana mesmo ligou chorando sentindo falta de carinho e que os filhos abandonou ela, aquilo tudo, aquilo me deixa eu, aí pra mim ir embora eu vou ter que abandonar a firma e o filho, essa firma dele tá começando, e ele (**H₁**) é o tudo no que ele faz se ele sair eu acho que a firma vai esmunhecar porque a parte de escritório de compra de venda e tudo é ele então eu tô entre uma coisa e outra então as vezes eu fico agitada e brigo com ele porque ele não quer ir e aí ele também fica nervoso e as vezes é onde que ele também fala alguma coisa pra ele que ele.

P = fica dividido?

M₁= É, então tá essa divisão, agora eu falei pra ele então vamos fazer o seguinte, eu vou fico lá oito, dez dias, lá com eles enquanto tô agüentando eles tá bom.

M₂= Isso que eu ia falar se agüentar né?

M₁= Na hora que não agüentar mais venho embora.

H₁= Eu tenho um problema que eu guardo tudo pra mim.

M₁= Ele não fala, isso é difícil e eu falo demais.

H₁= A gente mora junto, quer dizer quase junto o dia todo com ele (**H₂**) e ele não sabe o que se passa entre eu e a mãe dele, ele não sabe.

H₂= Sabe o que falta muito, falta, eu também tenho essa dificuldade que eu acabei de falar aqui que as vezes eu não sei me expressar com as coisas direito o que falta o que que é, a gente convive junto a gente tá sempre junto falta a gente conversar mais como tá acontecendo aqui agora e sustentar melhor as coisas né? Porque de repente as vezes a gente quer falar alguma coisa mais, entendeu eu mesmo sou assim

P = Tem medo de falar e machucar?

H₂= As vezes pode ser né, eu acho, as vezes pode ser, eu tenho dificuldade eu tenho dificuldade de me expressar melhor, de se abrir de falar entendeu? Isso aí eu tenho dificuldade mesmo, eu prefiro guardar, eu guardo mais pra mim quando eu estouro aí, aí eu falo coisas que não...

P = Eu fico pensando **H₃** se você está parecido com ele, esse discurso que ele falou, aí, você se acha parecido com ele?

* acredito que ele respondeu não-verbal, não aparece fala.

P = É.

H₂= Eu que, eu acho que ele tem dificuldade também.

P = Eu queria perguntar pra **M₃**, você acha que falta essa conversa mais em família, de assuntos difíceis porque família é aquela que cria um espaço para a gente conversar de assuntos difíceis porque um tem uma idéia o outro tem outra, ninguém tem uma idéia mais pelo menos a gente desabafa. Você acha que falta isso nesta família **M₃**?

M₃= Eu acho! Se um soubesse do problema do outro não ia ter, acho que não ia ter discussão, discussão que eu falo é, se, vamos supor, se eu soubesse eu ia tentar ajudar ou eles iam tentar me ajudar acho que num, alguma coisa que acontece

P = Falta troca?

M₃ = É!

M₂ = É, porque acaba a gente vai (pára e ri).

M₂ = É diferente, então é assim, as vezes vamos supor é assim: - Oh, a gente vai fazer isso! Até ele concorda tudo. Mais amanhã ele discorda daquilo que eu quero entendeu, então, a gente não entra num acordo. Então, aí o que que acontece, às vezes, eu acabo fazendo certas coisas que eu não quero. Muitas coisas pra não brigar com ele o pra não contrariar, porque quando ele quer ele quer, entendeu? Então, às vezes eu acabo até guardando não prejudicando porque né, mais a opinião que prevalece!

P = Então, falta negociação!

M₂ = Eu acho que sim!

H₂ = Você sabe que até nessa firma que nós montamos aí eu tenho até dificuldade de eu sou muito assim, é falta de, como diz é, opinião própria, entendeu, às vezes, eu quero fazer uma coisa, mas na mesma hora eu já não quero fazer aquilo mais é um negocio assim, eu sou muito indefinido pra isso, eu tinha que ser mais assim, ser mais objetivo na coisa entendeu, fazer uma coisa. Hoje, eu falo aqui uma coisa aí, amanhã eu já mudo de idéia, eu tinha que ser mais objetivo, hoje em dia que nem uma empresa dessa daí as vezes eu tenho dó de cliente, que nós temos

M₂ = Dó do motorista!

H₂ = Tenho dó do motorista, eu tenho sócio o sócio já pensa diferente de mim, e o sócio quer mandar o motorista e eu já não quero porque eu acho que o motorista começou já junto comigo no sufoco que nem no caso dele (**H₁**) eu ele e o motorista e nós que faz as coisas e o sócio entrou agora a pouco tempo que era outro, olha só a confusão, então eu sou muito...

P = Você é mais relacional?

H₂ = É, então e eu falta mais objetividade pra fazer as coisas, falar eu vou fazer isso aqui e ter o pensamento naquilo, às vezes, eu falo vou fazer isso quando é amanhã eu já mudo de idéia.

M₁ = Amanhã não dali meia hora.

H₁ = Nós vamos fazer isso aqui, tem que se preparar pra fazer aquilo, quando tá quase pronto pra fazer ele chega com outra idéia aí dá aquele rolo.

M₁ = É por isso que daí ele fica nervoso, ele também fica e é onde a gente...

P = Vocês tentam mediar?

M₂ = Foi onde aconteceu, foi um desentendimento, não foi uma discussão entre ela e eu que virou, o sorvete chegou aquele monte de sorvete pra entregar e não tinha onde guardar e ele ficou estacionado, pega sorvete tem que congelar, tinha que por no carro e o carro sem combustível e tinha, entendeu então a gente começou a pressionar ele, e agora? O motorista esperando todo mundo esperando a decisão dele e ele ficou assim tipo assim, e agora? Pensando!

H₁ = Ele levou um susto!

H₂ = Sabe, nesse ponto assim, eu acho que é como esse negocio tem muito sentimento, muita coisa e isso atrapalha muito, ser muito bom pros outros, eu

não sei magoar ninguém não gosto de magoar ninguém, procuro, às vezes, eu nem posso ajudar, eu não tô podendo ajudar nem eu, eu tô tentando ajudar outra pessoa entendeu, isso daí me atrapalha um pouco, me atrapalha.

M₂ = Foi o que aconteceu aquele nervoso, o susto dela de ver ele chorar foi o problema do Paraná, do motorista Paraná a gente chama o motorista dele, porque o motorista tá passando dificuldade em casa precisa de um dinheiro e ele não tinha arrumar, sei que ele se revirou e ele conseguiu arrumar esse dinheiro aí ele respirou, entendeu?

M₃ = Aí ele chorou!

H₂ = Se eu puder ajudar todo mundo, eu quero ajudar, mais as vezes as coisas não é assim é diferente.

P = O país também está passando por uma época difícil, mudou muitas coisas, até por causa da violência, vai ajudar uma pessoa tem que pensar se não vai ser agredido, hoje mudou muito, alguns valores.

H₂ = Hoje, a firma nossa hoje, nós começamos com quatro freezers dentro de casa, hoje com sete meses tá aí. A gente já tem uma câmera fria do tamanho desse cômodo, dá pra fazer um estoque de mil caixas ou não sei quantas caixas, a gente já tem carteira de cliente de seiscentos clientes mais ou menos, quase seiscentos clientes né, **H₁**? Então a idéia até o final do ano, até começo de verão e até o término do verão aumentar cento e vinte, cento e trinta clientes, só que, às vezes, eu chego num cliente o cliente atrasa um boleto. E eu tenho aquela dó do cliente que, às vezes, paga alguns juros alguma coisa, só que eu, às vezes, pago um juro lá atrás de alguma coisa que eu compro e eu fico com dó do cliente entendeu? Então, eu acho na minha opinião futuramente vou ter que colocar até outra pessoa pra tá fazendo isso que não... dentro de mim pra mim ir negociar junto ao cliente.

P = E ficar mais na parte....

H₂ = E ficar mais na parte, pra mim, não ter que fazer isso porque uma empresa hoje que tem dó do cliente, não vai pra frente.

M₂ = Não sabe falar não!

H₂ = Não sei falar não, a pessoa chega em mim e eu não sei falar não, isso me atrapalha muito.

P = **H₂** você conhece alguém que não sabe falar não, na sua família?

H₂ = Quem? Minha mãe? Minha mãe não sabe falar não! Não sei. Essa aqui (**M₁**) também é a mesma coisa que eu, às vezes eu até falo pra ela, ela fica brava, aquele negócio todo, ela também não sabe falar não.

* Todos falam juntos não dá pra entender.

M₁ = Ninguém sabe dizer não!

P = **H₃** você me ajuda então, você que é quieto e fica percebendo, que eu estou percebendo que você é perceptivo, quem não sabe falar não nessa família na sua opinião?

H₃ = Todos!

P = E você sabe?

H₃ = Ah! sei lá!

P = Você também não sabe **H₃**? Chora? Se você tiver

que falar um não você chora?

H₃ = Eu acho que eu choro!

P = Às vezes, o não é tão importante quanto o sim.

H₂ = Esse que é o problema, é o que ninguém sabe fazer, e pra gente constituir uma empresa ter um nome ter alguma coisa.

P = A primeira coisa, tem que aprender a falar não.

M₂ = É o que eu sempre falava, eu não sirvo pra ter comércio porque se a pessoa chega eu não sei falar não. E se eu falar não, nossa! O meu dia acabou, se eu falar não.

H₃ = E a gente recebe tanto não, né? Devia aprender a falar não.

P = Às vezes, não tem jeito de não magoar, a gente magoa o mínimo possível.

H₂ = É o que eu não sei fazer, se eu magoar alguém, acho que eu vou me sentir magoado.

P = A gente tem que falar: não é a minha vontade, não é a minha intenção, de magoar, mas eu não posso fazer isso se não eu vou prejudicar a empresa e se eu prejudicar a empresa eu prejudico outras pessoas também, e eu junto e eu tenho que fazer uma escolha e nessa escolha eu vou ter que fazer isso.

* Falaram juntos não entendi.

M₁ = Que nem esse aqui, eu querendo ir embora, querendo ir embora, cuidar do meu pai da minha mãe e ele ali indeciso, nois vai tal dia, vai tal dia, até que um dia ele chegou e falou: - Não, eu não vou! Pronto acabou não, não, mas dentro de casa ele não é de conversar não, eu, eu falo muito mais eu gostaria que ele também falasse: Ah, eu to com raiva disso, ou eu não quero aquilo, você fez aquilo, não, ele entra toma banho, janta, senta no sofá, assiste televisão, dorme, levanta.

P = Como é que a senhora sabe que ele não quer? Quando ele não quer alguma coisa, como a senhora sabe?

M₁ = Ele nunca, nunca, eu sei o que, que ele não quer, eu vou lá e compro.

H₁ = Porque eu faço os gosto dela sem falar nada mesmo eu não podendo.

P = Ele abaixa a cabeça, tem alguma coisa que ele expressa, que você sabe que ele ta diferente que ele está chateado? O jeito dele, não olha?

M₁ = Ele fala muito pouco dentro de casa, eu gostaria que ele falasse muito, que ele falasse: - Oh, eu não quero que você vai dormir agora, eu não quero que você vai na casa da tua mãe, ou eu quero que você vai, não a opinião dele é boca fechada, nem vai, nem não vai, nem dorme, nem não dorme, nem nada

M₃ = Meu pai já é assim não deixa a minha mãe quieta, terrível.

P = Ele parece com ela?

M₃ = Parece, se ele vai tomar banho ela tem que ir se ele vai, algum cliente pra limpar o freezer tirar o gelo, ela tem que ir.

P = Ele repete o jeito da sua avó?

M₃ = Eu acho que sim!

P = Você acha que você vai repetir aqui esse jeito?

M₃ = Desse jeito eu acho que não!

P = Não?

M₃ = Não, aí eu já acho que eu já puxei pra minha mãe nessa parte.

H₂ = Domingo, eu já venho chateado desde domingo né, eu tava em andando pra lá e pra cá querendo sair aí eu falei pra ela assim: - Vamos lá na casa do motorista nosso. Ah, vamos lá e tal. - Não, não vou! Aí eu andei pra lá andei pra cá. Ah, eu vou então. Aí peguei o carro descí, atravessei a estação aí falei: - Também não vou também. Só porque ela não foi eu não fui, você acredita? Aí eu fui até o banco, voltei, aí fui lá abri a porta lá da firma, fiquei até meio dia mais ou menos na firma, aí voltei, voltei a chamar ela de novo pra ir, ela não quis ir, aí você sabe eu me senti nervoso por aquilo também por aquilo também porque ela não acompanhou eu (não entendi)

M₂ = Mas, eu não quero ir, como que eu vou contra a minha vontade, eu não quero ir.

M₃ = Lá em casa é assim, se tá eles dois na sala, tá o cachorro, tá o papagaio, tá todo mundo na sala. Se eles dois vai pro quarto conversar, eu e ele vai atrás, vai pra cozinha ta todo mundo junto.

P = E porque vocês vão atrás, só pra eu entender vocês dois, você e o **H₃**.

M₃ = Eu gosto de estar perto deles e conversando também.

M₂ = A gente morava naquela casa.

H₃ = A noite não fica em paz, às vezes, eu quero dormir e eles ficam lá, tudo conversando, dá uma raiva!

M₂ = Ele (**H₂**) falou assim: - Ah, eu vou arrumar uma casa pequena. Essa aqui falou assim: - Porque pai? - ah, porque aqui fica um lá no cômodo outro lá tudo longe, chama: Oh, fulano, não sabe nem onde que tá, então eu vou arrumar uma bem pequenininha pra ficar tudo junto.

M₃ = E agora tá tudo junto.

H₁ = Agora arrumou!

P = Se eu fosse colocar um nome nessa família seria a família grude?

M₂ = Ah, essa é.

P = Pode falar uma família que gruda?

M₃ = É um grude!

M₁ = Agora ele, ele não sai sem eu nós tem um carro acho que ele nunca saiu nesse carro, assim sem eu pra lugar nenhum, não vai em bar, não bebe, não joga, não tem vício é um amor de marido, mais só que eu queria que ele falasse: olha eu não quero que você vai comprar aquilo, eu não quero, mais aí eu paro ele fala: Ah, mais se eu falar não, não adianta porque você vai fazer do mesmo jeito, mais pelo menos fala pra gente se sentir mais feliz, né?

P = Porque se ele falar a senhora não vai obedecer, mais a senhora vai ver que ele falou?

* todos falam ao mesmo tempo.

M₃ = Namorando, às vezes, eu marcava de sair com meu ex-namorado, eu falava que eu não ia mais não, eu ia com meus pais, quantas vezes eu desmarquei.

P = O que foi pra cada um estar aqui falando um pouco da família de vocês o jeito de funcionar o jeito de relacionar, agora vamos começar do mais novo!

P = **H₃** fala pra mim, teve alguma coisa que qualquer

um aqui falou eu ou eles, que te fez pensar uma coisa que você nunca tinha pensado?

H₃= Eu, num...

P = Você tem vergonha de falar **H₃**?

* deve ter respondido não-verbal.

P = Mais você gostou de estar aqui?

H₃ = Eu não queria vim mais acabei gostando.

M₂ = Ah lá, viu!

P = Ah, que bom, a semana que vem vou trazer esse desenho mais bonitinho, arrumadinho. E você **M₃**?

M₃ = Ah, eu gostei.

P = E o que você ouviu que você gostou, ou o que você falou que você gostou, alguma coisa, ou também pode não ter gostado de nada.

M₃ = Gostei de tudo, nada me chateou, nada me deixou chateada.

M₂ = Vou aproveitar, eu gostei, nossa! (não entendi) Foi bom também que eu falei, eu tinha a maior vontade de falar isso que ele não respeita a minha opinião, porque a dele tem que prevalecer.

M₃ = Agora ele ouve, ela também, né?

M₂ = A hora que ele melhorar eu vou te contar.

P = E você **H₂**, como foi pra você?

H₂ = Nossa! Pra mim, foi ótimo ainda mais que essa semana que eu estava bem nervoso.

* Todos falam...

H₂ = Foi ótimo e queria ter até oportunidade, não sei, hoje, futuramente, se eu puder estar passando mais vezes e conversando muito mais.

P = É que hoje o processo terapêutico é muito diferente de antigamente. Estamos avançados, como trabalho dentro desse contexto o que a gente recebe de herança e o que é transmitido e a gente puder fazer escolha, isso aqui eu não quero repetir isso eu quero porque eu gosto e aquilo que não dá certo que a gente ta falando das relações de manter, isso aqui eu quero eu vou mudar, hoje temos esta oportunidade. Antigamente não tínhamos essas escolhas, isso aqui já facilita, entender o contexto familiar o que a gente recebe, porque a **M₁** aqui no genograma. Ela tem uma herança de dureza, ela recebeu! Hoje tem escolha, eu recebi isso e vou transmitir isso, as vezes nas gerações, pula essa e vai aparecer nessa outra uma repetição.

P = E pra você Dona **M₁**, como é que foi?

M₁ = Ah, eu por mim se fizesse uma vigília a noite toda falando, ta bom, nós passava a noite todinha aqui, pelo menos eu falei o que tinha que falar, eles falaram, falei que ele tem que falar mais às vezes ele vai falar mais coisa.

H₁ = Vou falar menos ainda.

M₁ = Não, não pode ser assim falar menos ainda né? Tem que falar mais, vive só os dois dentro de casa tem que conversar.

M₃ = E a Meg.

H₁ = É a cachorrinha.

P = Já descobri que tem a Meg, o papagaio.

H₃ = O Boris que é o cachorro.

H₂ = Em pouco tempo de conversa, falamos um monte de coisa.

P = Ta vendo como eu fiquei sabendo tanta coisa. E

você **H₁**?

H₁ = Idem!

P = Não, idem não tem!

H₁ = A mesma coisa!

P = Como é que foi pra você? Às vezes é difícil falar mesmo, mais uma coisa do que foi falado que você achou interessante.

H₁ = Tudo!

P = Não serve de tudo, põem uma só palavra?

H₁ = Da união!

P = Da união, você acha que você luta pela união?

H₁ = Luto!

P = Pra mim foi uma benção, quero agradecer vocês, trabalharam o dia todo e vieram até aqui, colaboraram com meu trabalho.

M₂ = Mais pra você foi aproveitado?

P = Muito!

H₂ = Porque pra mim foi muito aproveitado.

P = Agradece! Fim

Segunda Entrevista com a Família

P = Primeira coisa que eu vou apresentar pra vocês é aquele desenho que eu fiz a semana passada que ninguém entendia, e que se chama genograma. Alguns dados que eu não coloquei se vocês quiserem dar agora pra eu preencher, aqui é uma geração. Isso é um genograma, e aqui é uma geração que são os pais da dona Isaura, a gente fala assim do genograma. A primeira geração, aqui é a segunda geração, eu até mudei a cor pra vocês virem de geração pra geração, aqui é a segunda geração a dona Isaura tá um pouquinho pra baixo mais ela pertence a estes irmãos, isso tudo aqui é uma outra geração.

H₁ = **M₁** é com S.

P = É com S, hoje é o dia de consertar tudo o que deu errado.

H₂ = **H₂** é com **H₂**.

P = **H₂** é com **H₂**, né? Vocês não deixam eu colocar errado não, eu trouxe pra nós consertarmos.

M₃ = Ainda bem que eu to sem os óculos.

P = Então, aqui é a primeira geração, aqui é a segunda geração, aqui é a terceira geração onde está o **H₂** e a

M₂

H₁ = **M₂** também é com **M₂** no final.

P = Você viu que aquele dia a gente rabiscou muito no lápis e ficou difícil pra entender. **H₃** e **M₃**, ta certo?

M₃ = Tá.

P = E aqui é a quarta geração. Uma das coisas do meu trabalho, uma das questões é: o que essa geração transmitiu pra essa, o que essa transmitiu pra essa. Esse é um retrato da família de vocês das raízes da família de vocês, e o que elas transmitiram pra vocês de geração pra geração, o que a gente vai transmitindo na questão da afetividade como que cada geração vai passando pra outra a questão do

afeto. Eu vou perguntar agora pra cada um, hoje fica um pouquinho diferente. Vamos pensar sempre nessas gerações. A M_2 contou que a família dela que está aqui, que o pai dela passou uma coisa mais afetiva, até contou do nome, a M_3 e o H_3 contaram aqui alguma coisa que eles receberam de herança dessa geração. A primeira pergunta que eu gostaria de fazer pra vocês é se vocês percebem essa herança que vocês estão carregando? Vou começar com essa geração que está aqui embaixo se vocês percebem a herança que vocês vêm carregando de geração em geração e o que repete que vocês observam que, às vezes, tem nessa geração, às vezes, tem nessa e vocês estão repetindo daqui de cima.

P = H_3 , você já tinha pensado sobre isso? Nunca pensou? O que você está achando de ver esse genograma aqui?

H_3 = Sei lá, não entendo nada.

P = Mais te deu curiosidade de saber o que de geração pra geração o que a gente recebe de herança? Porque, às vezes, tem herança de dinheiro, tem herança de doença, herança física o olho parece com a avó ou com o do pai, e a herança emocional que a gente recebe você já pensou?

H_3 = Não sei, eu não sei responder, não.

P = Você não precisa saber, ninguém aqui tem que saber. Eu que tenho que saber alguma coisa. E você M_3 , você percebe alguma coisa de uma geração pra outra?

M_3 = Que eu lembre agora.

P = Não.

M_3 = Eu não lembro de nada.

P = Você já tinha pensado sobre isso? Você acha importante?

M_3 = Ah, eu acho!

P = Bom então vamos pra geração de cima. E você M_2 ?

M_2 = Ai caramba. Ah, eu não sei se eu entendi a pergunta o que você quer saber, o que eu entendi foi assim talvez até eles não tenham entendido, que, se eu por exemplo me comparo, se as vezes minha mãe contou alguma coisa se as vezes eu acho que eu sou igual a elas ou igual alguém.

P = Se, às vezes você percebe que você repete alguma coisa da sua mãe do seu pai.

M_2 = Isso é!

P = Você percebe?

M_2 = Eu percebo!

P = Qual por exemplo: um fato qualquer coisa, qualquer mania que você acha que você repete.

M_2 = Mania?

P = É qualquer coisa que você fala assim: Nossa! Eu faço isso igualzinho a minha mãe! Que você percebe.

M_2 = É que na hora a gente fala: Ah! é igual a minha mãe. Muitas vezes ele fala: Ah! parece a sua mãe no jeito. Não sei! Eu acho que eu pareço muito assim no físico dela, no jeito de andar, só não pareço muito na paciência ela era uma pessoa muito paciente, mas assim eu adoro comer, ela amava comer, eu adoro fruta, era uma coisa que ela gostava muito, ele fala é igual a sua mãe, entendeu?

P = Então, ela era uma pessoa paciente e você não se considera?

M_2 = É, que nem ele falou, eu acho que o carinho assim que eu tenho, eu acho que eu passo pra eles o mesmo que ela passou, eu acho que eu sou igual ela assim eu nunca fui assim de ficar abraçando, beijando aquela coisa entendeu? É mais assim conversar, procurar fazer o que a gente pode entendeu e procurar ter paciência com eles, então, eu acho que eu pareço muito nisso no carinho que ela dava pra gente e eu acho que eu passo do mesmo jeito pra eles, às vezes, ela fala: Ah, você não é uma mãe de ficar abraçando e beijando, às vezes, né? eu falo: Ah! M_3 mais a mãe era assim vai ver que é por isso que eu sou assim, entendeu.

P = Então pra você, o jeito de você dar afeto para os seus filhos é assim, é cuidando, é olhando a comida, é olhando a roupa é conversando com eles? Como que é isso que eu preciso saber porque cada um faz, dá de um jeito.

M_2 = Como que é assim, como que?

P = Pra você, o certo que você sente que você está dando afeto, está dando carinho para seus filhos é cuidando deles, não beijando?

M_2 = Não, não é.

P = Não é tocando?

M_2 = Não, não é ficar pegando muito neles, abraçando, essa coisa, mas é assim sabe se preocupando mesmo. Às vezes, pede uma coisa a gente não consegue dar na hora, mais a gente batalha pra conseguir. Eu acho que isso eu to agradando eles, também, não é tudo que a gente também pode ficar dando tudo, também porque a gente acaba perdendo eles, né?, Mais assim quer comer alguma coisa eu vou lá, então, assim, então, nisso que eu acho que eu pareço muito com a minha mãe, porque a minha mãe.

P = E ela fazia igual?

M_2 = Ela fazia igual e a gente também ficava super satisfeito.

P = Você lembra de alguma coisa que ela fazia que você ficava muito alegre e você sentia que naquela hora ela estava te fazendo carinho?

M_2 = Ai, meu Deus! É tanta coisa que assim pra lembrar.

P = Que ela fazia pra você, assim ela falava por exemplo: A M_2 gosta disso, eu vou fazer!

M_2 = É, e também assim quando a gente, às vezes, a gente começou a trabalhar muito cedo né, que a gente viveu no interior, sítio, depois, então, às vezes, que eu comecei a trabalhar muito cedo em casa de família então você sabe né, a gente começa praticamente criança com onze anos então, às vezes, eu chegava reclamando, então ele sentava pra conversar: Ah, mais é assim mesmo filha a gente precisa, tem que. Entendeu, então aquilo pra mim, nossa era a hora que ela sentava e conversava comigo, então eu sentia assim que, não então eu vou fazer porque a minha mãe pelo menos ela me entende, ela conversava muito com a gente.

P = Então pra você quando ela conversava com você,

você se sentia compreendida?

M₂ = Eu sentia!

P = E o fardo ficava mais leve?

M₂ = Isso! Tanto que depois que ela ficou muito

H₂ = Ah, receber eu acho que eu recebo deles, isso aí eu recebo, isso aí eles não tem, aquela ali é, nossa, quando ela chega: Oi, pai? Oi! Se eu não ver ela, e ela dá um beijo em mim, ela, se eu, não entendeu, pra ela parece que eu não to vendo ela, todo dia que eu chego em casa, se eu chegar três vezes: Oi, pai? Você tá me vendo? Então.

P = Ela é de toque?

H₂ = É a M₃ é mais, às vezes, isso é que falta pra mim, pra dar pra eles, entendeu.

P = E você é assim desde pequeno, ou já foi mais.

H₂ = Sempre fui assim, mãe?

P = Depois nós vamos perguntar pra ela.

H₂ = Eu acho que eu sou assim desde pequeno, eu sou assim é meu jeito.

P = Quando você casou com ele, ele era assim M₂, é o jeito dele?

* Não dá pra ouvir a resposta dela.

H₂ = Eu sou assim desde pequeno, essa semana mesmo ela falou: H₂ você tem que parar mais aqui, conversar mais com a gente, tem que dar mais atenção, ficar mais tempo.

* Falaram juntos, não deu pra entender.

M₃ = Os três táa em casa sente falta!

P = Sente falta H₃?

P = O que você gostaria, então? Aproveita que aqui pode falar.

H₃ = Que ele falasse mais com a gente.

P = Que ele conversasse mais?

H₂ = Isso que eu to acabando de falar.

P = E se ele fosse conversar o que ele deveria perguntar ou dar mais atenção como deveria ser isso. Na sua idéia, não tem certo ou errado, aqui nós estamos pensando, como deveria ser?

H₂ = Ele não sabe.

P = Não sabe, você gostaria que ele conversasse, perguntasse mais da sua vida, contasse mais da dele, falasse de coisas que ta acontecendo no país, o que você gostaria?

H₃ = Contasse mais da vida dele.

P = Da vida dele?

P = Você tem curiosidade de saber dessa vida aqui?

H₃ = Balança a cabeça

P = Você tem curiosidade de saber como que ele era com a sua idade? O que ele fazia?

P = Ele não fala? Você pergunta?

H₃ = Balança cabeça

P = Também, não? Fica só na vontade?

P = E você, M₃? Já que eles estão falando deles aqui vamos aproveitar.

* Falaram juntos.

M₃ = Queria que ele sentasse chegasse: E aí como foi de vez em nunca, bem raro ele pergunta: E aí como foi a escola, tal, tirou nota boa, até ele pergunta, de vez em quando ele.

H₂ = Mais não é sempre.

M₃ = Não, não é todo dia, entendeu.

P = E você gostaria que fosse todo dia?

M₃ = Ah, eu gostaria.

H₂ = Agora toda semana eu vou perguntar, da sua escola.

M₃ = Eu não ligo, porque eu não apronto nada, então; eu não tenho nada a esconder, né, mais acho que ele tinha que perguntar mais.

P = Pra quem você puxou quando você é de pegar, de beijar mais de tocar?

M₃ = Ah, nenhum dos dois é assim de pegar de abraçar pra isso eu não sei te responder, que nem ela falou que não é muito de abraçar, ele falou que não é muito de abraçar, beijar, então eu fiquei meia, eu as vezes chego: Ai, mãe que não sei o que, abraço, beijo ela é meia, né.

H₂ = Ela fala assim pra você: Nossa M₃ você ta pegajosa.

M₃ = Nossa! Ai desgruda, to com calor, ela pega e fala assim: Ai to com calor desgruda vai, sai.

H₂ = Ta muito pegajosa.

M₃ = Meu pai ele chega se eu ver cinqüenta vezes no dia: Oi pai, tudo bem, como você ta? Pergunto da mão, pergunto da coluna, pergunto da cabeça, pergunto da pressão, pergunto de tudo, quando eu vejo ele, eu pergunto de tudo.

P = Então pra você quando conversa, fala é uma expressão de carinho?

M₃ = Pra mim, é porque eu sei o que ele ta passando né? no dia-a-dia dele.

P = Então se você puxou pra ele, será que você puxou pra sua avó ou pra uma tia?

M₃ = Ah, nessa parte de carinho assim.

P = De tocar?

M₃ = Um pouco, ela é pegajosa.

P = Ela toca, ela é de pôr a mão?

M₃ = De vez em quando também.

P = É?

M₃ = É.

P = Então vamos chegar nela agora, né? Como que é pra senhora dona M₁?

M₁ = Ah, com os netos eu sou assim, mais, e eles me abraçam. Aquele ali tem dia que eu tenho que brigar com ele, você vai me derrubar, você vai me machucar. Ele me pega, ele me pega, ele me agarra de frente ele me aperta, ele me beija, eu também pego ele e fica assim que nem duas criança brincando, e ela é a mesma coisa também (não dá pra entender).

P = A senhora tem mais netos, como é com os outros netos?

M₁ = Só que lá como é outro lado foram criados diferentes, já não tem muito contato quando vem, aí as vezes vem, ela (M₂) mora em cima da minha casa, às vezes, vem na casa dela e não chega lá na minha casa.

P = A neta?

M₁ = É.

P = Quantas netas a senhora tem aqui?

M₃ = Ah, eu vou na casa da senhora todo dia hein!

P = A W ela é casada e tem quantos filhos?

M₁ = Três.

P = Ela tem três, o que aqui?

M₁ = Duas meninas e um menino.
H₁ = Um quadrado e duas bolinhas.
P = Primeiro é um menino então?
H₁ = Não!
M₁ = Primeiro é duas meninas.
P = Tá, como é que chamam?
M₃ = A primeira é C, né.
M₁ = C, K e R.
P = Quantos anos eles tem?
M₃ = A C tem quinze, não ela vai fazer dezesseis no dia vinte e um agora. Não! A C vai fazer dezessete.
P = E a K.
M₃ = Quatorze.
P = E o R?
M₃ = O R quatro.
P = E a V é casada?
H₁ = É.
P = E tem quantos filhos?
M₃ = Um menino e duas meninas.
H₁ = O inverso da W.
P = Um menino e duas meninas, olha a dona Isaura já tem bastante netos, oito netos.
M₃ = E logo vem um bisneto.
P = E como chama esse aqui.
M₁ = O primeiro é J.
P = Quantos anos.
M₁ = Vinte e um, vinte e dois?
H₂ = Vinte e dois.
P = E a outra?
M₁ = A P.
P = A P, que tem?
M₃ = Que tem dezessete e a P.
P = P?
M₃ = Isso, P que vai fazer quinze.
H₂ = E é essa aí que vai dar um bisneto.
M₃ = E é essa que vai dar um bisneto pra minha vó.
P = Ela tem quinze?
H₃ = Quinze anos e já vai dar um bisneto.
M₃ = Ela vai completar quinze em outubro.
P = Ela está grávida e ela já sabe o que é?
H₁ = Não, não, é recente.
P = Então, não tinha esses dados, porque na realidade eles vão estar aqui, junto com essa geração a hora que eu fizer de novo eles passam aqui pra baixo.
M₁ = Eles que são próximos que nem a **M**₃, a **M**₃ quando chega da escola, em vez dela subir a escada da casa dela, ela vai primeiro lá em casa, lá ela dá beijo, bença, e o vô?
M₃ = Deixa eu te falar, ele também é padrasto do meu pai só que pra mim ele é meu vô, eu considero ele como meu vô?
M₂ = Ele também gosta de abraçar e beijar.
P = Ele é carinhoso, ele gosta?
M₁ = Ele é, ele adora esses netos.
P = Eu até ia perguntar, né o Israel e a dona Isaura eles estão há dezenove anos juntos, não é?
M₁ = Vão fazer vinte agora em janeiro.
P = Então eu marquei aqui dezenove anos, a **M**₃ nem era nascida, então é avô mesmo.
H₁ = Ela não tava nem grávida.
M₂ = É o único vô.

P = É o único?
M₃ = É o único por parte, nenhum dos dois vô por parte de mãe e por parte de pai que eu não conheci.
P = Como é que o senhor **H**₁ desde que eles nasceram acompanhou o nascimento foi na maternidade e tudo?
H₁ = Ela nasceu lá no Paraná, agora ele já veio nascer aqui.
P = E você acompanha tudo.
M₁ = Ah, com três meses ela não queria dormir, três/ quatro meses ele pnhava ela no carro, colocava no colo e ia dirigindo dava uma volta na rua e trazia ela dormindo, isso era toda noite.
H₁ = Dava uma volta no quarteirão aí chegava em casa dormindo.
M₃ = Me acostumou!
H₁ = Se não fosse, meia noite tava acordada chorando.
M₁ = Muito, muito, muito apegada, as duas, o caçulinha é menino já foi criado mais longe, mais as duas meninas da filha e os dela aqui é muito apegado comigo e com ele.
P = A filha a senhora ta falando da W, aqui?
H₁ = Da W.
P = E você fez isso com os filhos da dona **M**₁ do que os seus.
H₁ = Os meus netos são mais distantes, você diz os filhos.
P = É.
H₁ = Eu também tive um problema que quando meu menino estava com cinco anos de idade, eu separei da mãe, então, já teve lá um (não dá pra entender), mais eu sempre procurei dar carinho enquanto estava junto dei o que pude depois que amenizou um pouco a fogueira que a gente já voltou mais a ter contato até hoje eu dou carinho pra ele.
P = Vocês acham que ele é uma pessoa bem afetiva? Carinhosa? Vocês que convivem com ele.
 * Acredito que responde não-verbal.
P = Como que é pro senhor o que o senhor recebeu e o que o senhor transmite, o que o senhor passa?
H₁ = O que eu recebi dos meus pais?
P = Isso!
H₁ = Eu procuro imitá-los.
P = O senhor tinha muitos irmãos aqui.
H₁ = Sim.
P = O senhor é qual.
H₁ = O terceiro.
P = Então tem dois mais velhos.
H₁ = Um rapaz, rapaz de cabelo branco, careca.
P = Como é que chama?
H₁ = J B.
P = J, quantos anos.
H₁ = E agora?
P = Não tem importância, mais ou menos.
H₁ = Cinquenta e quatro.
P = E ele é casado?
H₁ = É, casado.
P = Tem filhos?
H₁ = Tem, eu sei que ele tem três também agora qual é o do meio eu acho que é a menina tem um menino depois uma menina e depois um menino.

P = E o outro?
H₁ = Uma mulher.
P = Fica uma mulher casada?
H₁ = Casada.
P = Como é que ela chama?
H₁ = L.
P = Idade?
H₁ = Cinquenta e quatro, não cinquenta e dois, cinquenta e quatro é o meu irmão.
P = Viu que tamanho fica esse desenho.
P = Ela tem?
H₁ = Ela tem, um, dois, três, quatro o primeiro é uma mulher e o restante é homem.
P = Depois de você tem?
H₁ = Uma mulher.
P = Casada?
H₁ = Casada. Não, ela é solteira mais tem uma menina.
P = Como é que chama.
H₂ = A hora que chegar a mais nova você pode arrumar outra folha porque essa não vai dar.
H₁ = Uma folha só pros meus sobrinhos.
P = Como ela chama?
H₁ = **M₂**
P = Ah, **M₂** quantos anos?
H₁ = Quarenta e oito.
P = E aqui tem outra?
H₁ = Aí tem um homem, foi dividido um homem uma mulher, um homem uma mulher.
P = E ele é casado?
H₁ = Casado.
P = Tem filhos?
H₁ = Tem três.
P = Como é que ele chama?
H₁ = F.
P = Quantos anos.
H₁ = Quarenta e seis.
P = E os filhos? O sexo?
M₁ = Dois meninos e uma menina.
H₁ = Acho que o R é o mais novo, né?
M₂ = É o R, a S e o R né?
P = Só isso?
* Falaram juntos
P = E aqui?
H₁ = Casada.
P = Como ela chama?
H₁ = C, as meninas é tudo M.
H₂ = Agora quero ver você lembrar de todos os seus sobrinhos **H₁**?
P = Quantos você tem aqui? Agora nós só vamos colocar a quantidade.
H₁ = Quantos? Seis.
H₂ = Por ser a mais novinha é aquela que teve mais.
P = Você lembra mais ou menos só o sexo?
H₁ = Sim, o primeiro é homem, o terceiro o quarto e o quinto é homem, a segunda e última mulher, a segunda é mulher.
P = Ela tem quantos anos?
H₁ = Trinta e nove, é da idade do **H₂**.
P = Como é que se chamava a sua mãe?
H₁ = L.
P = L e a idade?

H₁ = Ela faleceu com setenta e cinco.
P = Do que ela faleceu?
H₁ = Ela tinha diabetes, tinha problema do coração.
P = E o seu pai?
H₁ = J, faleceu com setenta e cinco anos também, um ano depois que a minha mãe faleceu.
* Todos falam.
H₂ = É tudo nome bíblico? **H₁**, T, L.
H₁ = Onde você viu T?
H₂ = Não, M.
P = É M. E, M
H₁ = Se for ver também é J F e F R, só eu que só tenho um nome.
P = Porque você só tem um você sabe?
H₁ = Meu nome era pra ser L C, mais foi na época do Júlio Prestes era comunismo. Aquele negocio todo, aí foram pôr na cabeça da minha mãe que se ela colocasse o meu nome de Júlio Prestes no comunismo, não sei o que, aí foram procurar outro nome e acharam Israel.
P = E você gosta do seu nome?
H₁ = Gosto!
P = E como que os seus pais ensinaram esse carinho, como é que você sentia isso da geração anterior?
H₁ = Acho que com todos nós era a mesma coisa, não era assim carinhoso como é hoje, ser carinhoso né? Mais de algum modo eles davam carinho.
P = Como é que era essa atenção era de falar, era de não falar, mais era fazendo as coisas como você percebia?
H₁ = Falava pouco e eu acho que eu aprendi isso que eu não falo.
P = Então isso você aprendeu com eles?
H₁ = Pessoas assim muito quietas.
P = Quem falava menos lá, o J, a dona L.
H₁ = Bom, quem falava menos acho que sou eu, os outros acho que tudo tagarela, tudo tagarela.
P = E como é que eles não falavam muito mais como eles expressavam isso.
H₁ = Eles até falavam, mais você diz os meus pais né? Como é que eu vou dizer isso, faziam de tudo que era possível pela gente, não deixavam faltar, davam atenção, qualquer coisa o que ta acontecendo, né?
P = Conversavam?
H₁ = É, pouco né, mais conversavam sim.
P = Queriam saber onde foi, o que estava fazendo? Sua mãe fazia comida que você gostava, sabia isso dos filhos?
H₁ = Tudo o que ela fazia, eu gostava.
P = E ela falava que era pra você alguma coisa que ela fazia, era pra você?
H₁ = Enquanto eu estava em casa não, mais depois que eu casei, fora de casa, e quando ela sabia que eu ia lá ela fazia algo especial.
P = Você lembra de alguma coisa que ela fazia que você gostava que era especial?
P = Quando as perguntas estiverem muito difícil, você fala assim: Mais que saco! Pode me xingar.
M₁ = É pudim.
H₁ = É.
P = Olha, a dona **M₁** sabe.

M₂ = O que é?

H₁ = Pudim.

M₁ = Quando ela sabia que nós ia lá no domingo, ela

corria pra fazer pudim, que ele adora pudim.

H₁ = Pudim, torta.

M₁ = E, eu não faço.

H₁ = Por isso que lembrou, porque não faz.

P = E a senhora dona M₁, eu pulei mais, vou voltar, porque a senhora não contou isso pra mim como é que era isso pra senhora na época que a senhora recebeu. Como é que era com seus pais isso, esse carinho, como é que a senhora percebia que eles estavam dando atenção.

M₁ = Meu pai e minha mãe nunca vieram, não tinha conversa, não tinha, carinho não tinha nada era só.

H₂ = Paulada!

M₁ = Era só na base da pancada.

M₃ = Vai perguntando das coisas que ela fazia como ela era terrível.

M₁ = Agora, hoje, eles reclama tal e se todos os filhos fosse pensar no que recebeu da minha mãe do meu pai. Hoje, acho que eles estavam no asilo, é que a gente nenhum pegou esse tipo de jeito, a gente quer tá lá junto que nem eu fico aqui em São Paulo. Cada três meses eu vou lá, fico uma semana se preocupo, quero mudar lá perto, minha mãe liga: Ah, eu to muito sozinha, eu vou minha irmã vai. Então, os filhos não levou aquilo que eles fizeram a sério, esqueceu o modo que foram criados e partiu para outro jeito.

P = Eles gritavam ou falavam muito bravos?

H₁ = Ah, é.

P = A senhora acha que isso trouxe uma violência, uma coisa de medo, desde criança ter recebido essa (não dá pra entender).

M₁ = Não, eu acho que todo mundo ficou assim revoltado né? Isso foi uma revolta pros filhos, até hoje, às vezes, sempre conversa, é eu a minha irmã a outra irmã, a outra, né? Que lembra daquilo que a gente passou e até hoje o meu pai e a minha mãe nunca chegou num neto dá um abraço, num neto e dá uma conversa (...) é aquele jeito deles mesmos, é um jeito (...).

P = A senhora tentou fazer o contrário? Assim, a senhora falou: Isso eu não quero para os meus filhos, eu quero ser diferente, a senhora tentou fazer o contrário?

M₁ = É, eu não sei se eu fiz muito o contrário mais acho que igual foi o meu pai com a minha mãe, quando precisava bater pra ensinar eu pegava duro mesmo. Esse aqui eu coloquei ele com doze anos dentro de uma firma junto comigo, porque tava na rua com as mal companhia e lá ele brigava que não ia trabalhar. Eu dava nele lá dentro da firma, procurava pôr no lugar ali, mais também procurava tirar muito carinho pra eles.

P = As meninas elas lembram de alguma coisa que a senhora fazia e que elas falam que têm saudade que sentia que a senhora olhava quando elas conversam?

M₁ = Não, não falam não.

P = Elas não são de conversar?

M₁ = Não!

P = Você lembra alguma coisa que a sua mãe fazia, que você sentia que ela estava te carinhando te protegendo alguma coisa específica.

H₂ = Proteger sempre protegeu, porque desde quando houve a separação dela com meu pai. Nós era tudo pequeno, né? E tanto que ela que acolheu a gente e né? Se dependesse do meu pai, sei lá, poderia até ter virado um bandido, as meninas podia ter partido pro outro lado, essa parte aí, foi ótimo da parte dela, entendeu, porque depois de tudo, todo mundo pequeno ter uma separação, quer dizer, pensa bem, a cabeça não é verdade, foi acolhido todo mundo, ficamos junto que nem ela falou, colocou eu pra trabalhar porque se não eu também ia se perder.

M₁ = Ponhei todo mundo pra trabalhar.

P = As meninas também?

M₁ = Agora teve uma, essa de Jundiaí é que é mais separada de nós que essa não tinha jeito mesmo, essa aí?

H₂ = Ela é terrível.

M₂ = Acho que ela foi, porque agora também.

H₂ = Agora ela tá mais.

P = O que é terrível, o que uma coisa que ela faz que vocês acham que é terrível?

M₁ = Ela em casa, ela pegava tudo o que eu tinha comprado que era pra eles passar o mês, e dava pros outros, arroz, sabão, tudo o que tinha e trabalhar não queria, pede assim pros outros coisa que tinha em casa, ela ia pedir pros outros, isso não agradava nem eu, nem ele, nem a outra, fazia conta e vinha falando que tinha ganhado e no outro dia batia lá na porta pra receber a dívida aborrecia muito a gente, então, a gente.

P = Essa é qual?

H₂ = A V.

P = A V?

M₁ = Essa aí acho que a gente não deu muito carinho pra ela não porque ela judiou muito de nós, hoje ela passa com os filhos dela, inclusive a menina com treze anos ta grávida.

H₂ = Hoje ela passa hoje ela ta passando a fase que ela foi terrível à mais no passado, até se vê a filha dela aí ta com quatorze anos já ta grávida tudo.

M₁ = Ela foi mesmo terrível, ela fugia de casa, quando eu via ela tava virando o mundo, ela ia pro mundo, só que assim nunca foi uma menina assim de usar uma roupa curta, mexer com droga e ela sempre carinhosa ela foi, né, ela foi, bem carinhosa.

H₂ = Daquele jeito dela mais ela é.

P = Carinhosa, como?

M₁ = Ela fazia todas as estripulias dela mais era carinhosa com tudo com os irmãos, comigo.

M₃ = Ela adora esse aí.

M₁ = Com o pai não, com o pai já.

H₂ = Acho que a minha outra irmã gosta muito de mim tudo, mais essa aí é mais apegada a mim.

P = E ela é de abraçar, de beijar?

M₁ = Ela é, ela é tudo as estripulias que ela fez mais.

H₂ = Mais ela é sim.

P = Então a M₃ tem o jeito dela, de pegar de abraçar

assim?

H₂ = Ah, a **M₃** é igual ela, tá certo.

M₁ = A **M₃** ela é muito carinhosa, muito derretida qualquer coisa ela chora, e muito nervosa a hora que tem que ser também ela é, mais é assim aquele repente, se ela tiver assim meio nervosa e a gente falar alguma coisa pra ela, ela dá aquela explosão na hora daí a pouco ela já tá lá abraçando, beijando, agarrando.

* Barulho, não deu pra entender.

M₃ = Acho que eu puxei pro meu pai.

P = Ah, é porque?

M₃ = Eu mudo muito rápido.

P = Ele é assim?

M₃ = Ele é.

P = Aí vocês estão descobrindo agora o que parece um com o outro?

M₃ = Eu sempre achei que eu parecia com ele, porque essa aqui ela é nervosa mais é calma.

H₂ = É nervosa mais é calma?

M₃ = Ela não é muito, agora aquele ali acho que eu puxei pra ele, eu acho.

P = E ele puxou pra vó?

M₃ = Ah, eu acho que sim.

P = Então, ele puxou pra vó e você puxou pra ele?

M₃ = Ele é bem explosivo.

H₂ = Quem?

M₃ = A vó e você.

P = Então, aqui três gerações.

M₁ = Se eu tiver duas roupas e uma pessoa chegar eu tiro uma e dou, é assim.

M₃ = Eu sou assim, também.

M₁ = Mais também na hora que tira eu do sério, eu sou bem perigosa, eu sou bem violenta.

M₃ = É os três.

P = Quem conhece mais esse lado da senhora o **H₁** ou os filhos?

M₁ = Acho que os filhos, porque depois que eu fui morar com ele, ele é muito calmo, então, quando eu fico meia violenta ele vira as costas e sai pra lá, e eu fico calma porque brigar sozinha não dá.

H₁ = Eu sou um calmante pra ela.

P = O senhor foi um calmante pra ela? É dona **M₁**?

M₁ = É.

P = É?

M₁ = (não entendi)

P = Quando vocês conversam se esse diálogo em família ele aproxima a família pra falar de assuntos que cada um tem vontade de falar, porque cada um vê o mundo de um jeito, percebe de outro, se vocês têm esse hábito de sentar e conversar assim pra ouvir cada um.

* Todos falam, não dá pra entender.

M₂ = Cada um quer falar mais do que o outro, ninguém se entende.

P = Quando vocês querem falar vocês falam do que cada um precisa ou falam dos problemas da vida?

* Todos falam juntos.

M₁ = Os problemas de firma que nem as vezes o **H₂** vai lá em casa a **M₂**.

M₃ = Ah, mais logo ele fala um negócio e todo mundo ri.

M₁ = E quando eles querem saber das coisas, sabe, a ansiedade quando vai acontecer alguma coisa, ou eles vão lá pra casa pra saber ou eu vou pra casa deles, se reuni tudo pra saber o que.

M₂ = Se não se reúne pelo menos todo mundo sabe do assunto, entendeu.

M₁ = Ninguém esconde nada de ninguém.

M₂ = O assunto ali todo mundo sabe, se é com eles a gente sabe, se é com a gente, a gente sabe é assim.

M₁ = Até eles hoje participa.

P = Mais é assunto de empresa que vocês estão falando?

M₁ = De empresa, de tudo de família de dívida de falta das coisas de falta de dinheiro de falta de tudo, tudo.

M₂ = Tanto que as vezes eu sei alguma coisa assim, eu corro lá e conto pra ela aí ela sabe de alguma coisa e conta e aí eu já conto pra essa daqui e aí esse aqui já, é aquilo.

M₃ = Você precisa ver quando ele chega, nossa! Eu quero falar, minha mãe quer falar, o **H₃** quer falar, a vó vem, o vô vem.

* Todos falam.

M₁ = Que nem ela minha neta, eu não quero mal pra ela e se ela vai namorar um rapaz e eu percebo alguma coisa e eu fico na cabeça dela: Mais esse aí é assim, assim, é assim, não vai dar certo fia, você tá bem na casa do teu pai é um anjo pra você e tal e tal e ela me escuta, ela, aquele ali quando ele tem os problemas dele lá em cima.

M₂ = Corre lá na vó.

M₁ = Ele corre lá na vó senta lá, fala assim: eu vim aqui vou ficar aqui, pode vê, vó ninguém.

M₂ = Outro dia eu procurei ele que nem uma louca ele tava lá.

M₁ = Eles ficam que nem doido procurando ele, mais agora ele já sabe, aí eu converso bastante com ele também explico, da realidade do que é eu tenho paciência.

P = De conversar?

H₁ = Pra aconselhar os netos, a minha netinha mesmo. Nossa agora de noite ela chegou lá, ela me abraçou, ela me jogou em cima do sofá, ela é assim. Eu pareço criança no meio deles.

P = Dos netos?

M₁ = É.

P = Gosta muito dos netos?

M₃ = Mais ela é pior do que a gente viu!

P = É.

M₃ = Ela tava contando uns negócios pra mim, ela foi terrível quando ela era criança.

P = Eu fiquei curiosa, pra saber uma coisa, **H₃** como que é quando não é um assunto de família e você quer conversar sobre uma dor ou uma coisa que você queria saber da família como é que é pra abrir esse espaço na família pra sentar e falar disso?

H₃ = Eu não sou muito de falar não.

P = Não?

* Falam juntos...

M₂ = Só na hora que a gente tá assistindo televisão

ele fala.

P = Ele fala na hora da novela, na hora do jornal?

M₂ = As vezes eu deixo de ver o que eu to interessada e fico escutando ele falar.

* Falam juntos...

M₃ = Nessa parte ele puxou pra minha mãe.

M₂ = Ainda mais quando eu to irritada aí que eu não falo mesmo.

M₃ = Ah, mais aí que eu falo.

H₂ = Ele não é de falar muito de se abrir não.

* Falam juntos...

H₁ = Não tem o meu sangue mais puxou pra mim.

P = Ele aprendeu então com

H₂ = Provavelmente.

M₁ = Eu ensino, eu ensino tudo as coisas.

H₂ = Ele não é muito de.

M₁ = Besteira que nem é pra falar eu ensino tudo pra ele, falo como é que tem que ser (...)

P = A senhora conversa sobre sexo com ele?

* Todos falam juntos...

M₃ = Isso aí é um livro arreganhado.

M₁ = Converso, explico tudo, se fizer errado é porque quê, porque eu explico direitinho não tenho vergonha de falar.

P = Esse diálogo que é uma orientação que a sua avó faz, vocês gostam que seja assim desse jeito de conversar?

* Acredito que tenham dado resposta não-verbal.

P = Vocês acham que isso uni a família de vocês?

M₃ = Eu acho que sim.

P = Vocês sentem que ela invade a vida de vocês alguma coisa?

* Não-verbal.

P = Não?

P = Eu tenho que perguntar os dois lados se é bom ou se é ruim.

P = E você H₃?

M₁ = Implicante, a vó é implicante?

* Não-verbal.

P = Você gosta que ela conversa?

M₃ = Tem hora que ela é implicante, mais eu nem ligo entra por aqui, sai por aqui, ela falo, falo. Ah! tem dia que a gente ta ruim né, então ela fica aí né.

M₂ = Então, isso que ela perguntou se ela invade, você falou que não.

M₃ = Não, não chega a invadir assim entendeu.

H₂ = (Nessa hora o H₂ brinca e espirra querendo dizer: "mentira").

M₁ = Vai onde quer, vem a hora que quer, eu só explico.

M₃ = Ela mais ensina do que invade.

* Todos Falam.

M₁ = As vezes ela vem e fala: Vó eu preciso de arrumar um namorado, eu já to na idade de namorar, e eu fico ensinando ela como que ela faz pra arrumar um namorado.

P = E dá certo M₃?

M₃ = Ah, ela é terrível, né, chega nos meninos e conversa e fala: ah, ela quer ir pro cinema, vai pro cinema.

M₁ = Não, é porque ela é muito parada, ela não sai,

não vai.

M₃ = Ah, eu já não curto balada.

P = Nisso você já não pucou pra sua vó?

M₃ = Não!

H₂ = Ah, não!

* Todos falam...

P = Isso você puxou pra quem M₃?

M₃ = Pra minha mãe! Apesar que também a minha mãe gostava de se divertir, só que eu já não.

M₂ = Eu comecei me divertir com dezoito anos com vinte e um eu achei ele.

H₂ = Ta arrependida?

M₃ = Eu já não gosto desse negócio de ter muita amizade, ser popular na escola, conhecer vários meninos. Eu fico mais na minha, conhecer de longe de vista do que ter muita conversa.

M₁ = Então, você dá razão pra mim, uma menina que foi criada com um pai ruim, e uma mãe ruim, que não podia nem, se um rapaz tivesse passando lá do outro lado eu tinha que virar de costas, casei novinha, com uma pessoa que não gostava e não queria de jeito nenhum o casamento, casei porque ele falou que se eu não casasse ele me matava e eu muito besta.

P = Quem falou o seu pai?

M₁ = Não o rapaz.

M₁ = E eu não conhecia um homem naquela época, não sabia o que era um, minha mãe nunca ensinou nem meu pai nunca ensinou ninguém, nunca falou nada naquela época era tudo escondido, aí casei, aí fiquei dez anos, aí não deu certo, separei aí é onde que em parte, não putaria de (...) de paquerar e de sair eu fui fazer tudo aquilo que eu não fiz quando eu tinha meus dezessete/dezoito anos.

H₂ = Quando a senhora casou a senhora tinha quantos anos?

M₁ = Eu tinha dezessete.

H₂ = Com vinte e sete a senhora separou?

M₁ = Então, aí foi a onde que eu ia namorar com quem eu queria eu trabalhava eu tinha o sustento para eles porque daí eu tava separada, eu não deixava faltar nada pra eles, trabalhava dia e noite, mas chegou de sexta-feira, sábado e domingo, meu baile era sagrado, muito bailista, muito, muito.

M₃ = Essa parte eu já não puxei ela não.

M₁ = Só parei depois que eu aí conheci ele, ainda tentei levar ele umas três vezes, mas ele não.

H₁ = Não sou bailista.

M₁ = Mais eu aproveitei porque meu pai não deixou né? Então, por isso que eu falo, hoje, to aprendendo que nem ela começou a namorar nova. Eles não prenderam, namorou, passeava com o namorado, ficava sozinha dentro de casa, só que eu ensinava pra ela, só que é isso, isso e isso. O pai também a mãe também, todo mundo explicava tudo, aí namorou dois anos largou, não arrumou barriga, não arrumou, né? Graças a Deus tá aí. Agora já quase um ano sem namorado, sossegada não sai de casa, então.

P = E é feliz assim?

M₃ = Eu sou!

P = H₂, você ficou sabendo uma coisa agora sobre a

sua mãe e o seu pai você não sabia?

H₂= Não!

P = Que ela tinha casado nova?

H₂= Eu sabia que ela tinha casado nova mais não sabia a idade.

P = Mais não sabia com que idade? Nova vinte e sete anos ser separada com três filhos.

H₂= Quantos anos, depois de quantos anos de casada eu nasci?

M₁ = Você?

H₂= Dois anos depois?

M₁ = É.

H₁ = Quase três anos.

H₁ = Você casou em que mês?

M₁ = Junho, dia de São Pedro.

H₁ = Dois anos e meio.

H₂= Dois anos e meio.

* Todos falam juntos...

H₂= Então, quando a senhora separou eu tinha oito anos?

* Todos falam...

P = Você lembra alguma coisa do seu pai, de você ter contato com ele, dele ter conversado com você, algum carinho?

H₂= Meu pai, meu pai não era muito, meu pai não era meio, bebia muito né, bebia muito, sofri muito com meu pai, mesmo depois de casado também.

M₁ = O negócio dele era bebida e mulher.

M₃= Tanto que o pai dele morreu que dia? dois/três de dezembro?

H₂= Dois de dezembro.

M₃= De oitenta e sete? E eu nasci onze de janeiro de oitenta e um.

P = Foi logo em seguida, né?

H₂= Um mês depois, né?

P = Você repara alguma coisa que puxa pra geração da vó, alguma coisa com a avó pode ser avó de ambas as partes, que não é dos pais? Você e o **H₃**?

M₃ = Eu puxei pra vó.

H₂= Ah, não sei.

H₁ = Você falou agora a pouco: nervosismo que foi do pai e da vó.

M₃= É o nervosismo.

H₂= Ninguém é nervoso aqui!

P = O **H₃** puxou pra **M₂** e quem que era da sua casa que tinha o seu jeito, a sua mãe?

M₃= De calma, assim, paciente, o **H₃** puxou mais pra você eu acho, ele puxou mais pra minha mãe.

* Todos falam...

M₂= A C, eu tenho uma irmã que é muito calma.

P = A C?

M₂= É

* Todos falam...

P = É, irmã?

* Todos falam...

M₂= Até ele gosta muito dela, nossa! Ele vai lá ele gosta, quer dizer, aquela lá não tem quem não goste dela.

M₃= Ah, aquela lá.

P = A I é depois aqui?

M₂= É!

P = Você acha que o **H₃**, ele puxou um pouco pra sua irmã que é a I, no que você olha nele e você lembra dela, alguma coisa que ele faz.

M₂= Ai, bom não sei ela gosta muito é de bicho e ela adora bicho.

M₃= Ela é doida por cachorro, gato, peixe.

M₂= É calma, ela cativa muito, entendeu isso aí é com todo mundo, ela nossa!

M₃= Eu adoro ela também.

M₃= Ela ficou sabendo que ele gosta muito de macarrão com feijão, quando ela ficou sabendo ele já chegava lá a primeira coisa que ela fazia é pôr o macarrão no fogo fazer pra ele comer, entendeu, ele é muito assim, é calmo, mais ou menos igual...

P = Desde pequeno ela é assim com você **H₃**? Sua tia?

* responde não verbal.

P = É.

P = E você sente esse carinho dela, dela querer fazer as coisas pra você?

P = Interessante né, quando você falou que você queria que o seu pai queria que seu pai conversasse mais contasse mais, né, você percebe que você tem dificuldade de perguntar pra ele, de conversar?

H₂= É só perguntar, quando quiser perguntar alguma coisa é só perguntar, não se intimida não.

P = Essa coisa de perguntar, porque muitos que não precisa perguntar que já fala, a dona **M₁** não precisa perguntar ela já fala, o senhor **H₁** tem que perguntar se não ele não fala, como é que é? Um tem uma linguagem não-verbal o outro tem uma linguagem mais verbal. Como que é, tem aquele que fala mais, tem aquele que não fala, se vocês reclamam dos que não falam, tem que ter o que não fala? ?

H₂= Eu não falo muito, não.

M₃= acho que a mais tagarela sou eu.

H₂= Eu não falo nada.

* Todos falam.

M₂= É assim, quando eu to irritada assim, quando eu to, eu gosto de ficar quietinha, aí ele chega (*não entendi). Aí ele briga comigo, ele xinga, aí é onde sai as encrenca porque se eu to nervosa irritada se ninguém vê eu pra rua. Eu tô trancada dentro de casa, é porque eu to, amanheço naqueles dias, chata que aí eu procuro não conversar muito e, às vezes, nem, eu confio nas pessoas mais, às vezes, na hora da raiva você fala certas coisas que depois a gente até se arrepende, então, eu procuro ficar mais isolada é onde eu me isolo e ele me xinga e aí o que que acontece eu não quero ficar brigando e falando aí eu choro, choro escondido, choro que nem uma louca. P = Então o jeito de você extravasar é chorar?

M₂= Choro. Hoje, eu já chorei que nem uma desesperada lá dentro de casa sozinha.

H₂= Mais porque você não fala?

M₂= Porque não, aí eu choro, aí passa.

H₂= Tá vendo porque eu não fico perguntando?

M₂= E, às vezes, eu começo, agora não porque eu faço escondido de chorar, porque as vezes eu começava a chorar perto dele ele brigava comigo:

Fala, o que que é, o que que é. Aí eu até falei uma vez pra ele: quando eu começar a chorar deixa eu chorar que isso passa, às vezes, é uma maneira, às vezes, até de eu ta soltando o que tem dentro. Agora não esse aqui também vê eu chorando ele chora junto, é um desespero, mais aí é assim chora passa.

P = Você explica que é pra você desabafar, que você está angustiada que alguma coisa, tá.

M₂ = É, principalmente, porque quando eu sinto muita, é aquele negócio, família tem esses negócios, mais a gente sente saudade, quer dizer eu tenho um irmão aqui, mais ele nunca vem na minha casa faz muito tempo que eu não vejo ele, então, a minha família toda no Paraná, então, às vezes, eu quero ir e não posso ir entendeu? Nossa! Aí, eu fico naquele jeito é onde eu choro bastante e passa, aí dá mais um tempo e se ele, mais.

P = Esse teu jeito de ser, esse jeito de quando vai ficando angustiada em vez de conversar de falar e chorar, tem alguém aqui na sua família quem era assim, esse modelo, ou outras pessoas faziam assim, você viu alguém fazer assim?

M₂ = Não!

P = De guardar, de ficar fechada e depois desabafa chorando?

M₂ = Não lembro, não!

P = É um jeito seu?

M₂ = Ah, eu acho que é.

P = Você nunca reparou se a mãe tinha esse jeito de guardar e depois ela.

M₂ = Ah, a minha mãe eu vi a minha mãe chorando muitas vezes.

P = E você sabe...

M₂ = Ela chorava, chorava.

P = Você sabe porque ela chorava?

M₂ = Ah, também era assim, era que nem eu te falei, meu pai ele não bebia exagerado mais o pouco que bebia as vezes magoava ela e a gente passava situação muito difícil, eu lembro muito quando criança, às vezes, eu falo pra eles, eles não tem obrigação de tá ouvindo mais a gente passa até essas coisas pra tentar fazer eles entender, entendeu? Então, ela via essa situação é onde a noite a gente ouvia, via ela chorar, eu nunca fiquei assim muito perto, deixava depois que passava a gente perguntava mais ela falava: nada já passou!

P = Então, quando você ficava perto e não perguntava e quando vê já passou, ela flava e você repete isso?

M₂ = É, eu falo não, não tenho nada, acabou, passou.

P = Repete.

M₂ = Eu não gosto que fica perguntando, eu não gosto.

M₁ = Eu provoço!

P = Você provoca, né?

M₁ = Quando, qualquer coisa, ele fica quieto, eu fico com raiva, aí ele vai pro quarto eu vou falando ele vai pra sala eu vou falando.

M₂ = É assim ele não deixa eu chorar quieta.

M₁ = Eu tenho que falar.

P = A senhora melhora se falar?

M₁ = Se eu não falar, dá um treco.

P = Aí você vai provocando ele pra ele te ouvir.

* Falam juntos...

P = E o H₂ faz a mesma coisa, parece com ela?

M₁ = Parece, ele provoca.

P = Quando ele tá bravo, ele precisa falar?

M₂ = Ele precisa falar, falar, ele vê que eu to ocupada, eu falo tá bom, ta bom você já falou, não mais aí...

P = Esse falar é um falar assim, meio que não é pra machucar ninguém mais é pra pro pra fora?

M₂ = É, é.

P = Ficar falando, falando sem sentido meio que descarregando?

M₂ = Isso!

P = Esse é o jeito dele? E é o jeito da dona M₁?

M₁ = (*não entendi) eu chego, pra ele e falo: nois podia ir viajar! Ele não dá um sim, um não, aí pronto, aí eu já invoco, aí eu já fico falando,... a gente tem esse carro, esse carro fica enfiado aí... aí eu começo a falar, e ele não adianta, não adianta, porque, nem sim, nem não, nem é, nem vai, nem não vai.

P = A senhora percebe que a senhora falando vai indo a senhora convence o outro, a senhora muda o outro?

M₁ = Esse aqui, não consigo não.

P = Esse a senhora não consegue?

M₁ = Eu vou e ele fica.

P = Mais antigamente a senhora quando a senhora começava a falar a senhora convencia o outro?

M₁ = Convence nada!

*Todos falam...

M₁ = Esse é muito quieto, ele dentro de casa é assim: ele entra toma banho, janta, liga a TV e fica. Aí fica os dois dentro de casa sem, eu quero que ele fala eu quero que nois vai viajar, faz que nem eu, eu sou assim, eu quero ir nois vai não tem dinheiro nois empresta, qualquer coisa nois paga, sabe eu queria que ele fosse assim, eu fico perguntando?

H₁ = Eu sou assim, se eu to vendo que não tá dando pra arriscar, pra que que eu vou ficar...

M₁ = Eu fico insistindo, insistindo mais, ele não diz nem sim, nem não, nem pau, nem pedra.

P = É um jeito de rigidez na senhora, né?

M₁ = É, mais aí eu largo ele lá sozinho lá dentro saio vou lá pra rua, fico lá com outras pessoas e ele fica lá dormindo, dorme, dorme.

M₁ = Ah, eu saio lá na rua e falo: Ah, o M₁ é um morto, fica aí dentro de casa não fala comigo, não briga, pelo menos briga comigo, fala alguma coisa, mais não faz nada.

P = Então a senhora sente falta de conversar sobre o que a senhora quer falar?

M₁ = Ele chega e fala assim: Oh, faz tempo que a gente tá programando uma viagem. E ficou quatro anos ele na caixa e eu falando quando aposentar a gente vai fazer uma viagem, ia embora, mais embora não dá pra ir então a gente vai pegar o carro e fazer uma viagem nois dois, porque sempre eu vou e ele fica, então a gente vai fazer uma viagem, aposentou aí vamos acertar todas as coisas primeiro, acertou tudo, vamos receber tudo, recebeu tudo, vamos

pagar tudo, pagou tudo, então fica pro mês que vem, o mês que vem fica pro mês que vem, o mês que vem e já vem quatro meses, aí eu falei assim essa viagem só vai fazer depois que der um treco em mim e eu morrer e for lá pro caixão e você arrumar uma nova de quatorze/quinze anos aí você joga ela no carro e você vai viajar aí eu já falo logo assim pra ele, aí eu já começo irritar ele assim.

P = E a senhora faz pra irritar mesmo?

M₁ = Não, porque eu quero ir e quero que ele vai junto, então, porque não? Porque não tirar trinta dias ir os dois. Porque sempre trabalhei pra criar os filhos, depois fiquei com ele, e ele numa firma e isso aí dentro de uma firma é uma tristeza, amanhecia e anoitecia as vezes ele chegava até onze horas da noite trabalhando...

P = Nisso ele parece com a senhora, né? Porque a senhora também ficava até de madrugada trabalhando.

M₁ = É, e nunca tivemos tempo pra passear, mais agora ele ta aposentado eu acho que a gente tem o direito de enquanto nois tamo andando com as nossas perna, não tem derrame não tem ninguém cego, fazer uns trinta dias de uma viagem dá uma, né?

P = E eles ficam sem a senhora? Se separar assim, a família grude?

M₁ = Se eu falar que vou embora aquela ali chora, aquele ali chora, aquela lá chora, esse aqui chora, todo mundo chora.

M₃ = Teve um desentendimento, é ele!

M₂ = É o nervoso, é esse nervoso que a gente tá falando.

M₃ = É o nervosismo dele, a explosão dele.

M₂ = Terça-feira, ele desceu na mãe dele estavam conversando, não sei, eu não tava perto, não sei o que aconteceu, ele se irritou deu um murro lá na porta de vidro, estourou, ta com a mão toda costurada.

H₂ = Não está costurada.

M₂ = Aí ficou todo mundo nervoso, ele ficou, porque né?

M₂ = Eu nunca fui tão fria igual eu fui aquele dia, desci lá embaixo a minha reação foi: Que isso **H₂**?

M₃ = Eu já comecei a chorar.

M₁ = Esse não saiu do lugar.

M₃ = Eu já a hora que eu vi o sangue, vidro quebrado e ele deitado no chão eu falei pronto aí comecei a chorar.

M₂ = Aí no outro dia, eles: Eu vou embora, que iam embora.

H₂ = Deixa eu só falar uma coisa e nisso tudo que aconteceu eu acho que por mais que aconteceu foi errado, foi errado da minha parte, não sei se foi errado da parte dele, ele que pode dizer mais com tudo isso que aconteceu nem por isso a gente se desgrudou, a gente ta junto.

* Todos falam...

H₂ = Não acabei de falar aquela hora que eu sou nervoso, eu sou calmo, sou calmo mais aí o que acontece eu vou guardando as coisas dentro de mim e vai passando algum nervoso alguma coisa, que

nem aquele dia que eu tava nervoso.

M₁ = Chegou falou pra ele: Não precisa ir mais na firma, aí ele pegou a chave tirou do bolso e deu pra ele, eu não preciso ir mais lá não vou mais, então amanhã eu vou arrumar um caminhão e vou embora, liguei lá no Paraná aluguei uma casa... vou por a minha mudança no caminhão e vou embora, e você não vai mais descer lá pra firma e vamo embora vamo embora, aí aquela chorava que eu não ia, aquela chorava e ela abraçava as outras netas vinham abraçavam e choravam virou aquela choradeira aí ele ficou um dia em casa, dia inteiro deitado no quarto e eu aguniada, eles aguniados aí de noite veio ele, veio o sócio, veio lá em casa sentou...

P = Pra conversar?

M₁ = Conversou, mostrou o problema, porque o problema dele ta muito sério, e ele deu uma crise de nervo e aconteceu tudo aquilo, mais que aquilo nunca mais ia acontecer, que voltasse tudo como era, como antes, e aí a minha mãe lá ligando pra mim ir, porque ela ta doente, aí ele voltou pra firma ta lá trabalhando acho que á do mesmo jeito que era não mudou nada.

H₂ = Tá do mesmo jeito, não mudou nada não, infelizmente aconteceu o que aconteceu, mais não é por isso.

M₁ = E a gente espera que, eu falei pra ele quando ele tiver com esses tipo de nervoso que ele cate um ônibus e vai lá pro final do Santana, que ele volta calminho.

M₂ = Aquele dia eu vi mais ou menos como ele tava pedi pra ele não descer lá.

* Todos falam...

P = Quando você sente esse nervoso ou a família percebe, vocês não têm o hábito de sentar e conversar, por exemplo, ela guarda depois chora, ele guarda depois, aprender a sentar e ir falando o que ta sentindo?

H₂ = Você recorda o que eu te falei no começo que o que falta é isso, porque eu acho que eu sou meio rude, acho que eu sou meio e, às vezes, passa, passa até batido, despercebido nessa parte entendeu porque seria ótimo de vez enquanto sentar assim e falar, falar: Oh, eu tô com esse problema, eu sou também assim eu acho que não ta certo assim, essas coisas assim, entendeu, eu acho que seria ótimo.

P = Falar o que tá sentindo, né?

H₂ = Seria ótimo, s vezes, desabafa, às vezes, você quer desabafa mais você não quer magoar ele ou não quero magoar ela, ou ela não quer magoar eu, ou a minha mãe as vezes tem alguma coisa pra falar pra mim e fala, mas se eu falar o **H₂** vai ficar magoado, sentindo mais as vezes não vai ficar sentida em falar aquilo, as vezes vai até desabafar daquele problema e eu tenho essa dificuldade de não falar, então eu acho que todos aí.

M₂ = Eu acho que daí se conversasse e falasse, eu acho que eu e a sua mãe é a que a gente menos si confusão porque a gente conversa ela fala e eu falo, entendeu, aí.

P = Você acha que menos confusão?

M₂ = Eu acho que tem menos confusão entre eu e ela.

H₂ = Então vamos parar também pra conversar.

M₁ = Tem o escritório lá embaixo, tem mesa, tem cozinha, tem, é uma firma bem grande é um escritório um lugar muito,... é onde eles estão trabalhando eu já falei quando ele senti alguma coisa dele, do sócio do motorista que são só eles, ou ele senti dele: Oh, amanhã nois vamo fazer uma reunião! Vamos sentar os quatro lá na cadeira e fala: Oh, o negócio ta se passando assim, assim, assim, como que é o melhor jeito pra nois resolver isso? Entre eles lá, não precisa trazer o problema assim guardado pra ficar depois, explodir numa hora só.

H₂ = Não mais, se Deus quiser essa fase vai passar, isso aí é uma fase.

M₁ = Eu com a **M₂** nois somos assim.

M₂ = Eu e ela é assim, se a gente sentar e conversar a gente pode até umas vezes falar mais alto mais vai acabar, eu vou falar o que eu tenho vontade, ela fala o que tem vontade.

P = Você concorda **H₃** e **M₃**? Eu queria saber deles, que a família precisa desse espaço de diálogo para poder falar o que ta sentindo, o que ta errado o que ta bom, ela precisa desse espaço?

H₃ = Eu acho!

P = Você acha? Você também?

M₃ = Também acho, evita muita coisa, né?

P = Eu queria que vocês falassem um nome ou uma frase, um sentimento dessa família, vou perguntar pra todos, um sentimento que você tem por essa família, o jeito dela viver, uma coisa de que quando você ta com ela você sente? Quem quiser falar primeiro.

M₃ = Ah, eu gosto do jeito de viver, apesar da falta de conversa, eu gosto, é assim: briga, briga, briga mais tá todo mundo alí junto, daqui cinco minutos tá como não aconteceu nada, todo mundo tá brincando, tá rindo ta conversando, tá, eu gosto.

H₂ = É o que nois acabamo de falar o que falta mai é o diálogo, é conversa.

M₃ = Mais apesar de falta, se há alguma confusão daqui a pouco ta todo mundo junto, e não é nem um dia as vezes nem uma hora e já ta todo mundo conversando de novo e isso é normal.

P = E você **H₃** o que você falaria dessa família, se você fosse escrever sobre essa família e colocar que essa família tem sentimentos, o que você colocaria?

H₃ = O amor que essa família tem.

P = O amor? Como é que você vê esse amor?

H₃ = Ah, todo mundo junto, um falando com o outro, essas coisas.

P = E você **M₂**? Como é que você falaria dessa família?

M₂ = Ah, eu acho o maior barato que eles briga. Briga assim, né? Eles briga, briga, briga e vira uma bagunça, só eu é assim, ela fala de ir embora ou fala de... Nossa! Fica todo mundo muito triste, então, eu acho assim. Eu acho que até por ela ser minha sogra, eu acho que nem, nossa! Eu gosto dela pra caramba, eu acho que, por ser nora, e sogra eu devia falar assim: Ah, vai embora, que se dane, tem mais é que ir embora, só que é assim eles falam de ir embora eu falo pra ela: tá certo dona **M₁** vocês quer ir. Vocês vai, só que

nossa a gente fica: Ai Jesus, não vai não, não vai não! Às vezes, a gente não fala claro que não vai falar não quer que vai não quer que, a gente, às vezes, seja até mais feliz, né? Mais eu não seguro não, eu falo não vocês quer ir vocês vai. Às vezes, eu falo: Ai, dona **M₁**, a senhora não vai acostumar lá, vocês não vai acostumar, entendeu, mais aí quando fala que não vai aí clareia tudo. Entendeu, tanto a filha dela que tá aqui agora perto então, às vezes, fala assim: Ai tá muito junto, às vezes não é legal, mais não é não, é legal sim porque quando acontece alguma coisa ta tudo ali, eu gosto.

P = **H₂**, você como é que você falaria dessa família, se você fosse falar como você daria o nome pra essa família?

H₂ = Daria o nome?

P = É

H₂ = O nome já foi dado.

P = Você acha que é uma família grude mesmo, você concordou com isso?

H₂ = Acredito que sim porque, que nem discute, às vezes discussão em família todas as famílias têm, é uma coisa, não digo exagerar igual eu exagerei,...

M₂ = A gente só ficou, a gente não, mais ele porque eu ia, não sei o que aconteceu comigo.

M₃ = Ela chegou lá: Ué, **H₂** o que que é isso?

H₂ = Mais eu sou bem sincero, se eles chegar ir embora eu não sei o que eu faço porque já foram embora uma vez e eu fui atrás pra lá. Entendeu? então, agora eu to numa situação que eu também não posso sair daqui, que eu tenho a firma, tenho cliente na rua eu não posso deixar o que eu tenho. Então, se eles forem embora, acho que, pode ser que venha até atrapalhar alguma coisa na firma, na empresa minha, entendeu, se for o caso deles ir mesmo, é uma coisa que não tem jeito tudo bem, que eu não ficar sentindo, eu vou entendeu, eu num.

P = Você não gosta que separa?

H₂ = Não, de jeito nenhum, por tudo que aconteceu, né? Puxa vida faz muitos anos que não acontece uma coisa dessa aí, e eu ficaria muito chateado, eu falei pra ela mesmo: Mãe, se vocês for embora eu vou ficar super chateado a não ser que seja um caso de ir embora mesmo, mais não ir embora por esse motivo, por esse motivo dessa discussão se ela chegar em mim, ele chegar: Oh, **H₂** eu vou embora assim, assim, assim. Se ele quer ir embora, se você acha que é melhor pra você, mais eu vou ficar super chateado, eu acho que tanto eles também, porque que nem ele falou com quatro meses que nós veio de lá pra cá sempre junto então pensa bem, é dezenove anos?

H₁ = Eles são praticamente mais netos do que os meus netos porque eu tenho menos contato com os meus netos.

H₂ = As únicas pessoas que a gente tem, tanto que eles moravam lá em Osasco, vieram pra cá, moravam em frente, aí eu morava em frente, aí saímos e vieram morar praticamente junto, um em cima outro embaixo quer dizer então se chegar acontecer e eles ir embora, nossa eu vou ficar super chateado, vou mesmo.

M₂ = Se for o caso, né, H₂?

H₂ = Isso que eu acabei de falar se for o caso de ir mesmo, mais sempre corre essa conversa: Ah, porque eu vou embora aquele negócio todo, né? Até agora não foi graças à Deus, né? Mais...

P = E você seu H₁, qual nome o senhor daria pra essa família, você que é calado?

H₁ = A grande família!

P = É, igual aquela mesmo?

H₁ = Como é que é: Essa família é muito unida, muito animada, brigam por qualquer razão, mais acabam pedindo perdão. Musiquinha do tema da grande família, é realmente.

P = E você dona M₁?

M₁ = Eu procuro, dar risada, brincar, com ele brigar (H₂). Eu prefiro brigar com ele. E uma coisa que eu nunca quero, é brigar com a minha nora. Se eu brigo com o meu marido, eu e ele se entende, se eu brigo com uma filha... Esses dias eu falei pra ele que eu ia dar uma surra nele de cinta, brigo, falo, ... e aquele ali, às vezes, eu falo duro com ele mesmo, ele fica emburrado, aquela lá agora, quando a minha nora ta na, eu já prefiro deixar aberta, agora eu não quero brigar de jeito nenhum, qualquer um dos dois.

M₂ = Mais se tiver que brigar a senhora briga, vai ficar, às vezes, quer brigar pode brigar depois nois se entende (...)

M₁ = Mais é brigar assim, porque eu acho assim que tem muitos casamentos que as mães tem muito ciúmes dos filhos, né? Eu tenho um só quando casa a mãe fica naquele ciúme do filho quer lavar a roupa do filho, vem comer aqui na minha casa, vem, eu nunca dei isso pro meu filho pra não tirar, assim pra dizer: Ah, sua mãe fica, né, não quando ele tem qualquer reclamação qualquer briguinha eu vou a favor dela e meto o pau nele.

M₂ = Ah, mais eu também não, também não ligo (...) mais sempre foi sempre se preocupou, eu nunca: Não você não vai fazer isso! Não é a mãe eu falo pra ele tem mais é que curtir mesmo a sua mãe.

M₁ = Mais eu não sou assim de querer o filho casou eu querer pra mim, não, ele é dela, ele é meu, tem que tomar conta da casa, ir lá por (...), eu subo lá: M₂? Até o loro já aprendeu: M₁? Oi! Bom dia? Bom dia! Aí se eu tenho que falar alguma coisa eu falo se eu não tenho eu viro as costas, fecho a porta e vou embora, todo dia de manhã.

P = Tem alguma frase que vocês lembram que seus pais falavam, exemplo: Deus ajuda a quem cedo madruga. Saco vazio não pára em pé. Qualquer frase que a família de vocês falavam e que vocês lembram, a gente repete essas frases, você lembra de alguma frase que vocês carregam?

M₁ = Saco vazio não pára em pé, esse aí é.

P = É, assim vem comer, porque saco vazio não pára em pé. Tem outra frase que a senhora ouviu ou da família do seu pai ou mãe e a senhora guardou?

M₁ = Ah, sempre é a mesma coisa, né? Saco vazio não pára em pé, esses tipo de coisa antigo.

P = Mais a senhora lembra de alguma que marca aquela família, aquela geração. O senhor lembra seu

H₁, assim igual essa que o senhor falou da família? O senhor lembra de alguma do seu pai, da sua mãe ou da família, uma coisa que sempre repete.

H₁ = Essas duas que a senhora disse aí eu costume repetir.

P = Qual que é mesmo?

H₁ = Saco vazio não pára em pé e Deus ajuda a quem cedo madruga.

P = E você levantava cedo.

M₁ = Eu não, porque tem a outra frase contrário, que o cara levantou cedo e o outro foi levantou meio dia e foi lá e achou (...)

P = Qual a frase da senhora?

M₁ = A minha é de levantar tarde.

H₂ = As vezes eu falo assim, tem aquele provérbio: Quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro.

P = Essa é uma frase.

H₂ = Quem trabalha muito não tem (...)

P = Essa aí é sua ou é da sua mãe? Você ouviu ela falar?

H₂ = Essa aqui eu mesmo que falei.

P = Você lembra de alguma da sua mãe que ela falava quando você era pequeno que você guardou?

H₂ = Não, não me recordo assim não.

H₃ = Igual tava falando: Saco vazio não pára em pé, às vezes, eu vou jogar bola. Aí eu não como nada, aí minha mãe fala: Saco vazio não pára em pé, vai desmaiar lá no campo.

M₂ = Outra coisa que eu falo e você não lembrou. O meu pai falava muito pros meus irmãos, pra gente, né? Às vezes, fazia alguma coisa ou não tava legal, fez errado ele falava assim: Não parece que é homem, parece um saco de batata.

P = Não parece, (...)

M₂ = Não parece que é homem, parece um saco de batata, entendeu? Então do jeito que eu falo pra ele, ele fala: Que isso mãe? Ah, meu pai falo.

P = Ela repete isso pra você?

*Todos falam...

P = Quer dizer ela não tá falando pra você, ela tá lembrando do que o pai dela falava?

P = Você lembra M₃?

P = Não.

H₂ = Meu Sócio comentando né, falando assim pra mim, eu achei até engraçado né, ele falou assim pra mim, é do cunhado que ele tava falando, que o cunhado dele não trabalhava, não sei o que, e ele tinha que ajudar o cunhado dele porque o cunhado dele não se esforçava para trabalhar né, aí ele conversando com a mãe dele uma senhora de uns setenta e poucos anos simpática pra caramba, lá de Santana, aí ele falou assim: Ah, mãe mais também parece que ela não casou com homem, casou com um pé de alface. Achei engraçado o jeito que ele falou (...) acho que não tem miolo, não tem cérebro sei lá o que, que foi que ele quis dizer.

H₁ = O meu pai dizia de vez em quando eu falo também (...). Quem tem burro não anda a pé.

P = É uma frase dele?

H₁ = Dele, é um dito popular.

P = Eu queria perguntar se fosse fazer um ritual, ritual

é uma coisa que a família faz quando vai despedir. Como é dessa família, pra fazer aqui, para despedir, eu agradecer? Antes de fazer um ritual de agradecimento, se eu tivesse na família de vocês e pertencesse como que a gente ficaria junto antes de se separar, o que vocês fariam, como é o costume de vocês?

H₁ = Tá sempre junto!

P = Como é que vocês falam, tchau?

M₃ = Bença, aí dou um beijo no rosto dele e abraço ele.

P = Com todos?

M₃ = Com o vô e a vó.

H₁ = A vó mais é fala bença vó e um beijo no rosto.

M₃ = A vó é mais beijo no rosto, assim, bença, vó!

P = A mão de bença é assim?

M₃ = Pro meu vô é assim.

H₂ = E pra vó?

M₃ = Não, pra vó é: Bença, vó?

M₁ = Bença, vó, eu dou um beijinho nela e ela dá um beijinho em mim.

M₃ = Meu vô é assim, beijo no rosto e um abraço.

P = Então é assim que se despede lá?

P = E você, como é que você fala, tchau, é só tchau?

H₂ = Tchau dona Isaura, tchau **H₁**.

P = Vocês se juntam e na hora de separar é assim?

H₂ = É interessante isso que você tá perguntando porque nois nunca tá reunido assim, muito difícil não é **H₁**?

M₂ = Não é muito difícil não.

H₂ = É difícil assim, quando não tá todos assim pra chegar uma hora e despedir.

* Todos falam...

M₂ = Ah, mais as vezes quando ele (**H₁**) tá na firma assim, (...) ele chegava boa noite, boa noite...

M₁ = Ele dá a mão pra todo mundo, eu sou diferente.

M₂ = Ah, eu quanto menos eu chegar num lugar eu ficar beijando e ficar, se eu puder chegar: Oi, boa noite pra todo mundo!

* Todos falam...

H₂ = Não sei, talvez a gente pode te já seguido o ritmo deles, entendeu, então toda vez que a gente se vê cumprimenta tudo bem, bom dia tal, eu na mão dele ele na minha mão, outro dia eu cheguei não peguei na mão dele, ele ficou bravo pra caramba.

P = Quer dizer que esse é um costume que ele ensinou?

H₂ = Tanto eu como ele, ele com o motorista que trabalha com a gente, todo dia de manhã ou a tarde na hora de ir embora.

M₂ = Agora eles a noite é bonitinho: Ah, isso eu fazia, a gente fazia só que a gente fazia mais a gente falava pro meu pai, pra minha mãe: Bença pai? Bença mãe? Dorme com Deus.

M₃ = Enquanto eles não falam, dorme com Deus eu fico: bença, pai! bença, mãe! Aí eles não responde; bença, pai! bença, mãe!

* Todos falam...

M₃ = Sempre pra ir pra escola assim: Tchau mãe? Aí ela não fala nada. Mãe to indo, tchau? Tchau minha filha! Mãe tchau? Enquanto ela não fala tchau vai

com Deus!

P = Aí você não se sente pronta pra ir?

M₃ = Eu não me sinto pronta pra ir.

P = Tem que falar vai com Deus?

M₃ = Tchau, filha vai com Deus!

P = E você **H₃**? Se ela não falar vai com Deus, você vai?

H₃ = Tanto faz, às vezes, eu saio de casa, ninguém sabe onde que eu vou.

* Todos falam...

M₁ = Ele não sabe porque falava bença, mãe!

* Todos falam...

H₂ = Eu não falo bença pros meus tios ou, né?

M₁ = Só fala bença vó, bença vô.

H₂ = Bença, vó! bença, vô!.

M₁ = Mais pra mim não, ele chega: Oi, Bom dia?

H₂ = Bom dia mãe? Como a senhora tá?

M₂ = Pro meu bizavô eu chego e dô bença também né vó? Agora pra minha bizavó eu já não sou assim.

P = Bizavó que você fala?

M₃ = Parte da minha vó.

H₁ = Dona F.

M₃ = Eu chego pro meu vô assim né vó?

P = Agora a pergunta final, como é que foi olhar pra essa família, como é que foi falar da família, da vida de vocês, como foi essa experiência pra você **M₃**?

M₃ = Ah, eu gostei, adorei.

P = Do que você mais gostou?

M₃ = De tudo, não tem o que eu mais gostei, gostei de tudo, tanto que eu não sabia que o nome do meu tio era I, I eu não sabia.

P = Você descobriu coisa aqui que você não sabia?

M₃ = Foi I mesmo, eu não sabia.

P = E aqui você ficou conhecendo as suas raízes? Teve alguma coisa que foi falado aqui que você não conhecia da sua família?

M₃ = (fala baixo, não entendi)

P = E você **M₂**?

M₂ = Eu?

P = Como é que foi vir, ouvir, mexer nessas...

M₂ = Foi bom pra mim porque, às vezes, acho todo mundo aqui, não sei se era coragem de falar, no fim acabou falando e isso aí ajudou muito, da outra vez já ajudou porque, às vezes.

H₂ = Por que você olha pra mim assim?

M₂ = Mais é eu e você, porque, às vezes, acontecia alguma coisa eu falava: Ai o **H₂**. Até tinha comentado que é diferente entendeu, eu acho que ajudou bastante.

P = Até a própria família estar revendo os valores.

M₂ = É porque as vezes eu já falei as vezes acontece alguma aí eu lembro do que foi conversado e a gente eu até chego comentar com ele agora não porque agora tá meio difícil mais se eu tiver oportunidade eu vou tá fazendo isso sempre.

P = E você **H₃**?

H₃ = A família já era reunida, agora que conversamos assim, ficou ainda mais reunida ainda pra mim, eu gostei.

P = Ela ficou mais unida e você gostou? E teve alguma coisa que te chamou mais atenção?

H₃ = Foi tudo, tudo assim!

P = E você **H₂**?

H₂ = É, eu acho que por se é por causa de unir mais aqui, que sei lá, falaram que é unida assim de ta como se diz, junto mais nunca dá certo de ta todos juntos assim, sentado, conversando e falando de alguns assuntos que nem eu falei da minha própria mãe que casou com dezessete anos com vinte e sete separou, uma coisa que eu poderia até perguntado isso daí em casa.

P = Abriu um espaço?

H₂ = É abriu um espaço! E onde nós viemos a descobrir isso? Aqui e porque? Descobrimos aqui porque tá tudo junto tá conversando e perguntando e você tá perguntando, né? É ótimo.

P = Engraçado que é a mesma coisa que o **H₃** sente falta, saber mais da família das suas histórias e abrir esse espaço pra família estar conversando e juntar mesmo.

H₂ = E o mais pra mim foi ótimo mesmo.

P = E pra senhora, dona **M₁**?

M₁ = Pra mim, é ótimo, até assim no sentido dele ser uma religião e a gente ser outra e a gente vive unido e não tem aquele negócio de um provoca o outro, por isso eles vai na igreja deles, eles têm o modo deles.

P = Qual é a igreja deles?

M₁ = Eles vai na católica e nós vai aqui na Paz e Vida, eles não implica com o que eu faço ali. Eu não implico com o que eles faz.

P = Há um respeito pelas diferenças?

M₁ = Respeito pelas diferenças, quando a situação tá difícil, você sabe se não há Deus, não há mais nada, faço campanha pra vida deles pras crianças, pra todo mundo e, às vezes, acontece uma coisa assim. Mais, às vezes, até uma coisa assim que vem pra ver a força da gente, então, pro isso que ninguém levou isso que aconteceu com ele. Ninguém levou pro lado ruim, mau, entende? A gente levou isso que aconteceu com ele uma coisa assim que é uma prova, né? Uma prova que tem com a gente pra ver até onde que a gente agüenta, se a gente vai xingar, se a gente vai murmurar, abandonar, maltratar Deus, vai falar: Pô, eu vou lá na igreja faço, faço isso, então, vem as provas que é pra ver a reação da gente e ninguém. Então, é assim, eu falo com eles, às vezes, sobre a religião, eles falam comigo. Ele já foi na igreja comigo se precisar eu ir lá na deles a gente vai. Então, é uma família unida mesmo, mesmo tem as diferenças, tanto a diferença de idade que nem a minha tá nessa idade. A dele tá naquela lá ali, a dela tá naquela lá. Cada um tem uma idade diferente, cada um tem um modo de pensar e é tudo assim muito próximo, não tem jeito, ninguém fica um dia sem ver ninguém.

P = E com o senhor **H₁**, o que foi vim aqui, o que foi mais importante ou o que não foi também?

H₁ = Tudo, tudo o que foi falado, conversado é importante.

P = Teve alguma coisa que nós todos falamos que o senhor nunca tinha pensado, nunca tinha parado pra pensar, porque a gente não tem tempo.

H₁ = Não sei não, eu acho que tudo que foi falado (...)

P = Agradece e despede.